RAMATÍS

MEDIUNISMO

HERCÍLIO MAES

UNIVERSALISMO

ÍNDICE

NO CAMPO DA MEDIUNIDADE

ALGUMAS PALAVRAS DO MÉDIUM

PREÂMBULO

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O “LIVRO DOS MÉDIUNS”
2. A MEDIUNIDADE E O “CONSOLADOR” PROMETIDO
3. TODAS AS CRIATURAS SÃO MÉDIUNS?
4. A “PROVA” DA OBSESSÃO
5. OS TRABALHADORES ATIVOS NO SERVIÇO MEDIÚNICO
6. O MÉDIUM DE “MESA” E O DE “TERREIRO”
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIUNIDADE NATURAL E A DE PROVA
8. AS DIFICULDADES NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS COM O ALTO
9. A EXTENSÃO E PROFUNDIDADE DAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS
10. O MÉDIUM ANÍMICO-MEDIÚNICO E O INTUITIVO
11. UMA OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL
12. A MEDIUNIDADE MECÂNICA
13. A MEDIUNIDADE INTUITIVA E A DE INCORPORAÇÃO
14. MEDIUNIDADE SONAMBÚLICA
15. TRABALHOS DE TIPTOLOGIA
16. AS COMUNICAÇÕES PERVERSIVAS PELA TIPTOLOGIA
17. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDÊNCIA
18. VIDÊNCIA IDEOPLÁSTICA
19. ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O ANIMISMO
20. O APROVEITAMENTO ANÍMICO NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

21. A INFLUÊNCIA ANÍMICA NA ABERTURA DOS TRABALHOS MEDIÚNICOS

22. A SUGESTÃO E A IMAGINAÇÃO NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

23. O ESPÍRITA E O BOM HUMOR

24. A TELEPATIA E AS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

25. O PROBLEMA DA MISTIFICAÇÃO

26. AS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE TESOUROS ENTERRADOS

27. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CASTIDADE POR PARTE DOS MÉDIUNS

28. ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS ENCARNAÇÕES DE APÓSTOLOS E LÍDERES DO CRISTIANISMO

29. A FUNÇÃO DOS GUIAS E AS OBRIGAÇÕES DOS MÉDIUNS

30. O PEDITÓRIO AOS AMIGOS DO ESPAÇO

31. AS INFLUÊNCIAS OBSESSIVAS SOBRE OS MÉDIUNS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

32. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Homenagem a

Rodolfo dos Santos Ferreira, coração generoso e idealizador do “Lar Ramatís” para as crianças, em Osasco, São Paulo.

Oswaldo Polidoro, espírito incansável e escritor fecundo, que enriqueceu a bibliografia espírita com admirável conjunto de obras de ascensão espiritual.

Curitiba, 20 de agosto de 1960
Hercílio Maes

NO CAMPO DA MEDIUNIDADE

(Capítulo extraído da obra ***Coletânea do Além***, ditada por André Luiz ao médium Francisco Cândido Xavier. Obra editada pela Livraria Allan Kardec-LAKE – São Paulo).

O cérebro físico é aparelho de complicada estrutura. Constitui-se de células emissoras e receptoras, que servem nos mais diversos centros mentais reguladores da vida orgânica. Imantam-se, dentro dele, poderosas correntes magnéticas, a flutuarem sobre o líquido cérebro-espinhal, qual a engrenagem de um motor em óleo adequado, produzindo vibrações elétricas com a frequência de dez a vinte hertz por segundo. Daí parte infinidade de ordens, endereçadas ao sistema nervoso, ao aparelhamento endocrínico e aos órgãos diversos.

O cérebro, porém, tal qual é conhecido na Terra, representa a parte visível do centro perispiritual da mente, ainda imponderável à ciência comum, no qual se processa a elaboração do pensamento, que escapa à conceituação humana.

Referimo-nos a semelhante quadro para comentar a necessidade da cooperação do servidor mediúnico no intercâmbio entre os dois planos – visível e invisível. A tese do animismo, não obstante respeitável, pelas excelentes intenções que a inspiraram, muita vez desencoraja os companheiros chamados a testemunhos de serviço no ministério da verdade e do bem. Os investigadores rigoristas não favorecem o esforço dos médiuns bem intencionados; na maioria das ocasiões destróem-lhes os germens de boa vontade e realização com as suas exigências particularistas no capítulo da minudência, da gramática, da adivinhação. A organização mediúnica, entretanto, como as demais edificações elevadas, não se improvisa no caminho da vida. E o médium não é uma inteligência ou uma consciência anulada nas exteriorizações fenomênicas da comunicação entre as duas esferas. Ainda no chamado sonambulismo puro, no transe completo e nas hipnoses mais profundas, a colaboração dele será manifesta e indispensável. A energia da usina longínqua precisa do filamento da lâmpada, em que se manifesta, produzindo luz e calor. O artista, para arrancar a melodia perfeita, necessita de cordas afinadas e firmes no violino que lhe empresta o concurso na demonstração musical. A mensagem do cantor, ou do político, requer o aparelho de recepção para ser ouvida à distância. Exige a lâmpada característica especializada, na fabricação. O violino requisita grande experiência e cuidado de manufatura e o receptor radiofônico pede extensa

cópia de material elétrico para atender à finalidade que lhe é própria. Se em semelhantes serviços de transmissão, à base de matéria comum, há imperativos técnicos e organização, como improvisar um mecanismo mediúnico, no qual a base de matéria viva associada a elementos espirituais, ainda imponderáveis à ciência humana, exige a construção da vontade com os valores da cooperação?

Edificar a mediunidade constitui uma obra digna do esforço aliado à perseverança no espaço e no tempo.

Um habitante de esfera diferente necessita valer-se dos recursos que lhe oferece o cooperador identificado com o círculo onde pretende fazer-se sentir. Trata-se de imposição vulgar nas próprias relações entre países terrestres, de cultura diversa. O brasileiro que precise conduzir certa mensagem à Inglaterra, desprovido de contato anterior com a vida britânica, de modo algum dispensará o intérprete e esse intermediário, para cumprir a tarefa, deve preparar-se devidamente. Adaptar-se uma entidade desencarnada ao cérebro, ao sistema nervoso e aos núcleos glandulares do companheiro encarnado, ajustando peças biológicas e eliminando resistências celulares, sem nos referirmos aos processos mentais inacessíveis à compreensão atual dos fenômenos, não é operação matemática que se efetue através dos cálculos de alguns instantes. É organização paciente, requisitando muito concurso e devotamento por parte dos amigos em serviço na crosta planetária.

E, assim afirmando, convidamos os colaboradores sinceros do espiritismo evangélico a dedicarem maior atenção à chamada “mediunidade consciente”, dentro da qual o intermediário é compelido a guardar suas verdadeiras noções de responsabilidade no dever a cumprir. Cultive cada trabalhador o seu campo de meditação, educando a mente indisciplinada e enriquecendo os seus próprios valores nos domínios do conhecimento, multiplicando as afinidades com a esfera superior, e observará a extensão dos tesouros de serviço que poderá movimentar a benefício de seus irmãos e de si mesmo. Sobretudo, ninguém se engane relativamente ao mecanicismo absoluto em matéria de mediunidade. Todo intérprete da espiritualidade, consciente ou não no decurso dos processos psíquicos, é obrigado a cooperar, fornecendo alguma coisa de si próprio, segundo as características que lhe são peculiares, porquanto, se existem faculdades semelhantes, não encontramos duas mediunidades absolutamente iguais.

Lembremo-nos de que não nos achamos empenhados em edificações exteriores, onde a forma deva sacrificar a essência e onde a “letra” asfixie o “espírito”, e sim na construção de um mundo melhor, nos círculos de experiência para a vida eterna. Guarde cada colaborador do espiritismo cristão a consciência, a responsabilidade e o espírito de serviço à maneira de riqueza

celeste que é necessário valorizar e multiplicar. Não nos esqueçamos de que, segundo a profecia, através dos canais mediúnicos o Senhor está derramando a sua luz sobre toda a carne, mas que é preciso purificar o vaso carnal e enriquecer a mente, a fim de que o homem terrestre seja, de fato, o intérprete fiel da divina Luz.

ALGUMAS PALAVRAS DO MÉDIUM

Prezado leitor,

Embora creia que é desnecessária e cansativa qualquer consideração preliminar sobre o conteúdo desta nova obra de Ramatís, intitulada ***Mediunismo***, e que abrange com especialidade os mais variados aspectos do exercício da mediunidade sob o patrocínio da doutrina espírita, cumpre-me o dever de explicar que devem ser atribuídos exclusivamente a mim os possíveis equívocos assinalados durante a leitura destas páginas.

Ainda são raros os médiuns que, a exemplo de um Chico Xavier, podem filtrar com pleno êxito o pensamento dos desencarnados para o ambiente material. E isso ainda se torna mais difícil quando se trata de recepcionar as comunicações dos espíritos categorizados, cuja vibração altíssima ultrapassa a nossa frequência psíquica comum.

Mediunismo assemelha-se às demais obras de Ramatís quanto à sua elaboração, pois também foi confeccionada pelo sistema de perguntas e respostas. À medida que surgiam as dúvidas decorrentes das respostas anteriores de Ramatís, fazíamos novas indagações, e assim se encorpava a obra com outros assuntos de interesse.

Tudo que se perguntou sobre a mediunidade foi respondido satisfatoriamente pelo espírito de Ramatís e, se algo de interesse no assunto foi olvidado nesta obra, não cabe a culpa ao espírito consultado, mas apenas ao esquecimento ou falta de prática de quem fez as indagações. Talvez, mais tarde, os simpatizantes de sua obra resolvam tecer novas consultas em torno da mediunidade, o que, possivelmente, há de proporcionar-lhes outras conceituações mais elucidativas e sanar as omissões atuais. Aliás, quanto a certos ângulos muito controversos sobre a mediunidade, e que exigem esclarecimentos mais minuciosos, Ramatís reportou-se aos mesmos noutras respostas, embora o fazendo sob outra roupagem vocabular. Deste modo, ele procurou avivar a memória do leitor sobre aquilo que deve ser conhecido com melhores detalhes e que favoreça uma interpretação mais certa do compromisso mediúnico.

Já havíamos encerrado o último capítulo desta obra, quando um dos componentes do nosso grupo de trabalho mediúnico solicitou de Ramatís o obséquio de indicar alguns dos compêndios mais credenciados, na língua

portuguesa, que pudessem orientar com mais eficiência o desenvolvimento mediúnico e ensinar os métodos mais sensatos e proveitosos para os candidatos a médiuns. Ramatís, após frisar que já é bem servida a bibliografia desse gênero, no Brasil, e que se encontra capacitada para explicar com eficiência a natureza das relações mediúnicas entre vivos e mortos, indicou-nos algumas obras que considerou mais apropriadas para auxiliar o desenvolvimento mediúnico, em conformidade com os preceitos ensinados pela doutrina espírita.

Com o intuito de facilitar a aquisição das obras citadas, por parte daqueles que ainda não as conhecem ou desejam presenteá-las a outrem, combinamos especificá-las nesta página, mencionando tanto os seus autores encarnados ou desencarnados como as casas que as editaram. Ei-las, pois, a seguir:

O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Edição Federação Espírita Brasileira.

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Edição da Federação Espírita Brasileira.

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. Edição da Federação Espírita Brasileira.

Nos Domínios da Mediunidade, de André Luiz/Francisco Cândido Xavier. Edição da Federação Espírita Brasileira.

Estudando a Mediunidade, de Martins Peralva. Edição da Federação Espírita Brasileira.

Mediunidade, de Edgard Armond, Editora Aliança.

Trabalhos Práticos de Espiritismo, de Edgard Armond, Editora Aliança.

Passes e Radiações, de Edgard Armond, Editora Aliança.

Pontos da Escola de Médiuns, Editado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Passes e Curas Espirituais, de Wenefledo de Toledo. Editora Pensamento.

Manual do Dirigente de Sessões Espíritas, de E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva, Editora Lake (Livraria Allan Kardec).

Mediunidade sem Lágrimas, de Eliseu Rigonatti. Editora Lake (Livraria Allan Kardec).

Curitiba, 20 de agosto de 1960
Hercílio Maes

PREÂMBULO

Meus Amigos e Irmãos,

Entregando-vos esta obra, que achamos de bom alvitre denominar de ***Mediunismo***, também nos desincumbimos de mais uma etapa do programa sideral, cuja responsabilidade assumimos junto aos nossos maiorais quando nos prontificamos a cooperar para a melhoria espiritual de alguns espíritos encarnados na Terra. Mercê da bondade do Criador, já gozamos do júbilo de verificar que pudemos atrair a simpatia de algumas criaturas, interessando-as para o conteúdo de nossas singelas mensagens mediúnicas. Comprovamos também que elas modificaram algo do seu antigo modo de viver e adotaram princípios evangélicos em suas vidas, elevando-se para a frequência espiritual mais alta e assim apressando a sua renovação para habitar os planos paradisíacos.

Reconhecemos a impossibilidade de agradar a todos os que tomam contato conosco, assim como também não alimentamos quaisquer vaidades messiânicas, nem pretendemos distinções especiais no seio das comunidades sidéreas. Alegramo-nos muitíssimo pela oportunidade de cooperar nos labores de esclarecimento espiritual e de socorro fraterno, que o Alto realiza em favor das almas matriculadas na escola benfeitora da carne. Compreendemos a necessidade de nos manter acima dos preconceitos e dos equívocos humanos, assim como estendemos a nossa afeição espiritual a todos os homens, malgrado alguns espíritos demasiadamente ortodoxos em suas crenças possam não se agradar daquilo que estamos transmitindo por via mediúnica. Oxalá, servindo-nos da organização mediúnica que nos transfere o pensamento para a matéria, possamos corresponder à imerecida confiança daqueles que nos permitiram a participação no serviço abençoado do Bem.

Realizado, assim, este modesto esforço no sentido de auxiliarmos tanto quanto possível a libertação espiritual de nossos irmãos encarnados, apresentando um trabalho isento dos pruridos científicos, das cogitações filosóficas destrutivas, da mentalidade intoxicada pelo academismo do mundo e também das conceituações dogmáticas religiosas, formulamos os nossos sinceros apelos espirituais aos homens de boa vontade para que se interessem o mais breve possível pela sua admissão ao reino amorável do Cristo.

Embora a vida física seja escola meritória, que proporciona ao espírito mergulhado na carne transitória o desenvolvimento de sua consciência, o certo

é que as fortíssimas raízes lançadas pelo instinto animal retardam o homem por muito tempo sob o guante do sofrimento redentor. A dor, na vida material, é quase sempre o corolário imediato dos prazeres descontrolados.

Eis por que, embora devamos reconhecer a importância indiscutível do curso experimental da vida terrena, significando a valiosa oportunidade que auxilia o despertamento da centelha sideral emanada do Criador e situada na carne humana, temos sempre insistido quanto à necessidade de o homem aprender a sua lição espiritual com a maior urgência, a fim de se libertar o mais cedo possível das formas escravizantes da matéria. Malgrado esse benefício prestado pela carne, à alma, no seu aprendizado angélico, é implacável a sua ação atávica e bastante difícil desatar suas algemas milenárias. Desde que a angelitude é a condição definitiva que Deus instituiu para todos os seus filhos criados de sua própria Consciência Cósmica, é justo que o espírito se sirva eficientemente dos laboratórios planetários que lhe facultam as provas redentoras; mas deve ser sensato e trabalhar tanto quanto possível para lograr essa ventura, a que têm direito indiscutível.

Reconhecemos que algumas criaturas, ainda algemadas às paixões deletérias da carne, afligem-se ou se entristecem quando verificam que em nossas mensagens condenamos sempre a negligência espiritual do homem. No entanto, assim não fazemos com o intuito apostólico de condenar as fraquezas naturais da vida humana, nem pretendemos excomungar nossos irmãos encarnados pelos seus equívocos. Na verdade, todos vivem na carne as mesmas experiências e equívocos, com os quais nós também já topamos em inúmeras existências planetárias.

O nosso principal objetivo ainda é o convite fraterno e insistente para que os encarnados despertem de sua negligência tão comum na peregrinação da estrada terrena e acelerem os passos, pois já bem próximo lhes acena a ventura eterna da vida angélica. Realmente, temos nos referido incessantemente à inconveniência de o espírito demorar-se atado à fogueira das paixões devoradoras e pecaminosas do mundo da carne; mas, em seguida, também enunciamos as perspectivas sublimes e o cenário paradisíaco que aguardam as almas sofredoras após a sua libertação do compromisso redentor da carne. Com muita razão deveríamos ser condenados à repulsa pública se, em detrimento das virtudes angélicas do espírito imortal, preferíssemos exaltar os vícios e as paixões pecaminosas que ainda fervilham sob o combustível alimentado pelas energias do instinto animal.

A presente obra, intitulada ***Mediunismo***, é apenas mais um singelo trabalho de nossa cooperação espiritual por via mediúnica, enquanto rogamos a Deus o ensejo de permitir-nos acender a chama da vida imortal em alguns corações ainda torturados pelas vicissitudes e as dores da vida material. Envidamos

também os nossos melhores esforços para contribuir de modo proveitoso, junto de alguns médiuns ainda confusos e indecisos, que vacilam quanto ao roteiro mais certo para empreender o seu desenvolvimento mediúnico.

Obviamente, não alimentamos a presunção de acrescer qualquer novidade às obras fundamentais de Allan Kardec, que os espíritos lhe ditaram sobre a mediunidade. Da mesma forma, reconhecemos que já existem muitas obras credenciadas no gênero, produzidas por encarnados estudiosos da fenomenologia mediúnica, as quais superam estas singelas mensagens de nossa lavra espiritual. Servindo-nos do médium que nos recepciona o pensamento, temos procurado atender às mais variadas indagações sobre o problema complexo e sublime da mediunidade, exaltando-a como a tarefa espiritual que deve ser exercida com devotado zelo moral e sempre à distância dos interesses mercenários e das vaidades humanas.

Obedecendo à necessidade seletiva do programa elaborado pelos nossos superiores, algumas vezes fomos obrigado a destacar os ângulos sombrios da prática mediúnica, a imprudência, o interesse mercenário e a capciosidade de certos médiuns. Mas assim o fizemos com o fito de distinguir aqueles que merecem a confiança do Alto e prestam valioso e devotado serviço ao próximo. Em algumas de nossas considerações existe um tom de censura aos médiuns preguiçosos, que sentem estranho prazer em se conservar na mesma ignorância de quando iniciaram o seu desenvolvimento mediúnico. E assim o fizemos porque o êxito do mandato mediúnico e a sua transparência espiritual exigem que os seus intérpretes, além do seu apuro moral, também despertem o seu comando mental e melhorem o seu intelecto.

Advertimos todos os médiuns de que o êxito do serviço mediúnico depende muito mais da renúncia, desinteresse, humildade e ternura dos seus medianeiros do que mesmo de qualquer manifestação fenomênica espetacular, que empolga os sentidos físicos, mas não converte o espírito ao Bem.

Embora não tenhamos podido alinhar conceitos espiríticos mais avançados que aqueles que Kardec já consignou em suas obras doutrinárias, sentir-nos-emos regiamente compensados se, através deste trabalho despretensioso, algumas criaturas puderem compreender melhor o sentido libertador do espiritismo e a função redentora da mediunidade.

No término deste breve preâmbulo, rendemos o nosso preito de simpatia e admiração a Allan Kardec, espírito sensato e heróico, que renunciou à sua própria tranquilidade e aos interesses do mundo físico para servir benfeitoramente à humanidade terrena.

Considerando-se a doutrina espírita como o cristianismo redivivo em sua pureza iniciática e em sua simplicidade comovedora, os médiuns que se credenciam sob a sua égide doutrinária também precisam cumprir o seu mandato espiritual no século atômico, quais novos apóstolos, pregando a imortalidade do espírito.

Curitiba, 21 de abril de 1960
Ramatís

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O

“LIVRO DOS MÉDIUNS”

PERGUNTA: *– De início, gostaríamos que nos indicásseis qual o método mais eficiente para o êxito do desenvolvimento mediúnico ou qual o processo mais aconselhável para educar o candidato a médium.*

RAMATÍS: – Assim como ao futuro acadêmico compete primeiramente estudar a cartilha primária, a fim de aprender o alfabeto que o credenciará para tentar no futuro os estudos mais complexos da cátedra universitária, o médium também precisa começar o seu desenvolvimento mediúnico orientado pelas lições básicas da doutrina espírita. O homem pode tornar-se engenheiro, advogado, médico ou magistrado, mas ele sempre terá de começar pela alfabetização.

Atualmente, à medida que o mundo terreno progride, a sua humanidade também frequenta cursos para poder exercer as suas profissões as mais singelas e, devido a isso, multiplicam-se e popularizam-se os tratados científicos e os compêndios técnicos, a fim de serem orientadas as experimentações ou as especulações mais comuns. Hoje estudam-se e consolidam-se regras e leis que, baseadas nas longas experimentações do passado, graduam disciplinadamente os estudos mais variados e facilitam muitíssimo o roteiro educativo dos estudiosos. Pouco a pouco eliminam-se as indecisões, os equívocos, os transtornos e as surpresas tão comuns às tentativas empíricas e próprias das experimentações sem métodos seguros.

Em consequência disso, os empreendimentos culturais, os cursos científicos e os conhecimentos técnicos modernos são tratados em linguagem acessível a todas as mentes estudiosas e aceleram o progresso da humanidade terrena, porquanto reduzem a perda de tempo comumente empregado no empirismo desordenado. Proliferam, então, as academias destinadas a oficializar todos os labores humanos, pois diplomam costureiras, floristas, oradores, barbeiros, motoristas, fabricantes de doces, especialistas em extração de calos ou técnicos das mais variadas profissões. É evidente que, se a faculdade mediúnica é destinada a objetivos mais sublimes, e bem mais complexa e importante do que as profissões comuns do mundo, ela também exige um roteiro inteligente, sensato e criterioso, sob o mais devotado carinho e desprendimento de seus cultores.

Nesse aprimoramento mediúnico estão em jogo os elevados ensinamentos da vida evangélica, e a sua finalidade é a de proporcionar ao homem a sua mais breve libertação espiritual. Entretanto, o êxito depende muitíssimo das condições morais e dos conhecimentos do médium, o qual deve se afastar de tudo aquilo que possa despertar o ridículo, a censura ou o sarcasmo sobre a doutrina espírita. O médium desenvolvido, na acepção da palavra, é fruto de longas experimentações em favor do próximo; só o serviço desinteressado, a imaginação disciplinada e o equilíbrio moral-emotivo é que poderão garantir-lhe o sucesso nas suas comunicações com o Alto.

Só o desenvolvimento mediúnico correto, supervisionado por outras criaturas sensatas e experimentadas, é que realmente poderá garantir os resultados proveitosos e evitar os espinhos das decepções prematuras ou o desencanto das tarefas fracassadas. Embora algumas criaturas se deixem atrair pelas manifestações e encenações exóticas, que impressionam os leigos nos fenômenos mediúnicos, o intercâmbio satisfatório e profícuo com o Além também requer disciplina semelhante à que se exige nos cursos acadêmicos do mundo profano.

Assim como seria absurdo pretender alguém candidatar-se a um curso acadêmico, mas negando-se a alfabetizar-se em primeiro lugar e tentando alcançar o seu objetivo superior por meio de tentativas empíricas e experimentações confusas, também é absurdidade que o candidato necessitado do desenvolvimento mediúnico espiritista, despreze as regras e as normas fundamentais do ***Livro dos Médiuns****,* nas quais Allan Kardec cimentou definitivamente a prática sensata da mediunidade.

Assim como não confiais na criatura que se afirma portadora de um diploma acadêmico, mas sem nunca ter feito os estudos primários, é claro que também não podeis confiar na capacidade, na segurança e no entendimento de qualquer médium que ignore os princípios mais rudimentares sobre a mediunidade expostos no ***Livro dos Médiuns****.* Muito mais importante e perigosa do que as relações e as profissões no mundo material são ainda as relações entre os vivos e os mortos, por cujo motivo o médium não pode prescindir de um roteiro certo e seguro em seu desenvolvimento, tal como Allan Kardec o estabeleceu em suas obras fundamentais.

PERGUNTA: *– No entanto, conhecemos alguns confrades que se consideram "bons médiuns" e são bastante seguros em suas tarefas mediúnicas, mas que afirmam nunca haver lido uma página do* Livro dos Médiuns, *nem mesmo consultado qualquer outra obra de Allan Kardec. Que dizeis disso?*

RAMATÍS: – Quanto a haver médium bom e seguro, mesmo ignorando as obras de Allan Kardec, não opomos dúvida alguma, pois o catolicismo, o

protestantismo, a teosofia, o esoterismo, o budismo, o islamismo, o hinduísmo e o judaísmo, as instituições Rosa-Cruz e outras associações iniciáticas contaram em seu seio com magníficos médiuns de alto critério espiritual, mas alheios aos postulados espíritas. O espiritismo é o conjunto de leis morais que disciplinam as relações desse "mediunismo" entre o plano visível e o invisível, coordenando também o progresso espiritual dos seus adeptos. Mas os fenômenos mediúnicos começaram a ocorrer muito antes de ser codificada a doutrina espírita, assim como também podem se registrar independentemente de sua existência. Sem dúvida, tendes de distinguir que o mediunismo é manifestação que pode ocorrer independentemente do espiritismo; o primeiro é uma "faculdade" que pode não estar sujeita a doutrinas ou religiões; o segundo é "doutrina" moral e filosófica codificada por Allan Kardec, cuja finalidade precípua é a libertação do homem dos dogmas asfixiantes e das paixões escravizantes.

A literatura mediúnica, proveniente de várias fontes religiosas e doutrinárias, é pródiga em vos comprovar a quantidade de sensitivos que recepcionam mensagens daqui, embora não operem diretamente sob a inspiração do espiritismo codificado por Allan Kardec.

Assim é que, independentemente da codificação cardeciana, foram recebidos do espaço as importantes ***Cartas de Meditações*** e a obra ***Luz da Alma****,* ditadas pelo instrutor tibetano a Alice A. Bailey; as missivas de escrita direta a Helena Blavatsky, fundadora da teosofia, dos mestres Mória e K. H.; as ***Cartas do Outro Mundo****,* ditadas a Elza Barker por um magistrado inglês; as comunicações intituladas ***Trinta Anos entre os Mortos****,* pela faculdade da senhora Wicklan; a ***Luz no Caminho*** a Mabel Collins, inspirada por mentores yogas; o magnífico poema ***Aos Pés do Mestre****,* inspirado ao jovem Krishnamurti; ***A Vida nos Mundos Invisíveis****,* ditada pelo monsenhor Robert Hugs Benson a Anthony Bórgia; as mensagens do Padre Marchal a Ana de G.; ***A Vida Além do Véu****,* ao pastor protestante rev. G. Vale Owen, de autoria de sua progenitora; as inéditas experiências de Eduardo Van Der Naillen, entre os maias – que ignoravam o espiritismo – originaram ***A Grande Mensagem****,* obra admirável como repositório de conhecimentos do Além. O bispo anglicano C. H. Leadbeater, um dos esteios da Sociedade Teosófica, revelou poderosas faculdades de clarividência e escreveu instrutivas obras de esclarecimentos espirituais, sem qualquer contato doutrinário com o kardecismo.

No vosso século, sem se situarem na área espírita, Pietro Ubaldi entregou-vos ***A Grande Síntese****,* obra extraordinária e de inspiração mediúnica produzida por sublime entidade sideral, e Rosaria de La Torre compôs mediunicamente ***Harpas Eternas****,* da autoria espiritual de Hilarião de Monte Nebo, destacado iniciado sideral. Os profetas eram médiuns poderosos. Jonas, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Naum, Samuel, Job, Habacuc e outros iluminavam as

narrativas bíblicas com os seus poderes mediúnicos. Moisés hipnotizou a serpente e a transformou num bastão, fazendo-a reviver, depois, diante do Faraó surpreendido. Ele sabia extrair ectoplasma à luz do dia; praticava levitações, transportes, e produziu chagas no corpo, curando-as rapidamente. Realizando a mais assombrosa hipnose da História, usou o povo egípcio como ***sujet*** e o fez ver o rio Nilo a correr como sangue; atuando nas forças vivas da natureza, visto que conhecia o processo da magia sobre as salamandras, semeava o fogo em torno de si, cercando-se da "sarça ardente", e punha em fuga os soldados escolhidos para matarem-no.

Na esfera católica, Terezinha via o sublime Senhor nimbado de luz; Francisco de Assis revelava as chagas de Jesus; Antônio de Pádua transportava-se em espírito de Portugal à Espanha para salvar o pai inocente; Dom Bosco, em transe psicométrico, revia Jesus em sua infância, ou então profetizava sobre o futuro, inclusive quanto às realizações atuais do vosso país1; Vicente de Paula extinguia úlceras à simples imposição de suas mãos e São Roque curava a lepra à força de orações. Teresa Neumann, no nosso século, apresenta os estigmas da crucificação, e alguns sacerdotes católicos se tornam curandeiros milagrosos sob a terapêutica dos benzimentos. Na Índia, Sri Ramana Maharishi e Nirmala Devi entram em "samadhi", integrando-se à Consciência Crística, em gozo inefável, mas independentemente da técnica espírita. Lahiri Mahasaya levita-se diante da esposa, que se ajoelha estática, e Babaji, o Yogi Cristo da Índia, materializa, cura e ressuscita, revelando os mais altos poderes mediúnicos; Buda foi a antena viva ligada ao Alto, vertendo para a Ásia a mais elevada mensagem espiritual; Ramakrishna, através da ***Bíblia*** da natureza, reproduzia aos discípulos os pensamentos mais profundos transmitidos pelos mestres desencarnados. Mesmo Lutero, João Huss, Prentice Mulford, Savonarola, Sócrates, Pitágoras, Apolônio de Tyana etc., já revelavam distinguida faculdade mediúnica, muito antes de Allan Kardec estabelecer o roteiro do ***Livro dos Espíritos*** e do ***Livro dos Médiuns***. Nenhum desses tradicionais seres da História Religiosa era espírita, na acepção do vocábulo, embora todos fossem médiuns, o que ignoravam. Esses inolvidáveis trabalhadores da Verdade não se ufanavam, porém, de ser "bons médiuns"; foi o próprio serviço cristão, consagrado pela História, que os classificou assim.

1. A profecia de Dom Bosco encontra-se publicada na obra ***O Brasil e Suas Riquezas,*** de Waldomiro Potsch, 30ª edição, editada pela Fundação Herculano Xavier Potsch – Rio de Janeiro.

Consequentemente, cremos ser um tanto precário o julgamento em causa própria da criatura que se jacta de que é "bom médium", mas que desconhece a disciplina do desenvolvimento preconizado por Allan Kardec, e isso muito antes de apresentar um labor convincente na esfera espiritualista. O médium que realmente tem propósitos sérios e pretende um desenvolvimento técnico e

disciplinado, ordeiro e seguro, aspirando realizar serviço cristão na seara espírita, pode ignorar o método experimental de Kardec e o subestimar propositadamente, mas de modo algum se livrará das confusões próprias dos experimentos empíricos.

PERGUNTA: *– Embora isso nos surpreenda, já ouvimos certos médiuns justificarem a sua ignorância sobre o* Livro dos Médiuns, *ou quaisquer outras obras mediúnicas, alegando que os seus próprios "guias" endossam tal atitude. Dizem que, assim, esses guias evitam fortalecer-lhes o animismo, que seria mais intensificado pela associação das idéias dos autores das obras lidas. Esses médiuns são adeptos de um desenvolvimento mediúnico completamente espontâneo, e afirmam livrar-se de qualquer condicionamento literário e métodos doutrinários particulares que possam restringir-lhes a livre eclosão da faculdade em florescimento.*

RAMATÍS: – Certamente, tais médiuns pretendem justificar a sua própria preguiça mental ou alergia para com o estudo da doutrina espírita, coisa ainda muito comum em alguns deles. Não percebemos que razões sensatas possam sancionar tais disparates! Já sabeis que, "do lado de cá", muitas vezes são vertidos conselhos e orientações maquiavélicos por parte de "pseudos" guias, que semeiam incongruências e alimentam sandices entre os médiuns invigilantes e avessos à disciplina espiritual.

Embora a faculdade mediúnica seja espontânea em sua essência, o seu desenvolvimento deve enquadrar-se em rigoroso procedimento e experimentações sadias, livrando-o das práticas e ritualismo ridículos, dos exotismos e das demais inconveniências censuráveis. Não resta dúvida de que existem médiuns de excelente estirpe espiritual, que puderam lograr o seu desenvolvimento mediúnico livres das experimentações aflitivas e isentos dos desenganos e das interferências capciosas dos desencarnados. Mas quando isso acontece é porque se trata de criaturas já credenciadas à proteção excepcional do Além, porquanto o seu trabalho mediúnico é menos "prova" e mais incumbência superior.

Sob qualquer hipótese, os espíritos benfeitores da área espírita sempre preferem comunicar-se pelos médiuns cujo desenvolvimento mediúnico se orientou principalmente pelas normas expostas no ***Livro dos Médiuns***, que ainda é o admirável repositório de regras sensatas e advertências salutares, concretizadas só depois de copiosa experimentação mediúnica. É obra que pode ajudar o progresso do candidato a médium, distanciando-o das decepções e do desperdício de tempo, como é muito comum no desenvolvimento empírico e inexperiente.

Kardec estudou profundamente as características psicológicas dos médiuns e classificou-os também de conformidade com o tipo de sua faculdade mediúnica em floração, disciplinando-lhes a imaginação exacerbada das comunicações incipientes dos primeiros dias. Organizou-os em grupos afins e graduou-lhes a capacidade de realização, selecionando os médiuns positivos, calmos, seguros, devotados, coerentes e modestos daqueles que são improdutivos, lacônicos, nervosos, inseguros, vaidosos ou preguiçosos.

Cremos que é bastante desconexa a penetração de médiuns incipientes na floresta espessa das contradições mediúnicas, quando as flores do bom mediunismo já vicejam à beira da estrada larga dos compêndios espíritas. Esses são médiuns que atendem mais propriamente ao imperativo intrínseco de sua mediunidade em floração sem aliá-lo também ao conteúdo doutrinário e moral do espiritismo. Trata-se de simpatia ou de conveniência espiritual dos seus tipos psíquicos, e que os faz empreender o seu desenvolvimento em ambientes que possuem características diferentes das regras especificadas por Kardec junto à mesa espírita. É o que acontece principalmente nos terreiros da umbanda, que desenvolvem os seus médiuns sob uma técnica exclusivamente inerente ao fenômeno mediúnico, despreocupada da relação com qualquer disciplina doutrinária já consagrada pelo tempo.

No entanto, também hão de contrariar a pureza da linhagem espírita aqueles que se colocam sob a proteção ou simpatia do espiritismo, mas desprezam a base do desenvolvimento mediúnico ensinado pelo ***Livro dos Médiuns***. Sabeis que seria perfeita tolice que, depois de os cientistas terrenos terem identificado completamente os elementos químicos e as proporções exatas com que eles se combinam para formar substâncias úteis, como a água, o sal, o enxofre, o açúcar etc., os estudiosos modernos da química resolvessem proceder teimosamente a novas tentativas e experimentações fatigantes, para depois concluírem mais deficientemente, com as mesmas fórmulas dos seus antecessores.

Também não se justifica que certos candidatos a médiuns prefiram o desenvolvimento empírico de sua mediunidade, quando já existe o ***Livro dos Médiuns***, em que a sabedoria, a experiência e a ajuda sensata de Allan Kardec escoimaram as práticas mediúnicas das fórmulas improfícuas, das crenças supersticiosas ou das encenações ridículas.

PERGUNTA: *– Alguns espiritualistas, pensadores, e mesmo alguns médiuns "livres", que subestimam o* Livro dos Médiuns *e louvam a espontaneidade incondicional do desenvolvimento mediúnico, alegam que o "cardecista" é um adepto de postulados obsoletos e de ensinamentos anacrônicos, que atualmente já estão bastante superados pelos conceitos do espiritualismo*

moderno. Julgam que o "cardecismo" é velharia, sinônimo de sectarismo intransigente. Que dizeis?

RAMATÍS: – Não aconselhamos a ortodoxia espírita, capaz de impermeabilizar os seus adeptos contra qualquer outro esforço alheio e digno, no campo da espiritualidade. O espiritismo, conforme já o dissemos, não tem como objetivo agrupar prosélitos ferrenhos e estimular movimentos intolerantes. É empreendimento libertador da consciência e não imposição de seita. Significa o generoso fermento vivo que acelera o psiquismo humano e incita o homem a se libertar quanto mais cedo possível de sua animalidade. A sua missão fundamental, como um catalisador divino, é modificar e exaltar as qualidades de tudo aquilo em que pode intervir ou influir. É o denominador espiritual comum aferindo os valores nobres de todas as almas, em vez de se tornar qualquer ruga sectária, isolando trabalhadores diferentes e que são devotados à mesma causa do espírito imortal.

Em face destas considerações, vereis que é perfeitamente descabida qualquer ironia ou descaso que alguns espiritualistas desavisados ainda emitem contra Allan Kardec e a sua codificação espírita. Nenhum dos seus postulados fere qualquer outro movimento religioso ou doutrina espiritualista, pois foram todos edificados sobre as raízes que milenariamente entrelaçam todos os movimentos consagrados à busca da Verdade. São princípios tão velhos quanto o espírito do homem; isentos de preconceitos de seita ou de casta, eles orientam o curso humano para os objetivos avançados da vida imortal superior. As obras de Allan Kardec foram inspiradas por elevados mentores dos destinos humanos e abalizados psicólogos siderais, conhecedores indiscutíveis das mais ínfimas necessidades da humanidade terrena. São tratados acessíveis ao homem comum, mas suficientes para ajudá-lo na sua emancipação espiritual.

Em seu trabalho redentor, Kardec foi orientado pelo Espírito da Verdade, sob cujo pseudônimo se ocultou um dos mais sábios instrutores espirituais da Terra, o qual, além de genial psicólogo sideral, capacitado para autopsiar os mais complexos recônditos da alma humana, ainda é portentoso cientista que domina todos os problemas cármicos do vosso planeta.

Allan Kardec, portanto, espírito generoso, liberto das peias religiosas e das limitações dogmáticas, não deve ser responsabilizado pelo fanatismo de alguns "espíritas" irascíveis, intolerantes e sectaristas.

O espiritismo não foi codificado para competir com as demais religiões já existentes, pois que os seus postulados são baseados na Causa e Efeito da Lei do Carma e no processo lógico e sensato da Reencarnação, princípios estes já consagrados milenarmente por todas as filosofias orientais que se preocupam com o mais breve aperfeiçoamento do homem. O vocábulo "cardecismo",

bastante generalizado entre os espíritas, é somente a indicação do modo de se exercer o compromisso da mediunidade isento de rituais, idolatrias, oferendas, distinções hierárquicas ou quaisquer outras exigências que exteriorizam aquilo que só requer um entendimento mais interior. Ele significa, pois, a distinção correta de um procedimento doutrinário, sem menosprezar qualquer idéia ou movimento espiritualista alheio.

As instituições religiosas, as doutrinas espiritualistas ou os estatutos políticos do mundo não devem ser culpados do sectarismo infeliz dos seus adeptos ignorantes e falaciosos, que fazem de sua crença o alicerce para o desforço pessoal contra aqueles que discordam de suas idéias. Da mesma forma, “cardecismo” não significa um agrupamento de homens em oposição doutrinária ou religiosa a outros grupos de homens. É apenas a conceituação tradicional de um sistema de trabalho mediúnico. No campo do mediunismo, significa, mais propriamente, uma preferência técnica, um modo particular de operar em contato com o mundo invisível. O “cardecista”, pois, é aquele que se simpatiza com o exercício mediúnico de “mesa”, isto é, conforme preceituou Allan Kardec para os adeptos da doutrina espírita. No entanto, existem outros sistemas de se praticar o mediunismo, tais como o que se efetua na umbanda, no qual se tende mais a objetivar todas as expressões e aspectos que os seus comunicantes possuíam na vida física; ou então as sessões de “mesa branca”, dos Tatwas esotéricos, em que os seus filiados se limitam a transmitir conscientemente a “inspiração” que lhes é dada pelos familiares do seu movimento.

De modo nenhum é licito ao “cardecista” censurar qualquer um dos movimentos alheios que, atendendo ao modo peculiar de sua instituição, pratiquem um mediunismo diferente do que é preconizado pelo espiritismo em seu seio doutrinário.

2. A MEDIUNIDADE E O

“CONSOLADOR PROMETIDO”

PERGUNTA: *– Que relação há entre a mediunidade e o “Consolador” prometido por Jesus? Que é, propriamente, a mediunidade?*

RAMATÍS: – A mediunidade é um patrimônio do espírito; é faculdade que se engrandece em sua percepção psíquica, tanto quanto evolui e se moraliza o espírito do homem. A sua origem é essencialmente espiritual e não material. Ela não provém do metabolismo do sistema nervoso, como alegam alguns cientistas terrenos, mas enraíza-se na própria alma, onde a mente, à semelhança de eficiente usina, organiza e se responsabiliza por todos os fenômenos da vida orgânica, que se iniciam no berço físico e terminam no túmulo.

A mediunidade é faculdade extra-terrena e intrinsecamente espiritual; em sua manifestação no campo de forças da vida material, ela pode se tornar o elemento receptivo das energias sublimes e construtivas provindas das altas esferas da vida angélica. Quando é bem aplicada, transforma-se no serviço legítimo da angelitude, operando em favor do progresso humano. No entanto, como recurso que faculta o intercâmbio entre os “vivos” da Terra e os “mortos” do Além, também pode servir como ponte de ligação para os espíritos das sombras atuarem com mais êxito sobre o mundo material. Muitos médiuns que abusam de sua faculdade mediúnica e se entregam a um serviço mercenário, em favor exclusivo dos seus interesses particulares, não demoram em se ligar imprudentemente às entidades malfeitores dos planos inferiores, de cuja companhia dificilmente depois eles conseguem se libertar.

PERGUNTA: *– Dizem certos médicos, estudiosos do assunto, que a mediunidade é apenas um “fenômeno orgânico”. Que dizeis sobre isso?*

RAMATÍS: – A mediunidade não é fruto da carne transitória, nem provém de qualquer sensibilidade ou anomalia do sistema nervoso. Repetimos: é manifestação característica do espírito imortal. É percepção espiritual ou sensibilidade psíquica, cuja totalidade varia de indivíduo para indivíduo, pois, em essência, ela depende também do tipo psíquico ou do grau espiritual do ser. Embora os homens se originem da mesma fonte criadora, que é Deus, eles se diferenciam entre si, porque são consciências individualizadas no Cosmo, mas conservando as características particulares, que variam conforme

a sua maior ou menor idade sideral. Há um tom espiritual próprio e específico em cada alma, e que se manifesta por uma tonalidade particular durante a manifestação mediúnica. É como a flor, que revela o seu perfume característico, ou então a lâmpada, que expõe a sua luz particular.

PERGUNTA: *– Conforme temos observado, a mediunidade, atualmente, generaliza-se e recrudesce entre os homens de modo ostensivo. Por que ocorre tal fenômeno em nossos dias?*

RAMATÍS: – É fenômeno resultante da hipersensibilidade psíquica que presentemente sobressai entre os homens, em concomitância com o "fim dos tempos" ou "juízo final", tantas vezes já profetizado. O século em que viveis é o remate final da "Era da Matéria", que até o momento tem sido regida pela belicosidade, cobiça, astúcia, cólera, egoísmo e crueldade, paixões mais próprias do instinto animal predominando sobre a centelha espiritual. Encontrai-vos no limiar da "Era do Espírito", em que a humanidade sentir-se-á impulsionada para o estudo e o cultivo dos bens da vida eterna, com acentuado desejo de solucionar os seus problemas de origem espiritual. As comprovações científicas da imortalidade da alma, através do progresso da fenomenologia mediúnica, reduzirão bastante a fanática veneração do homem pela existência transitória do corpo físico.

Assim como o organismo carnal do homem em certo tempo verticalizou-se para servi-lo em nível biológico superior, o seu espírito também há de se erguer da horizontalidade dos fenômenos e dos interesses prosaicos da vida física provisória, para atuar definitivamente na frequência vibratória do mundo crístico.

A época profética que viveis atualmente, sob a emersão coletiva do instinto animal simbolizado na "Besta do Apocalipse", que tenta subverter o espírito do homem ainda escravo das formas terrenas é que produz essa ansiedade, esse nervosismo e essa inquietação das massas humanas, ateando o barbarismo das guerras e das revoluções, incitando as lutas de classes e os ódios racistas, enquanto os cientistas investigam como matar mais depressa por intermédio das armas nucleares. A humanidade terrena pressente que já chegou a sua hora angustiosa de seleção espiritual e consolidação planetária. O homem terá que se decidir definitivamente para a "direita" ou para a "esquerda" do Cristo, pois, conforme reza a profecia, serão separados os lobos das ovelhas e o trigo do joio.

Freme o magnetismo do ser humano à periferia do seu psiquismo exaltado pela energia animal, a qual emerge em sua desesperada tentativa de subverter os costumes, as tradições e a disciplina do espírito imortal. Os homens encontram-se confusos no limiar de duas épocas extremamente antagônicas,

pois, justamente com o reiterado apelo do Alto para a cristificação humana, recrudesce também a efervescência do automatismo instintivo da vida animal.

Os hospitais estão abarrotados de criaturas alienadas ou obsidiadas, que provêm desde os barracões de favelados até as altas esferas sociais, cuja maioria é torturada pelas crises financeiras ou morais. Nessa miséria espiritual, abrangendo tanto os ateus como os seres egressos das mais variadas doutrinas e religiões, o vosso mundo comprova que o sacerdócio organizado, das religiões oficiais, realmente fracassou em sua missão salvadora. E o pior é que, durante essa eclosão incontrolável do instinto inferior, os espíritos desencarnados e malfeitores firmam o seu alicerce na carne e executam também o seu programa diabólico contra os terrícolas, que são apáticos aos sublimes ensinamentos salvadores do Cristo Jesus.

Atuado pelas mais contraditórias circunstâncias, vivendo em minutos o que os seus antepassados não viveram em alguns anos, o homem do século atômico destrambelha os seus nervos e superexcita o seu psiquismo, perdendo terreno no seu controle espiritual e tornando-se um instrumento dócil nas mãos dos espíritos desencarnados malévolos. Essa constante relação dos “vivos” com os “mortos”, embora os primeiros sejam inconscientes do que acontece, termina por sensibilizar cada vez mais a criatura humana, com a agravante de que se efetua nela um verdadeiro desenvolvimento mediúnico de inferior qualidade. Daí, pois, a necessidade inadiável de o homem prudente e bem intencionado integrar-se definitivamente nos preceitos salvadores do Cristo e vivê-los incessantemente à luz do dia.

PERGUNTA: *– Poderíamos supor que o progresso científico atual também contribui para essa hipersensibilização humana, em que o homem cada vez mais se sintoniza com as forças do mundo oculto?*

RAMATÍS: – O cientificismo avançado do século XX, engendrando a criação dos satélites artificiais, dos aviões a jato, dos projetis teleguiados e dos foguetes interplanetários; as pesquisas corajosas dos velhos “tabus” e segredos da mente humana, sem dúvida são importantes contribuições que não só aceleram a dinâmica de pensar e aumentam a área da consciência, como também sensibilizam a emotividade do ser. Já vos lembramos de que o homem atualmente vive, em algumas horas, e de modo simultâneo, os raciocínios, as reflexões, as conjecturas e as mutações mentais e emotivas que os seus antepassados não chegavam a experimentar em dezenas de anos. O cidadão do século XX defronta e resiste obrigatoriamente a uma multiplicidade de fenômenos “psico-físicos” tão equidistantes em suas manifestações variadas, que isso seria suficiente para endoidecer a maioria dos habitantes terrenos de alguns séculos atrás.

Cresce assim a sensibilidade psíquica entre os homens terrícolas; acentua-se-lhes a eclosão da mediunidade em comum, porque também vivem sob o incessante acicate dos espíritos desencarnados, que assim exploram essa oportunidade cada vez mais favorável para agirem sobre a matéria. Indiscutivelmente, confirmam-se os vaticínios de Jesus, de que no "fim dos tempos" os velhos, os moços e as crianças teriam visões, ouviriam vozes estranhas e profetizariam, isso logo em seguida ao advento do Espírito da Verdade. O Mestre indicou claramente o século que viveis no presente, quando predisse os acontecimentos materiais incomuns dos vossos dias e a eclosão simultânea, da mediunidade generalizando-se entre os homens, simbolizando o "Consolador" prometido a derramar-se pela carne das criaturas.

Assim se manifestou o Divino Amigo, com suas palavras inesquecíveis: "Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém o Consolador, que é o Santo Espírito que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito". (João, 14:15-17, 26).

PERGUNTA: *– Poderíeis nos esclarecer melhor sobre o sentido correto dessa promessa de Jesus?*

RAMATÍS: – Procurando-se o sentido exato da figura que Jesus enunciou na promessa referida, verificamos que ele aludiu, em particular, a espíritos desencarnados de ordem superior, ou seja, às equipes de estirpe angélica. Sob a alegoria do "Espírito Santo", ou o "Consolador" prometido, não é difícil identificarem-se as cortes, as falanges ou os exércitos angélicos que já operam atualmente através dos médiuns dignos e desinteressados dos tesouros do mundo ilusório da carne. Explicando-nos que o Consolador seria o Espírito Santo capaz de ensinar aos homens "todas as coisas e ainda recordar-nos suas próprias palavras", não há dúvida de que Jesus se referiu aos espíritos benfeitores angélicos, desde que só estes é que, realmente, por intermédio da faculdade mediúnica do homem, poderiam ensinar "essas coisas, pregar o Evangelho e recordar suas próprias máximas".

É evidente que, pelo fato de Jesus haver se referido a "outro" Consolador, em sua promessa profética ele quis advertir-nos de que na Terra já havia se manifestado, anteriormente, "um" Consolador, que seria ele mesmo, com a missão de salvar o homem da animalidade inferior. Desde que o Mestre foi realmente um salvador da humanidade, temos que considerá-lo como esse primeiro Consolador que, através do Evangelho, sintetizou-nos as próprias leis regentes da vida cósmica. Mas o "outro" Consolador, portanto, o Santo Espírito

ainda por vir e a derramar-se sobre a carne, em todas as criaturas, traria o ensinamento “salvador” diretamente do mundo espiritual, servindo-se das vozes dos próprios espíritos desencarnados e imortais. É muitíssimo claro que só um espírito imortal é que, evidentemente, poderia ficar eternamente conosco.

Jesus também esclareceu que os povos de sua época messiânica ainda não podiam “ver” ou “conhecer” o Espírito de Verdade porque, é fora de dúvida, não estavam mentalmente capacitados e mediunicamente sensibilizados para compreender e recepcionar com êxito a mensagem dos espíritos elevados. Na primeira revelação do Consolador, aos homens, Jesus foi o único representante direto do Santo Espírito, pois só ele conversava, ouvia e confabulava com os “anjos” sobre a salvação do homem. Mas, de conformidade com o seu vaticínio, esse mesmo Espírito Santo, na sua segunda vinda, nos ensinaria todas as coisas, comprovando a glória e a justeza dos ensinamentos do Evangelho.

Há ainda, na enunciação do Mestre, um tópico indiscutível e que confirma plenamente a sua referência sobre a faculdade mediúnica a derramar-se entre os homens no século atual. É justamente quando ele menciona que o Consolador, o Santo Espírito, faria recordarmos tudo o que ele, Jesus, dissera anteriormente. Na verdade, graças ao intercâmbio mediúnico, que progride gradativamente, familiarizando os espíritos desencarnados com os homens, pouco a pouco também se restabelece corretamente a identidade do Mestre em sua peregrinação terrena. Algumas obras psicografadas por médiuns ajuizados e competentes já vos revelam com mais nitidez o porte exato de Jesus, naquela época, e o distanciam das obras milagrosas e das contradições psicológicas no seu tipo espiritual, quando a história religiosa lhe atribui a função de mago de feira deslumbrando multidões no cenário bíblico da milenária Hebréia.

Os espíritos de responsabilidade, em suas comunicações mediúnicas, isentam cada vez mais o Mestre das prendas tolas com que o adornou a ignorância humana, assim como desfazem o mito religioso do seu nascimento contrário às leis respeitáveis da genética humana.

Em verdade, o Santo Espírito, ou o Consolador prometido, é o “conjunto” dos espíritos sábios, benfazejos e angélicos que, através dos médiuns, ensinam-vos as coisas que só o atual progresso da mente humana permite avaliar e conhecer, ao mesmo tempo que também esclarece quanto à verdadeira figura e natureza do Sublime Nazareno em sua vida na Judéia. Muito além de ter sido ele um anjo plasmado na carne, pela sua ternura e amor ao homem terrestre, também foi o Sábio, o Psicólogo e o Cientista que tanto conhecia as leis sidéreas que regem os orbes em sua movimentação cósmica, como também

as leis da vida humana que regulam os movimentos e os seres. De modo algum ele precisou dos atavios mitológicos e dos processos anômalos de nascimento para cumprir sua divina missão. Revestido com a indumentária dos mais pobres homens da Judéia e sem contradizer as regras sensatas e milenárias da vida humana, deixou aos terrícolas o mais sublime e exato tratado de redenção espiritual.

3. TODAS AS CRIATURAS SÃO MÉDIUNS?

PERGUNTA: *– Qual a espécie de mediunidade mais avançada?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, é a Intuição Pura. Embora não seja fenômeno atestável espetacularmente no mundo exterior da matéria, é a mais sublime faculdade oriunda de elevada sensibilidade espiritual. É natural e definitiva, espécie de percepção panorâmica que se afina tanto quanto o espírito mais se ajusta nas suas relações e inspirações das esferas mais altas para a carne. É o "elan" que une a alma encarnada diretamente à Mente Divina que a criou, facultando-lhe transferir para a matéria o verdadeiro sentido e entendimento da vida espiritual superior.

Uma vez que a mediunidade não é, propriamente, uma faculdade característica do organismo carnal, mas o recurso sublime para fluir e difundir-se o esclarecimento espiritual entre os homens, ela mais se refina e se exalta tanto mais o seu portador também se devote ao intercâmbio superior do espírito imortal. É o próprio dicionário terreno que vos explica o fenômeno. Intuição – diz ele, é o ato de ver, percepção clara, reta, imediata, das verdades, sem necessidade de raciocínio; pressentimento, visão beatífica.

A intuição é, pois, o estágio mais elevado do espírito; é o corolário de sua escalonada desde o curso primitivo do instinto até à razão angélica. Evidentemente, enquanto o homem for mais dominado pela razão humana, também será mais governado pelas forças rígidas do intelecto, escravo do mundo de formas e submetido às leis coercivas da vida física. Só a intuição pura dá-lhe a percepção interior da realidade cósmica, ou então permite-lhe a concepção panorâmica do Universo. É, na verdade, a faculdade inconfundível que "religa" a criatura ao seu Criador. É a divina lente ampliando a visão humana para descortinar a sublimidade da vida imortal.

A pureza cristalina da Intuição Pura foi o apanágio dos seres de alta estirpe espiritual e que delinearam roteiros de luzes para o vosso orbe, qual o fizeram Krishna, Confúcio, Pitágoras, Buda, Jesus, Francisco de Assis e outros que, em peregrinação pela vida física, conservaram-se permanentemente ligados às esferas sublimes do espirito superior, qual ponte viva a unir o mundo exterior da matéria à intimidade do Espírito Cósmico. A Intuição Pura é a "voz sem som", a "voz interior", a "voz do som espiritual", que fala na intimidade da alma;

é a linguagem misteriosa, mas verdadeira e exata, do próprio Eu Superior guiando o ego lançado na corrente evolutiva das massas planetárias.

Assim como a razão auxilia o homem a compreender e avaliar a expressão fenomênica das formas do mundo material, a Intuição lhe permite "sentir" todas as leis ocultas e "saber" qual a natureza original do Espírito Criador do Cosmo. Referindo-nos à Intuição, como o ensejo divino de elevação à Consciência Cósmica do Seu Autor Eterno, diz a linguagem poética dos yogas: "Antes que a Alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior e os olhos da carne tornados cegos a toda ilusão. Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar surda aos rugidos como aos segredos, aos gritos dos elefantes em fúria, como ao sussurro prateado do pirilampo de ouro. Antes que a Alma possa compreender e recordar, deve ela primeiro unir-se ao Falador Silencioso, como a forma que é dada ao barro se uniu primeiro ao espírito do escultor. Porque então a Alma ouvirá e poderá recordar-se. E então ao ouvido interior falará a Voz do Silêncio"1.

1. Nota do médium: Ramatís solicitou-nos que transcrevêssemos o trecho acima da obra ***A Voz do Silêncio***, edição da Livraria Clássica Editora – Porto, Portugal.

PERGUNTA: *– Em face de a mediunidade ser manifestação natural do próprio espírito do homem, deveremos considerar que, sem qualquer exceção, todas as criaturas são médiuns?*

RAMATÍS: – Sim, porque todos nós transmitimos para o ambiente da matéria os mais variados tons do nosso espírito, assim como sempre influenciamos os demais companheiros pelos nossos pensamentos, atos e sentimentos. Há homens que, devido ao seu espírito prenhe de otimismo e incessantemente afeito ao bem, são médiuns da alegria, da esperança, do ânimo e da confiança, sempre convictos dos elevados objetivos espirituais da vida humana. Outros, pessimistas inveterados, vertem constantemente de sua intimidade psíquica o mau humor que tolda o azul do céu mais puro da jovialidade alheia e se transformam indesejavelmente nos médiuns da melancolia, da tristeza, da descrença, da aflição e do desânimo. A mente do homem encarnado é o campo que reflete a sua vida interior, assim como transfere para o mundo exterior tanto o seu comportamento anímico quanto os pensamentos dos espíritos encarnados ou desencarnados dos mais variados matizes, que o influenciam em suas relações cotidianas.

Não há dúvida, pois, de que todas as criaturas são médiuns. A mediunidade não é faculdade adstrita somente a alguns seres, ou exclusivamente aos espíritas, mas todos os homens, como espíritos encarnados na matéria, são intermediários das boas ou más inspirações do Além-Túmulo. É evidente,

entretanto, que a faculdade mediúnica se manifesta de conformidade com o entendimento e o progresso espiritual de cada criatura.

Em geral, as criaturas humanas ignoram ou não percebem a sua faculdade mediúnica porquanto, sendo esta fruto da sensibilidade psíquica, nem todos têm noção de quando participam dos fenômenos do mundo oculto, e assim os confundem facilmente, tomando-os como se fossem manifestações comuns da vida física. Mesmo os homens que se dizem ateus ou são descrentes da imortalidade da sua própria alma, nem por isso estão isentos da mediunidade. Eles também podem ser instrumentos inconscientes de inúmeras ações, fenômenos e inspirações dos desencarnados.

PERGUNTA: *– Por que a mediunidade não se manifesta só de modo pacífico, qual graça decorrente da evolução humana? Em geral, ela eclode nas criaturas produzindo-lhes distúrbios mentais ou perturbando-lhes o próprio organismo físico. É justo tal acontecimento?*

RAMATÍS: – Só a mediunidade saudável e natural, que é fruto do maior apuro espiritual da alma, revela-se de modo sereno e em suave espontaneidade, como um dom inato e sem produzir quaisquer sensações desagradáveis no ser. Entretanto, caso se trate de uma "concessão" provisória feita pela Administração Sideral, isto é, a "mediunidade de prova", como decorrência de uma hipersensibilidade prematura despertada excepcionalmente pelos técnicos do mundo astral com o fito de favorecer aos espíritos muito endividados, a sua recuperação espiritual pregressa, o seu despertamento, é em geral sujeito a várias circunstâncias desagradáveis.

Durante o período de florescimento da mediunidade, a maior ou menor perturbação psíquica ou orgânica do médium também depende muitíssimo do tipo de suas amizades espirituais e do seu modo de vida no mundo material. As alegrias, os sofrimentos ou as tristezas que o tomam de súbito também decorrem do tipo das aproximações do Invisível, que se sintonizam perfeitamente aos seus pensamentos e sentimentos manifestos.

A tarefa mediúnica não compreende somente a função mecânica de o médium transmitir as comunicações dos espíritos desencarnados para o cenário terrícola, atendendo à prosaica função de "ponte viva" entre o mundo material e o Além. Ela requer também que os seus medianeiros vivam existência digna e operosa na carne, a fim de lograrem sintonia com espíritos sublimes e responsáveis pela redenção do homem. Toda imprudência, desleixo, rebeldia, má vontade ou paixão viciosa por parte dos médiuns em prova, no mundo físico, geram toda sorte de distúrbios psíquicos e mesmo sofrimentos físicos incontroláveis que, devido a isso, tornam o desenvolvimento mediúnico um processo torturante.

É muito comum a maioria dos médiuns iniciarem o seu despertamento mediúnico sob a atuação dos espíritos sofredores, imperfeitos ou obsessores, que, aproveitando-se da "porta mediúnica" aberta para a fenomenologia do mundo físico, atiram-se à satisfação dos seus objetivos impuros e cruéis. Desde que o médium invigilante e desregrado ainda esteja comprometido por dificultoso resgate cármico, ele então se converte no instrumento favorável para o vampirismo dos desencarnados, que se debruçam avidamente sobre o mundo material. A mediunidade, num sentido geral, só desperta nos homens pela ação do sofrimento, que lhes afeta a carne e o psiquismo para depois amainar sob um desenvolvimento ordeiro, nos ambientes evangélicos, dirigidos por elementos experimentados.

Só então é que o médium neófito e perturbado pouco a pouco se ajusta à sua tarefa incomum e assume o controle psíquico de seu corpo, enquanto procura sintonizar-se vibratoriamente com o espírito guia e benfeitor, que deverá protegê-lo na sua tarefa de intercâmbio com o mundo invisível.

PERGUNTA: *– Todo desenvolvimento mediúnico, para ser completo, deve ser processado conforme as orientações do* Livro dos Médiuns*?*

RAMATÍS: – O desenvolvimento mediúnico conforme a técnica e a orientação deixadas por Allan Kardec, no ***Livro dos Médiuns***, tem por fim proteger a faculdade que desabrocha mais ostensivamente entre os homens que no espaço assumiram a obrigação de transferir o pensamento dos desencarnados para o mundo físico.

A necessidade de desenvolver a mediunidade, em certo ponto, lembra o que acontece comumente no domínio da eletricidade; se esta for controlada pelo homem e orientada para o serviço benfeitor, presta-lhe serviços admiráveis e ajuda-o a construir um mundo agradável. No entanto, manejada por pessoa inexperiente, ou aplicada indiscriminadamente, é força que destrói e mata! Igualmente, a faculdade mediúnica bem aplicada semeia esperanças, orienta as almas entre os escaninhos perigosos das seduções da matéria e soluciona os motivos dos inúmeros problemas dolorosos dos destinos humanos. No entanto, pelo mau uso, ela perturba, falseia e deforma o sentido verdadeiro das coisas, causando desilusões inesquecíveis.

A própria lenda bíblica de Adão e Eva, o primeiro casal expulso do Paraíso terrestre, não deixa de advertir, em seu simbolismo mitológico, que ambos eram espíritos criados por Deus, com o direito ou o livre-arbítrio de escolherem "intuitivamente" aquilo que melhor lhes conviesse. E, tal como nos conta essa lenda, o primeiro casal preferiu atender à voz melíflua da serpente, símbolo do instinto animal inferior, em vez de aceitar o conselho do anjo do Senhor, que o inspirava à contemplatividades espiritual. Em Adão e Eva, mito bíblico que

significa o aparecimento da raça adâmica, surgida ao mesmo tempo em várias latitudes do orbe, já se verifica a existência do espírito capacitado para escolher o seu destino, senhor da acuidade espiritual suficiente para discernir entre a voz do Mal e a voz do Bem.

Uma vez que os primeiros encarnados da Terra já podiam entrar em relação com os anjos ou os diabos, isto é, com os bons espíritos e os maus espíritos, comprova-se que o primeiro habitante terreno também já era um médium em potencial.

No entanto, só depois do advento espírita e os estudos avançados de Allan Kardec é que se consolidou um roteiro seguro e evolutivo para o exercício mediúnico. Daí, pois, o motivo por que defendemos a tese de que o médium desenvolvido mas sem o apuro técnico e a compreensão psicológica explicada no ***Livro dos Médiuns*** só raras vezes poderá corresponder integralmente aos empreendimentos do Alto.

PERGUNTA: *– A Mediunidade evolui?*

RAMATÍS: – Tanto quanto evolui o psiquismo do homem, pois ela é correlata com o seu progresso e a sua evolução espiritual. Mas é necessário distinguir que o padrão evolutivo da mediunidade não deve ser aferido pela produção mais ostensiva dos fenômenos incomuns do mundo material. Assim é que o médium de fenômenos físicos, embora possa produzir uma fenomenologia espetacular e surpreendente aos sentidos carnais, nem por isso sobrepõe-se ao médium altamente intuitivo, como fruto de elevado grau espiritual do homem. Enquanto os fenômenos físicos dependem fundamentalmente da maior ou menor cota de ectoplasma produzido pelo médium, a fim de permitir a materialização dos desencarnados no cenário físico, o médium intuitivo e de alto nível espiritual também é capaz de transmitir mensagens que ultrapassam a craveira comum da vida humana.

Embora não surpreenda nem satisfaça os sentidos físicos com suas comunicações de caráter puramente espiritual, ele pode traçar roteiros definitivos para o progresso sideral dos homens. No primeiro caso, a mediunidade de fenômenos físicos se manifesta espetacular ao operar no mundo das formas, mas é acontecimento transitório que, embora a muitos convença da realidade espiritual, nem sempre os converte para o reino amoroso do Cristo. No caso da intuição pura e elevada, o ser descortina a realidade crística dos planos superiores, despreocupado de provar se a alma é imortal, pois “sente” em si mesmo que a sua ventura lhe acena além das formas perecíveis do mundo fenomênico da matéria.

A mediunidade de Francisco de Assis era para si mesmo a faculdade divina que o fazia vislumbrar a paisagem do mundo angélico de Jesus, sem necessidade de qualquer demonstração espetacular e fenomênica de materializações, levitações ou voz direta dos desencarnados. Em consequência, a mediunidade intuitiva, ou mais propriamente a “mediunidade espiritual”, é faculdade superior a qualquer outra mediunidade que ainda dependa da fenomenologia do mundo terreno e transitório, para então provar-se a realidade do espírito imortal.

Embora seja louvável a preocupação dos estudiosos do espiritismo com a maior produção de fenômenos mediúnicos destinados a convencer as criaturas sistematicamente incrédulas, a mais evolvida mediunidade ainda é a Intuição Pura, porque auxilia o homem a relacionar-se diretamente com a fonte real de sua origem divina.

PERGUNTA: *– Mas será inconveniente incentivarem-se os trabalhos de fenômenos físicos, uma vez que também existem médiuns especializadas para isso? Porventura, os médiuns de fenômenos físicos também não precisam desenvolver-se de conformidade com a técnica especialmente adequada ao seu tipo mediúnico?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, assim deve acontecer, e não somos adversos aos trabalhos de fenômenos físicos, onde se processam as materializações, a voz direta, as levitações e os transportes, que obedecem a um elevado programa elaborado pelos mentores da Terra. Aliás, esse gênero de trabalho mediúnico com o Além multiplicar-se-á cada vez mais no vosso orbe, como um imperativo determinado pela própria evolução do planeta. Deus, Pai Magnânimo e Justo, atende a todos os seus filhos de conformidade com a capacidade, o entendimento intelectivo e a graduação espiritual de cada ser.

Todos os homens, no seu devido tempo, terão a oportunidade feliz de conhecer a mensagem comprobativa da sobrevivência da alma. Assim, aqueles que por falta de acuidade espiritual ainda não podem conceber sua própria imortalidade espiritual, sentir-se-ão despertados pelo espetáculo ostensivo da fenomenologia mediúnica dos trabalhos de efeitos físicos, onde a voz direta, as materializações, as levitações e os acontecimentos incomuns serão capazes de abalar o mais intransigente ceticismo humano.

Nem todos os assistentes de fenomenologia mediúnica hão de converter-se repentinamente aos princípios salutares da vida espiritual superior, e adotar de início os padrões morais firmados na sobrevivência da alma. Só o tempo, o bom ânimo e uma decisão corajosa hão de remover os hábitos envelhecidos, as convicções e as prevenções estratificadas nos séculos passados. Mas aqueles que já se mostram cansados das ilusões da vida física é fora de dúvida

que, depois de comprovarem a sobrevivência do espírito através dos trabalhos de fenômenos físicos, também se devotarão sinceramente ao culto dos valores espirituais elevados, na ansiedade de sua mais breve cidadania sideral.

PERGUNTA: *– Poderíamos supor que, pelo fato de todas as criaturas serem médiuns, elas também devem sofrer a influência incessante dos espíritos desencarnados? E por isso deverão sujeitar-se constantemente à inspiração do bem como aos estímulos do mal, devido a essa sintonia mediúnica?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, há possibilidade de todos os "vivos" serem influenciados pelos espíritos desencarnados, que os espreitam incessantemente, valendo-se de qualquer suscetibilidade psíquica ou vulnerabilidade moral para insinuarem-se em suas intenções malévolas. É certo que nem todos os homens percebem psiquicamente a presença dos desencarnados, ou distinguem fluidicamente os bons dos maus espíritos, por cujo motivo afirmam-se completamente isentos de qualquer sensibilidade mediúnica.

Na verdade, o acontecimento é bem mais comum do que eles pensam, pois é constante a ação ou atuação dos espíritos no seio da atividade humana dos encarnados. Muitas pessoas, que se acreditam insensíveis à influência oculta do Além, mal sabem que há muito tempo são o prolongamento vivo de alguns desencarnados astutos e maus, reproduzindo no cenário do mundo físico os seus desejos subvertidos. Conforme já vos temos lembrado, tudo é uma questão de afinidade eletiva, em que os vivos sintonizam-se com os mortos, conforme o seu padrão mental e a natureza dos seus sentimentos cultuados na vida humana.

É preciso não olvidar que os espíritos desencarnados, que em sua maioria ainda se arrastam sobre a superfície terrena, algemados às paixões e aos desejos carnais insatisfeitos, não se devotam aos objetivos elevados, nem mesmo se preocupam em melhorar sua própria situação aflitiva ou condenável no Além. Alguns deles vagueiam vítimas de sua própria incúria espiritual e escravos das emoções animais primitivas, consequentes ao desleixo e desinteresse por sua própria sorte; outros, bastante experimentados nos labores repulsivos da obsessão e da perfídia, procuram intrometer-se na vossa vida material, insuflando-vos idéias errôneas e orientações confusas, a fim de levar-vos ao ridículo e ao desespero. Não recuam diante dos maiores obstáculos, desde que possam prejudicar a vossa estabilidade moral ou minar a vossa situação financeira.

Ociosos, exigentes, sensuais e escravos dos vícios terrenos, vampirizam as energias alheias, fazendo de suas vítimas na carne o prolongamento vivo e vicioso com que saciam algo de suas paixões impuras. Paulo de Tarso, em

epístola aos Romanos, faz uma das mais vivas afirmações disso, quando proclama: “Estamos cercados de nuvens de testemunhos”, confirmando que os homens estão cercados de massas de espíritos, que os vigiam em todos os seus atos e atividades da vida física. No seio da massa de espíritos levianos, malévolos e viciados, infiltram-se algumas almas benfeitoras, dispondo-se à luta heróica para converter esses desventurados das sombras e amenizar-lhes também a ação perniciosa sobre os encarnados.

São essas almas que, emergindo do mundo oculto, inspiram-vos para o Bem e tudo fazem para ajudar-vos na solução benfeitora dos problemas justos da vida humana, no esforço de libertarem o homem da tristeza das vidas planetárias. Infelizmente, enquanto um espírito consegue desviar-vos da senda tortuosa, há sempre dezenas de outras almas subvertidas que tudo fazem para arrastar-vos aos piores deslizes e equívocos espirituais. E, conforme já vos dissemos anteriormente, embora todas as criaturas sejam médiuns, a sua maior ou menor sintonia com os espíritos desencarnados também depende da natureza de sua sensibilidade mediúnica inferior ou superior. Todo homem é médium em potencial, e tanto pode relacionar-se ostensivamente com os desencarnados, pela fenomenologia mediúnica visível do mundo material, como recepcioná-los na intimidade de sua consciência imortal.

PERGUNTA: *– Essa afirmação de que todos nós somos médiuns em potencial e de que estamos constantemente sob a mira dos desencarnados, bons ou maus, não poderia semear o temor nas criaturas insuficientemente esclarecidas para entenderem essa revelação extemporânea? Desde que somos espíritos encarnados, é certo que estamos em situação desvantajosa para com os espíritos malfeitores e em liberdade no Além. Cremos que muito dificilmente poderíamos resistir por longo tempo ao assédio tenaz desses espíritos mal intencionados; não é assim?*

RAMATÍS: – Não podemos modificar a realidade da vida criada por Deus desde o início da humanidade, e que obedece ao seguinte princípio imutável: “os homens bons atraem os bons espíritos e os homens maus atraem os maus espíritos”. Essas relações exercem-se através da “afinidade eletiva”, que é responsável pela atração e harmonia entre os astros, tanto quanto rege a simpatia entre as substâncias e o amor entre os homens.

Em face de tal premissa, que regula a afeição, a atração ou o entendimento entre todas as coisas da obra criada por Deus, só existe oportunidade para os encarnados sofrerem a má atuação dos espíritos desencarnados quando também perdem o senso diretivo do seu comando espiritual na matéria, para cedê-lo a outrem mal-intencionado. Sem dúvida, isso só acontece para aqueles que se afastam dos ensinamentos crísticos da vida superior, os quais foram

divulgados e apregoados a todos os povos por instrutores adequados a cada raça, índole psicológica e até senso artístico.

Ninguém pode alegar ignorância disso, pois Deus atendeu a todos os homens de conformidade com suas características espirituais, costumes e raça.

Hermes, no Egito, Antúlio, na Atlântida, Buda, na Ásia, Zoroastro, na Pérsia, Krishna e Rama, na Índia, Confúcio, na China, Pitágoras, na Grécia, e o inconfundível Jesus, na Hebréia, foram os mensageiros divinos que esclareceram aos homens quais os princípios que transformam a criatura animalizada no cidadão angélico da moradia celestial. Eles fixaram as bases ou elaboraram os estatutos definitivos da caminhada humana pela senda evolutiva em busca da Verdade. Muitas vezes suas palavras revestiram-se de poesia; doutra feita, ecoavam sob a gravidade sentenciosa da responsabilidade espiritual ou, então, o pensamento augusto e sublime abrigava-se debaixo das parábolas encantadoras. Porém, na essência de tudo o que esses admiráveis instrutores apregoaram ao homem ainda surpreso de o afastarem da sua faina animalesca, permaneceu um só fundamento, uma só verdade – a revelação do Espírito Imortal.

Também haveis de deixar o vosso corpo na cova terrena, e então sereis espíritos desencarnados, tão benfeitores ou malfeitores quanto já o sois no trato das paixões, dos vícios ou das virtudes esposadas na superfície do mundo físico. Conheceis o roteiro que vos pode distanciar da companhia ou do domínio daqueles que ainda se alimentam no banquete detestável das iguarias viciosas do mundo animal. Os desencarnados respiram por afinidade no vosso hálito mental e sintonizam-se à vossa esfera emotiva na conformidade com que lhes ofereceis o alimento adequado; ou eles nutrem-se convosco na efervescência das paixões delituosas ou intercambiam-vos emoções e pensamentos crísticos recepcionados na esfera do Cristo.

Tudo dependerá de vós, na resistência ou imunização contra os espíritos malfeitores do Além. Só o procedimento superior, o afastamento dos vícios estigmatizantes e das iniquidades humanas é que sintonizam o homem à faixa sideral dos seres angélicos e o protegem contra os espíritos imperfeitos ou maus. Assim como os germes nocivos são atraídos pela deteriorização da fruta podre, os espíritos mal intencionados também acodem pressurosos para junto daqueles que lhes fornecem o alimento impuro e adequado.

PERGUNTA: *– Embora concordando em que todos os homens são espíritos encarnados e consequentemente médiuns potencialmente inatos, perguntamos por que, então, só a doutrina espírita apregoa tal condição humana quando os demais credos religiosos e instituições espiritualistas silenciam a esse respeito?*

RAMATÍS: – Não é preciso que o homem seja espírita para só então ser considerado médium; o importante é que ele seja bom e digno a fim de cercar-se de boas influências e atrair os bons espíritos. O catolicismo e o protestantismo não admitem a mediunidade com a denominação específica que lhe dá o espiritismo, mas consideram-na uma "graça" extemporânea que Deus só concede às almas santificadas. No entanto, a interpretação diferente ou a denominação do fenômeno mediúnico não lhe muda o caráter só porque se revela noutro ambiente espiritualista ou ocorre num seio religioso adverso aos postulados espíritas. Basta dizer que tanto a ***Bíblia*** como a história das religiões católica e protestante estão repletas de relatos de visões e outros fenômenos mediúnicos, malgrado os explicarem à conta de "milagres" ou "graças" inesperadas outorgadas por Deus. E isso se comprova pelas visões proféticas de Dom Bosco, Francisco de Assis, Antônio de Pádua, Papa Pio XII, Sta. Terezinha de Jesus, Maria e outros, inclusive pelas aparições de Lourdes e Fátima, que também não passam de fenômenos mediúnicos registrados por crianças e pessoas "médiuns".

Alhures, já explicamos que, embora certas instituições espiritualistas procurem sublimar ou aristocratizar os acontecimentos incomuns do intercâmbio de seus adeptos com o mundo oculto, esses foram médiuns na acepção exata e vulgar da palavra, apesar de tentarem disfarçar os fenômenos mediúnicos com uma terminologia iniciática.

A diferença, no caso, é que o espiritismo trata o assunto da mediunidade às claras, sem "tabus" iniciáticos ou nomenclaturas complexas. Ele os expõe à luz do dia e os examina sem quaisquer ritualismos complicados. O homem que é beneficiado pelo Alto com o "acréscimo" da faculdade mediúnica, através da doutrina espírita, conhece quais são os seus deveres para com o mundo físico e a sua responsabilidade para com a própria alma. Mas, acima de tudo, quer o médium seja beneficiado pela riqueza ou senhor de um cérebro genial glorificado pelo academismo do mundo; ou, então, apenas a criatura paupérrima e ainda onerada pelo fardo da família, o seu dever é servir na medida de suas forças, pois isso é também a tarefa de sua própria redenção espiritual. Desprezando-se todas as interpretações sibilinas, as nomenclaturas afidalgadas e as graduações excepcionais dos acontecimentos iniciáticos de muitas instituições espiritualistas, na essência, elas são puro fenômeno mediúnico.

E assim, pois, eram médiuns o reverendo G. Vale Owen, protestante, quando recebia mensagens mediúnicas de sua progenitora na sacristia de sua própria igreja; Alice A. Bailey psicografando em ambiente iniciático as orientações do Iniciado Tibetano; eram médiuns a senhora Helena Blavatsky, o bispo anglicano Leadbeater, Geoffrey Hodson, Elza Barker e outros filiados à Sociedade Teosófica, que receberam comunicações diretas ou indiretas do

mundo oculto, apesar de lhes darem uma procedência completamente oposta ao fenômeno propriamente mediúnico e o modo como o encara a doutrina espírita.

Assim é que, embora tais movimentos espiritualistas ou religiosos não usem em seus domínios o vocábulo “médium” na sua expressão espiritista, nem por isso os seus medianeiros deixaram de se enquadrar na técnica sideral da manifestação mediúnica, quando captavam mensagens diretamente de seus Mestres, ou o faziam por intuição. As escolas teosóficas, rosa-cruz, esotéricas e yogas sempre evitaram em seus ensinamentos e práticas o contato mediúnico com as regiões inferiores do mundo invisível, assegurando que: “Assim que o discípulo está pronto, o Mestre também aparece”. Louvavelmente, pugnam para que os seus adeptos se modifiquem primeiramente em sua intimidade espiritual, para só depois tentarem as relações com os seres etéreos do mundo invisível.

Não há dúvida de que se trata de uma disposição sadia, meritória e sensata, mas o espiritismo é movimento popular e de amplitude geral, destinado a todos os homens. Muito antes de atender somente àqueles que já se colocam no “Caminho da Verdade”, ele se destina a amparar principalmente os homens incrédulos, desajustados e torturados pela eclosão de sua mediunidade de prova. O despertamento desta faculdade exige cuidados urgentes e roteiro seguro, a fim de se evitar o fracasso do programa delineado pelo espaço.

A manifestação mediúnica não depende da crença ou poderio religioso, nem de convicções pessoais do homem ou do ambiente onde vive, mas é consequência inalterável do compromisso que o espírito assumiu antes de se reencarnar, cujo mandato ele requereu em seu próprio benefício e deve ser cumprido na hora aprazada. Quer então seja ateu, participe do ambiente espírita, devote-se a qualquer seita religiosa ou tenha-se comprometido com alguma instituição iniciática, a faculdade mediúnica de “prova” eclode-lhe no momento exato em que deve realmente iniciar a sua tarefa sacrificial.

Ignoram muitos teósofos, esoteristas, adeptos da Rosa-Cruz e alguns outros fraternistas filiados a cursos iniciáticos que, embora se deva louvar o método ideal de o homem desenvolver conscientemente suas faculdades ocultas, independentemente do intercâmbio espiritual e sadio com as almas superiores, desde que ele reencarne na matéria comprometido em exercer a “mediunidade de prova”, terá de submeter-se ao processo gradativo e disciplinado pela técnica espírita de desenvolvimento, preconizada por Allan Kardec.

No entanto, os homens que, devido ao seu elevado aprimoramento espiritual, são médiuns naturais, já usufruindo o dom espontâneo da intuição pura, é fora de dúvida que sempre apresentarão as condições psíquicas incomuns e

satisfatórias, para lograrem graduação destacada em qualquer doutrina ou instituição iniciática, sem precisar exercer a função passiva de médium em serviço com os espíritos do astral inferior. Mas os que, em vidas pretéritas, abusaram do seu comando mental e serviram-se de sua inteligência lúcida para tripudiar sobre os menos agraciados pela sorte, que pela cupidez, egoísmo, avareza ou calúnia usufruíram os bens alheios semeando prejuízos irreparáveis, hão de cumprir o seu mandato mediúnico na condição humilhante de ceder sua organização carnal para que velhos adversários, comparsas ou vítimas do passado possam reajustar-se mais breve aos preceitos do Cristo.

PERGUNTA: *– Se não há necessidade de o homem ser médium para ser espírita ou então ser espírita para ser médium, não podíamos considerar que todas as doutrinas espiritualistas, que provavelmente também sofrem a influência dos desencarnados, não passam de outros tantos movimentos semelhantes ao espiritismo?*

RAMATÍS: – De início, é conveniente distinguir-se o que é espiritismo e o que significa mediunismo. Espiritismo é doutrina disciplinada por um conjunto de leis, princípios e regras, que tanto orientam as relações entre os espíritos encarnados e os desencarnados, como também promove a renovação filosófica e moral dos seus adeptos. No entanto, a faculdade mediúnica pode existir independentemente de a criatura ser espírita ou mesmo indiferente aos fenômenos mediúnicos.

Há médiuns que operam em vários setores espiritualistas, mas não aceitam nenhum dos postulados básicos do espiritismo, assim como também existem espíritas que são alérgicos às sessões mediúnicas e se interessam exclusivamente pelo conteúdo filosófico da doutrina. Aliás, muitas vezes é preferível admitir unicamente os conceitos lógicos e sensatos com que Allan Kardec integrou a codificação espírita, antes mesmo de se buscarem provas e coligirem os princípios doutrinários do espiritismo por intermédio de alguns médiuns manhosos, tolos, anímicos e preguiçosos, que nem sempre mantêm conduta regular no mundo profano.

Só pelo fato de verificar-se a atuação de espíritos em qualquer gênero de trabalhos mediúnicos, não se infere disso que ali se pratique espiritismo. A doutrina espírita só é realmente confirmada em sua prática quando, independentemente dos fenômenos mediúnicos, os seus adeptos aceitam e cultuam as suas regras e os seus princípios morais elevados no trato da vida material. Não basta ao homem frequentar os centros espíritas, ouvir espíritos “falarem” da vida imortal, solicitar receitas e passes, para que assim já se considere excelente espírita. Sem dúvida, coisa parecida também fazem o católico e outros religiosos que ainda consideram confusamente a devoção

interesseira e a mendicância aos santos e profetas como sendo sua própria renovação espiritual.

É necessário que os adeptos da doutrina espírita, muito além de assíduos espectadores das reuniões mediúnicas e "pedinchões" incorrigíveis dos benefícios doados pelo Além, se integrem também ao cumprimento incondicional dos seus postulados morais que, acima de tudo, devem melhorar a conduta do homem. Há muitos espíritas egressos do catolicismo, antigos e ociosos frequentadores de missas, de novenas e viciados nas comunhões que, depois de filiados ao espiritismo, ainda conservam a mesma idiossincrasia e displicência de antes no cumprimento de seus deveres.

Malgrado mostrarem-se muito impressionados com a fenomenologia mediúnica, não se acomodam bem com a doutrina e continuam estagnados espiritualmente sem se ajustarem aos ensinamentos que objetivam a mais breve integração do homem ao reino do Cristo. Apáticos ainda à missão redentora do espiritismo, alguns "ex-católicos" recém-ingressos na seara sublimam suas antigas devoções e rogativas, viciando-se com o passe "que sempre faz bem" ou a receita mediúnica, que deve atender desde a erupção do cotovelo até à hepatite resultante do abuso dos condimentos e alcoólicos. Equivocando-se quanto ao sentido exato do espiritismo, como doutrina de redenção espiritual, os neófitos requerem a atenção dos afadigados trabalhadores do espaço para lhes solucionarem as quizilas domésticas ou corrigir os parentes desabusados das coisas espirituais.

O espírita, como dizia Allan Kardec, "conhece-se pela modificação moral que ele efetua todos os das". E se assim não fora, bastaria a presença assídua dos seus simpatizantes aos centros espíritas e a utilização indiscriminada do serviço mediúnico, para então se caracterizar o verdadeiro espírita. Em breve, também se poderia instituir a "carteira de frequência", semelhante ao que se faz nas escolas, graduando-se o espírita tanto quanto fosse a sua presença às reuniões mediúnicas e a maior quantidade de passes e receitas que ele pudesse solicitar aos médiuns, a exemplo do que acontece na Igreja Católica, em que a prodigalidade de confissões, missas e comunhões também gradua o bom Católico.

PERGUNTA: *– Considerando-se, ainda, que todos nós somos médiuns, diferindo somente quanto à maior ou menor sensibilidade na escala mediúnica, como é possível destacar aqueles que precisam desenvolver-se sob a técnica espírita?*

RAMATÍS: – Os homens que já manifestam sua faculdade mediúnica de modo ostensivo, nos quais se percebe a ocorrência de um "fenômeno incomum", ou algo estranho que lhes domina a mente, a vontade, ou produz a perturbação

psíquica, são criaturas necessitadas de um desenvolvimento mediúnico disciplinado e sob o controle de pessoas mais experimentadas.

Sem dúvida, conforme explicamos anteriormente, trata-se de espíritos que já se reencarnaram comprometidos com a “mediunidade de prova”, e onerados por severas obrigações cármicas decorrentes de suas iniquidades do passado. Esses espíritos são agraciados pela bondade dos Mentores do Alto através da hipersensibilidade do seu perispírito, decorrente da intervenção dos técnicos siderais, e assim reencarnam-se com a “graça prematura” de participarem de um serviço extra e obrigatório no mundo físico, que lhes desperte a sensibilidade para os objetivos espirituais.

A verdade é que tanto os homens cultos ou ignorantes, ricos ou pobres, desde que sofram a insidiosa perturbação que lhes afeta o psiquismo e destrambelha os nervos, não passam de criaturas necessitadas do urgente socorro dos trabalhos espíritas, para se ajustarem novamente ao seu comando psíquico e harmonizarem-se com seus velhos adversários do pretérito.

Alguns encarnados, cuja mediunidade às vezes reponta de súbito, com sintomas obsessivos, requerendo os cuidados urgentes de outros médiuns já desenvolvidos, podem ter-se reencarnado com a obrigação cármica de abalar as convicções infantis ou ateístas de sua própria família carnal. Desde que são responsáveis, no passado, por acontecimentos morais que levaram algumas criaturas ao desespero, à loucura ou até ao suicídio, eles se obrigam a suportar a prova da obsessão e lograr a sua cura posterior, com o fito de abalar as convicções de sua parentela carnal que, comumente, são suas próprias vítimas de ontem.

Embora todos os homens sejam realmente mais ou menos influenciados pela atuação dos espíritos desencarnados, não deveis esquecer de que também existem espíritos bons, em tarefa benfeitora para com aqueles que na vida física buscam a sua reabilitação espiritual. Mas é necessário ao homem renovar-se incessantemente na composição dos seus pensamentos e manifestações dos seus sentimentos, adestrando-se tanto quanto possível no curso superior da vida espiritual. Os que desejarem livrar-se da companhia das entidades das sombras não podem descurar do seu apuro moral, do estudo superior e do seu controle emotivo e mental sobre os desejos inferiores e as paixões violentas.

4. A “PROVA” DA OBSESSÃO

PERGUNTA: *– Podeis nos explicar melhor o caso de espíritos que devem reencarnar com o destino fatalista de ser obsidiados, a fim de despertarem os membros de sua família para os postulados da vida imortal, e que depois são curados pelo espiritismo? Estranhamos essa condição de a criatura ser fatalmente vítima da obsessão, quando temos aprendido que ninguém renasce na Terra com a determinação de sofrer qualquer castigo ou penalidade propositadamente, sob a imposição dos espíritos superiores.*

RAMATÍS: – Os Mentores Espirituais nunca determinam que certos espíritos devam reencarnar-se sob o estigma implacável de serem obsidiados, vítimas de homicídios ou de acidentes fatais, o que seria uma punição deliberada e incompatível com a Bondade do Criador. Os espíritos faltosos são encaminhados para a vida física sob o comando de suas próprias faltas e dos efeitos do desregramento cometido nas existências passadas; eles são situados carmicamente no seio das influências mórbidas ou maléficas semelhantes às que também alimentaram ou produziram no pretérito.

A nova existência física transforma-se-lhes numa “probabilidade” favorável ou desfavorável, dependendo fundamentalmente do modo como eles passam a agir na matéria entre os seus velhos comparsas, vítimas ou algozes pregressos, pois ficam na dependência de suas próprias paixões vícios ou virtudes. Desde que se mantenham de modo digno, vivendo amorosamente em favor do próximo, também poderão sobreviver sem conflitos ou tragédias, fazendo jus ao socorro espiritual dos seus mentores, que de modo algum desejam castigá-los, mas apenas recuperá-los espiritualmente. Sem dúvida, o espírito que, embora renascendo no meio de malfeitores, ou mesmo sendo alvo de qualquer obsessor cruel, se devote heroicamente ao bem alheio, exercite a sua ternura, o seu amor e magnanimidade para com todas as criaturas, sem distinção de crença, raça ou casta, também logra maiores probabilidades de sobreviver na matéria à distância de qualquer violência ou fim trágico.

PERGUNTA: *– Como poderíamos avaliar a natureza dos delitos desses espíritos que renascem na Terra com essa “probabilidade” de sofrer a prova da obsessão, porque no passado semearam a perturbação mental, praticaram o suicídio ou se entregaram à prática do mal?*

RAMATÍS: – É evidente que a revolta, o ateísmo, a sensualidade ou o pessimismo são bastante estimulados nas criaturas pelos maus escritores, oradores subversivos e líderes intelectuais maquiavélicos que, influenciados pelo existencialismo apocalíptico da época, usam de sua inteligência e agudeza mental para cavar fundo na alma dos seus leitores e admiradores invigilantes. Certas filosofias crônicas e doutrinações modernas induzem o homem a confundir e tomar os raciocínios e os malabarismos brilhantes da mente terrena como se fossem bens supremos do espírito imortal.

Elas aconselham aos seus discípulos o epicurismo da "fuga interior", liberando-os de quaisquer obrigações para com alguma autoridade espiritual ou ente supremo, e tentam convencê-los de que serão humilhados pelo fato de concordarem ou se curvarem à idéia de um Deus, que reina acima dos valores do intelecto humano. Esses espíritos demasiadamente intelectivos, que empregam o seu talento para semear a descrença, a inconformação, a rebeldia e a ociosidade espiritual, que vivem preocupados excessivamente em fundar escolas filosóficas exóticas, que isentam o homem de sua responsabilidade espiritual e o incentivam a uma existência puramente sensual, dificultam a perfeita aplicação da Lei de Evolução na marcha progressiva das criaturas de menor acuidade mental.

E de conformidade com essa mesma lei sideral, de que a "colheita é sempre de acordo com a sementeira", tais filósofos aniquilantes terão de corrigir em vidas futuras os desvios que provocaram nos seus tolos discípulos, saneando-lhes os raciocínios insensatos e fazendo-os reconquistar o respeito perdido. Desde que semearam confusões mentais e psíquicas em outros cérebros invigilantes, eles devem encarnar no seio de famílias cuja crença obsoleta ou infantil também os retarde na senda do progresso espiritual. Então cumpre-lhes ajudá-las a se libertar do negativismo secular ou do dogmatismo asfixiante, a fim de compensarem os prejuízos causados pelos postulados contraditórios que pregaram no passado.

Nascem, pois, no futuro, com esse implacável dever de despertar seus velhos familiares ou comparsas, ainda atrofiados pelo culto aos dogmas aguilhoantes ou completamente apáticos à vida imortal. Graças ao seu sacrifício e à consequente cura pela doutrina espírita, esses espíritos perturbadores pregressos terminam reajustando-se numa posição heróica, junto daqueles de cuja confiança, candidez ou vulnerabilidade mental abusaram.

PERGUNTA: *– Então poderíamos supor que, muitas vezes, são os próprios mestres e líderes de filosofias ou doutrinas perturbadoras que depois devem imolar-se em futuras existências físicas, para despertar os seus próprios discípulos ou seguidores iludidos no passado?*

RAMATÍS: – Sem dúvida; aqueles que hipnotizaram algumas almas para o culto de suas doutrinas subversivas, aniquilantes, negativistas ou fesceninas renascem posteriormente com a obrigação de se tomarem os “alvos” principais e responsáveis pela reforma e recuperação espiritual dos seus antigos seguidores, ainda confusos na senda da espiritualidade.

Sob a disciplina férrea, mas justa, da Lei Sideral, que retifica mas não castiga, eles retornam ao cenário do mundo físico e se situam no seio das famílias terrenas, comprometidos em despertar da ilusão intelectiva, da hipnose dos sentidos passionais ou da escravidão do ateísmo infeliz aqueles mesmos que os seguiram tolamente no passado. Mas nessa tarefa sacrificial nada lhes é imposto arbitrariamente; é a sua razão esclarecida e a certeza de reduzir o seu débito cármico o que os faz aceitar conscientemente o serviço doloroso a favor do próximo, e também em seu próprio benefício.

É certo que a família ignora a razão dos acontecimentos dolorosos que eclodem, constituindo as desventuras no roteiro evolutivo em comum. E assim se formam os quadros de sofrimento redentor; aqui, é o filho que nasce com a enfermidade congênita e arrasta-se torturadamente, provocando angústias nos seus consanguíneos; ali, é o chefe da família que, arrasado por cruel enfermidade e resistente a todos os esforços da Medicina oficial, marcha tristemente para a cova terrena, lacerando os corações familiares; acolá, estranha enfermidade agride a filha querida, fazendo-a palmilhar a “via-crucis” de todos os consultórios e instituições psicopáticas, enquanto faz estrugirem gritos estranhos e mágoa a todos com palavras de baixo calão.

Mas a Lei está vigilante, e quando o desespero já se instalou no seio da família acabrunhada, eis que se opera então o milagre: sob fortuita coincidência, surge o médium curador, que faculta ao filho recuperar os movimentos físicos atrofiados desde o berço, ou restitui a saúde ao chefe da casa já desenganado pela Medicina, ou ainda, graças à dedicação de alguns adeptos da doutrina espírita, esclarece-se o espírito obsessor que torturava a filha querida. Deste modo, o espiritismo é aceito no lar, que se faz venturoso, e os postulados da imortalidade do espírito penetram na alma daqueles que viviam escravizados cegamente aos dogmas infantis ou à absoluta descrença.

Abalam-se as velhas convicções ateístas e os sectarismos condenáveis esposados no seio da parentela, graças à cura milagrosa de alguns dos seus familiares através da singeleza da água fluida, do receituário mediúnico ou do passe espírita. E o Alto, através daqueles mesmos que, muitas vezes, no passado, abusaram do mando e do intelecto em desfavor do próximo, ministra-lhes novos conceitos de vida superior, servindo-se de suas carnes maceradas ou dos seus nervos atrofiados. Os conceitos errôneos ou negativos de ontem são compensados pelo sacrifício da dor física ou psíquica do presente.

PERGUNTA: *– No caso do filho doente ou da filha obsidiada que, depois de curados miraculosamente pelo espiritismo, convertem a família descrente, não poderá tratar-se de espíritos bons, que aceitam o sofrimento sacrificial com o intuito magnânimo de ajudar os seus afetos encarnados para mais breve ascensão espiritual?*

RAMATÍS: – Já vos dissemos que, mesmo no espaço, não há regra sem exceção, pois Jesus, espírito excelso e justo, não hesitou em mergulhar nas sombras do vosso mundo, para salvar os homens ignorantes de sua realidade espiritual. Sem dúvida, espíritos boníssimos também descem à carne e se ajustam à família consanguínea terrena, com o fito único de despertar espiritualmente os seus velhos afetos milenários. Em alguns casos, eles se sacrificam heroicamente a fim de socorrer, os próprios adversários pregressos e que ainda se demoram hipnotizados pelas filosofias destrutivas ou doutrinas enfermiças do mundo material.

Muitas vezes, quando essas almas sublimes comprovam a inutilidade dos seus esforços para inspirarem do Além os seus pupilos negligentes e conduzi-los ao Bem e à Sabedoria Espiritual, decidem-se a habitar o mundo físico por amor a eles. Assim como foi o excessivo amor de Jesus que, apiedado do sofrimento humano, o conduziu para a Terra, e não alguma culpa cármica de crucificação, muitas almas angélicas também abandonam o plano paradisíaco sob o penoso sacrifício de se encarnarem no seio da família terrestre para despertar-lhe os sentimentos crísticos.

Muitas delas, quando renascem junto de adversários empedernidos, enfrentam as situações mais cruciantes para atenuar a fereza, o ódio e a violência que ainda vicejam entre eles. Movidas pela compaixão do anjo, envidam todos os esforços para subtraí-los às tragédias odiosas, que no futuro engrenaram os carmas torturados. Algumas vezes, são sacrificadas pelas próprias almas delinquentes, às quais tentam salvar dos padecimentos inenarráveis que as esperam nos charcos do astral inferior. Mas ainda sentem-se felizes quando conseguem atear-lhes o fogo do remorso ou do arrependimento, provocando-lhes os primeiros impulsos de redenção espiritual.

Repetimo-vos, no entanto, que Deus não é vingativo, nem sádico, e assim não cria a obsessão incurável, a doença fatal, o aleijamento deformante ou qualquer outra desventura destinada ao ser humano. Ele só objetiva a recuperação venturosa de todos os seus filhos eternos. Tais acontecimentos trágicos ou mórbidos são apenas frutos exclusivos da debilidade moral e da ignorância do homem que mal balbucia as primeiras letras do alfabeto da vida imortal.

5. OS TRABALHADORES ATIVOS

NO SERVIÇO MEDIÚNICO

PERGUNTA: *– Ainda poderíeis nos explicar com melhor clareza qual a distinção existente entre os homens que são médiuns necessitados do desenvolvimento mediúnico junto à mesa espírita e aqueles que, embora médiuns, como são todos os homens, podem dispensar tal desenvolvimento?*

RAMATÍS: – Podem ser considerados "médiuns oficiais", na Terra, justamente aqueles que se reencarnam comprometidos com serviços obrigatórios na seara espírita. Estes requerem um desempenho incessante de sua atividade incomum, porquanto necessitam com maior urgência, compensar os prejuízos causados a outrem e também acelerar a sua própria recuperação espiritual. Destacando-se dos demais homens, pois gozam de faculdade mediúnica mais acentuada, relacionam-se mais direta e rapidamente com os desencarnados. Conforme seus pensamentos, sua conduta e objetivos na vida, sem dúvida atraem os espíritos da frequência vibratória sideral que, de conformidade com sua contextura espiritual, passam a influenciar para o bem ou para o mal as pessoas com as quais entram em contato.

Mas justamente porque são raros os médiuns missionários ou de Intuição Pura, também são poucos aqueles que alcançam o "clímax" abençoado do serviço mediúnico sem a preliminar do desenvolvimento torturado. Médiuns há nos quais eclodem ainda os resíduos das velhas paixões que já os conturbaram no passado; os seus pensamentos, palavras e sentimentos são alvo de ataque dos desencarnados, que tudo fazem para impedir-lhes o êxito do serviço mediúnico na seara espírita. Eles tentam fazê-los buscar o desenvolvimento de sua mediunidade à parte de qualquer disciplina ou proteção doutrinária; exploram-lhes o amor-próprio e a vaidade, afastando-os dos ambientes onde criaturas experimentadas poderiam ajudá-los na imunização contra o astral inferior.

É a fase torturada e contraditória, eivada de dúvidas e de esperanças, quando o homem sente o despertar de sua faculdade mediúnica mas, infelizmente, ainda não possui a força moral, a mente desenvolvida e os sentimentos equilibrados, que o deveriam sintonizar imediatamente com as almas benfeitoras, à medida que se abrem as portas de acesso ao mundo invisível. Às vezes, muito tarde é que o médium compreende a natureza e os objetivos do seu exercício mediúnico obrigatório, pois, malgrado ter enfrentado

sacrifícios severos, só então comprova que tudo era feito exclusivamente em seu próprio bem! Então, como um semeador incondicional dos ensinamentos elevados do Alto, tanto precisa imunizar-se contra as críticas alheias, como impermeabilizar-se às lisonjas ou evidências perigosas à vaidade personalística da vida humana. As suas dores, ingratidões e injustiças são menos importantes do que as desventuras do próximo; as suas próprias opiniões não podem provocar qualquer conflito ou hostilidade alheia contra a doutrina espírita, que o acolhe e beneficia para usufruir o ensejo de renovação espiritual.

Os demais homens – embora sejam outros médiuns em potencial – serão unicamente responsáveis pelos seus atos e por aquilo que possa influir nos seus familiares. Mas os médiuns já consagrados ou admitidos como trabalhadores ativos no serviço mediúnico organizado, da seara espírita, representam no mundo profano uma idéia espiritual elevada, que não pode nem deve ser tisnada pelos seus interesses pessoais ou caprichos vaidosos.

PERGUNTA: *– Já tivemos oportunidade de conhecer médiuns poderosos, que produziam fenômenos incomuns e curas extraordinárias e, no entanto, alguns foram homens que mercadejavam com sua faculdade mediúnica, enquanto outras eram escravos dos vícios mais comuns. Que dizeis a isso?*

RAMATÍS: – Quantas vezes as autoridades públicas, do mundo material, também credenciam determinados indivíduos para desempenharem serviços de importância em favor do povo, porque os julgam homens de bons propósitos, honestos e leais? No entanto, comumente eles enodoam o seu trabalho e traem a confiança dos seus superiores, deixando-se tentar pela cobiça, aveza ou fortuna fácil, terminando por cumprir desonestamente aquilo que lhes fora solicitado para o bem comum!

O mandato mediúnico, que autoriza o seu outorgado a prestar um serviço útil à coletividade encarnada, também beneficia-lhe o espírito imperfeito, por cujo motivo é compromisso que deve ser executado com toda dignidade e elevação moral. Aceitando a tarefa mediúnica de suma importância para si e para o próximo, é evidente que o médium também fica responsável por qualquer desvio ou perturbação que venha a produzir durante o exercício de sua tarefa no mundo profano.

Mas é evidente que os anjos do Senhor, por serem almas repletas de ternura e amor, sempre guardam suas esperanças na corrigenda ou renovação dos espíritos que, embora sendo imperfeitos e culposos, são convocados ao serviço espiritual superior da mediunidade no mundo físico. Assim, eles não os privam subitamente da faculdade que os põe em contato com o mundo espiritual; multiplicam-lhes as oportunidades de recuperação das novas faltas e

os ajudam a sanar os deslizes cometidos no seio de doutrina que os apóia na carne. Paradoxalmente, quais árvores nutridas de seiva arruinada, esses médiuns ainda continuam a dar bons frutos!... Mas ignoram que é o generoso "toque" angélico, que tudo higieniza e sublima, o que realmente promove as curas e garante as revelações sadias.

Cegos pela vaidade de se julgarem auto-suficientes, capazes de tudo realizar na suposta independência de qualquer comando invisível, abdicam da vigilância e do bom senso, imunizam-se à vibração angélica e tombam fragorosamente no lodo de suas próprias imprudências. Infelizes e orgulhosos, não conseguem perceber quando também "muda" a presença oculta que os protegia; quando se retira o anjo e em seu lugar surge a figura maquiavélica e astuta do gênio das sombras! Dali por diante, há um "dono" e não um "guia", em lugar do orientador terno e tolerante, que a todos os equívocos e interesses inconfessáveis do médium apunha o selo da sua responsabilidade espiritual, surge a alma cruel, daninha, orgulhosa e viciosa, que exige, domina e castiga. Desaparece o anjo amoroso, que conduz as almas para o reino da Luz, e se manifesta o senhor de escravos, que depois arrasta do túmulo o espírito imprevidente para as regiões das trevas!

Esse é o fim dos médiuns que, depois de agraciados por destacados poderes espirituais no trato do mundo físico, para o bem de si e da coletividade encarnada, terminam enodoando sua tarefa com a vileza da negociata impura e carreando a desconfiança e a hostilidade para o serviço mediúnico.

PERGUNTA: *– Não seria mais prudente que os espíritos superiores evitassem a concessão de faculdades mediúnicas prematuras aos homens, desde que ainda não se encontrassem espiritualmente seguros para cumpri-las na Terra?*

RAMATÍS: – Não se trata propriamente de poderes concedidos extemporaneamente pelos mentores da Terra aos homens imaturos em espírito. É que às vezes estes não passam de antigos magos que dominavam facilmente as forças ocultas, exerciam o fascínio sobre os elementais e usavam da hipnose para fins interesseiros, tal como no caso de Rasputin, que se aproveitou dos seus poderes extra-terrenos para realizar seus objetivos torpes, como instrumento vil das trevas. Quando tais espíritos retornam à carne para tentar a sua renovação espiritual manejando os mesmos poderes que desvirtuaram no passado, mas sob promessa de só os empregar a favor do bem, nem sempre logram sustentar por muito tempo o tom espiritual elevado que lhes é requerido pelos mentores siderais.

O coração atrofiado e a mente aguçada pela vontade poderosa que é exercitada em vidas anteriores traem esses espíritos no trabalho mediúnico do Bem, caso não se curvem humildes e desde o princípio de sua tarefa sob os

postulados redentores do Cristo. Quando os responsáveis pelo progresso do orbe verificam a inutilidade de conservá-los no serviço ativo da seara, vêem-se obrigados a alijá-los de qualquer modo, a fim de que cessem os graves prejuízos decorrentes de sua atividade descontrolada.

Mas Deus sempre concede a oportunidade de renovação moral e do trabalho digno a todos os seus filhos. E a prova mais evidente do que dizemos é que, se presentemente já esposais princípios espirituais dignos e superiores, isso deveis à bondade divina, que tolerou as vossas iniquidades do pretérito, concedendo-vos também a graça do serviço redentor tantas vezes quantas vos equivocastes. Em verdade, os pecadores são justamente aqueles que mais precisam de Amor, tanto quanto os enfermos necessitam do médico.

Desde que do lodo pode surgir o lírio imaculado, é óbvio que dos lábios dos homens impuros também é possível nascerem a esperança e o roteiro para os seres desarvorados na estrada da vida humana. E se Deus, o Criador do Universo, que deveria exigir-nos o máximo de submissão e acatamento aos objetivos sublimes de Sua Obra, multiplica os ensejos de nossa mais breve redenção espiritual, sem dúvida, o homem, sua criatura, não tem o direito de odiar, maltratar, roubar e execrar o seu próprio irmão de destino sideral.

Eis por que motivo o grande sucesso de todo médium fenomênico ou intuitivo ainda se fundamenta num único compromisso incondicional – cultivar sua mediunidade com o Cristo e tornar-se um trabalhador ativo na seara do Mestre. Não basta ver, ouvir e sentir espíritos em seu plano invisível, pois o médium, em qualquer hipótese, deve ser o homem que, além de contribuir para a divulgação da imortalidade do espírito na Terra, é cidadão comprometido pelos deveres comuns junto à sua coletividade encarnada, onde só a bondade, o amor, o afeto, a renúncia e o perdão incessante podem livrá-lo das algemas do astral inferior.

PERGUNTA: *– Quais seriam as vossas considerações sobre a mediunidade com o Cristo?*

RAMATÍS: – Considerando que a faculdade mediúnica de “prova” ou de “obrigação” é sempre o acréscimo que o Alto concede ao espírito endividado para conseguir a sua reabilitação espiritual, sob hipótese alguma deve ela ser negociada ou vilipendiada. É o serviço de confiança que o médium exerce em favor alheio sem deixar de cumprir todas as suas obrigações para com a família, a sociedade e os poderes públicos. Os mentores siderais não lhe exigem o sacrifício econômico da família, a negligência educativa da prole, o descuido com as necessidades justas da parentela, para só atender indiscriminadamente ao exercício de sua faculdade.

Cada médium, como espírito em evolução, conduz o seu próprio fardo cármico gerado no pretérito delituoso, o que também lhe determina as obrigações em comum no lar, onde vítimas e algozes, amigos e adversários de ontem empreendem o curso de aproximação espiritual definitiva. Assim é que, em última hipótese, deve prevalecer sobre o serviço mediúnico o cumprimento exato das determinações cármicas que lhe deram origem à existência na matéria. E considerando-se que o mundo de César é o reino transitório dos interesses da vida material para a educação do espírito imperfeito, o dom mediúnico é a dádiva espiritual do reino do Cristo, e não mercadoria de especulação mundana.

6. O MÉDIUM DE “MESA” E O DE “TERREIRO”

PERGUNTA: *– Em face de vossas considerações no capítulo anterior, concluímos que o único desenvolvimento mediúnico sensato e aconselhado ainda é o que se processa no ambiente espírita da codificação de Allan Kardec; não é assim?*

RAMATÍS: – Não vos apresseis em considerações extremistas, pois é bem fácil distinguir o médium de “mesa”, que se desenvolve sob a égide da doutrina espírita, e o médium de “terreiro”, que prefere o seu desenvolvimento pela técnica de umbanda. No primeiro caso, trata-se de espiritismo, e no segundo apenas de mediunismo. Não nos cabe julgar esta ou aquela predileção mediúnica, nem temos o direito de carrear com exclusividade para a esfera espírita os acontecimentos e os fenômenos que ocorrem desde o início da humanidade, sob a égide da manifestação mediúnica. O que mais importa na efetivação do serviço mediúnico, seja na seara espírita ou no ambiente umbandista, é saber se ele se efetua pelo amor ao Cristo e inspirado pelo seu divino Evangelho. Sob qualquer hipótese, sempre apreciamos mais o médium de terreiro que se integra completamente num trabalho guiado pelos preceitos evangélicos, do que o médium de “mesa” que se torna mercenário e corrompido.

Em ambos os casos, a distinção que nos parece mais plausível ainda é quanto à natureza interpretativa na manifestação mediúnica, pois, enquanto o médium de mesa se preocupa mais propriamente com a espécie de idéias dos seus comunicantes, num intercâmbio acentuadamente de ordem mental, o médium de terreiro cuida principalmente de reconhecer a identidade do espírito que o incorpora. Na disciplina de umbanda existem códigos, pontos cantados e riscados, cruzamentos de linhas e demanda de falanges que operam sob a base da magia prática, caracterizando cada grupo ou individualidade que dela participe. Assim, conforme sejam determinados pontos, sinais, toques ou códigos, o médium e os frequentadores de umbanda deduzem das intenções, da capacidade ou da natureza e especialidade de serviço que podem ser tratados com os comunicantes.

Junto à mesa espírita, em que ainda se nota um certo individualismo de trabalho nas relações com os encarnados, uma preleção de natureza elevada e de conteúdo sensato dispensa mesmo a assinatura ou a identidade do

comunicante, que tanto pode ser um apóstolo, como um “joão-ninguém”. No entanto, a umbanda, que ainda não cimentou sua unidade doutrinária definitiva nem firmou o seu sistema único de trabalho em todas as latitudes do orbe, através do seu sincretismo afro-católico transforma-se num trampolim favorável aos católicos, protestantes e outros religiosos dogmáticos para se familiarizarem com os ensinamentos da Reencarnação e a disciplina da Lei do Carma. As imagens, os cânticos, o incenso, as velas e as oferendas dos rituais de umbanda, algo parecidos aos usos da Igreja Católica, atenuam o medo provinciano dos católicos pelas manifestações mediúnicas, e pouco a pouco incutem-lhes o gosto pelo conhecimento da imortalidade do espírito pregada por todas as filosofias reencarnacionistas.

Os chefes, as falanges e as linhas de umbanda, com seus caboclos e pretos-velhos, apesar da multiplicidade de costumes, temperamentos e propósitos diferentes do serviço que executam junto à matéria, entrelaçam-se por severos compromissos, deveres hierárquicos e obrigações espirituais, que ainda não puderam ser compreendidos satisfatoriamente pelos seus próprios profitentes. No vasto panorama de relações entre o plano material e o mundo oculto, alicerçados pelo processo da magia, no âmbito de umbanda, ainda repontam combinações confusas e tolices condenáveis, à conta de elevado cometimento espiritual. Ainda lutam os umbandistas para alcançar a sua constituição doutrinária e escoimarem-na das excrescências ridículas que deformam a sua base esotérica.

Nesse terreno foi mais feliz o espiritismo, que partiu de uma unidade concreta e alicerçada em investigações incessantes, com “testes” mediúnicos que exauriram Kardec, mas o ajudaram a extirpar com êxito as contradições, os exotismos e as encenações ridículas da prática mediúnica desorientada. A umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero.

Servindo-nos de um exemplo corriqueiro, diríamos que a prática mediúnica do espiritismo é semelhante a uma agência de informações civis, em que é bem mais importante o assunto do seu “fichário”, do que mesmo as pessoas que o informam. A umbanda, no entanto, é como uma agência de informações sobre assuntos militares, onde antes de tudo convém conhecer a “graduação” do informante, pois, assim como acontece realmente no mundo físico, é muito grande a diferença e a responsabilidade entre aquilo que diz o cabo e o que informa o general...

O melhor processo para desenvolver o médium que prefere atuar sob o paraninfo da doutrina espírita ainda é aquele que Allan Kardec indicou no ***Livro dos Médiuns***. No entanto, quem por simpatia, índole espiritual, temperamento psicológico ou serviço comprometido no espaço escolhe o mediunismo de

umbanda, sem dúvida deverá seguir os métodos prescritos pelos “pais de cabeça”, submeter-se à técnica dos “caboclos desenvolvedores” e enquadrar-se sob os preceitos ritualísticos das linhas de Ogum, Xangô, Ori do Oriente, Oxóssi, Oxalá, Yemanjá ou Yori-Yori-ná.

PERGUNTA: *– Quando em nossas indagações e pesquisas de ordem espiritualista temos solicitado a opinião de alguns próceres espíritas sobre umbanda, notamos, de sua parte, duas atitudes únicas e às vezes até hostis. Enquanto uma parte condena “ex-abrupto” a umbanda, a outra silencia e parece que teme enfrentar o problema ou opinar desfavoravelmente. Embora o pedido vos pareça extemporâneo, nesta obra, ser-vos-ia possível considerar algo e responder-nos em síntese: Quais os melhores trabalhos mediúnicos: os de “mesa” ou os de “terreiro”?*

RAMATÍS: – Não encontramos razões para qualquer mistério ou “tabu” nesse assunto, pois, devidamente certos de que Deus é onipresente em toda sua obra, indiscutivelmente Ele tanto assiste os seus filhos no seio da Igreja Católica, no Templo Protestante ou na Sinagoga Judaica, assim como também os alenta na experimentação do espiritismo, e igualmente assiste ao esforço ascensional daqueles que preferem a seara de umbanda.

Da mesma forma como são condenáveis as investidas agressivas do Clero contra a doutrina Espírita, também devem ser severamente censurados os espíritas que julgam maldosamente o trabalho dos umbandistas. Não aconselhamos a mistura de ambos, isto é, espiritismo e umbandismo, pois todo sincretismo religioso ou doutrinário sacrifica a qualidade iniciática de cada um em particular e então apresenta inferior proveito. No entanto, o respeito espiritual de índole crística exige que tanto os espíritas louvem o esforço que a umbanda exerce com a prática mediúnica em favor do Bem, como os umbandistas acatem o labor de “mesa” dos cardecistas.

Na Verdade, o denominador comum que aproxima ambas as doutrinas ainda é a busca da mesma Verdade, o serviço caritativo ao próximo e o movimento no sentido de o homem atual entender e assumir conscientemente a sua responsabilidade cármica gerada nas existências anteriores. Não endossamos o serviço mediúnico mercenário, nem a magia degradante, a superstição que algema o progresso mental, a prática primitiva que degrada o espírito ou a negociata censurável dos despachos de encruzilhadas, com que alguns astuciosos “cavalos” de umbanda exploram os incautos e os ignorantes. Mas também não louvamos o médium espírita que comercia com os bens da espiritualidade ou então vive desmentindo, na vida profana, os mesmos preceitos morais que tenta impor aos frequentadores do centro espírita.

É evidente que, devido ao grau espiritual ainda inferior, que é próprio dos habitantes da Terra, em todo local onde vive o homem ali também cresce a erva daninha e se podem deturpar as mais santificadas realizações do Alto! Mas, assim como afirmou elevada entidade espiritual por criterioso médium, que “os homens passam e as instituições ficam”,1 à medida que o material humano inferior é substituído por outro melhor, também os trabalhos mediúnicos higienizam-se e aumentam os proveitos espirituais.

1. N. do médium: Conceito de Emmanuel, por intermédio de Chico Xavier.

No entanto, considerando a vossa pergunta pitoresca sobre se o trabalho mediúnico de “mesa” é superior ao trabalho mediúnico de “terreiro”, ou vice-versa, devemos dizer que o mais importante, em ambos os casos, ainda é a qualidade espiritual daqueles que operam neste ou naquele setor de intercâmbio com os desencarnados. Como singela comparação, suponde que certo homem tem o pé infeccionado por maligna ferida e que, por isso, atrai as moscas, que o atormentam incessantemente. No entanto, alguém aconselha-o a cobrir o pé com uma meia de algodão, pois assim evitará a afluência das moscas.

Infelizmente, o enfermo verifica que as moscas ainda continuam a pousar-lhe molestamente no pé ferido e contaminado, o que o leva então a aceitar outra sugestão amiga, para que use meias de seda. Essa providência, no entanto, também fracassa. Mas, por feliz acaso, ele consegue curar a ferida do pé com o uso de determinada erva medicinal, alegrando-se por ver que as moscas também sumiram, assim que se curou definitivamente. Na realidade, elas molestavam-no devido à ferida, pouco se importando com que ele usasse meias de algodão ou meias de seda.

Da mesma forma, cremos que o mais importante, para vós, não é provar se o trabalho mediúnico de mesa é superior ao de terreiro, pois, em ambos os casos, o primeiro significa a meia de seda e o segundo a meia de algodão. Desde que desapareçam de vossas almas as “feridas morais”, que atraem as moscas do astral inferior, sem dúvida podeis prescindir de ambos os trabalhos, porque então já estareis curados espiritualmente, tal como no exemplo citado, em que, depois de curada a ferida, o enfermo também dispensou a meia de seda ou de algodão!...

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIUNIDADE NATURAL E DE PROVA

PERGUNTA: *– Gostaríamos que nos dissésseis algo sobre os médiuns que já gozam de sensibilidade psíquica avançada, cuja mediunidade, como nos tendes dito, é fruto exclusivo do seu aprimoramento espiritual.*

RAMATÍS: – Os espíritos que já atingiram um alto nível moral e que, portanto, integraram-se à vida psíquica superior, quando encarnados são mais sensíveis aos fenômenos do mundo oculto, embora isto não aconteça de modo ostensivo, mas apenas através da intuição pura. A sua faculdade mediúnica, então, é o sagrado corolário do seu próprio aprimoramento espiritual, em vez de uma "concessão" extemporânea. Eles transformam-se em centros receptivos das manifestações incomuns que transcendem os sentidos físicos. Sua alta sensibilidade, fruto de avançado grau espiritual, afina-se incessantemente com os valores psíquicos do melhor quilate, facultando-lhes não só o conhecimento instantâneo dos acontecimentos presentes, como ainda as revelações mais importantes do futuro. O abençoado dom da Intuição Pura, e que em alto grau o possuíam Antúlio, Hermes, Rama, Krishna, Pitágoras, Buda, Ramakrishna e Jesus, além de outros seres que passaram anonimamente pelo mundo terreno, foi a faculdade iniciática que serviu para esses grandes espíritos liderarem as transformações admiráveis do espírito do homem. Eles tanto aferiram os fenômenos imediatos do mundo invisível, como ainda descortinavam amplamente a síntese dos acontecimentos futuros mais importantes, da Terra.

Há grande diferença entre o médium cuja faculdade é aquisição natural, decorrente de sua maturidade espiritual, e o médium de "prova", que é agraciado imaturamente com a faculdade mediúnica destinada a proporcionar-lhe o resgate de suas próprias dívidas cármicas. Através de processos magnéticos, que ainda vos são desconhecidos, os técnicos do Astral hipersensibilizam o perispírito daqueles que precisam encarnar-se com a obrigação de trabalhar, pelo serviço da mediunidade, a favor do próximo, e também empreender a sua própria recuperação espiritual.

No Além existem departamentos técnicos especializados, que ajudam os espíritos a acelerar determinados centros energéticos e vitais do seu perispírito, despertando-lhes provisoriamente a sensibilidade psíquica para a maior receptividade dos fenômenos do mundo oculto, enquanto se encontram

encarnados. Esse é o mandato mediúnico ou a transitória faculdade concedida a título de “empréstimo” pelo Banco Divino. Mas é também a arma de dois gumes, que exige severa postura moral no mundo, pois ela tanto situa o seu portador em contato com os espíritos benfeitores como também o coloca facilmente na faixa vibratória sombria das entidades do astral inferior.

Embora a faculdade mediúnica pareça a alguns um privilégio extemporâneo, contrariando o conceito de Justiça e Sabedoria de Deus, essa “concessão” prematura ao espírito faltoso implica justamente em sua maior responsabilidade e trabalho laborioso espiritual. Não é, pois, a graça “fora de tempo”, que exime a alma de preocupações e dos obstáculos futuros na sua evolução espiritual; é somente o “empréstimo” que lhe permite ressarcir-se de suas tolices e insânias cometidas no passado, compensando o tempo perdido com um serviço extraordinário. Os Mentores Siderais, apiedados dos espíritos demasiadamente onerados em seu fardo cármico para o futuro, lhes oferecem assim a oportunidade do reajuste mais breve para alcançarem a ventura mais cedo.

Então o médium é o espírito que renasce na matéria já comprometido com a obrigação de exercer um trabalho constante a favor da idéia da imortalidade da alma, inclusive o dever de melhorar a sua própria graduação espiritual. Embora seja agraciado prematuramente com um sentido psíquico mais avançado e ao qual ainda não fazia jus, o médium sinceramente devotado à sua definitiva recuperação espiritual no serviço sacrificial mediúnico poderá transformar em uma faculdade “natural” aquilo que lhe era somente uma faculdade de “prova”. Evidentemente, isso é difícil, mas não impossível, pois alguns raros médiuns lograram alcançar a graça da faculdade mediúnica natural, pela graça da faculdade de prova.

Malgrado a mediunidade fenomênica impressione profundamente os sentidos físicos dos encarnados, na profundidade da estrutura espiritual do médium de “prova” quase sempre ainda não se consolidam o caráter moral superior, a renúncia angélica, o desapego às ilusões da vida física ou a capacidade heróica para o cumprimento do mandato redentor. Ele é apenas o instrumento convocado para o serviço compulsório de favorecimento ao próximo ou o transmissor da realidade imortal; mas acima de tudo é o devedor interessado em reduzir o seu débito cármico para com o planeta que o serviu desinteressadamente.

No entanto, o médium espontâneo e natural, em consequência do grau moral e superior do seu espírito, dispensa qualquer treinamento ou intervenção técnica para relacionar-se com o mundo oculto, pois o consegue unicamente através de sua alta sensibilidade intuitiva. Embora a maior parte desses médiuns não guarde a consciência nítida e completa de grande parte dos acontecimentos

sublimes de que são intermediários, eles se constituem nas antenas vivas avançadas, que sob a inspiração dos espíritos angélicos fluem para a superfície da matéria as mais confortadoras esperanças e as mais importantes revelações. Instrumentos exclusivos do Bem, eles distribuem orientações benfeitoras, advertências justas e incentivam todos os bons propósitos da vida. No âmago de suas almas a “Voz Silenciosa” do Senhor os anima, orienta e revela Sua Obra, tal como o faz a todos os seres. No entanto, só os puros intuitivos é que realmente o sentem em sua plenitude divina.

Embora esses seres não precisem participar obrigatoriamente e a horas certas dos serviços mediúnicos tradicionais e oficializados na matéria, pois a sua natureza elevada os dispensa do peculiar desenvolvimento torturado da maioria dos médiuns em prova e sob a atuação dos espíritos imperfeitos, eles são sempre os melhores intérpretes da verdadeira vida imortal. Todas as manifestações gloriosas e concernentes à Criação, eles as focalizam numa visão global e fecunda, que restitui à humanidade as parcelas de fé destruídas pelos maus escritores, filósofos ou líderes religiosos ignorantes.

PERGUNTA: *– Mas o médium de “prova” não poderia alcançar o mesmo êxito do médium “natural”, se depois de desenvolvido viesse a enquadrar-se sob os princípios elevados do Evangelho do Cristo?*

RAMATÍS: – O que o médium natural alcança por via intuitiva, como decorrência espontânea de sua própria sutilidade psíquica e sem necessidade de quaisquer esforços ou adaptação fora do tempo, o médium em prova, e sem a linhagem superior para se situar espontaneamente nas faixas vibratórias das esferas crísticas, vê-se obrigado ao desenvolvimento espinhoso, graduando-se através de treino exaustivo com os desencarnados imperfeitos, enfrentando as mais desanimadoras decepções psíquicas.

O aguçamento imaturo muitas vezes leva o espírito em prova a desenganos, malogros e rebeldias, tal qual o jogador de xadrez que, após muitos lances frustrados, vacila em mover no tabuleiro a peça de menor importância.

Tratando-se de faculdade prematura e ainda provisória, que exige árduo e sacrificial exercício no seio das atividades terrenas, o médium sem a acuidade espiritual espontânea, que orienta facilmente o indivíduo entre os problemas confusos da vida, quase sempre só conclui o seu programa mediúnico depois de muitos tropeços verificados nos atalhos falsos, que são trilhados à guisa de caminho certo. Só a perseverança, o bom ânimo, a tenacidade, o estudo incessante, o combate impiedoso contra as paixões da animalidade inferior e a integração definitiva ao Evangelho do Cristo é que, realmente, podem assegurar o êxito mediúnico.

Servindo-nos de uma comparação, diríamos que o médium natural assemelha-se ao músico ou pintor já nascido com o “dom” espontâneo para exercer sua arte, à qual ele se entrega com facilidade e prazer. O médium de prova, no entanto, é o aluno que está sendo obrigado a estudar uma ciência ou arte para a qual ainda não apresenta qualidades espontâneas. Então precisa esforçar-se heroicamente para consegui-las sob um longo treino exercido entre vacilações, malogros e decepções.

Entretanto, não é impossível que o médium de prova, integrado absolutamente no serviço mediúnico sob a égide de Jesus, venha a depurar-se de tal modo que, ao desencarnar, já esteja gozando, em grande parte, da sublime mediunidade natural, que é na realidade a verdadeira mediunidade espiritual. No entanto, é necessário compreenderdes que não existe uma linha demarcativa específica entre a mediunidade de prova e a mediunidade natural pois, sendo o médium um espírito encarnado, há momentos em que, por força de alguma virtude já bastante desenvolvida, ele também logra ser o instrumento excelso da revelação superior, do mesmo modo como alguns homens experimentam, parcialmente e de modo fugaz, o inefável estado de espírito que é o êxtase.

Quando distinguimos o médium natural do médium de prova, desejamos apenas destacar aquele que é um instrumento espontâneo e superior da realidade espiritual, daquele que renasce na Terra onerado por uma obrigação de ordem cármica.

PERGUNTA: *– A nosso ver, ainda é grande a porcentagem dos médiuns que fracassam no exercício da mediunidade, após terem gozado o prestígio de faculdade mediúnica incomum. Que dizeis?*

RAMATÍS: – Quando Jesus enunciava que “muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àqueles a quem mais coisas se haja confiado”, (Lucas, 12: 47,48), provavelmente o seu augusto pensamento referia-se também ao exercício da mediunidade. Sem dúvida, o médium natural, o intuitivo puro, que já possui o tesouro espiritual da intuição angélica, é aquele que mais recebe por mérito de sua maturidade e a “quem muito se pedirá”. Mas ao médium de prova, embora seja pobre espiritualmente, “maiores contas lhe serão tomadas”, pois também “mais coisas lhe são conferidas” no serviço mediúnico, para ressarcir os seus pecados pregressos.

Mas não é propriamente a posse prematura da faculdade mediúnica o motivo responsável pelo fracasso muito comum de alguns médiuns em prova na matéria. Isso é mais consequente de sua imperfeição ou contradição espiritual, pois o médium, em geral, é espírito que decaiu das posições privilegiadas do passado, sendo ainda muito apegado à sua personalidade humana transitória.

Deste modo, ele subestima a transcendência dos fenômenos que se processam por seu intermédio e os considera mais como produto exclusivo de sua vontade e capacidade mental.

Embora muitos médiuns sejam inteligentes e mentalmente desenvolvidos, o orgulho, a vaidade, a ambição, a prepotência, a cupidez ou a leviandade ainda os fazem tombar de seus pedestais frágeis, porque se crêem magos excepcionais ou indivíduos de poderes extraordinários para a produção de fenômenos extemporâneos ou revelações incomuns. A Terra ainda é pródiga de magos de feira, curandeiros mercenários ou iniciados sentenciosos que, através de rituais extravagantes, atraem e exploram as multidões ignorantes. São verdadeiros “camelôs” da espiritualidade que, beneficiados pela graça mediúnica concedida pelos espíritos benfeitores, exploram-na sob o disfarce da magia ou dos poderes esotéricos, mas sempre evitando a disciplina do espiritismo que, sem dúvida, lhes exigiria conduta ilibada e o absoluto desinteresse no trato das coisas espirituais.

Entretanto, chega o momento em que eles são atingidos em cheio pela Lei Sideral, que lhes estanca a exploração do veio aurífero da mediunidade a serviço do comércio indigno e dos interesses pessoais. E assim terminam os seus dias sob terrível humilhação espiritual e sofrendo as agruras do mau emprego dos favores concedidos pelo Alto.

Aliás, muitas lendas terráqueas são verdadeiros simbolismos e alusões ao mau uso dos dons mediúnicos, quando certos médiuns traem a confiança dos seus mentores siderais. A tradição lendária narra o caso de criaturas que, depois de favorecidas com os poderes excepcionais concedidos por anjos, fadas ou gênios benfazejos, terminam perdendo-os lastimavelmente pela avareza, cupidez, vaidade, desleixo ou interesse mercenário.

Diz a lenda que certo avarento foi transformado em abutre porque não distribuiu o dinheiro que lhe havia concedido a fada do bosque. Depois conta a história do homem ambicioso que, tendo recebido do gênio bom um poder excepcional, preferiu usá-lo para transformar em ouro tudo aquilo em que tocassem suas mãos, terminando por morrer de fome e sede, porque até a água e os alimentos se transformavam no dourado metal quando ele os tocava! Há, ainda, a conhecida lenda do homem que se prontificou a entregar sua alma a Lúcifer, caso não gastasse diariamente todo o dinheiro que por ele lhe fosse fornecido. Infelizmente, perdeu a aposta, pois, tendo esgotado todos os recursos para malbaratar a imensa fortuna que o Diabo lhe carreava incessantemente, faliu antes do prazo, porque se esquecera de praticar a caridade! ...

Sem dúvida, tais narrativas não passam de lendas e contos fantásticos mas, em sua profundidade, permanece o ensinamento espiritual do fracasso daqueles que fazem mau uso dos talentos proporcionados pelo Senhor da Vida. A mediunidade, realmente, é um desses talentos que os gênios do Bem concedem aos espíritos endividados e que necessitam urgente de sua própria reabilitação espiritual. No entanto, ela pode desaparecer a qualquer momento, desde que o seu portador a conspurque na Terra para satisfazer sua vaidade ou obter proventos ilícitos. A nenhum médium é facultado servir-se da mediunidade para o seu uso exclusivo ou aproveitamento egocêntrico, nem expô-la em público na feição de tabu de negócios. É também um dos talentos concedidos por Deus a seus filhos, tal como ensinou Jesus na sua parábola de admirável ensinamento espiritual (Mateus, 25: 14-30).

As forças psíquicas tanto se degradam na manifestação espetacular que só exalta a personalidade humana transitória, como se deturpam quando são transformadas em mercadoria destinada a criar todas as facilidades ou atender aos caprichos da vida física. Os valores legítimos da faculdade mediúnica, quando são desenvolvidos e praticados com o Cristo, não produzem as quedas e as humilhações que abalam a vida tumultuosa dos médiuns imprudentes.

O médium, como instrumento fiel da vontade do Senhor, revelada no mundo de formas, elabora um dos piores destinos para o futuro quando, pela sua negligência ou má-fé, subverte o programa espiritual que prometeu divulgar à superfície da Terra. Há sempre atenuante para aquele que peca por ignorância, mas é indigno da tolerância quem o faz deliberadamente, depois de haver-se comprometido para a efetivação de um serviço que diz respeito ao bem de muitas outras criaturas.

8. AS DIFICULDADES NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS COM O ALTO

PERGUNTA: *– Há fundamento na afirmação de que os espíritos elevados defrontam sérias dificuldades para entrar em contato com os médiuns, ou com o Plano material?*

RAMATÍS: – Em face da vibração sutilíssima dos espíritos superiores, que já se distanciam bastante do padrão espiritual comum de vossa humanidade, eles se vêem obrigados a mobilizar todos os seus esforços e energias para serem percebidos pelos encarnados. Somente através dos médiuns sublimados no serviço do Cristo é que as entidades angélicas conseguem se manifestar mais a contento, por encontrarem fluidos sutilizados e balsâmicos, com que podem revestir os seus perispíritos para o contato com a matéria. Em geral, esses espíritos necessitam extrair grande quantidade de fluidos dos médiuns, mas só aproveitam uma pequena parte, isto é, a que for menos animalizada e mais susceptível de "eterização" angélica.

Embora se trate de seres sublimes, cuja presença é agradabilíssima e balsâmica às percepções das criaturas bastante sensíveis, eles não podem prescindir das energias grosseiras do plano carnal, quando desejam sintonizar-se com o perispírito dos médiuns. Daí o maior sucesso dos médiuns nesse elevado intercâmbio, quando se devotam incessantemente ao Bem e vivem à distância dos vícios e das paixões degradantes, pois isso também sublima-lhes os fluidos animalizados, devido à constante conexão com a frequência vibratória das regiões edênicas.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos explicar qual o tipo de sofrimento que então afeta esses espíritos elevados durante o seu contato terreno?*

RAMATÍS: – Não se trata propriamente de qualquer sofrimento à semelhança do que acontece convosco no mundo físico, pois as vibrações espirituais dessas entidades sublimes superam a mediocridade de frequência vibratória da matéria, tal como o raio do Sol não sofre perturbação quando incide sobre o vaso de barro.

Os espíritos sábios e angélicos só podem afligir-se quando necessitam manter um contato mais direto convosco e atuar mais positivamente na matéria. Quando eles se servem dos médiuns para as comunicações com os

encarnados, ingressam no seio de energias primárias da vida animal, e por isso sofrem a fadiga produzida pelo magnetismo opressivo do meio, o qual atua-lhes no perispírito e oprime-lhes a delicada composição fluídica. Envidam hercúleos esforços para baixar a sua dinâmica angélica natural e assim sintonizarem-se com os fluidos mais inferiores, a fim de poderem se fazer perceptíveis no cenário material.

Embora não possamos descrever com os vocábulos da linguagem humana o estado fluídico incômodo, angustioso e opressivo que ataca os seres angélicos quando se ajustam aos fluidos coercivos do mundo físico, lembramo-vos o caso de um homem sadio e jovial que, depois de habituado ao oxigênio puro e ao perfume inebriante das flores, se visse quase tolhido na sua respiração natural, e ainda obrigado a absorver as emanações sulfídricas de algum pântano. Essa dificuldade no contato mais direto das entidades angélicas com os fluidos ásperos e animalizados do mundo terreno lembra também o caso da criatura que, vestindo alvíssimo traje de linho, necessitasse penetrar com urgência no meio da lama gélida e repugnante, para socorrer alguém em perigo.

PERGUNTA: *– Porventura as altas vibrações próprias dos espíritos angélicos não ultrapassam as frequências vibratórias das faixas mais inferiores da matéria, imunizando-os contra qualquer atuação confrangedora? Então esses espíritos elevados, para não se perturbarem em sua ventura, paradisíaca, não devem se aproximar do nosso mundo material?*

RAMATÍS: – Repetimo-vos, mais uma vez, que o raio de Sol não se perturba quando incide no vaso de lama. As altas entidades espirituais só padecem pelas vibrações angustiosas quando precisam entrar em “contato direto” com os médiuns e acioná-los no seu ambiente físico. Então necessitam tornar-se receptivas na tela do mundo material, por cujo motivo revestem-se de fluidos terráqueos opressivos, aos quais já estais acostumados por ser condição normal de vossa vida física. É certo que, por força da mesma lei que Deus criou para encaminhar os seus filhos à ventura eterna espiritual, todos os espíritos angélicos também já cursaram a escola terrena e, por força de sua ignorância, natural do início de sua consciência no seio do Cosmo, também laboraram nos mesmos equívocos e experimentaram as mesmas paixões e vícios que ainda são comuns à humanidade terrena.

Só depois de percorridas as etapas planetárias que lhes facultaram a libertação definitiva da carne, é que então desvestiram-se dos trajes de fluidos animalizados, e puderam integrar-se definitivamente no seio da comunidade angélica. Em suas memórias siderais, eles não esquecem suas próprias dores atávicas, padecidas na vida educativa da matéria, o que então os faz

apiedarem-se dos seus irmãos encarnados, que ainda gemem à retaguarda, aproveitando todos os ensejos favoráveis para ajudá-los.

Por isso não temem enfrentar a massa pegajosa e opressiva, que é produzida pelas paixões e pelos vícios da humanidade, assim como certas vezes eles renunciam à sua paz e ventura gozadas na moradia bem-aventurada, para renascerem na matéria com o fito de ministrar diretamente suas lições espirituais no seio da família consanguínea. E isso o têm provado os sacrifícios dos grandes líderes da vida espiritual, como Antúlio, Hermes, Krishna, Buda e outros, e com particular destaque Jesus, que deixou suas esferas celestiais para habitar a carne terrena e expor pessoalmente os mais avançados programas de salvação do homem imperfeito.

PERGUNTA: *– Ante a grande dificuldade de os espíritos sublimes comunicarem-se com o nosso mundo físico, não seria possível e aconselhável proceder-se à higienização antecipada do ambiente onde eles dois pretendem atuar? Essa providência profilática não os poderia ajudar a se fazerem mais compreendidos ou, então, favorecê-los para o melhor êxito no espiritual?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, para o melhor contato convosco no campo mediúnico, os espíritos superiores tanto requerem a cooperação dos técnicos siderais, para a necessária higienização fluídica ou "ionização" do ambiente em que pretendem se manifestar, como ainda precisam exercer uma ação profilática sobre os próprios médiuns. Estes costumam participar dos trabalhos mediúnicos, em sua generalidade, envolvidos ainda pela aura psíquica que conserva os resíduos mentais dos pensamentos, palavras, objetivos e hábitos esposados durante o dia. Essa emanação residual da mente do médium é densa cortina de fluidos inferiores interpondo-se entre os espíritos elevados comunicantes, o que então requer a sua dispersão e a limpeza do halo mental.

Embora esta providência saudável seja tomada com bastante antecipação, em geral, as entidades elevadas ainda necessitam estagiar de três a seis horas no seio dos fluidos densos e das substâncias espessas em que operam, para só depois conseguirem a possibilidade de agir em direção ao mundo material.

A mensagem espiritual transmitida das esferas elevadas para o mundo físico exige antecipadamente atencioso planejamento e, além disso, os mensageiros responsáveis pela sua divulgação benfeitora devem ser auxiliados tecnicamente na sua descida gradativa, para as camadas fluídicas cada vez mais inferiores. A redução vibratória pelo adensamento gradativo do perispírito deve ser realizada em perfeita correspondência com o tempo de trabalho e o "quantum" de energia disponível no ambiente em que as entidades deverão atuar. A entidade superior que voluntariamente se devota ao serviço espiritual

junto aos encarnados deve ser poupada tanto quanto possível ante a opressão angustiosa dos fluidos densos sobre a sua delicada vestimenta perispiritual.

Mesmo no mundo terrestre não se exige a permanência de alguém por longas horas em local impróprio à sua organização física ou de emanações agressivas senão pelo tempo exato para cumprir-se ali a tarefa determinada. Seria absurdo, por exemplo, exigir-se que o encarregado de alimentar animais no jardim zoológico devesse permanecer longas horas em cada jaula infecta, para depois cumprir a tarefa que exige alguns minutos.

O serviço sideral junto à Terra é supervisionado matematicamente pelo Alto, sendo previstos todos os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis durante o "descenso" vibratório das entidades angélicas, cujo prazo é cuidadosamente determinado, a fim de não ficar oprimido em demasia o energismo perispiritual dessas almas sublimes. Quando elas se propõem a auxiliar os encarnados, necessitam revestir-se de uma couraça protetora de fluidos densos, que lhes estorvam os movimentos mais diminutos, tal como acontece com os antigos mergulhadores que, submetidos a dificultosa permanência no fundo dos rios, só depois que abandonam o escafandro à superfície das águas é que podem se mover desembaraçadamente.

PERGUNTA: *– Nesse planejamento tão meticuloso, em que esses espíritos superiores "baixam" espontaneamente até o nosso mundo, eles sempre logram o êxito esperado em seus projetos benfeitores?*

RAMATÍS: – Só muito raramente conseguem o sucesso almejado no contato com o mundo material, e já se consideram bem satisfeitos quando em suas heróicas empreitadas logram um vigésimo do êxito previsto! Embora precisem mobilizar todas as suas energias perispirituais, em conexão com sua inteligência, perseverança e tenacidade espiritual, não ignoram que ainda são bem precários os resultados favoráveis na empreitada de esclarecer o homem terreno.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos indicar quais os fatores adversos que neutralizam os esforços e o devotamento desses espíritos superiores no seu empreendimento sacrificial para esclarecer a humanidade através dos médiuns?*

RAMATÍS: – Os principais fatores adversos decorrem principalmente da deficiência do material humano, que nesse caso é o próprio médium encarregado de recepcionar os pensamentos e interpretar as orientações angélicas transferidas para o entendimento do homem encarnado. Muitas vezes um programa espiritual de ordem superior, elaborado cuidadosamente e descido do Alto em ritmo dificultoso, é sacrificado em sua concretização final

pelo médium trasviado, que ainda vive preso às paixões perigosas e aos vícios do mundo terreno, atraindo espíritos infelizes e vampirizadores que o desviam facilmente de sua tarefa benemérita.

A irresponsabilidade, o comodismo, os prazeres efêmeros e os interesses subalternos podem aniquilar à última hora um programa sideral que requereu avultadas energias despendidas pelas almas de escol. E isso acontece porque os seus intérpretes humanos negam-se a cumprir exatamente a etapa derradeira que lhes cabe no serviço de propagar a mensagem espiritual educativa para a matéria. É algo semelhante à construção de um importante edifício de objetivo educacional e que, depois de planejado com imenso carinho por engenheiros competentes, adquiridos com suma dificuldade o terreno e todo o material necessário, os operários, num ato de condenável irresponsabilidade, se recusassem a trabalhar.

PERGUNTA: *– Como poderíamos compreender mais claramente a irresponsabilidade dos médiuns, perante essa empreitada sacrificial de esclarecimento terreno, empreendida pelos espíritos superiores?*

RAMATÍS: – Não vos deve parecer duvidoso que a concretização final de um programa superior, elaborado no mundo oculto do espírito angélico e com a finalidade de ser revelado em seus mínimos detalhes na Terra, dependa da derradeira peça que, nesse caso, é o médium encarregado de sua materialização no cenário físico. Apesar de se tratar de um projeto organizado nas regiões superiores e muito acima das imperfeições humanas, a sua revelação à luz dos sentidos humanos exige o concurso indispensável do médium, como o último elo situado na matéria.

Embora seja ele a peça menos valiosa no esquema sideral é, no entanto, imprescindível para o trabalho a ser realizado. É a janela viva menos importante, mas tão responsável pelo sucesso da mensagem benfeitora para o mundo físico, tanto quanto a vitória do exército beligerante depende, às vezes, do plano de batalha que o comando geral envia às pressas e por intermédio do mensageiro ignorante. Como espírito encarnado na matéria, com a sensibilidade psíquica avançada para unir os dois pólos, o do mundo espiritual e o da matéria, o médium representa a etapa final dos objetivos ideados pelos espíritos superiores.

Em consequência, é muito grave a sua responsabilidade nesse serviço auxiliar com o Alto pois, além de sua própria deficiência espiritual e a dádiva da mediunidade para sua redenção moral, ele ainda é agraciado com a confiança angélica, que o associa às sublimes tarefas de esclarecimento humano. Lastimavelmente, alguns projetos siderais baixam até à crosta material, devido à renúncia e ao sacrifício heróico dos seus elevados executores, mas ficam

dependendo, em seu desfecho final, da vontade frágil, indócil e caprichosa de certos médiuns que ainda são escravos das paixões deletérias e devotos das ilusões tolas da vida física.

Mas, devido aos esforços conjugados de todas as entidades experimentadas no labor educativo das diversas esferas intermediárias entre a Terra e o mundo angélico, os princípios esclarecedores da vida imortal baixam até o nível comum dos médiuns sediados na Terra, pois alguns deles, pela sua abnegação e critério superior, compensam a irresponsabilidade e o descaso dos companheiros invigilantes.

PERGUNTA: *– Poderíamos crer que o esclarecimento do Alto para a Terra sempre se processou desse modo, ficando o seu êxito dependente de médiuns negligentes e irresponsáveis?*

RAMATÍS: – Não resta dúvida de que o esclarecimento espiritual do homem deverá ser feito através do próprio homem, o qual é um espírito encarnado e, como tal, um médium em potencial ligado ao mundo invisível. Alguns homens são médiuns inconscientes de sua função, e tanto podem transmitir o bem como o mal. Outros, que já visualizam o fenômeno mediúnico em si, então se transformam nos instrumentos conscientes e disciplinados da revelação da vida oculta.

Mas é preciso convir em que o Alto não fica na dependência exclusiva dos homens imperfeitos para transmitir a sua mensagem salvadora ao mundo físico, pois, quando milhares de homens ou médiuns convocados deixam de transmiti-la a contento, basta um punhado de outros seres conscientes e sublimes intuitivos sintonizados à Mente Divina para compensá-los de modo louvável. Todas as vacilações no intercâmbio mediúnico, as revelações contraditórias, os fracassos de missões espirituais e o retardamento de orientações para a Terra foram compensados regiamente pela presença de um Rama, Hermes, Antúlio, Krishna, Buda, Kardec, Ramakrishna, Maharisi e o Mestre Jesus, os quais restabeleceram as bases indestrutíveis da Verdade Imortal.

PERGUNTA: *– Mesmo os médiuns de "prova" estão assim comprometidos com tarefas elevadas? Como distinguir os que se ligam a compromissos severos com o Alto, daqueles que só resgatam o seu fardo cármico no serviço mediúnico? Os médiuns, em geral, oferecem tão diversas condições morais e variam tanto em sua capacidade intelectual, que dificilmente se poderiam identificar os mais credenciados para um serviço espiritual incomum. Não é verdade?*

RAMATÍS: – O nosso principal escopo nestes relatos é o de ressaltarmos a grande responsabilidade dos médiuns no desempenho de sua tarefa mediúnica, e também exortá-los quanto às suas atividades no mundo terreno. Já vos temos lembrado que o médium é o homem diretamente comprometido com a direção espiritual do planeta para realizar um serviço definido junto à humanidade, e também em favor de sua própria renovação moral superior.

Visto não poder eximir-se de sua obrigação pré-encarnatória, que assumiu no espaço, ele deve apurar o seu caráter, controlar suas emoções e aprimorar o seu intelecto no contato incessante com os valores preciosos da espiritualidade.

Em consequência, não é de muita importância a preocupação de distinguirdes quais os médiuns comprometidos particularmente com os espíritos sublimes, destinados a exercer trabalhos incomuns no mundo físico. O mais certo e proveitoso é que todos às médiuns cultuem dignamente a vida humana e renunciem em definitivo às ilusões do mundo, protegendo-se, assim, contra as perfídias do astral inferior e credenciando-se eletivamente para cumprir na íntegra qualquer mandato sob o comando das falanges angélicas.

PERGUNTA: *– Podeis indicar os principais motivos ou fatos que, em geral, fazem os médiuns negligenciarem seus compromissos de última hora, impossibilitando os seus mentores de ultimarem na matéria o seu programa sideral manifesto depois de um andamento tão dificultoso?*

RAMATÍS: – Os médiuns, em sua maioria, e antes de se encarnarem na Terra, prometeram cumprir à risca determinados programas com objetivos espirituais, que lhes expuseram no Além, com o fito de influírem algumas criaturas para a sua renovação crística. Entretanto, à última hora, grande parte negligencia ou foge do seu compromisso espiritual, enquanto outra vive de modo tão equívoco, que se torna impermeável à receptividade dos seus elevados mentores. Em geral, eles se deixam influir pelos espíritos maquiavélicos das sombras, que tudo fazem para interceptar as mensagens nobres do Alto e operam contra os objetivos sadios da vida crística.

Às vezes, após incessante assistência cotidiana e benfeitora do guia junto ao seu médium, incentivando-o para que participe de certo trabalho mediúnico com o fito de abalar as convicções errôneas de algumas criaturas, eis que ele desiste de sua tarefa mediúnica da noite, preferindo realizar a visita trivial, demorar-se no repasto glutônico, prender-se à prosa fútil ou entregar-se à aventura pecaminosa.

Como o êxito do intercâmbio mediúnico superior depende muitíssimo do estado vibratório do espírito do médium, isso só é conseguido quando ele se devota a

uma vida sadia de corpo e de alma, a fim de manter-se pronto, a qualquer momento, para a convocação do serviço espiritual. Mas, às vezes, o médium apresenta-se para cumprir o seu dever mediúnico só depois que abandona as mesas opíparas, com o estômago e os intestinos forrados pelos miasmas da carne regada a álcool, mal podendo dissimular as erutações da fermentação hostil produzida pela digestação descontrolada.

Quando não é assim, ele gasta os derradeiros minutos que o separam do serviço mediúnico no humorismo vil das palestras fesceninas e do anedotário indecente, cujos assuntos alicerçam-se despudoradamente sobre a figura da mulher. Então apresenta-se para cumprir a tarefa junto à "mesa espírita", com os fluidos corrompidos, malgrado o esforço profilático dos seus guias para o sanearem das impurezas comuns. Afora de tudo isso, ainda existem os médiuns que buscam a concentração mediúnica depois de violenta discussão conjugal ou da altercação insultuosa com o vizinho teimoso. Enfraquece-se ainda a prática da mediunidade naqueles que destrambelham os seus nervos com emoções tolas junto ao carteado clandestino, pela avidez de ganho na aposta imprudente ou então pela paixão fanática com que comenta colericamente os lances duvidosos do seu clube de futebol em competição infeliz.

Assim, louváveis empreendimentos programados no espaço, com o fito de esclarecer a humanidade terrena, ficam na dependência exclusiva dos médiuns invigilantes e indiferentes, que deixam de aproveitar integralmente o "acréscimo" da mediunidade concedida generosamente para a sua própria redenção espiritual.

PERGUNTA: *– Como se caracteriza o médium adequado e digno de exercer o intercâmbio com os espíritos superiores?*

RAMATÍS: – O médium já caracterizado definitivamente pela eclosão de sua faculdade mediúnica, e que pode ser convocado para o serviço ativo do Bem, é algo semelhante ao mensageiro enviado a ruidosa cidade repleta de vícios e ilusões perigosas, onde ele deve estagiar para divulgar a mensagem sublime dos seus maiorais. Ele tem o direito de trocar a sua veste empoeirada pelo traje limpo, usufruir da alimentação justa, do sono reparador e permanecer junto dos seus entes queridos. Entretanto, comprometeu-se a evitar qualquer contato vicioso e indigno, que possa enodoar o serviço superior e trair a confiança daqueles que o credenciaram para a consecução dos objetivos benfeitores.

No seu contrato espiritual, o médium obrigou-se a repelir qualquer empreendimento capaz de subverter-lhe a sensibilidade mediúnica ou afetar-lhe o caráter espiritual, tais como as aventuras condenáveis, onde a malícia, o desrespeito, a paixão desregrada ou o vício deletério terminam atrofiando as

mentes levianas e indisciplinadas. Ele deve ser o esposo digno, o pai amoroso, o cidadão honesto, o filho generoso, assim como o amigo fiel para os que o aceitam no círculo de suas amizades, ou o homem tolerante e benevolente para com os seus adversos.

Embora não despreze os viciados e os infelizes que tombam sob o guante das paixões pecaminosas, não deve pactuar com o vício e a corrupção. Jesus afagava os pecadores, mas de modo algum ele condescendia com o vício e as impurezas do mundo. Amava os homens, mesmo quando eram pervertidos ou débeis de espírito, mas não se associava às suas tramas desonestas nem admitia os seus desregramentos morais.

O médium, como espírito que aceitou espontaneamente a tarefa de servir aos encarnados, precisa evitar as práticas viciosas que lhe agravam o carma pretérito, para usufruir da aura benfeitora que se nutre só dos fluidos sadios dos pensamentos regrados e dos sentimentos benevolentes. Embora ele seja também um espírito encarnado atuando no seio turbilhonante da vida física e, assim, participando dos ambientes de infelicidade e dos sofrimentos humanos, ainda cumpre-lhe o dever de orientar o próximo por entre o cipoal contraditório da vida humana, ofertando-lhe os ensinamentos confortadores que recebe dos seus amigos desencarnados. Mas, sem dúvida, não deve olvidar que, acima de toda a sua obrigação mediúnica, ainda precisa cuidar carinhosamente de sua própria redenção espiritual.

Se ainda existe um contato proveitoso das altas esferas com a humanidade encarnada, isso se deve muito mais ao heroísmo dos espíritos bondosos, que abdicam do seu ambiente paradisíaco para socorrerem seus irmãos ainda comprometidos com a carne, do que ao trabalho dos médiuns existentes na Terra.

PERGUNTA: *– Essas frustrações muito comuns no intercâmbio dos espíritos benfeitores para com a Terra só ocorre com os chamados "médiuns de prova", ou também poderão ocorrer entre aqueles cuja mediunidade é o fruto de sua evolução espiritual?*

RAMATÍS: – Conforme já frisamos anteriormente, há grande distinção entre a mediunidade de "prova" e a mediunidade "natural", em que esta última é faculdade espontânea e intrínseca do espírito já sublimado, isto é, uma decorrência ou corolário do seu próprio grau espiritual. Aquele que usufrui da Intuição Pura, como percepção angélica, fruto abençoado dos milênios de sacrifícios, renúncia e renovação moral na escalonada espiritual, põe-se facilmente em contato com a consciência crística do Criador, pois já vive em sua intimidade o estado de Paz e euforia das almas santificadas.

Não pode ele sofrer alterações que o contradigam espiritualmente na sua faixa vibratória já alcançada; é imune às influências menos dignas, pois não vibra com as modulações inferiores dos vícios, das paixões ou das seduções da matéria. Ele não se dissintoniza com o comando angélico do orbe. Sua alma filtra os pensamentos e as revelações angélicas, assim como a lâmina diamantífera fulge à luz suave do Sol, sem se ofuscar o seu brilho natural.

O médium natural não exige que os altos dignitários da Vida Oculta desçam vibratoriamente até à sua organização humana para efetuar o serviço mediúnico, uma vez que ele se encontra ligado permanentemente à fonte angélica e representa na Terra o seu prolongamento vivo. É o cidadão sideral que desceu de sua moradia sublime, mas sem se desligar do plano Divino, cuja mente vibra sempre à distância de qualquer pensamento ou resíduo moral menos digno. Buscando-vos algum exemplo esclarecedor, diríamos que o médium em prova é a lâmpada de vidro colorido, que dá à luz que ele filtra a cor de que também é constituída, enquanto o médium natural, como um foco luminoso cristalino, irradia sempre a luz em sua pureza original.

Como não há retrogradação na intimidade do espírito, o médium natural nunca apresenta contradições em sua mediunidade, a qual é somente a emanação de sua própria graduação espiritual. A faculdade mediúnica é intrínseca à sua própria índole superior, não podendo poluir-se com as imperfeições do meio em que vive, porque também não há decadência em seu nível superior já consolidado. Em consequência, ele não pode causar nenhuma decepção às almas que o inspiram pela “via-interior” e o induzem a elevar o seu padrão espiritual do mundo físico.

Ele jamais precisa ser atuado para agir corretamente, uma vez que permanece continuamente ligado ao pensamento crístico da vida sublime, e a qualquer momento constitui-se na sentinela avançada do Alto sobre a Terra. Quando ele pensa, deseja e age, ainda reproduz vivamente o alto grau da mensagem angélica porque, sendo íntegro no trato evangélico com todos os seres, em seus atos reflete sempre a vontade definitiva do Criador. Assim o foram Francisco de Assis, Antônio de Pádua, Krishna, Tereza de Jesus, Pitágoras, Buda, Jesus e muitos outros anônimos que o mundo desconhece, pela sua grande renúncia e humildade.

PERGUNTA: *– Os médiuns que negligenciam com esses compromissos espirituais deverão sofrer severamente, depois de desencarnados, as penas impostas pelo Tribunal Divino?*

RAMATÍS: – Desnecessário é vos dizer que o sofrimento dos médiuns que não cumprem o seu mandato espiritual dignamente na Terra – e que eles mesmos requereram para a sua própria redenção bem antes de se reencarnarem, não é

imposto à semelhança dos julgamentos da justiça humana. Embora não lhes seja aplicado deliberadamente nenhum castigo determinado pelas autoridades sidéreas, as suas condições vibratórias demasiadamente confrangedoras e o remorso cruciante, devido ao desrespeito à confiança angélica, são suficientes para vergastar-lhes a consciência e maltratar-lhes a alma angustiada.

Depois que despertam no Além e reconhecem, à luz meridiana de sua consciência espiritual, os enormes prejuízos que causaram na consecução do elevado programa organizado pelos espíritos benfeitores, os médiuns delinquentes se tornam ainda mais infelizes, verificando a necessidade de recomeçar novamente a mesma tarefa na Terra, não só em piores condições como ainda deserdados do endosso angélico de que abusaram negligentemente. E como ainda é extensa a fila dos espíritos desencarnados aguardando novos corpos físicos para uma reabilitação espiritual que lhes amaine as dores perispirituais e lhes olvide o remorso das vidas pregressas mal vividas, esses médiuns perdulários e faltosos terão de permanecer muitos anos no mundo astral, a meditar nas suas desditas e sofrer o efeito de suas mazelas íntimas.

9. A EXTENSÃO E PROFUNDIDADE DAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

PERGUNTA: *– Por que motivo é impossível aos desencarnados descreverem pelos médiuns, com toda exatidão, a realidade do Além? Isso nos ajudaria muitíssimo a eliminar definitivamente as dúvidas bastante comuns que ainda existem em todos os gêneros de trabalhos mediúnicos e terminaria por nos dar uma só concepção coletiva da vida imortal. Que dizeis?*

RAMATÍS: – É muito difícil para os encarnados que ainda vivem no mundo da terceira dimensão, compreender com absoluta clareza os fenômenos e as manifestações que se processam do "lado de cá", cujo plano é regido por dimensões sem apoio entendível na física humana. Acresce, ainda, que os estados vibratórios vividos pelos desencarnados superam qualquer concepção dinâmica de velocidade concebida pelos terrícolas.

As nossas comunicações para o mundo físico, como o fazemos neste momento, são transmitidas através do cérebro perispiritual do médium em que atuamos, e não diretamente sobre o seu cérebro físico. O nosso médium, por exemplo, a fim de tornar coerentes os nossos relatos do Além, mobiliza todos os seus esforços de memorização espiritual, na tentativa de evocar as lembranças dos seus estágios já vividos no mundo astral, durante os períodos em que se manteve desencarnado nos intervalos de suas anteriores encarnações.

Ele materializa-nos os pensamentos por meio dos sinais gráficos da escrita à medida que o inspiramos, e procura relacioná-los com as imagens e conhecimentos já armazenados no seu subconsciente durante as vezes em que se manteve fora do corpo físico. O que lhe ditamos mentalmente, ele escreve como se viesse buscar o assunto no limiar dos dois mundos, para depois dar-lhe o retoque e o ajuste necessários à compreensão na linguagem humana. Como não desfrutamos presentemente do cérebro físico que nos serviu na última existência física que tivemos na Indo-China, só podemos atuar no perispírito do médium, porém sem intervir diretamente no seu cérebro material. Isso só o poderíamos fazer se ele fosse um médium completamente sonambúlico, porque, então, a sua faculdade nos permitiria agir diretamente sobre seu sistema cérebro-espinhal em combinação com o conjunto de gânglios nervosos.

Em consequência, ele se vê obrigado a recepcionar apenas “metade” da realidade espiritual do nosso mundo. Cabe-lhe, depois, compensar a outra metade com as sugestões e as imagens terrenas que lhe são conhecidas, ajustando-as de modo comparativo ao que pressupõe ser a fenomenologia astral.

Esse é um dos motivos por que a maioria dos médiuns não consegue fazer uma descrição exata do Além, na conformidade do que lhes é ditado pelos espíritos desencarnados. Durante a comunicação mediúnica ocorre forte abaixamento vibratório das entidades comunicantes, devido ao seu grande esforço em direção à matéria, e a fim de exporem com o melhor êxito possível os fenômenos do mundo oculto. É óbvio que essa redução vibratória só pode ocorrer com os espíritos superiores, pois os desencarnados imperfeitos, ou malévolos, por vezes ainda vibram em frequência mais inferior do que os próprios médiuns.

PERGUNTA: *– Porventura não poderíeis contornar essa dificuldade no intercâmbio mediúnico, deslocando o vosso médium mais para o interior do mundo astral, isto é, atraindo-o para mais próximo da realidade em que viveis?*

RAMATÍS: – Algumas vezes o atraímos para o “lado de cá”, e já o fizemos com êxito. Mas acontece que a faculdade do nosso médium atual é mais do tipo intuitivo; às vezes é algo de sua inspiração emotiva, em sintonia com a inspiração intelectiva, o que o faz melhor pressentir o fenômeno da comunicação do que mesmo “ouvir” a voz imaterial dos espíritos. É mediunidade que só evolui em concomitância com a evolução moral e intelectual do próprio médium, proporcionando-lhe, pouco a pouco, a visão panorâmica cada vez mais profunda das coisas imateriais. Sendo o homem espírito imortal, quanto mais se expande a centelha espiritual que há na intimidade do seu ser, ele também abrange maior área da realidade do próprio Criador. O apuro moral do espírito faculta-lhe uma participação mais intensa na vida oculta, enquanto o seu aprimoramento mental lhe permite julgar com eficiência e exatidão aquilo que proveitosamente lhe facilita o poder do sentimento cristificado.

Embora o médium de que nos servimos não veja nem ouça os assuntos que estamos lhe comunicando, ele os sente profundamente em sua própria intimidade perispiritual. Depois os reúne, à força de sua inspiração intelectiva, e coordena a exposição para o mundo exterior. Certas vezes não consegue ajustar em tempo os vocábulos exatos para exprimir corretamente o nosso pensamento e identificar com precisão algumas das idéias que lhe projetamos no cérebro perispiritual. Então ele se socorre celeremente do vocabulário que tiver mais visível à tona de sua mente, embora essa interpolação provisória ainda não esclareça fielmente o que escreve.

Se no momento da nossa comunicação ele demorar em rebuscar palavras ou termos que definam com absoluta exatidão aquilo que recepciona de nós, poderá interromper o fluxo da inspiração sobre si e perder o tema essencial da mensagem em foco. Mais tarde, revendo o trabalho psicografado, e novamente sob a nossa inspiração, pois pretendemos o melhor possível, o médium é então intuído para substituir palavras ou mesmo frases que possa ter grafado sem guardar a fidelidade da idéia que lhe foi transmitida do espaço. E quanto mais ele revir e corrigir o fruto de nossa mútua colaboração, também há de se aproximar mais fielmente do conteúdo exato que elaboramos em favor dos nossos leitores.

Em face da diversidade vibratória existente entre os dois planos, material e astral, atuamos no médium bastante deslocados do elemento fluídico que nos é familiar e natural, obrigando-nos isso a operar sob as leis opressivas do mundo físico. Há quase um milênio desencarnamos na Indo-China e, devido a esse demorado afastamento da crosta terráquea, tudo nos parece rude e estranho quando devemos penetrar novamente no seu campo magnético, a fim de poder atuar entre as coisas e os seres do mundo físico. Esse magnetismo denso age de modo nocivo em nossa organização perispiritual, que já se encontra mais condicionada às energias livres do "lado de cá". Mesmo no vosso mundo físico, se alguém se afastasse da Terra para viver longo tempo exclusivamente na estratosfera, habituando-se definitivamente ao oxigênio rarefeito, encontraria imensas dificuldades para se adaptar à sua antiga respiração comum, assim que resolvesse retornar ao solo terráqueo.

Deste modo, temos de baixar até o nível da compreensão e percepção do médium em que estamos atuando, que é ainda um espírito encarnado e de temperamento mais sensível às formas do mundo físico. Durante o tempo em que operamos sobre os médiuns, distanciamo-nos bastante do comando das leis que regem o campo vibratório sutilíssimo do mundo astral onde vivemos normalmente, e submetemo-nos docilmente à ação das leis comuns que regem os fenômenos fisioquímicos da Terra.

Mesmo quando analisamos os diversos fenômenos inerentes à Terra, podemos verificar a grande diferença que também se manifesta na regência das leis que disciplinam as relações humanas e os diversos estágios físicos da matéria. Assim os movimentos desembaraçados, que o homem empreende ao ar livre da superfície terrena, são tolhidos logo que ele penetra no selo das águas, onde é obrigado a mobilizar recursos diferentes para não sucumbir pelo afogamento.

PERGUNTA: *– Como tem ocorrido em várias experiências de hipnotismo a que temos assistido, em que o hipnotizador consegue comandar a mente do "sujet"*

em transe, também não poderíeis, porventura, servir-vos com mais fidelidade do vosso médium, se o submetêsseis a forte hipnose?

RAMATÍS: – Essa hipnose, anulando a vontade do médium, seria flagrante violação de nossa parte, pois somente os espíritos maquiavélicos, obsessores ou entidades inescrupulosas é que não hesitam em agir hipnoticamente sobre as criaturas encarnadas ou desencarnadas, quando desejam transformá-las em seus prolongamentos vivos para as satisfações mais torpes. Não nos é permitido violar a mente de quem quer que seja, embora essa intervenção possa favorecer o êxito de nossas comunicações com os encarnados. Os médiuns também estão situados num plano de trabalho coletivo organizado por outros espíritos benfeitores e responsáveis pela sua evolução, que os ajudam a desenvolver a consciência espiritual, quais jardineiros divinos que acompanham o crescimento da flor a desabrochar normalmente, em vez de debilitá-la na vigência de uma vida prematura.

Se o médium que nos serve neste momento fosse escolhido no espaço para a transmissão fidelíssima do nosso pensamento, é fora de dúvida que teria de ser completamente sonambúlico. Mas ele é portador da mediunidade intuitiva, e raras vezes revela-se um semi-mecânico. Demais, o plano espiritual que desenvolvemos através dele, para o mundo físico, foi baseado numa execução por intermédio da faculdade de intuição.

Mesmo que intentássemos a hipnose do médium, apenas nos apossaríamos de sua bagagem semiconsciente, ou de sua memória acumulada, pregressa, enquanto teríamos que enfrentar-lhe os automatismos instintivos e as suas estratificações psicológicas, como ainda é muito comum nas práticas hipnóticas. Não nos conviria forçá-lo a regredir em sua memória do passado, quando o nosso principal objetivo é mantê-lo desperto para vos transferir a mensagem mais importante do presente, que poderá servir a determinadas pessoas para melhor orientação educacional do seu espírito. Não há dúvida de que uma atuação tenaz e persistente sobre os encarnados débeis de vontade e ainda situados nos ambientes desregrados, torna-se em sucesso futuro e culmina em completa hipnose. Mas, como já vos informamos, isso é mais próprio dos espíritos delinquentes, que sorrateiramente enfraquecem as defesas espirituais de suas vítimas até lograrem dominá-las como seus instrumentos vivos de degradação, na matéria.

PERGUNTA: *– Mas, tratando-se de uma tarefa benfeitora, não vos seria bem melhor alcançar o êxito almejado pelo Alto através de um médium que, embora sob hipnose do Além, fluísse passivamente as idéias superiores, em vez de enfrentar-lhe a vontade e sua desconfiança?*

RAMATÍS: – Preferimos enfrentar a vontade e a mente do médium, mesmo quando certas vezes ele nutre desconfiança sobre os nossos relatos, supondo-os fruto de sua própria elucubração mental. Como ele não consegue identificar com absoluta certeza o fenômeno insólito de que participa conosco quase em estado de vigília, é razoável que algumas vezes restrinja a nossa influência comunicativa, supondo que se trata de sua própria intervenção anímica. Quando ditamos estas mensagens também precisamos transpor cuidadosamente a barreira firmada pela sua prevenção psicológica e os demais condicionamentos naturais de sua existência humana.

Assim que o assunto em foco transcende os seus conhecimentos, ele nos opõe maior resistência mediúnica, porque ainda desconhece o que lhe intuímos. Doutra feita, quando nos defrontamos com obstáculos ainda mais graníticos, então procuramos nos socorrer da faculdade semimecânica de nosso médium, como no caso das considerações que lhe são adversas ou estranhas.

PERGUNTA: *– Desde que sois contrário à hipnose mediúnica, para melhor aproveitamento do médium, quais as providências ou os recursos que podeis adotar para o êxito psicográfico de vossas mensagens?*

RAMATÍS: – Muitas vezes o êxito de nossas comunicações mediúnicas depende de prepararmos o médium durante o sono, à distância do seu corpo e quando pode ser submetido a certo tratamento técnico pelos magnetizadores do “lado de cá”, que assim acentuam-lhe a sua receptividade mediúnica e a dinâmica psicográfica. Em noites mais tranquilas, levamo-lo para junto das principais cenas e doutrinamo-lo sobre os assuntos que no dia seguinte ele deverá psicografar por nosso intermédio. Essas providências muito ajudam a avivar-lhe o conteúdo das comunicações posteriores, e que ele recebe durante a sua saída em corpo astral.

Aliás essas dificuldades estão previstas por todos os espíritos conscientes de suas tarefas junto aos encarnados no serviço de esclarecimento fraterno, e que precisam servir-se de médiuns intuitivos ou semimecânicos, cuja vontade eles não pretendem violentar, assim como o fazem os espíritos levianos e cruéis.

Embora existam múltiplas faculdades mediúnicas, que se agrupam sob a denominação de intuitivas, mecânicas, sonambúlicas, incorporativas, videntes, de fenômenos físicos ou terapêuticas, em que umas são mais nítidas e favoráveis, outras mais intelectivas e objetivas, o certo é que assim mesmo não “falamos” nem “escrevemos” por intermédio de simples autômatos de carne. Os médiuns, na verdade, são organizações vivas e senhores de sua memória estruturada nos milênios findos, cujas concepções particulares variam tanto sobre o plano físico, quanto a respeito do mundo invisível.

Em nossas almas sempre se impõe um certo atavismo intelectual, hábito filosófico ou cristalização psicológica do passado que, embora nos distinga particularmente entre os demais seres, é bagagem que nos obriga a encarar os assuntos “novos” sob os “velhos” moldes que nos têm sido tão familiares. Esse condicionamento pregresso dos médiuns transforma-se então em fortes barreiras difíceis de ser removidas pelos espíritos comunicantes. E só os espíritos persistentes e estóicos, após cuidadoso trabalho de adaptação por longo tempo, junto aos seus medianeiros, é que realmente logram o sucesso desejado.

PERGUNTA: *– E, apesar desses obstáculos e dificuldades que nos relatais, ainda achais conveniente o prosseguimento das comunicações mediúnicas entre os encarnados e os desencarnados, embora não se possa lograr grande sucesso?*

RAMATÍS: – Não vos esqueçais de que estamos nos referindo, em particular, à costumeira negligência e à desconfiança com que os encarnados costumam receber as notícias do Além por via-mediúnica. Embora ainda existam muitas dificuldades e ocorram fracassos no intercâmbio mediúnico, os espíritos laboriosos e benfeitores sempre têm conseguido razoável êxito para com os objetivos traçados previamente pelo Alto. Em geral, todos os obstáculos mediúnicos, no serviço de comunicação espiritual, são consequências já previstas e avaliadas pela Técnica Sideral.

Dentro da ética e da responsabilidade com que os espíritos benfeitores aceitam aqui no espaço as suas missões salvacionistas, os resultados conseguidos posteriormente sempre lhes compensam o esforço heróico em favor dos encarnados. Os médiuns estudiosos da doutrina espírita e devotados à prática dos ensinamentos evangélicos do Cristo logram animar esses êxitos do espaço quando, pela sua conduta digna e seu devotamento ao Bem, conseguem transferir proveitosamente para a Terra as mensagens que descem das altas esferas para a humanidade imperfeita.

PERGUNTA: *– Como nos tendes feito ver que existem muitas dificuldades para os espíritos superiores entrarem em contato direto com os médiuns, poderíeis nos informar se eles também defrontam com os mesmos tropeços quando procuram inspirar o homem comum que não se encontra em prova mediúnica?*

RAMATÍS: – Não é o fato de os espíritos superiores inspirarem os homens o que lhes causa dificuldades; os homens é que são difíceis de ser inspirados! Só muito raramente eles não vivem algemados exclusivamente aos seus interesses imediatos no mundo físico. Em geral, eles sofrem a atuação hipnótica dos fluidos densos produzidos pela sua própria esfera mental e que

os ligam familiarmente às baixas camadas do astral inferior. Os espíritos benfeitores envidam hercúleos esforços para despertar os seus pupilos através da sugestão mental ou influir-lhes no coração, a fim de os afastar da fascinação mórbida exercida pelas paixões e pelos tesouros efêmeros do mundo material. Isto posto, como poderão eles atravessar o “cartucho” de fluidos densos, plúmbeos e pegajosos que comumente se emborca sobre as criaturas sedentas de sensações inferiores?

Em sua maioria, os homens passam pelas ruas das cidades metidos nas suas auras ovóides constituídas pelo baixo eterismo animal da Terra, como se fossem pitorescos carregadores de barracas confeccionadas com fluidos cinzentos e oleosos. Alguns destacam-se pelos tons lamacentos e arroxeados das manchas extensas que lhes fulgem sombriamente sobre a aura nevoenta, a trair-lhes o desejo sexual subvertido; noutros é a cor escarlate chamejante, identificando-lhes o ódio que ainda nutrem contra prováveis adversários da vida em comum. No manto de fluidos densos que os envolve como a cerração opaca das manhãs frias coleando sobre a superfície do rio lodoso, pintalgam e atiçam-se os fragmentos coloridos de todos os tons inimagináveis!

São as tonalidades que marcam os bons e os maus pensamentos, os desejos impuros ou os sentimentos altruístas. Algumas cores clareiam sob as idéias benevolentes; outras enodoam-se no fluido pegajoso que se exsuda da efervescência do instinto animal, revelando aos desencarnados o caráter dos homens. Os espíritos gozadores seguem no encalço daqueles que ainda são usinas vivas dos maus fluidos e alimentam-lhes voluptuosamente as piores intenções, projetando os quadros mais sensuais na mente deseducada. Sugerem as aventuras condenáveis e estimulam o ódio, a violência, a cupidez, a desonestidade ou a vingança; exaltam o orgulho, ativam o amor próprio ferido ou subvertem a consciência no julgamento das intenções mais inofensivas e dos gestos mais inocentes do próximo.

Nesse turbilhão ruidoso e heterogêneo das metrópoles da Terra, em que, devido ao estado primário evolutivo de sua humanidade, predominam em sua superfície as contendas políticas, as guerras fratricidas, as competições comerciais, a cupidez de posse ou o desejo animal, forma-se o manto vigoroso e denso dos fluidos nocivos exalados prodigamente pelo astral inferior. E o orbe é envolto por uma aura suja e oleosa, no seio de cuja cerração astral as almas benfeitoras movem-se dificultosamente para abrir clareiras de luz aos terrícolas ainda entontecidos pelas paixões carnais.

Mas, em face de o Espírito de Deus palpitar na intimidade de todas as coisas e seres de Sua Criação, também no seio das paixões mais nocivas e entre as dores mais acerbas permanece a Luz Sublime em contínua expansão centrífuga e transfusão angélica. No futuro, a Terra também será vestida com

uma aura refulgente, divina cabeleira de luz a substituir-lhe o manto de fluidos densos e tristes do presente.

Eis porque é suficiente a atuação de um punhado de anjos que permanecem servindo ao mundo físico, quais falenas irisadas de luz munificente, para então neutralizar a ação deletéria de milhares de espíritos diabólicos, desintegrando pelos fótons siderais, os lençóis microbianos do astral inferior e proporcionando novos ensejos de progresso espiritual ao homem terreno. São essas almas abnegadas a divina esperança do Alto para firmar na matéria os fundamentos da nova humanidade, pois elas vivem em todas as camadas e operam no seio de todo labor humano. Despertam consciências perturbadas, orientam vontades débeis, higienizam os ambientes enfermos e se constituem no convite incessante para a vida angélica e para o homem libertar-se da escola rude da matéria.

Toda criatura é luminescente centelha espiritual do Criador, abafada pela veste pesada dos fluidos primitivos, mas é sempre também a própria ponte espiritual ligando os abismos da animalidade com as colinas refulgentes da angelitude. Sem dúvida, enquanto a alma ainda vive mergulhada no mar de fluidos asfixiantes da vida inferior, ela ainda exige os mais heróicos esforços das entidades sublimes, que tanto desejam intuí-la para o Bem, como ajudá-la a libertar-se o mais cedo possível do jugo satânico simbolizado pelas paixões animais.

10. O MÉDIUM ANÍMICO-MEDIÚNICO

E O INTUITIVO

PERGUNTA: *– Qual o tipo de médium cujo espírito se afasta do corpo físico e o deixa em completo transe mediúnico? É o sonambúlico?*

RAMATÍS: – Conforme já vos temos esclarecido, dificilmente existe absoluta similaridade de técnica ou a mesma exatidão no exercício da mediunidade, entre um médium e outro, quer seja ele intuitivo, incorporativo ou de efeitos físicos. O fato de o espírito abandonar o corpo carnal do médium não implica em classificá-lo, de imediato, como um sonâmbulo, na acepção da palavra com que se costuma denominar o intermediário inconsciente entre os desencarnados e os encarnados. Assim, existe o médium de incorporação, sonâmbulo e inconsciente, cujo espírito se afasta do seu organismo físico, enquanto outro desencarnado fala ou escreve diretamente por ele, senhor absoluto da casa alheia. Há, também, o medianeiro que abandona o seu corpo e não o cede a ninguém. Ele mesmo é quem toma conhecimento dos fenômenos do mundo astral e depois os relata convicto de que esteve sob a incorporação ou influências de um desencarnado.

Daí existir o médium que ao mesmo tempo é anímico e mediúnico, cujo espírito se afasta do seu organismo material e, em liberdade, participa dos fenômenos do mundo oculto, entrando em relação com os espíritos desencarnados e mesmo os encarnados. Trata-se de faculdade facilmente confundível com a do médium sonâmbulo ou de incorporação total, em que o espírito e o perispírito também deixam o seu corpo físico durante o transe mediúnico, enquanto os desencarnados podem se manifestar por ele revelando todas as suas características pessoais e cuja comunicação se processa sem o conhecimento do seu intermediário.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos esclarecer melhor sobre esse tipo de médium, que ao mesmo tempo é anímico e mediúnico, conforme no-lo dissestes?*

RAMATÍS: – Trata-se de um médium cujo espírito e perispírito, tal como no caso do incorporativo, também se afastam do corpo carnal durante o sono hipnótico ou por qualquer acontecimento emocional incomum, ficando preso unicamente pelo cordão fluídico ou ectoplásmico da terminologia espírita, mais conhecido como o “cordão prateado” dos esoteristas, rosa-cruzes e yogas.

Embora sem as características do incorporativo, esse tipo de médium, enquanto dorme, pode ausentar-se facilmente do seu organismo físico e até manifestar-se a longa distância, em cuja liberdade astral às vezes emerge a sua memória etérica do passado, e ele passa a descrever cenas e fatos de suas vidas precedentes, embora os confunda por vezes com acontecimentos próprios de sua atual existência. Atuado pela influência regressiva da memória sideral, o médium anímico-mediúnico pode reassumir nas sessões espíritas a sua própria personalidade vivida na existência anterior, crente de que é agora um espírito desencarnado em comunicação.

Em geral, é criatura facilmente hipnotizável; cede também às sugestões alheias e às vontades mais fortes, entrando rapidamente no transe sonambúlico natural. Durante o transe revela sonhos premonitórios, descreve paisagens distantes e reflete com clareza os acontecimentos submersos ou estratificados na sua memória sideral-etérica. Quando hipnotizado, divulga os mínimos detalhes de suas existências passadas e impregna os seus relatos de fortes emoções que impressionam pelo aspecto comovente.

PERGUNTA: *– Que quereis dizer, em essência, por médium "anímico-mediúnico"? Não entendemos ainda como pode ser o médium anímico e, ao mesmo tempo, mediúnico.*

RAMATÍS: – Assim o denominamos porque não pretendemos situá-lo com exclusividade em qualquer extremo antagônico do mediunismo. Bem sabemos que o anímico puro é um pseudo médium, que não participa de fenômenos psíquicos, mas apenas os imagina, dominado pela auto-sugestão, histeria, automatismo psicológico ou fantasia da mente deseducada, isto é, ele mesmo é o autor exclusivo da comunicação que atribui a um espírito desencarnado. Então preferimos designar o nosso exemplo de anímico-mediúnico porque, embora o indivíduo seja anímico, pois vê e capta no astral os fatos e as idéias que depois reproduz e relata como sendo transmitidos por espíritos desencarnados, é também um tipo mediúnico, uma vez que ele "comunica" pelo seu próprio organismo em "transe", tal como fazem os espíritos pela incorporação no médium sonambúlico.

Essa sensibilidade e, ao mesmo tempo, a destreza com que opera fora do seu corpo, faz do médium anímico-mediúnico um bom "sujet" para a hipnose, porque os seus relatos são vivos, nítidos e impressionantes. Mas como não é sensitivo facilmente encontrável para servir de "sujet" nas experiências hipnóticas, também são raras as hipnoses que oferecem os excelentes aspectos e as comprovações indiscutíveis da regressão da memória perispiritual.

PERGUNTA: *– Poderíamos denominá-lo de médium de transporte?*

RAMATÍS: – Essa denominação não se ajusta ao caso, pois o médium de transporte, ou o médium motor e de translação, citado na terminologia de Allan Kardec, é mais um auxiliar dos espíritos desencarnados para o transporte de objetos, flores, jóias, moedas, tecidos etc. O médium de transporte aproxima-se melhor da categoria dos de fenômenos físicos, pois ele sempre fornece um tanto de ectoplasma para os espíritos operarem a desintegração dos objetos, que depois transportam apenas em seu molde etérico, devendo ser preenchidos novamente com a energia que depois se constitui na matéria. O médium anímico-mediúnico situa-se melhor na categoria dos médiuns de desdobramento ou de bi-locação, que podem exteriorizar o seu "duplo-etérico" a consideráveis distâncias e que, em certos casos oportunos, chegam a ser vistos e ouvidos como se estivessem no seu próprio corpo físico.

PERGUNTA: *– Gostaríamos que nos apontásseis alguns exemplos de pessoas com esse tipo de mediunidade anímica-mediúnica. É possível?*

RAMATÍS: – Antônio de Pádua, o estimado frade português, é um exemplo típico dessa faculdade anímica-mediúnica pois, conforme vos conta a tradição religiosa, ao mesmo tempo em que ele fazia sua prédica na Itália, também fez o seu aparecimento no templo de Lisboa, comprovando a sua faculdade de bi-locação e a capacidade de projetar o seu duplo-etérico a tão longa distância. Felipe, o apóstolo, conforme relata a ***Bíblia***[1] transladou-se para Azot; Dom João Bosco sentia-se deslocado para regiões distantes, e depois relatava suas visões anímico-mediúnicas; Santo Afonso de Liguori mostrava-se simultaneamente em dois lugares diferentes.

1. Nota do Médium: – Atos dos Apóstolos: 8: 39, 40.

PERGUNTA: *– E no caso de o médium ser intuitivo, como se processa o fenômeno anímico?*

RAMATÍS: – A mediunidade intuitiva, cuja manifestação não é mensurável ou palpável à luz dos sentidos físicos, é mais espiritual e menos fisiológica, conforme já dissemos, pois permite ao homem abranger panoramicamente os fenômenos de que o seu espírito participa em todos os sentidos de vida física, mental e espiritual. No entanto, quando nos referimos ao médium intuitivo, como geralmente é classificado pela generalidade dos espíritas, e não ao homem espiritual em essência e senhor absoluto da percepção angélica que o põe em contato constante com o mundo divino, aludimos ao médium que ouve, sente ou recebe o pensamento dos desencarnados, mas o faz de modo consciente.

O espírito desencarnado age diretamente no cérebro perispiritual do médium intuitivo que, depois, transmite as idéias do seu comunicante para o mundo

material, servindo-se do seu próprio vocabulário familiar e vestindo-as com suas expressões peculiares. E assim o médium intuitivo tem pleno conhecimento do que diz ou escreve, sendo esse tipo de mediunidade o mais comum e generalizado entre os homens. Por isso exige a melhor interpretação possível do que é enviado do Além, e não se presta satisfatoriamente para determinação correta da identidade dos espíritos comunicantes, tão exigida pelos pesquisadores de provas, sempre tão desconfiados da realidade imortal. Ela não serve para oferecer os detalhes minuciosos que a família, em seu ceticismo comum, exige do parente desencarnado em comunicação pelo médium de boa-vontade.

Quando o médium intuitivo é ainda inseguro e deficiente, então as comunicações dos desencarnados podem ser reduzidas, deturpadas ou confusas, pois devem passar primeiramente pelo cérebro físico dele, que assim as fiscaliza e as expõe conforme suas posses intelectuais e temperamento psicológico. Em consequência, se o médium intuitivo é excessivamente anímico, as idéias recebidas dos desencarnados fundem-se com as suas idéias próprias ou preconcebidas, influindo também a bagagem do seu subconsciente, que pode ser tomada como sendo uma entidade desencarnada.

Assim, os pensamentos amplos, ou os conceitos filosóficos incondicionais, da vida espiritual, sofrem as restrições acanhadas do médium que os recepciona. Devido ao seu condicionamento particular, ele enquadra tudo o que os espíritos transmitem na moldura do seu intelecto, que é limitado pelas chapas ou lugares comuns da vida humana. Se se tratar de criatura avessa ao estudo e ainda ingenuamente convicta de que basta a “boa intenção” para garantir o êxito de sua tarefa ainda incipiente, não há dúvida de que muitas vezes ela comunicará coisas tolas e ridículas, à conta de mensagens de alto teor espiritual.

PERGUNTA: *– Como poderíamos compreender mais claramente esse condicionamento mediúnico, capaz até de modificar o teor das mensagens dos espíritos comunicantes?*

RAMATÍS: – O médium, em verdade, também é uma personalidade destacada no tempo e no espaço, e não passa de criatura humana restrita ao campo de provas da Terra, que ainda é um planeta de ordem inferior. Desde a infância ele se condiciona ao ambiente em que vive e é educado; sofre então a influência dos seus parentes, amigos, professores, filósofos, cientistas e lideres religiosos, com os quais mantém contato no seu roteiro educativo e que por isso também nele influem psicologicamente. Durante a eclosão e o desenvolvimento da mediunidade, esse médium ainda fica circunscrito à influência dos seus confrades espíritas, que o assistem e o orientam na caminhada vacilante para o seu ajuste sensato aos postulados do espiritismo.

No intercâmbio mediúnico, ele ainda se vê obrigado a cingir-se à psicologia dos desencarnados com os quais se relaciona mais frequentemente e que, por isso, impõem-lhe um certo cunho pessoal. Consequentemente, o intelecto desenvolvido ou tardo do médium intuitivo e as suas concepções amplas ou as premeditações acanhadas, sobre a natureza da vida imortal, hão de influir fortemente nas comunicações dos desencarnados, quer restringindo-lhes, quer ampliando-lhes o curso das idéias projetadas do Além. Não resta dúvida de que o médium consciente sempre emoldura com sua índole psicológica e sua bagagem intelectual o conteúdo do que lhe é comunicado do outro mundo.

PERGUNTA *– Como poderíamos entender melhor essa questão de o médium intuitivo emoldurar o pensamento dos espíritos que se comunicam através dele?*

RAMATÍS: – Ele estigmatiza os comunicados do Além, porque lhes inculca as suas peculiaridades e interpretações pessoais, tornando-os um prolongamento de sua própria personalidade humana. Quando o médium é criatura sentenciosa e sisuda, costuma restringir, nas suas comunicações com os desencarnados, os gracejos ou qualquer laivo de humorismo. Nesse caso, todos os espíritos que baixam por ele são graves, sisudos e conselheiros, malgrado depois de desincorporados sejam criaturas loução, espirituosas e alegres.

Na verdade, é o próprio médium que lhes impõe na filtragem mediúnica esse aspecto seu, todo pessoal, fazendo com que os espíritos comunicantes fiquem limitados a um cunho pesado, severo e tumular, embora sejam portadores doutro temperamento psicológico. Em sentido oposto, quando o médium consciente é criatura otimista e jovial, avessa aos dogmatismos filosóficos ou religiosos, é possível inverter-se o caso acima, pois os mesmos espíritos que, pelo medianeiro sisudo e pesado se mostram exageradamente circunspectos, tornam-se então de bom humor, sem formalismos ou preconceitos doutrinários do mundo material.

PERGUNTA: *– Em face do nosso grande interesse na melhor compreensão da mediunidade intuitiva, ser-vos-ia possível apontar-nos alguns exemplos dessas peculiaridades pessoais que o médium intuitivo termina impondo nas suas comunicações com os espíritos desencarnados?*

RAMATÍS: – Em face de o médium intuitivo, durante as comunicações dos espíritos desencarnados, ser completamente senhor do seu comando mental, acontece que as suas convicções intelectivas, premeditações psicológicas e o seu temperamento emotivo também estigmatizam o que lhe é transmitido do Além. Isso só não acontece quando se trata de elemento muitíssimo

disciplinado no fenômeno mediúnico da intuição e que então é capaz de não interferir mentalmente no pensamento dos seus comunicantes.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos apontar algum exemplo mais concreto, a esse respeito?*

RAMATÍS: – Precisamos vos explicar que em muitos casos as convicções, os preconceitos e as restrições do médium passam a influir nos seus comunicantes. Supondo-se, por exemplo, que determinado médium intuitivo é sistematicamente adverso ou contrário às comunicações de pretos-velhos, caboclos ou silvícolas, convicto absolutamente de que não merece confiança qualquer outra manifestação mediúnica além da dos cânones de sua crença ortodoxa, não resta dúvida de que os seus guias e demais espíritos que por ele se comunicam, embora intimamente pensem o contrário, terão que se ajustar ao paredão granítico de tal condicionamento pessoal. E, por isso, eles também se manifestarão radicalmente contrários às comunicações dessas entidades tão comuns nos terreiros de umbanda, embora algumas delas sejam aceitas junto à mesa espírita, quando guardam as diretrizes dos princípios codificados por Allan Kardec.

No entanto, se o médium é pessoa sem quaisquer preconceitos doutrinários ou religiosos, simpatizante para com todos os esforços espiritualistas que buscam a Verdade tanto quanto ele, não há dúvida de que as mensagens mediúnicas que ele transmitir serão tecidas pelos desencarnados na mesma faixa de sua tolerância e compreensibilidade. Tais médiuns não se mostrarão antagônicos às pitorescas comunicações dos silvícolas, caboclos ou pretos-velhos, mas respeitá-las-ão em seu nível de entendimento e progresso espiritual.

Daí, também, as contradições que surgem flagrantes e comumente na personalidade de um mesmo espírito quando ele passa a se comunicar por intermédio de outros médiuns intuitivos de índole ou cultura diferentes das do seu medianeiro predileto, o que muito surpreende os seus simpatizantes pela multiplicidade de aspectos psicológicos novos que apresenta. Aqui, um espírito que é tolerante, inimigo figadal de quizílias ou questiúnculas religiosas, habituado a comunicar-se através de médium também tolerante, quando se serve de um sensitivo intransigente revela-se ferrenho defensor da ortodoxia espírita, e só lisonjeia os postulados que lhe são simpáticos; ali, o guia jovial, destro no jogo de palavras e sempre afeito ao humorismo sadio, quando se comunica por um outro médium tradicionalmente carrancudo e conceituoso, trai o seu costumeiro cunho pessoal de sã alegria, para se manifestar severo e rígido; acolá, o espírito reconhecidamente fraterno, cortês e serviçal, assim que expõe o seu pensamento por outro intérprete intuitivo e rude, manifesta-se arrogante e seco, censurando gravemente os pecadilhos humanos dos seus ouvintes.

Não é difícil verificar-se que, de conformidade com a estrutura psicológica de muitos médiuns intuitivos, assim também se apresentam habitualmente os espíritos comunicantes. E quando algum desses espíritos consegue comunicar-se por algum médium incorporativo inconsciente ou por um intuitivo absolutamente neutro a qualquer interferência anímica, só então pode ser identificado fielmente na sua verdadeira individualidade, revelando-se, por vezes, de temperamento emotivo e formação mental até oposta à habitualmente revelada por outro médium.

PERGUNTA: *– Desde que nas comunicações intuitivas sempre predomina a bagagem ou o condicionamento intelectual e psicológico dos médiuns, sobrepondo-se à própria individualidade do espírito manifestante, não seria bem melhor dispensarmos as sessões mediúnicas e tratarmos diretamente com o médium intuitivo em vigília? Assim poderíamos identificar suas convicções pessoais e capacidade espiritual, para só depois aceitarmos suas orientações ou conclusões doutrinárias. Será mais sensato suportá-lo à mesa espírita, em travesti mediúnico, embora não possa transmitir integralmente o que lhe revela o seu comunicante e só nos ofereça o que é exclusivo de sua lavra pessoal? Devemos acatá-lo só porque no término de sua preleção ele pronuncia o nome de um espírito desencarnado?*

RAMATÍS: – Há no mundo um bom provérbio que assim reza: “Nem tanto à terra, nem tanto ao mar”. Aliás, é o que também vos recomendamos no caso das comunicações espirituais pelos médiuns intuitivos. Em nossas considerações mediúnicas endereçadas aos encarnados, adeptos ou médiuns do espiritismo, temos sempre por principal objetivo aconselhar-lhes o estudo da doutrina espírita e o aprimoramento moral. Entretanto, acima de tudo o médium intuitivo, sonâmbulo ou fenomênico deve desenvolver o seu sentimento universalista, para extinguir todas as premeditações e restrições com que desfavorece o trabalho dos outros credos e experimentações mediúnicas dos demais seres. Só então poderá lograr o mais sadio aproveitamento de sua faculdade, atraindo para junto de si as entidades completamente libertas de preconceitos ou premeditações tão ao gosto dos homens ortodoxos.

Se o médium consciente e excessivamente anímico no intercâmbio com o Além ainda for rígido em sua crença, indiferente ou avesso à cultura espiritualista e aos experimentos psíquicos superiores alheios, não há dúvida de que os espíritos comunicantes sentir-se-ão tolhidos em transmitir-lhe idéias mais amplas ou expor por ele qualquer assunto de importância. E, por isso, apenas poderão “lembrar” ao médium ou sugerir-lhe um tema que possa expor em público com os seus próprios recursos acanhados. Assim sendo, ele nada mais poderá oferecer ao público espírita do que uma peça de sua própria lavra, cujo conteúdo será tão valioso quanto sejam a sua capacidade intelectiva e conhecimentos espirituais. Nestes casos o guia mal consegue intuir o médium

sobre o assunto que deve ser tratado na manifestação mediúnica, e dificilmente consegue interferir para ajustar ou tirar conclusões lógicas do que ele diz. A imaginação exaltada, o animismo em demasia ou a bagagem psíquica medíocre, acumulada preguiçosamente no decurso da vida material, tornam o médium um elemento quase nulo para elevar o quociente mental e espiritual dos seus ouvintes.

Mas se o médium anímico amplia a sua bagagem intelectual e se dedica ao estudo incessante das obras mestras da espiritualidade, buscando o seu afinamento moral e espiritual em todos os ensejos educativos da vida e das relações humanas, ele não demora em se sobrepor ao seu automatismo psicológico e a governar os excessos de imaginação que perturbam a fidelidade das mensagens mediúnicas. E caso ele ainda seja de propensão amorosa e universalista, a sua mente, qual tela panorâmica, há de abranger paisagens mais amplas e libertar as comunicações dos desencarnados dos condicionamentos particulares.

Sabeis que os espíritos benfeitores não impõem a sua vontade nem violam o sagrado direito do comando mental dos encarnados, pois respeitam-lhes até a teimosia de resistir aos impulsos do Bem. Em consequência, eles também suportam os condicionamentos prejudiciais ou sectaristas dos seus médiuns, embora perseverem em dar-lhes conselhos incessantes para que se aperfeiçoem e investiguem na intimidade da alma os preconceitos e as barreiras que impedem a fluência exata das comunicações dos desencarnados.

PERGUNTA: *– Considerando que as idéias dos desencarnados tanto divergem na sua transmissão mediúnica para a matéria, como também variam de conformidade com o grau intelectual ou o temperamento psicológico do médium receptor, poderíeis nos apontar algum exemplo comparativo sobre esse assunto? Gostaríamos que nos exemplificásseis o caso de um só espírito expondo os mesmos pensamentos através de médiuns diversos, diferentes entre si pela cultura, temperamento, sentimentos, ou capacidade intelectual. Como seria transmitida a mesma idéia fundamental pelo mesmo espírito desencarnado, embora o fizesse através de vários médiuns com vocabulário, cultura e temperamento até opostos?*

RAMATÍS: – Supondo-se que algum espírito venha comunicar o mesmo assunto ou a mesma idéia fundamental por intermédio de quatro médiuns intuitivos diferentes em temperamento, cultura, inteligência ou condicionamento psicológico, veremos que cada uma das comunicações mediúnicas também apresentará um cunho pessoal diferente entre si e próprio de cada médium que a transmitir, embora ainda continue prevalecendo o seu tema essencial.

Apresentando-vos um exemplo mais claro, consideremos que certo espírito deseja transmitir por intermédio de quatro médiuns distintos entre si a seguinte idéia-mater: “uma casa branca situada à margem da estrada deserta e cercada por um jardim com muitas flores”. Suponhamos que, para transmitir essa idéia-base, o espírito comunicante disponha dos seguintes médiuns intuitivos, de cultura e condicionamento diversos em suas vidas, ou seja, um engenheiro, um poeta, um filósofo e, por último, um simples sertanejo, incapaz de qualquer exposição científica ou literária nos seus comunicados mediúnicos.

Sem qualquer dúvida, o assunto a ser ventilado através desses quatro médiuns tão diversos entre si, tanto na cultura como em sua formação psicológica, também há de variar em sua exposição conforme sejam o intelecto e emotividade, o conhecimento e o temperamento particular de cada um dos médiuns convocados, não obstante permanecer na sua intimidade a idéia fundamental de uma “casa branca situada à margem da estrada deserta e cercada por um jardim de flores”.

O médium engenheiro, disciplinado pela precisão matemática das coisas do seu estudo, há de comunicar a mensagem mediúnica em linguagem mais técnica, parcimoniosa e acadêmica. Provavelmente diria assim: “Uma edificação decorada em branco, localizada à margem direita da estrada e ladeada por um jardim”. Entretanto, o médium poeta, embora medianeiro do mesmo assunto, haveria de descrevê-la com o seu estro inspirado e na seguinte forma: “Era uma vivenda lirial, orlando faceiramente a estrada tranquila sob a doce quietude da tarde serena, qual pomba gárrula pousada no seio de verdejante ninho atapetado de flores”.

O médium filósofo, por sua vez, sob a atuação da mesma idéia comunicada pelo espírito desencarnado, graças ao seu treino especulativo e à facilidade de elucubração mental, deveria se expressar assim: “Era uma residência pintada de branco, junto à estrada empoeirada, à semelhança de pensativa e solitária criatura meditando sobre o destino das coisas e dos seres; em torno, florido jardim, sob a orgia das cores, era dadivosa compensação àquele destino ignorado”. Finalmente, esse mesmo assunto, já ventilado pelos três médiuns intuitivos anteriores, cada um impregnando-o pessoalmente com a sua cultura, temperamento e individualidade, ao ser transmitido pelo quarto médium, o modesto sertanejo, provavelmente seria expresso da seguinte forma: “Era uma casa caiada de branco, fincada na beira da estrada e rodeada de um jardim plantado de flores”. A sua exposição, portanto, seria destituída da feição acadêmica da do engenheiro, sem a literatice do poeta e a conjectura do filósofo, em linguagem simples e até empobrecendo a idéia fundamental do espírito desencarnado.

No exemplo que vos expusemos, cada médium transmite a mesma idéia-mater, vestindo-a conforme a sua capacidade intelectual, o seu gosto pessoal e talento, embora evidenciando sempre que o assunto básico é a descrição de uma “casa branca junto à estrada e cercada por um jardim de flores”. Eis, porque, então, variam as diversas manifestações da mediunidade intuitiva, cujo êxito depende muitíssimo do conhecimento, da fluência da linguagem, da pureza lexicológica e do talento literário ou acadêmico que o médium já tiver consolidado.

11. UMA OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL

PERGUNTA: *– Poderíeis nos esclarecer melhor o assunto dos capítulos anteriores com algum exemplo mais objetivo? Talvez pudésseis torná-lo mais claro baseando-vos no trabalho e nas características do próprio médium que vos recepciona o pensamento neste instante. É possível?*

RAMATÍS: – É óbvio que todo médium precisa disciplinar-se sob certo roteiro de desenvolvimento e correção mediúnica, porquanto não há privilégios especiais nem saltos miraculosos e extemporâneos que violentem o processo de educação do espírito na matéria ou nas suas relações com o Além. Deste modo, o nosso médium atual também encontrou os percalços comuns do caminho acidentado do desenvolvimento e do progresso mediúnico, por cujo motivo as suas primeiras comunicações foram confusas, vacilantes, e um tanto prejudicadas pela sua interferência anímica.

Ele atravessou os primeiros anos de sua eclosão mediúnica em intensa luta interior, para poder firmar-se no roteiro satisfatório com que hoje já nos recepciona o pensamento manifesto do “lado de cá”. Enfrentando os tropeços naturais à iniciação de todo médium intuitivo e ainda incipiente – porque era consciente e “sabia” de tudo o que lhe passava pelo cérebro – ele opunha dúvidas às mensagens transmitidas por seu intermédio desconfiando tratar-se de idéias exclusivamente de sua mente em vez de comunicações procedentes de espíritos desencarnados.

Muitas vezes deixou-se tomar pelo desânimo, sem poder definir com segurança a natureza de sua função mediúnica, pois escapava-lhe o recurso de dominar o fenômeno imponderável aos sentidos físicos e assim não podia firmar uma base concreta para prová-lo. Igualmente ao que acontece à maior parte dos médiuns recém-ingressos na seara espírita, o nosso sensitivo alimentava a ilusão de ver-se desenvolvido do dia para a noite, sob um passe de mágica aplicado pelo seu guia ainda desconhecido. Julgou que a sua mediunidade ainda chegaria a eclodir de modo instantâneo e sonambúlico, permitindo-lhe mais tarde incorporar os espíritos sem ter “consciência” disso.

Seguimo-lo, passo a passo, no seu caminho árduo e confuso, e só podíamos acenar-lhe e encorajá-lo no silêncio íntimo de sua alma, convidando-o a prosseguir sem desânimo e a estudar com perseverança, para então dominar a sua suspeita prejudicial. Aceitamos, esperançosos do futuro, a cota de

equívocos e dificuldades que ele nos opunha nos seus comunicados mediúnicos, assim como submetemo-nos docilmente à concepção preconcebida com que ele emoldurava a sua mente no tocante à vida extra-terrena e à resistência ortodoxa que nos restringia as conceituações filosóficas da imortalidade da alma. Por entre a desconfiança do médium e a sua imaginação indisciplinada, condescendendo com as idéias fantasiosas que ele inconsciente e animicamente interpelava nos assuntos que lhe havíamos ventilado junto ao cérebro perispiritual, pouco a pouco avançamos, por entre o cipoal das suas contradições mediúnicas e suposições ingênuas, para lograrmos com ele o serviço que já nos satisfaz na hora atual.

No entanto, como o sabíamos responsável por certo trabalho psicográfico, que mutuamente combináramos no espaço, antes de sua atual encarnação, e conhecendo também o roteiro dificultoso de todo médium intuitivo, sonambúlico ou fenomênico, não nos preocupávamos com as suas comunicações triviais, anímicas ou fantasiosas das primeiras horas de labor mediúnico. Muito antes de apurar-lhe o intelecto, importava-nos ajudá-lo a acertar a sua bússola espiritual para o Norte Evangélico, que deve ser o refúgio seguro de todo médium desejoso de participar do serviço superior, sem a preocupação de glórias e veleidades efêmeras do mundo físico transitório.

Depois, então, intuímo-lo, incessantemente, para desenvolver sua mente no estudo proveitoso da ciência espiritual, assim como ajuizar com respeito aos esforços benfeitores dos demais trabalhadores da vida do espírito imortal. Enquanto isso acontecia, acompanhávamos o seu desenvolvimento mediúnico, ainda na fase tormentosa e sob o assédio das entidades imperfeitas, que sempre se aproveitam da porta aberta pelo descuido evangélico.

PERGUNTA: *– Quereis dizer que os mentores desencarnados não operam com seus médiuns exclusivamente nas horas da sessão mediúnica, mas o fazem durante o tempo em que eles cumprem suas tarefas cotidianas no mundo profano; não é assim?*

RAMATÍS: – Os espíritos desencarnados e de responsabilidade, quanto mais preocupados com sua renovação espiritual, tanto mais se sobrecarregam com múltiplas obrigações e compromissos no plano sideral, por cujo motivo não podem permanecer “colados” seguidamente aos seus pupilos, na Terra, os quais também recebem outros auxílios de amigos, simpatizantes e parentes desencarnados. No entanto, todo tempo disponível de que os mentores e guias dispõem, entre as suas tarefas no espaço, empregam-no para ajudar os encarnados sob sua responsabilidade cármica, assim como fazemos com o nosso sensitivo, ao qual estamos ligados por velhos laços de amizade espiritual e a quem tudo temos feito para guiá-lo aos objetivos benfeitores da vida imortal.

Dentro de um plano estabelecido antecipadamente, sempre o intuímos para a leitura proveitosa e o melhor conhecimento espiritual, assim como o encaminhamos para junto daqueles que são mais experimentados e podem alertá-lo no serviço mediúnico e sobre os seus deveres espirituais. Muitas vezes por “coincidência”, o nosso médium abriu o livro na página exata, obtendo a explicação correta para a sua dúvida angustiosa do momento. Certa vez conseguimos inspirar um seu amigo que, então, o presenteou com uma obra benfeitora, que o ajudou a solucionar parte dos problemas aflitivos do desenvolvimento mediúnico.

Através de laços invisíveis, que os encarnados ignoram na sua vida cotidiana, os seus amigos desencarnados os assistem e ajudam a solver desde as questões mais diminutas, quando promovidas pela dúvida sincera, até às soluções dificultosas que modificam os destinos humanos.

PERGUNTA: *– Consta-nos que os mentores chegam às vezes a mobilizar espíritos mais primitivos ou sofredores, para beneficiarem os seus protegidos. Isso também aconteceu com o vosso médium?*

RAMATÍS: – Algumas vezes, quando o nosso medianeiro acentuava a sua desconfiança sobre a imortalidade do espírito, quer por não possuir provas concretas disso, ou porque não lograva sentir fisicamente os fluidos perispirituais, nós o submetíamos, nas sessões mediúnicas, à ação dos fluidos densos e coercivos das entidades menos felizes, que assim deixavam-lhe marcada na própria carne a convicção de que o “espírito existe”. Sujeito a esse recurso drástico, em que ele mudava até a sua expressão fisionômica, a sua linguagem e o teor dos sentimentos sob a ação do espírito comunicante sofredor ou rebelde, e embora afligido durante a incorporação, fortalecia-se, no entanto, a sua convicção íntima da sobrevivência da alma e também o respeito aos postulados espíritas.

O exercício mediúnico confrangedor deu-lhe também a compreensão de que os espíritos benfeitores dificilmente podem se fazer sentir fisicamente sobre os médiuns ou de maneira a oprimi-los, porque os seus fluidos são mais rarefeitos e suaves, causando apenas uma leve impressão de natureza psíquica, em vez de qualquer violência ou opressão na carne. Só as almas atribuladas, imperfeitas ou mal-intencionadas é que costumam atuar com violência ou rudeza nos seus medianeiros, dissipando-lhes as desconfianças quanto à realidade inconteste do outro mundo. É o fluido confrangedor, dos espíritos sofredores, o recurso de que as entidades do Bem costumam por vezes se utilizar a fim de dissipar a dúvida de muito S. Tomé encarnado!...

Deste modo, o nosso médium também necessitou ser submetido à tarefa mediúnica com os desencarnados sofredores, imperfeitos ou rebeldes, que lhe

proporcionaram o ensejo valioso de poder discernir na sua própria carne a variedade dos fluidos bons ou maus dos espíritos desencarnados, assim como o de convencer-se de sua própria existência imortal. O médium compreendeu, por fim, que, de acordo com as intenções e o grau evolutivo dos espíritos desencarnados, também se alteram a densidade, a temperatura e o próprio odor dos seus fluidos. Isso tornou-o mais percuciente na auscultação fluídica dos desencarnados e amadureceu-lhe o senso de vigilância, o que muito o ajudou mais tarde a recusar em tempo as idéias e as sugestões capciosas que certas entidades tentaram incutir-lhe na mente à conta de nossa responsabilidade espiritual.

Após tantos tropeços e decepções, o nosso sensitivo reconheceu, por fim, que só um estudo disciplinado, tenaz e perseverante, com o aproveitamento de todos os minutos disponíveis em sua vida profana, para melhorar o seu padrão moral, é que realmente poderia ajudá-lo a solucionar todas as incógnitas e os problemas aflitivos do exercício da mediunidade intuitiva. Estudo, trabalho e disciplina a serviço do próximo passaram a significar-lhe as principais etapas do processo de crescimento e do seu sucesso no cultivo da faculdade mediúnica. Eis por que advertimo-vos de que não é bastante que o médium dispense algumas dezenas de horas junto à mesa espírita, na tentativa de captar as idéias dos desencarnados e expô-las ao público vestidas com a sua capacidade intelectual, e assim lograr o êxito almejado no cultivo da mediunidade. É preciso, também, que o médium se aprimore no trato cotidiano dentro de suas próprias obrigações comuns, no contato com os demais espíritos “encarnados” que também oferecem inúmeros ensejos à luz do dia para o intercâmbio benfeitor ou condenável.

O desenvolvimento mediúnico, em verdade, só termina no momento em que o médium cerra os olhos para o mundo carnal e retorna ao espaço, a fim de submeter seus atos e propósitos à apreciação da contabilidade divina, que então o julgará quanto ao bom ou mau uso da faculdade que lhe foi cedida por empréstimo em favor de sua própria redenção espiritual.

PERGUNTA: *– E já considerais o vosso médium atual como um instrumento fiel para a transmissão de vossas mensagens ao mundo material?*

RAMATÍS: – Embora julguemos que ele ainda não seja o instrumento ideal para a fidelidade de nossas mensagens, pois às vezes também as interpreta segundo as suas próprias concepções filosóficas e temperamento psicológico, podemos assegurar que já nos facilita muitíssimo o trabalho do intercâmbio mediúnico. Tal como a ferramenta que se aguça pelo uso constante, cremos que pouco a pouco ele há de se ajustar ao esquema exato de nossa responsabilidade comunicativa para a Terra, e assim revelar mais fielmente as nossas características espirituais.

Graças à sua maleabilidade psíquica e isenção de preconceitos intelectuais ou religiosos, o nosso médium já nos permite maior fluência de idéias e reduz a sua interferência anímica. Isso favorece-nos bastante, porque a ausência de premeditações doutrinárias ou prevenções pessoais permite-nos abordar assuntos educativos cursados noutras atividades espirituais, além do labor espirítico. A sua despreocupação para com seita e ortodoxia religiosa, assim como o respeito para com os demais movimentos redentores da alma, tais como a teosofia, o esoterismo, a rosa-cruz, a yoga, o mediunismo de umbanda ou a mensagem de Krishnamurti, deixa-nos em liberdade para transferir aos leitores um conteúdo de caráter mais universalista.

PERGUNTA: *– Pressupomos, pois, que, à medida que aumenta a visão global dos médiuns, os seus guias também podem "melhorar" os seus próprios conceitos e perspectivas de esclarecimento espiritual; não é assim?*

RAMATÍS: – Assim como a substituição gradativa de vidros cada vez mais transparentes, na lanterna, não lhe aumenta a quantidade e a qualidade intrínseca da luz, mas só proporciona maior fidelidade na iluminação, o discernimento, o progresso filosófico ou intelectivo do médium também não amplia o quociente espiritual e a visão já desenvolvida dos seus guias, mas apenas facilita-lhes patentearem com mais exatidão o valioso acervo psíquico de que já são portadores como aquisição espiritual definitiva.

A elevação moral do médium proporciona a si mesmo melhor transparência espiritual, o que então favorece aos desencarnados sábios e benfeitores o ensejo de revelarem para o mundo carnal maior conteúdo do seu conhecimento e atributos siderais. Conforme já expusemos alhures, o médium é o filtro do pensamento dos desencarnados para a matéria. Assim, quanto maior amplitude intelectiva e qualidade espiritual ele puder oferecer aos seus comunicantes, também há de favorecer-lhes para a exposição mais fiel de suas mensagens.

PERGUNTA: *– A fim de avaliarmos o progresso da sua própria mediunidade intuitiva, podeis dizer quais são os valores que o vosso médium atual já consolidou para servir-vos de modo mais eficiente nas transmissões mediúnicas?*

RAMATÍS: – Visto que o nosso sensitivo é consciente de quase tudo o que lhe comunicamos em espírito ou do que ele percebe em contato com a nossa mente, já se reduziram bastante as nossas dificuldades comunicativas, porque ele, por isso, é bem mais confiante nas mensagens que transferimos do "lado de cá", destinadas às reflexões dos encarnados. A sua convicção de que operamos com intenções benfeitoras e educativas; de que atuamos sob a inspiração do Divino Jesus e sem quaisquer interesses subversivos, deixou-o

mais tranquilo no seu serviço mediúnico, animando-o para cooperar com satisfação no serviço útil do Bem.

Quanto à natureza dos valores que ele já deveria ter consolidado para servir-nos com melhor proficiência espiritual, cremos que é inútil repisarmos tudo o que já vos temos dito incessantemente até este momento. Esses valores, que quereis conhecer, são resultantes do estudo incessante das obras máximas do espiritualismo, do serviço desinteressado ao próximo e do constante aprimoramento moral, que é de obrigação de qualquer médium, seja intuitivo, sonâmbulo ou de efeitos físicos.

PERGUNTA: *– Mas não podemos deixar de reconhecer que o vosso médium atual já nasceu com certas qualidades psíquicas latentes, que devem tê-lo favorecido bastante para alcançar o índice de aproveitamento e a capacidade com que recepciona as vossas mensagens mais incomuns.*

RAMATÍS: – Todos vós possuís no âmago da alma a mesma qualidade intrínseca a todo ser criado por Deus! E, no caso dos médiuns, aqueles que já apresentaram melhor graduação espiritual e capacidade mental devem-no ao seu trabalho eficiente e qualitativo, fruto de seu esforço abnegado e aproveitamento de todos os seus minutos disponíveis em favor da causa espiritual. Não há dúvida de que há sempre uma diferença de capacidade, inteligência e moralidade entre os homens, mas isso é devido à própria idade sideral de suas consciências forjadas no tempo e no espaço, que lhes gradua o entendimento mental e a natureza do sentimento.

Isso também ocorre com o nosso sensitivo, que de forma alguma é um ser excepcional entre vós, nem é missionário eleito para as pregações apostolares de salvação da humanidade, só porque transmite aos encarnados as nossas singelas mensagens de convite ao Bem. Ele é apenas um espírito de origem comum a todos os demais seres, embora cumprindo tarefa, que solicitou, de cooperar no serviço espiritual entre o Além e a Terra. Mas nesse labor ele é um dos mais interessados, porque do seu êxito também resultará maior crédito para a recuperação de suas forças mal empregadas em algumas existências passadas.

Com o serviço extra, de divulgação espiritual, ele conjuga as suas próprias necessidades espirituais e luta arduamente para obter o maior resultado possível no usufruto da faculdade mediúnica, que é o acréscimo concedido para a liquidação mais urgente de sua dívida cármica.

PERGUNTA: *– Supondo-se que o vosso médium atual recusasse cumprir a sua promessa de intercambiar as vossas mensagens para a Terra, porventura ele poderia ser substituído com o mesmo êxito?*

RAMATÍS: – O bom êxito dos programas espirituais benfeitores, do espaço, não fica adstrito exclusivamente à complacência ou à vontade caprichosa de qualquer médium irresoluto. Em nosso caso, muitos outros médiuns poderiam substituir o que nos serve neste momento e, quiçá, até com vantagem, se ele se recusasse a cumprir suas promessas efetuadas antes de imergir nos fluidos do ambiente terráqueo.

Seria grande tolice de sua parte julgar-se ele um elemento indispensável e insubstituível, pois ainda existem no vosso orbe médiuns capazes, sensatos e disciplinados, que poderiam superar o nosso sensitivo no intercâmbio mediúnico. Repetimo-vos: ele é apenas um trabalhador de boa vontade, muitíssimo interessado no salário proveitoso, mas não um missionário eleito pelo Alto e com a incumbência de rasgar a cortina de sombras do planeta Terra. Através de sua mediunidade intuitiva, nós, espíritos desencarnados, tentamos recordar-vos os ensinamentos espirituais que os eleitos do Senhor já semearam muito antes de nossa singela interferência. Nós também de modo algum pretendemos merecer a coroa de glória que auréola os santos e os eleitos do Pai, pois não podemos acrescentar algo novo sobre a face da Terra, mas apenas avivar conceitos milenários e efetuar algumas comparações úteis, no esforço de confirmar a justeza dos conceitos evangélicos de Jesus.

Nenhum ser, indistintamente, foi jamais deserdado por Deus em matéria de suas elevadas qualidades espirituais inatas, pois todos serão chamados, na hora oportuna, para colaborar no serviço sublime da redenção humana dos mais infelizes. Assim, a tarefa mediúnica que exerce o nosso sensitivo é trabalho comum a todo aquele que aceita o serviço sacrificial para o seu próprio bem e em favor da vida imortal. Mas no exercício da mediunidade proveitosa e sã, o médium não pode servir a Deus e a Manon, ao mesmo tempo, ou seja reunir o útil do serviço mediúnico ao agradável do prazer transitório do mundo carnal. Assim como o bom adubo desenvolve mais vigorosa e rapidamente a flor tenra, o trabalho mediúnico incessante, no serviço do bem, também desperta e desenvolve as qualidades latentes e sublimes de todos os médiuns.

12. A MEDIUNIDADE MECÂNICA

PERGUNTA: *– Como é que se processa a mediunidade mecânica?*

RAMATÍS: – Na classificação feita por Allan Kardec no ***Livro dos Médiuns***, o médium mecânico é "aquele em que o espírito desencarnado poderá atuar diretamente sobre os centros nervosos e nervos motores, sem necessidade de agir pelo seu perispírito". Isso facilita-os agirem tão livremente e sem obstáculos anímicos, que então escrevem, pintam ou até compõem música sem a interferência mental do médium. Nesse caso o médium não toma conhecimento direto do fato que ocorre consigo, e o espírito comunicante, atuando com fidelidade, tanto consegue escrever na forma que lhe era peculiar na vida física, como também pode tratar de assuntos desconhecidos do seu próprio intermediário, que apenas assiste em vigília ao trabalho automático de sua mão, podendo mesmo ocupar-se mental ou verbalmente de outras coisas. O espírito desencarnado liga-se ao médium mecânico através dos gânglios nervosos à altura da omoplata: ali ele dispõe de um segundo cérebro e pode atuar facilmente nos nervos motores dos braços e das mãos do médium, podendo escrever diretamente, tal como o fazia em vida física.

Certos médiuns mecânicos chegam a trabalhar com ambas as mãos ao mesmo tempo e sob a ação simultânea de duas entidades; alguns tanto escrevem mecanicamente em sua linguagem comum, como também o fazem em idioma desconhecido e até em dialetos já extintos, do mundo. Os seus escritos também apresentam caracteres gráficos exatamente como os escreviam os seus comunicantes quando encarnados. Em tais condições excepcionais, o médium mecânico ainda pode palestrar com os circunstantes sobre assunto completamente diferente daquele que psicografa automaticamente.

PERGUNTA: *– Que poderíeis nos dizer sobre a mediunidade "semimecânica", que também é faculdade do vosso atual médium?*

RAMATÍS: – Conforme explica Allan Kardec no ***Livro dos Médiuns***, o médium semimecânico participa tanto da mediunidade mecânica como da intuitiva, pois escreve recebendo parte do pensamento dos espíritos pela comunicação e contato perispiritual, ao mesmo tempo que outra parte é articulada pelos comunicantes, independentemente de sua vontade. No médium absolutamente mecânico, o movimento de sua mão é dirigido pelo espírito comunicante, e o pensamento, portanto, vem depois da escrita; no caso do médium intuitivo, a

sua escrita é espontânea e voluntária, pois o pensamento do desencarnado precede-lhe o ato de escrever. O médium semimecânico, que atua entre essas duas faculdades, tanto escreve intuitiva e voluntariamente, como às vezes o faz através dos impulsos diretos dos desencarnados, cujos pensamentos então acompanham a escrita.

O médium semimecânico tem conhecimento parcial daquilo que escreve, pois a maior porcentagem do assunto transmitido do Além atravessa-lhe o cérebro perispiritual. No entanto, passa a ignorar os trechos que são escritos mecanicamente pelo seu braço através do plexo braquial e sem fluir-lhe pelo cérebro físico. Em vez de “ouvir” ou “captar” o pensamento do espírito comunicante, na recepção intuitiva, quando ele escreve mecanicamente só pode limitar-se a “ler” o que independentemente de sua vontade vai sendo escrito no papel.

No entanto, ele conhece antecipadamente e fiscaliza uma grande parte daquilo que deverá escrever e que lhe passa pelo cérebro perispiritual, mas ignora os pensamentos ou palavras que a sua mão escreve automática e acidentalmente sob a ação dos desencarnados. A comunicação recebida pelo médium mecânico conserva as características psicológicas e gráficas dos espíritos comunicantes, mas a psicografia do médium semimecânico ainda trai a sua maneira peculiar de escrever normalmente, exceto em algumas frases ou tópicos, em que se percebe o estilo do autor espiritual.

Em verdade, o êxito do trabalho do médium semimecânico depende muitíssimo da sua capacidade em conjugar-se simultaneamente ao pensamento e aos fluidos dos espíritos comunicantes. O médium intuitivo, por exemplo, recebe o pensamento do desencarnado através do seu cérebro perispiritual e depois o veste com os seus vocábulos peculiares, exprimindo-se com o seu próprio modo de falar ou escrever mas o semimecânico tanto psicografa intuitivamente parte do comunicado do Além e produz o escrito mediúnico com o seu próprio vocabulário, como também emprega frases e palavras, que se grafam espontaneamente e através de impulsos que lhe tomam a mão independentemente de sua vontade.

É uma comunicação que se processa de modo intermitente, isto é, parte mecânica e parte intuitiva, e quanto mais esse tipo de médium se absorve no seu trabalho, também os desencarnados encontram mais facilidade para comunicar-se diretamente e sem o necessário contato perispiritual. Entretanto, os médiuns semimecânicos diferem intensamente entre si, pois, enquanto em alguns predomina a faculdade mecânica, noutros prepondera a mediunidade intuitiva. O nosso médium, por exemplo, é predominantemente intuitivo e só em raras ocasiões podemos grafar algum assunto sem mantermos contato com o seu cérebro perispiritual.

PERGUNTA: *– Tratando-se de um tema que é do interesse da maioria dos médiuns, poderíeis explicar-nos, ainda, com mais detalhes, o funcionamento dessa mediunidade semimecânica?*

RAMATÍS: – Exemplificamos: o médium intuitivo age conscientemente, por sua livre e espontânea vontade, e compõe o ditado mediúnico, transmitido pelos desencarnados, com suas próprias palavras. No entanto, o médium mecânico submete-se inteiramente ao comando do Além, enquanto sua mão escreve diretamente e sem qualquer interferência de sua parte. O médium semimecânico participa de ambas as faculdades, pois os espíritos tanto lhe transmitem suas idéias através do cérebro do perispírito como, nos momentos favoráveis e de maior sensibilidade mediúnica, conseguem escrever frases ou trechos movimentando-lhe a mão diretamente. O médium bastante experimentado, em tais momentos, deixa-se mover docilmente, não oferecendo resistência aos impulsos que lhe fluem pelo braço e pela mão. Mais tarde comprova que parte da comunicação psicografada foi escrita mecanicamente, enquanto a outra parte passou-lhe nitidamente pelo cérebro físico.

Dizem os médicos, como se fora notável descoberta moderna, que a eletricidade biológica é o elemento dinâmico propulsor do trabalho dos nervos; é a força viva que age no campo neuro-muscular. No entanto, há milênios isso já era conhecidíssimo dos velhos iniciados caldeus, egípcios, etíopes e hindus, que a denominavam de “prana”, isto é, o elemento magnético e cósmico vital, muito familiar das escolas espiritualistas do Oriente e de todos aqueles que investigam os fenômenos do mundo oculto.

Essa energia, que tanto impregna o perispírito como interpenetra os interstícios de todo o organismo carnal, também se subordina, na sua manifestação, a leis bastante semelhantes aos princípios que disciplinam a energia elétrica. Consequentemente, o “prana” ou a eletricidade biológica classificada pela Medicina acadêmica escoa-se facilmente pelo corpo humano através da rede nervosa, e principalmente pelas pontas dos dedos ou dos cabelos, em obediência a princípios ou leis muito parecidas às que regem a manifestação de eletricidade, na sua forma de energia dinâmica em dispersão ou “fuga” pelas pontas. O “prana”, portanto, como a eletricidade biológica, também foge ou dispersa-se pelas pontas dos dedos ou dos cabelos dos homens; em sentido inverso, ele transforma-se em energia estática e polariza-se em torno dos órgãos e regiões esféricas do corpo físico.

Eis por que é possível aos radiestesistas experimentados atestar o grau de vitalidade orgânica do homem examinando as oscilações negativas ou positivas dos pêndulos de prospecção, os quais se movimentam conforme a frequência das ondas eletromagnéticas, que são emitidas pelos corpos ou seres na forma de energia dinâmica ou estática.

Em consequência, os plexos nervosos são fontes de “prana” armazenado ou de eletricidade biológica polarizada, constituindo-se nas reservas energéticas, que a qualquer momento transformam-se em energia dinâmica fazendo a conexão dos órgãos físicos e as suas respectivas contrapartes ou matrizes situadas no perispírito, que são extremamente sensíveis à atuação dos espíritos desencarnados, no caso dos médiuns mecânicos. Quando o médium conserva maior potencial de carga magnética em torno dos seus plexos nervosos, ele também oferece melhor ensejo para os desencarnados acionarem os seus nervos motores e assim identificarem-se mais facilmente por suas características individuais.

O médium mecânico é mais apropriado para identificação dos “falecidos”, pois a seiva magnética que ele acumula prodigamente nos plexos nervosos transforma-se em alavanca eficiente para os desencarnados comandarem-lhe os nervos motores dos braços, e assim exporem fielmente as suas idéias e escreverem de forma idêntica à que usavam em sua vida física. Mas o médium semimecânico, cujo sucesso no intercâmbio com o Além depende da melhor conjugação simultânea com os seus comunicantes, vê-se obrigado a preencher intuitivamente todos os truncamentos ou vazios de suas comunicações mediúnicas, por cujo motivo tem consciência perfeita de quase tudo o que escreve, embora o faça de modo semimecânico. Quando desaparecem-lhe os impulsos da mão, na escrita mecânica, ele prossegue o comunicado passando a “ouvir” intuitivamente os seus comunicantes, que ora escrevem diretamente, ora o fazem pelo ajuste perispiritual.

13. A MEDIUNIDADE INTUITIVA

E A DE INCORPORAÇÃO

PERGUNTA: *– A mediunidade mecânica é a própria mediunidade de incorporação?*

RAMATÍS: – Há que distinguir o seguinte: o médium mecânico e o semimecânico não abandonam o seu corpo físico no momento em que escrevem as mensagens dos espíritos desencarnados, enquanto que, no caso da incorporação completa, o espírito e o perispírito do médium podem afastar-se até longa distância, deixando o corpo físico sob o comando dos desencarnados comunicantes. Conforme já expusemos anteriormente, o médium de incorporação completa quando abandona o seu corpo físico fica ligado a ele só pelo cordão fluídico e, enquanto permanece ausente, outro espírito se manifesta, assim como na ausência do dono da casa algum amigo ou estranho passasse a habitá-la. Embora ele continue preso ao corpo carnal, pelo cordão fluídico, em virtude do seu desligamento dos centros energéticos do duplo-etérico, cai-lhe a temperatura e o transe mediúnico aprofunda-se para o estado de catalepsia.

Assim, o êxito da comunicação mediúnica de incorporação, em transe completo, depende muito do conhecimento e da possibilidade de o próprio espírito desencarnado comandar o organismo físico do médium, que é o seu verdadeiro dono, mas ausente. A mediunidade de incorporação tal como a mecânica, também se presta melhor para as identificações corretas dos desencarnados que, podendo atuar sem interferência do médium, podem revelar com êxito as suas características psicológicas, e outras particularidades íntimas de sua vida na Terra.

Embora os espíritos comunicantes tenham de se submeter às exigências instintivas do corpo físico do médium de incorporação, o qual conserva os ascendentes biológicos e os hábitos particulares estigmatizados na sua vida em comum, eles assim mesmo conseguem manifestar-se de modo a comprovarem sua identidade. Embora em casa alheia ou dispondo de outro instrumento vivo de manifestação no cenário do mundo material, através da face do sensitivo e de sua voz não deixam de estampar as suas principais qualidades ou defeitos conhecidos pelos vivos. A severidade, a malícia, o humorismo, a capciosidade, a ternura, a sisudez ou a humildade retratam-se perfeitamente através do médium de incorporação, porque ele goza da

faculdade de poder plastificar em suas faces as expressões pessoais dos seus comunicantes. Lembra o caso do inquilino que, embora mudando-se para uma residência já mobiliada pelo seu antigo proprietário, modifica de tal modo a disposição comum dos móveis ali encontrados, que revela nessa arrumação o seu próprio gosto artístico e a sua preferência emotiva.

Servindo-se do médium de incorporação, o espírito comunicante já encontra nele certos hábitos biológicos e condicionamentos psicológicos que foram "arrumados" a seu gosto; mas durante a comunicação consegue interferir no seu intermediário e deixa transparecer algo de sua própria índole e temperamento espiritual. Em virtude de o espírito do médium afastar-se completamente do seu organismo físico, juntamente com o seu perispírito, a comunicação mediúnica flui-lhe de modo inconsciente e ele desperta do transe mediúnico sem nada recordar-se daquilo que foi transmitido pelo seu cérebro físico durante a sua ausência espiritual. Mais tarde, surpreende-se quando alguém descreve-lhe certos assuntos, conceitos filosóficos ou argumentação científica, que ele proferiu mas de que não teve conhecimento pessoal.

PERGUNTA: *– Poderíamos considerar o médium intuitivo como um tipo exatamente oposto ao de incorporação? Ambos não representam os dois tipos clássicos de médium "consciente" e de médium inconsciente, situados, portanto, em extremos completamente opostos?*

RAMATÍS: – A escala da faculdade mediúnica é muito extensa e variada. O médium, que é também um indivíduo senhor de vasta ou reduzida bagagem psíquica milenária, está sempre presente animicamente e com o seu acervo pessoal na comunicação mediúnica dos desencarnados. É dificílimo, pois, encontrar dois médiuns cuja moral, temperamento, cultura ou poder mental coincidam rigorosamente entre si e, por isso, produzam comunicações perfeitamente semelhantes. Mesmo quando se trata de médium de incorporação completa, e inconsciente, a sua bagagem psíquica e a contextura de sua individualidade espiritual sempre influem nas comunicações mediúnicas, impondo certa peculiaridade pessoal do mesmo. Só em caso de morte física é que o espírito se desliga completamente do corpo carnal, que passa a ser o "cadáver" absoluto, o corpo sem vida e sem qualquer possibilidade de influir exteriormente.

O perispírito do médium, que é a matriz ou o molde original do corpo físico emprestado ao espírito desencarnado manifestante, embora conserve-se a longa distância, assim mesmo influi, de onde se encontra, deixando transparecer na comunicação suas características psíquicas já condicionadas no pretérito. O espírito comunicante utiliza-se do corpo do médium como se encontrasse a casa livre para habitar, tal como já vo-lo explicamos; mas o seu temperamento, cultura ou costumes só poderão se manifestar para o exterior

através dos “móveis” do dono da casa ou seja das peculiaridades do médium ausente.

A faculdade intuitiva e a de incorporação não podem ser consideradas dois ladrões exclusivos de mediunidade opostas entre si, porque tanto o médium intuitivo como o de incorporação podem variar em sua manifestação mediúnica, revelando alguns matizes opostos e incomuns à sua própria faculdade habitual. O intuitivo, algumas vezes, pode comunicar em transe sonambúlico parcial, embora isso, não seja frequente, e o médium incorporativo também é sujeito a interpolar na sua manifestação mediúnica algo da faculdade intuitiva. Durante o exercício mediúnico podem surgir fatores ou circunstâncias que favorecem no médium a predominância de certo matiz mediúnico diferente do que lhe é comum; assim como, devido ao seu progresso espiritual, ele também alcança novos ensejos de melhoramento psíquico na sua tarefa de comunicação com o mundo oculto.

Em geral, os médiuns intuitivos, às vezes, são incorporativos, enquanto outros nos quais predomina a faculdade incorporativa, acidentalmente também podem comunicar intuitivamente.

A diferença é que o médium intuitivo lembra-se de todos os pensamentos que lhe foram comunicados pelos desencarnados, enquanto o de incorporação é inconsciente, pois o seu perispírito afasta-se durante a manifestação mediúnica. No entanto, o próprio médium de incorporação – que durante as comunicações dos espíritos desencarnados é inconsciente daquilo que se torna intermediário – mais tarde recorda-se de algo das idéias que transitaram por si.

PERGUNTA: *– Por que o médium incorporativo não se recorda, de imediato, daquilo que os espíritos desencarnados transmitem por seu intermédio para o mundo físico?*

RAMATÍS: – Conforme já vos temos considerado anteriormente, só em caso de morte corporal é que o espírito e o perispírito abandonam definitivamente o corpo físico da criatura. Assim, o médium inconsciente, ou de incorporação completa, alguns dias após o seu trabalho mediúnico verifica a emersão de certas frases, vocábulos ou idéias, que os desencarnados verteram-lhe pelo seu cérebro físico enquanto se encontrava distante do seu próprio organismo.

Embora o cérebro perispiritual do médium fique distanciado durante a incorporação do espírito desencarnado, nem por isso desliga-se completamente; por isso as idéias comunicadas retratam-se, embora sem a nitidez com que as recebe o intuitivo. Então o médium, mais tarde, surpreende-se ao reconhecer contornos, vestimentas ou fisionomias que ele já identificou

alhures, mas ainda ignora que se trata de espíritos que se utilizaram do seu corpo físico em transe. Esse reconhecimento posterior e mental, juntamente com alguns trechos, fragmentos ou idéias que os desencarnados fluíram-lhe pelo cérebro físico, deixa-o quase crente de que o fato acontece realmente naquele momento, e não apenas "recorda" acontecimentos já vividos anteriormente. Assim como o médium vidente-intuitivo "vê" os espíritos através de sua mente sensibilizada e, na realidade, mais lhes "sente" a presença junto ao seu perispírito, para depois emergirem-lhes as imagens e os detalhes que lhe aclaram e explicam a visão intuitiva, o médium incorporativo instintivamente evoca da intimidade do seu perispírito aquilo que sentiu quando cedia o corpo a um desencarnado.

O seu cérebro perispiritual insiste em evocar o acontecimento incomum que observou à distância, mas que gravou em sua memória etérica. Através do fenômeno de repercussão vibratória, pouco a pouco ele transfere para o cérebro físico as imagens que melhor entreviu de relance, pela sua visão perispiritual. Alguns detalhes mais nítidos podem emergir posteriormente pelo ajuste sincrônico do perispírito ao seu cérebro físico. Poder-se-ia dizer que, de conformidade com os ensejos e associações de idéias que surgem mais tarde, o perispírito comunica ao cérebro físico aquilo que presenciou fora do corpo.

Isso também acontece com os "sujets" muito sensíveis à hipnose, os quais mais tarde recordam-se, com maior ou menor clareza, daquilo que viveram ou transmitiram no transe hipnótico, malgrado a sua completa inconsciência quando estavam sob o comando da vontade do hipnotizador. Alguns "sujets" também se recordam imediatamente dos acontecimentos de que participaram, assim que retornam do transe; mas outros só se lembram lentamente, e às vezes decorrem alguns dias para então terem a recordação satisfatória do fenômeno hipnótico.

Nos casos de experimentos hipnológicos de regressão de memória reencarnatória, alguns pacientes da hipnose chegam a evocar os contornos físicos, as vozes e os acontecimentos que viveram ou narraram no transe e que mais lhes impressionaram o cérebro na evocação de suas vidas anteriores. A memória etérica perispiritual definitiva conserva tudo aquilo de que ela participa com o ser, seja desde a queda de um fio de cabelo, o vôo e o brilho fugaz do vaga-lume, até as cenas mais tormentosas e catastróficas do mundo físico. E à medida que mais se sensibiliza o espírito ele também mais aviva a sua bagagem milenária sideral, e pouco a pouco toma posse de sua consciência forjada no tempo e no espaço pelos elementos educativos do mundo planetário.

14. MEDIUNIDADE SONAMBÚLICA

PERGUNTA: *– Podemos considerar que a mediunidade sonambúlica é mais favorável do que a intuitiva?*

RAMATÍS: – A faculdade mediúnica, embora sendo de "prova", deve ser como a flor que se entreabre espontaneamente, sem o calor artificial da estufa. É tarefa ou responsabilidade espiritual determinada para o espírito endividado ressarcir-se dos seus débitos cármicos, e eclode no momento certo e previsto pelos mentores siderais que beneficiaram o médium antes de ele renascer na Terra. No entanto, achamos que é de pouca importância saber-se qual a mediunidade mais favorável, e sim qual delas permite ao médium redimir-se mais cedo do seu pretérito delituoso. O médium sonâmbulo não é mais agraciado espiritualmente do que o médium intuitivo, pois ambos enfrentam a responsabilidade mediúnica de conformidade com sua necessidade cármica e entendimento psíquico.

A administração sideral oferece-lhes o ensejo mediúnico de acordo com sua contextura espiritual e a possibilidade de melhor aproveitamento no serviço redentor. Aliás, o médium não deve preferir a condição passiva de simples "muleta" dos espíritos desencarnados, mas convém-lhe participar tanto quanto possível da comunicação mediúnica, a fim de incorporar à sua mente a bagagem superior que os guias movimentarem através de sua faculdade mediúnica. Depois de certo tempo de contato superior, o cérebro perispiritual do médium habitua-se às advertências e aos ensinamentos elevados, que os espíritos benfeitores transmitem para os encarnados, e assim fica mais treinado para orientar a sua própria existência física. Mesmo as comunicações tormentosas dos espíritos sofredores ou rebeldes, de quero médium participa por força do seu desenvolvimento mediúnico, servem de exemplos vivos para ajudá-lo a modificar a sua conduta moral e livrar-se de muitos padecimentos no Além-Túmulo.

Embora o desempenho da mediunidade semeie certas desilusões e dúvidas no médium ainda incipiente, pouco a pouco ela se transforma num dos melhores ensejos de reflexões para o melhoramento espiritual do seu portador. De acordo com o conceito de que "a função faz o órgão", à medida que o médium se renova em espírito e afeiçoa-se ao estudo superior, ele também se torna o medianeiro das entidades cada vez mais elevadas, de cujo intercâmbio lhe resulta desde a preferência pelos pensamentos construtivos e atitudes

benfeitoras, até à modificação louvável de sua linguagem grosseira para um nível respeitoso e sadio.

O serviço mediúnico sob o comando superior converte o seu medianeiro no instrumento útil, dócil e valioso, que por lei de assimilação o torna o arauto das idéias sublimes. Enquanto o médium sonambúlico se entrega ao sono pesado, em que mergulha a consciência para ceder o corpo físico ao espírito comunicante, o intuitivo não só transmite conscientemente as mensagens que os desencarnados lhe comunicam pelo perispírito, como ainda imprime na própria mente a essência educativa daquilo de que é portador.

PERGUNTA: *– Os médiuns intuitivos comumente alegam que prefeririam a mediunidade sonambúlica, porque assim eles se livrariam do animismo improdutivo, que os leva a cometer certas incongruências mediúnicas. Que dizeis?*

RAMATÍS: – O sonâmbulo absoluto é raríssimo, embora ocorra a inconsciência transitória no médium incorporativo, pois só os infelizes inquilinos dos asilos de psicopatas, destituídos completamente da razão, é que, realmente, podem apresentar-vos um padrão de sonambulismo indiscutível. Aliás, consideramos de pouca valia para o médium a faculdade que o torna semelhante ao carteiro terrestre, um simples entregador mecânico de recados do Além, enquanto nada usufrui vantajosamente de sua própria tarefa.

Os espíritos elevados não alimentam a preocupação exclusiva de só enviarem recados mediúnicos para a Terra pois, acima de tudo, eles também estão sumamente interessados em melhorar as condições morais e intelectivas dos seus próprios médiuns. Buscam fazê-los participarem pessoalmente das mensagens de que são portadores. Ainda quando o serviço mediúnico é exercido por médium sonâmbulo e de confiança, assim mesmo ele guarda na sua mente a lembrança parcial daquilo que os espíritos desencarnados transferem por seu intermédio para o mundo carnal.

PERGUNTA: *– No entanto, alguns médiuns com os quais temos tido contato afirmam resolutamente que nada se recordam do conteúdo espiritual que recebem dos desencarnados, deixando-nos convictos de que todos eles são absolutamente sonâmbulos.*

RAMATÍS: – Repetimos: o médium sonâmbulo que for incapaz de avaliar de imediato ou posteriormente ao menos um só pensamento dos comunicantes desencarnados, além de muito raro é um dos tipos mais apropriados para atender às pesquisas científicas e identificar os espíritos dos “falecidos”, cumprindo a finalidade de provar experimentalmente aos céticos a imortalidade da alma. No sonambulismo perfeito enquadra-se melhor o médium de

fenômenos físicos, que, em geral, só depois do transe completo é que fornece o ectoplasma para a consecução de trabalhos mediúnicos desse gênero. Ele precisa submeter-se passivamente aos técnicos do Além, para lograr o melhor êxito possível na fenomenologia de materializações, voz direta, transportes ou levitações, que se produzem pela manipulação da força ectoplásmica que se exsuda pela contextura perispiritual e pelo sistema nervoso do médium.

Conforme já vo-lo dissemos, os desencarnados comunicam-se pelo cérebro perispiritual dos médiuns intuitivos. Nos sonâmbulos acionam-lhes diretamente o cérebro físico e no médium mecânico movimentam-lhe a mão na psicografia inconsciente. Entretanto, sempre o médium terá um conhecimento parcial daquilo de que é intermediário, pois só nos casos de obsessão completa, em que as entidades malévolas, depois de tenaz ação diabólica, conseguem assenhorear-se completamente do comando mental do obsidiado, é que então se poderia aceitar o sonambulismo absoluto e sem qualquer lampejo de razão.

É certo que muitos médiuns, embora sejam sinceros e bem intencionados, alegam que são sonâmbulos e que de nada se recordam do transe mediúnico, temerosos de não inspirarem a devida confiança aos seus ouvintes. Nem sempre o fazem por vaidade ou má intenção, pois é evidente que o público fica mais convicto das comunicações do Além quando crê no completo alheamento do médium naquilo que transmite mediunicamente.

PERGUNTA: *– É verídico que os médiuns intuitivos ou sonambúlicos sofrem bastante quando, após o transe mediúnico, retornam a si? Temos participado de trabalhos mediúnicos em que os médiuns demonstram grande aflição para retomar o corpo físico. Que dizeis?*

RAMATÍS: – É óbvio que o medianeiro entre vós e nós, seja ele sonâmbulo ou intuitivo, há de sofrer no transe, de conformidade com a natureza dos fluidos dos comunicantes que os atuarem. Não podemos porém endossar certas encenações por parte dos médiuns ignorantes do mecanismo da mediunidade, e que, ao se comunicarem espíritos elevados, demonstram grandes sofrimentos e dispnéias impressionantes. É razoável a angústia e a desarmonia respiratória dos médiuns, ao se desligarem de espíritos sofredores ou agressivos. No entanto, guardamos nossas reservas quando eles repetem o mesmo fenômeno angustioso em intercâmbio com espíritos superiores, cujos fluidos são fundamentalmente sedativos.

PERGUNTA: *– E que poderíamos deduzir, em tal caso?*

RAMATÍS: – Evidentemente, isso é fruto da ignorância do médium, que ainda não conhece os preceitos diretivos e as instruções fundamentais do ***Livro dos Médiuns****,* ou que então deseja impressionar a assistência do centro espírita

onde opera. É possível também que tais médiuns acreditem que as convulsões ou estertores, durante a retirada dos espíritos comunicantes, melhor convençam os presentes da realidade da incorporação mediúnica. O médium esclarecido não executa movimentos estranhos nem produz esgares circenses quando retorna ao estado de vigília, pois compreende que as alterações orgânicas nada têm a ver com o ajuste de sua mente aos acontecimentos comuns da vida física.

O próprio espírito sofredor deixa o médium mais calmo quando se afasta dele, pois retira-se com seus fluidos coercivos. Isto posto, não podemos justificar os espasmos ou as convulsões demoradas de alguns médiuns que apresentam quadros de grande aflição, malgrado incorporarem os seus guias ou espíritos benfeitores.

PERGUNTA: *– Insistimos em vos dizer que estamos familiarizados com alguns médiuns de boa envergadura mediúnica, os quais, após a desincorporação dos seus guias e espíritos de ordem superior, tombam sobre as mesas e retornam à vigília sob movimentos espasmódicos e arfantes. Isso não poderia provir de alguma particularidade orgânica, que realmente lhes cause dificuldades no transe, independentemente de sua vontade?*

RAMATÍS: – Repisamos que só o desconhecimento da realidade mediúnica é que provoca tais fatos incoerentes, pois é de lei sideral que, quanto mais elevado for o espírito comunicante, tanto mais a sua manifestação é imperceptível, devido aos seus fluidos sedativos e ternos.

Quando os espíritos benfeitores se comunicam pelos médiuns sensatos e experimentados, eles se manifestam com tal naturalidade, que às vezes é dificílimo distingui-los da personalidade do próprio médium que os recebe serenamente.

Não opomos dúvida quanto à veracidade desse sofrimento e perturbação nos médiuns, quando realmente se trata de espíritos malfazejos ou zombeteiros, que se fazem passar por guias ou entidades superiores; mas na desincorporação eles afligem os seus medianeiros, traindo-se pelos seus fluidos contundentes e coercivos. Além de tudo isso, ainda é possível que, em certos casos, se trate apenas de recursos pirotécnicos do médium que ingenuamente deseja atrair a atenção do público. Alguns deles acreditam que a quantidade de espasmos na comunicação mediúnica também há de comprovar melhor o potencial de sua mediunidade, pois em sua ignorância espiritual ainda confundem a comunicação mediúnica com ginástica física.

PERGUNTA: *– Em algumas manifestações mediúnicas, já ouvimos a entidade comunicante, e de alta estirpe espiritual, solicitar preces aos assistentes para*

que o seu médium pudesse retornar do transe sem qualquer sofrimento. Algumas vezes decorreram longos minutos de expectativa apreensiva, enquanto os circunstantes apelavam para o espírito do médium retornar ao seu corpo. Que dizeis disso?

RAMATÍS: – A contradição é flagrante, pois um espírito de natureza elevada não faria tal solicitação absurda, porque ele possui fluidos sedativos e prazenteiros, que só beneficiam os médiuns. Provavelmente, o próprio sensitivo consciente ou inconsciente dos seus automatismos psicológicos exagera na sua tarefa mediúnica. Em certos casos pode tratar-se de entidade mistificadora que, tentando disfarçar a sua natureza maquiavélica, desvia a atenção do público com o pedido de prece, enquanto se afasta de modo sorrateiro.

Na realidade, todos esses ridículos poderiam ser facilmente eliminados com a simples leitura do ***Livro dos Médiuns****,* no qual Allan Kardec, depois de criterioso estudo, anotou todas as incoerências e atitudes esdrúxulas no desempenho da mediunidade. Desde que certos adeptos espíritas endossam tais anomalias, é evidente que eles também necessitam consultar mais assiduamente as obras fundamentais do codificador do espiritismo.

15. TRABALHOS DE TIPTOLOGIA

PERGUNTA: *– Como se processa o trabalho das chamadas "mesas dançantes", conhecido por Tiptologia?*

RAMATÍS: – As comunicações mediúnicas pelo processo de tiptologia, ou seja através das mesas dançantes, são mais favoráveis quando entre os seus componentes se encontra algum médium de fenômenos físicos. Ele então auxilia o trabalho fornecendo os fluidos necessários para interpenetrarem os interstícios dos átomos etéricos do duplo invisível da mesinha, que se ajustam em perfeita conexão com os átomos e sistemas eletrônicos da sua estrutura material. Na falta de um médium adequado a esse gênero de trabalho, o seu maior sucesso e exatidão ficará dependendo da melhor harmonia dos fluidos de todas as pessoas participantes do trabalho, pois é a sintonia fluídica na mesma faixa vibratória que neutraliza a força gravitacional para os espíritos operarem livremente.

Então a mesa poderá mover-se em várias direções ou levantar-se, obedecendo ao comando mental e à vontade dos desencarnados, e os seus movimentos serão tão certos e positivos quanto o sejam também a qualidade e a natureza da massa ectoplásmica que for arregimentada pela afinidade entre os presentes. Só depois de decorrido o tempo necessário para a adaptação preliminar entre todos os componentes do trabalho, é que se efetua o intercâmbio satisfatório e compreensível com os desencarnados, por meio das batidas convencionadas em alfabeto, através dos toques da mesinha em movimento.

PERGUNTA: *– É possível tratar-se de assuntos importantes e educativos através da tiptologia? Explicam-nos alguns confrades que a tiptologia é um trabalho mediúnico de baixa qualidade espiritual, em que só operam espíritos inferiores. Isso é verdade?*

RAMATÍS: – O que determina a qualidade superior ou inferior de qualquer trabalho mediúnico não é o seu gênero de expressão, mas, acima de tudo, as condições morais e a natureza dos objetivos dos seus componentes. Não há dúvida de que a sintonia com os espíritos desencarnados também dependerá das intenções boas ou más dos encarnados. Assim como o vício do jogo não está nas cartas de jogar, mas naqueles que jogam com intenções subvertidas, a qualidade do trabalho tiptológico não reside particularmente no fato de se utilizar a mesinha, mas sim no conteúdo espiritual dos que a utilizam. Ela é

apenas um meio, um instrumento convencional para ajustar os interesses e facultar as relações, como ponto de apoio, entre os vivos e os mortos. Em consequência, é um gênero mediúnico que também permite cuidar-se com ele de assuntos elevados, desde que seja praticado por criaturas mais interessadas na sua ascensão espiritual do que mesmo na solução dos problemas da vida material transitória. O que atrai os espíritos inferiores são os objetivos ou as intenções condenáveis, e não o tipo de comunicação mediúnica.

Quanto ao sucesso técnico da tiptologia, conforme já vos explicamos, depende mais propriamente da quantidade ou qualidade do amálgama de fluidos que se puder combinar entre os presentes. No entanto, o nível intelectual do trabalho, principalmente em seu início, fica adstrito à média da mentalidade de todos os seus componentes, pois suas idéias influem consciente ou inconscientemente na manifestação tiptológica. Essa fusão mental impede então a ação absolutamente independente dos espíritos desencarnados que operam do Além, pois a coerência e fidelidade no trabalho só é possível depois de certo tempo de intercâmbio mediúnico e maior afinidade entre todos os assistentes. O trabalho, enfim, evolui tanto quanto se reduz o desvio fluídico do elemento vital-etéreo em liberdade, que sofre a interferência mental dos encarnados, quando precisa combinar-se à sua força nervosa.

PERGUNTA: *– Como entenderíamos melhor a natureza dessa interferência mental?*

RAMATÍS: – Alguns dos participantes, cuja mente e vontade são muito desenvolvidas, podem no início do intercâmbio tiptológico interferir e truncar a resposta dos espíritos operantes, impondo as suas próprias conclusões e mesmo certas emersões do subconsciente. Isso pode acontecer porque os movimentos da mesinha dançante são mais propriamente comandados a princípio pela ação vigorosa da energia fluídica dos seus componentes, ainda com fraco domínio dos espíritos comunicantes.

Deste modo, os assuntos tratados através das convenções tiptológicas cingem-se à média do nível de entendimento comum dos que se reúnem e que se transforma numa “cortina-psíquica”, que os espíritos desencarnados não conseguem atravessar no propósito de manifestar suas próprias idéias. Em consequência, os resultados ou as conclusões espirituais das primeiras manifestações do Além só correspondem ao índice mental dos presentes, surpreendendo ou decepcionando-os, porque a comunicação dos espíritos é vacilante, confusa e não sobressai-se da craveira comum.

PERGUNTA: *– Será então que os trabalhos mediúnicos de tiptologia são exclusivamente fruto do animismo dos encarnados?*

RAMATÍS: – Não é isso que pretendemos dizer, mas sim advertir-vos de que o fracasso, a confusão e a incoerência de muitos desses trabalhos tiptológicos são resultantes da precipitação dos seus próprios componentes que, já de início, exigem provas indiscutíveis da imortalidade e a identificação minuciosa dos espíritos comunicantes. Eles ignoram que, na fase preliminar dessas experimentações mediúnicas, ainda predomina fortemente a interferência anímica dos que participam e assistem aos trabalhos. Só depois de assíduo e perseverante intercâmbio com o Além, experimentação cuidadosa e observação percuciente, é que se estabiliza a tiptologia, em face da presença dos desencarnados sensatos e benfeitores que, então, principiam a controlar o fenômeno mediúnico e a dominar a interferência anímica.

Os seus componentes sempre se candidatarão às mais desanimadoras decepções, desde que pretendam servir-se da mesinha dançante como o oráculo infalível, que deve resolver-lhes todas as perguntas fúteis e os assuntos tolos. Fora da experimentação séria, com a finalidade construtiva de sadia espiritualidade, o trabalho de tiptologia dominado pelos interesses materiais trunca-se e desilude os seus participantes, em face das respostas vulgares dos espíritos irresponsáveis e o maquiavelismo das sugestões capciosas.

As entidades benfeitoras são unânimes em recomendar que todo intercâmbio e transações dos “vivos” com os “mortos” devem ser exercidos só em função de progresso espiritual e à distância de quaisquer objetivos que visem unicamente a solução dos interesses ardilosos do mundo físico. Qualquer trabalho mediúnico sem finalidade superior de libertação espiritual, e que se cristaliza no intercâmbio mercenário com as entidades do astral inferior, termina sempre por agravar a escravidão da criatura às formas terrenas.

PERGUNTA: *– Quais os recursos que podem elevar o trabalho mediúnico tiptológico além do nível mental criado pelos seus próprios participantes?*

RAMATÍS: – São os propósitos adotados pelos seus componentes o que eleva ou rebaixa tanto o nível espiritual como o intelectivo de qualquer trabalho de intercâmbio com o Além. Os espíritos superiores, sem dúvida, são mais desenvolvidos mental e espiritualmente, por cujo motivo eles se transformam em sublimes catalisadores angélicos junto daqueles que lhes merecem a presença ou lograrem atraí-los devido ao cultivo dos seus objetivos espirituais. O trabalho de tiptologia poderá ultrapassar o nível mental escravo da influência dos seus componentes quando eles também puderem usufruir da presença ou das relações com os desencarnados de alta estirpe espiritual.

De início, as respostas dos desencarnados, através da tiptologia, podem ser incongruentes, evasivas, zombeteiras ou confusas, refletindo em grande parte

o automatismo mental e emotivo dos seus participantes, e às vezes contradizem o assunto em foco, ou a compreensão mais comum. O grau de sensibilidade da mesinha está de acordo com o potencial de força nervosa e de magnetismo, conjugados, dos presentes, o que lhe facilita libertar-se da força gravitacional do mundo físico de conformidade com o volume e a natureza do ectoplasma que for extraído no ambiente. Às vezes a mesa se move mais propriamente pela ação "psico-magnética" dos próprios assistentes, enquanto desobedece ao comando dos espíritos desencarnados que, atuando em faixa vibratória mais sutil, ficam tolhidos de interferir no comando mais positivo alimentado pelo magnetismo físico dos "vivos".

Se o trabalho de tiptologia ficar adstrito unicamente à área mental dos encarnados, o que às vezes acontece, ele deixará de oferecer qualquer ensejo para se obterem conclusões certas nas perguntas formuladas, e dificilmente poderá auxiliar quanto à identificação dos seus comunicantes. Repetimos: é preciso muito treino, contato mediúnico e paciência para que o trabalho de tiptologia compense integralmente.

PERGUNTA: *– Quais as providências que, de início, poder-se-iam adotar para o mais breve êxito do trabalho tiptológico?*

RAMATÍS: – Já vos advertimos de que a base fundamental do progresso e do êxito de qualquer trabalho mediúnico ainda é a natureza elevada dos seus objetivos, pois só desse modo afastam-se as entidades galhofeiras e levianas, que costumam interferir em qualquer empreitada medianímica de propósitos triviais ou interesses materiais. Esses espíritos irresponsáveis tudo fazem para quebrar a fé, semear a desconfiança, a intriga ou as decepções mais amargas entre aqueles que tolamente se colocam sob sua direção subversiva. E com mais facilidade eles podem interferir na tiptologia, porque se trata de um intercâmbio apoiado principalmente pelo magnetismo animal e mais fácil de sofrer a influência das mentes desenvolvidas, embora sejam almas imperfeitas na graduação espiritual. Os vossos guias, embora vos protejam constantemente na vida física, só depois que se firmam os objetivos espirituais e as intenções elevadas dos componentes do trabalho tiptológico é que então conseguem intervir a contento e dispender o seu precioso tempo em favor do vosso progresso espiritual. Os galhofeiros e malfeitores então se afastam ante a inutilidade dos seus esforços dispendidos para subverter ou mistificar os encarnados.

As criaturas desavisadas da realidade espiritual ou da responsabilidade mediúnica, assim que obtêm algum êxito no intercâmbio espiritual pela tiptologia, não tardam em servir-se desse gênero de trabalho para solver todos os seus interesses de ordem material, sacrificando o esclarecimento espiritual

em favor das soluções prosaicas do mundo terreno transitório. Manhosamente truncam o sentido elevado e o ensino moral que os espíritos benfeitores ministram do Além, e encaminham o intercâmbio tiptológico a favor dos seus interesses vulgares no mundo físico. Impacientes ante as instruções e esclarecimentos sobre a vida do espírito imortal, desviam o assunto espiritual para as indagações fúteis ou interesseiras.

PERGUNTA: *– Poderíeis explicar-nos esse assunto mais objetivamente?*

RAMATÍS: – Certas vezes é o chefe da família que, habilmente, tenta extrair dos desencarnados a solução proveitosa para os seus negócios mais comuns; o jovem negligente e comodista indaga da possibilidade de ser transferido o gerente que lhe dificulta a ascensão na firma em que trabalha; a dona de casa consome precioso tempo do comunicante, para que lhe explique a urticária do cotovelo, manifestada depois de uma feijoada completa; a moça casadoira, mas volúvel, indaga qual dos seus namorados ser-lhe-ia o melhor partido para o desejado casamento; e o caçula, displicente mas vivo, apoiado ainda pelo estímulo materno, requer então do espírito desencarnado uma solução fácil para resolver os seus problemas escolares, pois que se aborrece em estudá-los. Doutra feita, a visita acidental e encantadoramente cética, que gentilmente participa da tiptologia, curiosa e zombeteira, resolve comprovar a realidade do Além, desafiando o espírito comunicante a revelar-lhe a cor do novo vestido que ela adquiriu para o baile de gala.

Indubitavelmente, os espíritos sensatos e criteriosos afastam-se de imediato dos grupos de trabalhos mediúnicos cujas indagações não ultrapassam o círculo vicioso dos seus interesses materiais. E os seus lugares não tardam a ser preenchidos pelas entidades irresponsáveis, zombeteiras e levianas, que espreitam as oportunidades favoráveis para travar relações com os encarnados na base do negócio doméstico, o que então lhes permite imiscuírem-se cinicamente na vida alheia. Aliás, algumas delas chegam a prestar pequenos serviços, e assim mobilizam novas simpatias mas, como estimam os louvores humanos, procuram impor os seus conceitos vulgares à conta de alta filosofia e revelações incomuns.

Como esses espíritos não possuem cultura espiritual suficiente para orientar com proveito os seus simpatizantes encarnados, o intercâmbio mediúnico e o trabalho de tiptologia decaem muitíssimo no seu tom intelectivo, situando-se unicamente na esfera das soluções banais e dos conceitos comuns, à guisa de vulgar entretenimento para os ociosos do Além. Mas, desde que os seus componentes se interessem realmente pelo seu progresso moral e pela sua ascensão espiritual, o intercâmbio mediúnico disciplina-se e alcança um ritmo produtivo e sério, com a singularidade da mesinha poder revelar até o temperamento dos próprios espíritos comunicantes.

PERGUNTA: *– Poderíeis explicar-nos de que modo a mesinha pode até revelar o temperamento dos espíritos comunicantes, através de seus sinais tiptológicos? Não é ela apenas um móvel sem nervos e sensibilidade?*

RAMATÍS: – Uma vez que a mesinha tiptológica passa a ser na Terra o prolongamento móvel e material do espírito manifestante, pois é o instrumento de que ele dispõe para manifestar sua inteligência e exprimir o teor do seu psiquismo, é óbvio que nos próprios movimentos que ela efetua também pode demonstrar em sua mímica a natureza dos sentimentos, do temperamento e da psicologia que a animam sob a ação do espírito comunicante. É o meio com que ele conta, naquele momento, para exprimir-se em linguagem inteligível para o mundo material. A mesinha, em consequência, é o intérprete material, sensibilizado pelo magnetismo humano, que na sua movimentação para dar o recado do Invisível, também se impregna com algo da contextura psicológica dos seus próprios comunicantes.

PERGUNTA: *– Poderíeis atender-nos com alguns exemplos dessa influência?*

RAMATÍS: – Ao mesmo tempo que o espírito comunicante transmite os seus pensamentos pela “tiptologia”, que é a linguagem das pancadas, ele também exprime a natureza dos seus sentimentos pela “sematologia”, ou seja, a linguagem dos sinais.

Assim, quando se comunica entidade benfazeja e serena, a mesinha curva-se ou bate docemente, efetuando movimentos tranquilos e suaves; sob a ação de algum espírito severo e enérgico, mas bem intencionado, as batidas são firmes, os movimentos exatos, rápidos e decisivos. Os espíritos destros e de bastante vitalidade astral manejam a mesinha com firmeza e segurança; os recém-desencarnados, sofredores ou acabrunhados pelo remorso, movem-na de modo penoso e incerto, porque ainda se manifestam psiquicamente debilitados e confusos.

As entidades agressivas e mal intencionadas efetuam movimentos bruscos e rudes, apresentando um estilo tiptológico carregado de hostilidade; os espíritos coléricos produzem movimentos impacientes e nervosos; os espíritos levianos, zombeteiros ou mistificadores, através da mesinha traem seus impulsos duvidosos e falsos na burla contra os encarnados, e os néscios e estúpidos do Além acionam-na desassisadamente e de modo confuso.

16. AS COMUNICAÇÕES PERVERSIVAS

PELA TIPTOLOGIA

PERGUNTA: *– Qual a manifestação mais característica dos espíritos perversos, quando se comunicam pela tiptologia?*

RAMATÍS: – Os espíritos perversos, levianos e escarnecedores enleiam os encarnados com respostas incompletas e ditam frases tolas à conta de assuntos importantes. Algumas vezes obrigam os componentes do trabalho tiptológico a longas esperas e imobilizam a mesinha enquanto se riem à socapa da perplexidade e indecisão incomodativa que causa. Eles fazem escrever as mesmas palavras inúmeras vezes; produzem ditados paradoxais, compõem farsas históricas, revelações exóticas e predizem acontecimentos contraditórios. Um dos seus habituais prazeres é o de atiçarem a curiosidade dos assistentes, para depois deixá-los a meio caminho.

Os mais pervertidos aproveitam-se da incipiência, da leviandade ou do interesse vulgar dos presentes e, através da mesinha, compõem palavras e frases obscenas. Os mais cruéis transmitem falsos avisos de morte e semeiam a aflição entre os que os recepcionam, prevendo enfermidades atrozes; para os doentes eles receitam remédios extravagantes e beberagens nocivas, à conta de sábias prescrições médicas.

Certas vezes induzem os seus admiradores às adorações idólatras e os incentivam na crença de parvoíces religiosas; doutra feita, recomendam o uso de talismãs ridículos, de insígnias tolas ou de orações misteriosas. Despreocupados de qualquer consequência futura, eles fazem profecias levianas; asseguram excelentes promoções para os militares, predizem extraordinários sucessos políticos ou excelentes transações no comércio. Nenhum escrúpulo os detém, pois, conforme já vos explicamos nesta obra, quando lhes aparece o ensejo oportuno, indicam tesouros enterrados e traçam roteiros confusos para mortificarem aqueles que tolamente se lançam à aventura infrutífera.

PERGUNTA: *– Em alguns trabalhos tiptológicos, conhecemos espíritos solícitos que atendiam aos interesses pessoais solucionavam problemas que beneficiavam grandemente os seus consulentes. Qual o interesse deles nesse caso?*

RAMATÍS: – Como não há regra sem exceção, mesmo no Além, às vezes existe o merecimento cármico da criatura para ser atendida diretamente nas suas solicitações triviais ou mesmo de interesse material. No entanto, afora esses casos acidentais, há que vigiar a intromissão de espíritos irresponsáveis, galhofeiros ou imprudentes que, completamente equivocados naquilo que ensinam, dispõem-se a orientar os seus consulentes levianos.

Não há dúvida de que a continuidade do intercâmbio mediúnico, para fins de proveito material, há de atrair para ambiente os espíritos ociosos, petulantes e interesseiros, que ainda se apegam fanaticamente às tradições personalistas e às formas do mundo físico. Eles são solícitos, mas sem escrúpulos; cuidam de todas as tricas e quizilas da parentela consulente, enquanto também aceitam e sugerem qualquer incumbência que possa amolecer as fibras dos seus simpatizantes incautos. Não se recusam a atender às evocações assíduas que lhes fazem os interessados; colocam-se serviçalmente à disposição da família e dos seus amigos, opinando quanto ao dia favorável para se fazer a viagem de turismo, ou sobre a vizinha com quem convém interromper a amizade.

Habilmente evitam perder a simpatia daqueles que os consultam, e para isso só lhes ministram orientações agradáveis e afastam as responsabilidades espirituais. Os conflitos na família, as indisposições temperamentais e os seus pecados são transferidos para a culpa de outrem; há sempre o vizinho invejoso, o "mau olhado", a mediunidade em eclosão ou o serviço maléfico contrário, que então passam a justificar todas as insânias. A tudo atendem e tudo prometem; são solícitos no servir e hábeis no desfibrar as almas invigilantes.

PERGUNTA: – *Não seria conveniente que os guias esclarecessem os encarnados a esse respeito, a fim de reduzir a interferência tão perniciosa desses espíritos mefistofélicos?*

RAMATÍS: – A principal culpa dessa situação lamentável ainda cabe aos próprios encarnados, que se transformam em consulentes levianos no seu ingresso à seara espírita, passando a considerá-la simples agência de informações e assistência à lei do menor esforço. E assim não tardam a aparecer os "gentis" professores e tutores das sombras, que não hesitam em minar as reservas sublimes do espírito encarnado, desabituando-o de qualquer reflexão mental ou experimentação educativa. No campo da espiritualidade, eles transformam os seus simpatizantes em inúteis "robôs" que, em seguida à morte do corpo, comparecem ao "lado de cá" à semelhança do bugre ignorante lançado no turbilhão das metrópoles. E ainda lhes acontece o pior, pois, indagando dos seus antigos "mentores" tiptológicos e procurando-lhes o amparo no Além, tornam-se alvo das suas mais impiedosas chacotas e sarcasmos.

PERGUNTA: *– Tendes nos informado dos espíritos perversos, levianos, escarnecedores, cruéis e obscenos que, como ignorantes, zombam dos encarnados nos trabalhos de tiptologia. Também nos explicastes a existência de espíritos solícitos, simpáticos e que servem habilmente, com o fito de amolecer as fibras da alma encarnada. Porventura, em tais trabalhos também não comparecem certos espíritos de avançada inteligência e poderes, mas devotados ao mal?*

RAMATÍS: – Esses espíritos são os mais daninhos e diabólicos na função de subverter as convicções espirituais dos encarnados, pois conseguem fazer passar as suas realizações maquiavélicas como se fossem serviços prestados pelas entidades benfeitoras e de responsabilidade. Gênios do submundo espiritual, com a mente extraordinariamente desenvolvida e sabendo manejar com sucesso algumas energias do mundo oculto, também operam com certa facilidade no campo da fenomenologia mediúnica ectoplásmica. O seu principal intuito é o de fascinar e decepcionar os homens que só se interessam pelos fenômenos que os "convencem" através da prova dos sentidos físicos, enquanto cessam a indagação interior e deixam de adaptar-se aos princípios do Cristo. Então ateam o entusiasmo da crença transitória nos encarnados descuidados de sua introspecção espiritual e ávidos de sensações exóticas, produzindo-lhes fenômenos mediúnicos invulgares, que os impressionam.

No entanto, decorrido certo tempo de treino fascinador, essas entidades passam a agir sub-repticiamente; semeiam as contradições mediúnicas e pouco a pouco levam os seus próprios admiradores à desconfiança e à profunda descrença, desmentindo os próprios fenômenos e as revelações que produziram anteriormente. Pérfidos em suas intenções, conduzem então o trabalho mediúnico para a vulgaridade, a confusão e a dúvida, enquanto pela via intuitiva levam os encarnados à completa incredulidade daquilo que assistiram à conta de manifestações do mundo espiritual.

PERGUNTA: *– Quais as providências que esses espíritos empregam para alcançar os seus objetivos subversivos?*

RAMATÍS: – Já vo-lo dissemos antes; são gênios do submundo espiritual, argutos ao extremo, profundos psicólogos a par das vulnerabilidades humanas e contradições freudianas dos encarnados. Assim, planejam com muita capacidade e prevêem com segurança o curso do seu programa mefistofélico, pois desde o princípio de sua atuação deixam assinalados nos fenômenos ou comunicações mediúnicas determinadas arestas e hiatos, que depois servirão de base para, associados às evocações mentais dos assistentes, incentivá-los à descrença ou suspeita.

Operam de modo a que os fatos manifestos de modo invulgar sejam mais tarde explicados pela regência natural das leis do mundo físico, ou se ajustem perfeitamente à suspeita de mistificação ou animismo dos médiuns. Em suma: eles induzem à crença entusiasta no fenômeno incomum e na realidade dos espíritos imortais, mas depois proporcionam indiretamente os meios de os encarnados chegarem a conclusões pessoais que expliquem tudo sem a intervenção do Além.

Inescrupulosos, atuam diretamente no médium sob o seu controle, e o levam no transe a mistificar de modo inconsciente na sessão mediúnica, logrando causar grande decepção entre os frequentadores neófitos e ainda inseguros na crença espírita, que assim apagam a última chama de esperança na imortalidade. E então desaparece o tom espiritual de intervenção extraterrena para impor-se a explicação humana pela tese do puro animismo ou da intervenção mistificadora.

PERGUNTA: *– Ainda gostaríamos de fazer-vos mais uma pergunta: É muito comum a intervenção perniciosa desses espíritos de avançado poder e intelecto nos trabalhos de fenômenos mediúnicos, ou isso é apenas acidental? Qual o proveito compensador que eles obtêm na complexa atuação contra os encarnados?*

RAMATÍS: – Nenhuma entidade irresponsável ou má, mesmo que poderosa, intervém nos trabalhos mediúnicos onde dominam os princípios evangélicos do Cristo, aliados aos desejos sinceros de ascensão espiritual dos seus componentes. Isso só acontece quando os encarnados pretendem transformar os espíritos comunicantes em seus "corretores" dos interesses humanos. Moisés, conforme relata a ***Bíblia***, já em época tão recuada viu-se obrigado a proibir o intercâmbio mediúnico dos hebreus com os desencarnados, tal era o índice vulgar das relações de ambos, que só cuidavam das satisfações do corpo físico e matavam os estímulos ascensionais da alma.

Os gênios das sombras, portanto, só alcançam êxito entre os encarnados avessos à sua própria reforma espiritual, e que da vida física nada mais pretendem do que usufruir o "melhor" possível através dos sentidos físicos. Os médiuns que se descuidarem de sua vigilância espiritual, ficam sujeitos à mistificação inconsciente provocada pelos desencarnados inescrupulosos. Muitos trabalhos mediúnicos, após brilhantes sucessos fenomênicos, fracassaram semeando as mais cruéis decepções entre os seus integrantes, em face da intervenção de espíritos de má fé, que se aproveitaram da decadência moral e mediúnica dos sensitivos e puderam fazê-los mistificar inconsciente ou até, conscientemente.

Os responsáveis pelas hordas do astral inferior, que movem desesperada ofensiva contra os prepostos do Cristo, sabem que é conveniente neutralizar em definitivo a crença que desperta nas almas laboriosas e inteligentes e que, depois de totalmente convertidas, se transformam em eficientes colaboradores da espiritualidade. Sem dúvida, o progresso espiritual de inúmeras criaturas teria se estagnado, se os gênios do mal tivessem podido atrofiar, em seu início, o germe sublime da crença que empolgou Allan Kardec, quando teve contato com as mesinhas dançantes. Quantos médiuns excelentes abandonaram as primeiras experiências benfeitoras da eclosão mediúnica, porque os interventores do astral inferior conseguiram minar-lhes as convicções pela tese do animismo improdutivo e da mistificação condenável.

É por isso que vários entusiastas, amigos dos fenômenos físicos da tiptologia e demais trabalhos mediúnicos incomuns, alegam que abandonaram o espiritismo ainda mais descrentes do que antes de participarem dos seus trabalhos práticos. Lamentam o seu velho entusiasmo, a sua crença ingênua nos médiuns e nos supostos espíritos, cuja existência eles haviam comprovado pela “certeza” dos sentidos físicos, para depois tudo ruir espetacularmente pelo animismo, mistificação e burla dos medianeiros mercenários. Ignoram, no entanto, que se recolheram desiludidos à sua própria intimidade egotista e atrofiaram o último interstício da sua visão imortal sob a direção dos magos ardilosos das sombras, que assim fecharam-lhes em definitivo a porta entreaberta para o “lado de cá”. Através de um golpe maquiavélico, eles provocam o fenômeno mediúnico incomum, para negarem a existência da própria alma que o produz.

Essas criaturas queixosas e decepcionadas com a doutrina espírita e a sua prática mediúnica são as que ainda não se converteram intimamente à fenomenologia evangélica do Cristo. Assim como o clarão súbito da luz ilumina, mas depois ofusca, os espíritos subversivos apenas convenceram-nas, abrindo-lhes os olhos, de surpresa, para depois as cegarem com a areia cáustica da definitiva descrença. Sempre é mais proveitoso que o homem “sinta” o espírito imortal em si mesmo, para depois tentar vê-lo ou apalpá-lo pela exterioridade da fenomenologia dos sentidos físicos, pois, se a intuição é qualidade intrínseca da alma, a visão física é apenas uma decorrência provisória dos olhos de carne.

17. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDÊNCIA

PERGUNTA: *– Entre um médium vidente intuitivo, que não "vê" propriamente os espíritos, mas apenas lhes recebe as impressões através da mente ou do perispírito, pressentindo-lhes os contornos, as vestes e a fisionomia, e outro cuja faculdade mediúnica permite-lhe ver diretamente no mundo astral, qual dos dois medianeiros é o mais eficiente, exato e seguro?*

RAMATÍS: – Desnecessário é dizer-vos que não são os olhos carnais que vêem os fenômenos da vida do "lado de cá", mas na realidade é o espírito que vê por dupla-vista, por cujo motivo os médiuns videntes tanto vêem com os olhos abertos como fechados, donde se conclui, conforme explica Allan Kardec, que o cego pode ver os espíritos1.

1. ***Livro dos Médiuns***, Cap. XIV, Tópico 167.

Como o corpo físico e o sistema nervoso são o prolongamento vivo, enfim, o revelador de suas idéias e concepções para o mundo material, o êxito técnico da vidência indireta mental, ou astralina direta, depende principalmente da maior ou menor sensibilidade psíquica da criatura. No entanto, a sua segurança, exatidão e proveito, apesar disso, subordinam-se muitíssimo à graduação moral e espiritual do ser.

Muitos videntes famosos e dotados da dupla-vista focalizável diretamente no mundo astral não foram espíritos benfeitores, e o seu desenvolvimento mental, invulgar, não se harmonizava com os seus sentimentos inferiores a serviço do mal.

Em qualquer manifestação mediúnica, é mais importante verificar-se a índole e a moral do médium, pois se ele é criatura viciada ou inescrupulosa, também vive ligado aos espíritos desencarnados da mesma estirpe espiritual inferior, por cujo motivo as suas revelações não possuem o mérito e as revelações espirituais proveitosas. Os espíritos das sombras vivem à espreita daqueles que podem oferecer-lhes a oportunidade da "ponte viva" mediúnica, ligando-os novamente com o mundo físico para desfrutarem as sensações torpes de que foram tolhidos pela perda do corpo carnal.

PERGUNTA: *– Podeis nos dar algum exemplo de um médium de vidência astral incomum, mas subvertido quanto aos seus objetivos pessoais?*

RAMATÍS: – Um dos exemplos mais convincentes é o caso de Rasputin, que, além de possuir outros poderes ocultos extraordinários, visualizava diretamente o mundo astral e entendia-se com os gênios das sombras. No entanto, ele aplicava para fins criminosos e inconfessáveis toda a fenomenologia mediúnica de que dispunha, sob o concurso da inspiração do Mal.

Assim, é bem mais útil e seguro o médium de vidência intuitiva que, por sua moral superior e os propósitos benfeitores que assumiu, permanece incessantemente ligado às entidades sublimes, pois, embora o seja indiretamente, ele vê somente aquilo que é sensato e proveitoso. É de pouca valia o médium de visão astralina avançada que, por viver na companhia dos espíritos diabólicos, faz relatos funestos, prediz perturbações e deforma a realidade espiritual, transformando sua faculdade em banca de negócio ou motivo de sensações inferiores.

Os espíritos delinquentes e malfeitores procuram ligar-se aos videntes excepcionais mas de moral duvidosa, a fim de interferirem em suas faculdades e levá-los ao ridículo, às sandices ou atiçar a intriga e a desconfiança entre os seus companheiros. O seu intuito é o de afastá-los o mais cedo possível dos ambientes moralizados e assim neutralizar-lhes a vidência esclarecedora, de ajuda, na seara espírita. É por isso que certos videntes que vivem sob a ação desses espíritos mistificadores revelam quadros tolos, fatigantes e exóticos, que lançam a dúvida, despertam o riso ou semeiam a confusão entre os circunstantes.

Os espíritos maquiavélicos tudo fazem para baixar o tom de segurança e sensatez dos ambientes espíritas, e tentam anarquizá-los pelas revelações frívolas ou contraditórias, que nada têm a ver com a doutrina ou com os objetivos sérios do trabalho. Tanto pela psicofonia como pela vidência, eles fazem descrições ocas e extensas, acumulam detalhes inúteis e cansativos aos presentes, misturando propositadamente as idéias ridículas e justificando as superstições, quando podem atuar pelos médiuns ingênuos, ignorantes ou de sentimentos censuráveis. E se dispuserem de medianeiro exaltado, exibicionista ou envaidecido pelas competições de oratória mediúnica, então essas entidades das sombras falseiam a realidade do Além e chegam a abalar as convicções dos neófitos espíritas.

O médium, pois, vidente, intuitivo ou de vista-dupla direta, antes de se preocupar com o êxito técnico e o poder descritivo de sua faculdade, deve primeiramente evangelizar-se, a fim de assegurar o teor verídico e o sentindo benfeitor daquilo que “vê” ou “sente” no limiar do mundo invisível dos espíritos desencarnados.

18. VIDÊNCIA IDEOPLÁSTICA

PERGUNTA: *– Por que motivo entre os vários retratos que foram pintados mediunicamente sobre a vossa figura perispiritual, nenhum deles se parece estritamente convosco? O vosso sensitivo explica-nos que sois amorenado, olhos oblíquos e que não tendes o aspecto adolescente de um jovem de quinze anos, como vos pintaram. Também apresentais uma fisionomia expressivamente ocidentalizada, quando, na realidade, sois um tipo oriental descendente de hindu e chinesa. Diz o médium que a maior semelhança entre vós e os retratos mediúnicos pintados reside somente no tipo das vestes, do turbante e das cores de vossa aura. Que dizeis?*

RAMATÍS: – As diferenças comumente existentes entre a verdadeira configuração perispiritual dos desencarnados e as pinturas mediúnicas resultam mais propriamente dos efeitos imprecisos e muito comuns dos fenômenos de ideoplastia. As idéias e os pensamentos produzem ondas e radiações que, por sua vez, devem formar imagens daquilo em que se pensa. No entanto, como as nossas são configuradas no plano da 4.ª dimensão, nem sempre se ajustam com exatidão às formas tridimensionais da visão carnal.

Assim, é muito difícil para os encarnados obter uma fotografia perfeita e exata das idéias ou das imagens que projetamos do Além sobre a mente dos médiuns intuitivos, videntes ou desenhistas. Mesmo quanto à exatidão das comunicações faladas ou psicografadas dos nossos pensamentos, ainda são raros os médiuns intuitivos que apanham a realidade intrínseca do assunto que desejaríamos transferir para o conhecimento do mundo material.

Em comparação com a frequência retardada dos acontecimentos do mundo material, ainda é muito grande o aceleramento ou a fuga vibratória dos fenômenos que se sucedem no mundo astral, do que resulta considerável desajuste no mesmo tempo da ocorrência. Como ilustração concreta dos nossos dizeres, basta dizer que o nosso médium, neste momento, mobiliza toda a sua capacidade psíquica para captar com êxito as idéias que formulamos do “lado de cá” e, no entanto, não consegue transferir fielmente para a matéria o assunto que sente na intimidade de sua alma. Servindo-nos de rude exemplo, diríamos que, enquanto emitimos um “tonel” de pensamentos, o nosso médium só consegue captar em seu equipo físico a quantidade pensada que simbolicamente só caberia num “copo”.

PERGUNTA: *– Poderíeis esclarecer-nos melhor o motivo dessa contradição entre o original-espírito e a cópia retratada mediunicamente?*

RAMATÍS: – Os retratos pintados mediunicamente, que não reproduzem fielmente a configuração perispiritual ou a fisionomia dos desencarnados, ressentem-se geralmente de três dificuldades características. Às vezes, o médium desenhista, quando retrata o espírito desencarnado, apenas sente-lhe a vibração à distância e o confunde com a imagem que ele "vê" mentalmente no momento em que desenha. Noutros casos, as pessoas presentes ao trabalho mediúnico pensam fortemente em determinado espírito de sua simpatia, e o médium desenhista, então, confecciona o retrato conforme a figura que ele sente projetada na cortina astral, ignorando que se trata unicamente de imagem que foi pensada por um encarnado naquele instante. Sem dúvida, a pintura então será tão perfeita ou imperfeita quanto for a capacidade e a fidelidade de quem a pensar. Finalmente, a maioria dos casos de imperfeição do desenho mediúnico provém mesmo da inabilidade e deficiência técnica do médium desenhista, que por vezes ainda se junta a uma faculdade incipiente e incapaz de pressentir com proficiência o modelo desencarnado.

Em virtude da semelhança que é muito comum nas vestimentas dos orientais, os videntes ou desenhistas confundem facilmente os espíritos dessa origem devido aos seus turbantes ou túnicas tradicionais, tal como já tem acontecido conosco, quando erroneamente nos tomam por outras entidades. É muito comum aos trabalhadores do Oriente apresentarem-se aos médiuns ostentando certos emblemas iniciáticos do espaço, como a esmeralda, o rubi, o topázio ou a safira nos turbantes, e que não expressam a convenção comum das jóias terrenas, mas apenas certa identificação particular, tal como os fraternistas terrenos usam a estrela de salamandra, o signo de Salomão ou o triângulo egípcio. Não se trata de talismãs ou insígnias supersticiosas, nem mesmo de distinções hierárquicas, a que somos avessos, mas apenas de sinais que identificam as entidades sob o mesmo gênero de trabalho e de responsabilidade espiritual nas comunidades astrais do Oriente.

Quanto a nós, temos aparecido ao sensitivo e à vidência dos terrícolas com as vestes religiosas que usávamos há um milênio em nossa última romagem carnal na Indo-China, isto é, espécie de indumentária iniciática dos bispados daquela latitude geográfica. Os espíritos esclarecidos e certos de que todas as criaturas provêm do mesmo Criador e jamais se distinguem por privilégios espirituais, não se preocupam com a fidelidade ou exatidão de suas fisionomias copiadas do mundo físico e que são retratadas pelos médiuns desenhistas. Sabeis que o espírito, à medida que se reencarna, translada-se para outros planetas ou ascensiona para planos espirituais superiores, também modifica inexoravelmente a substância e a estética de sua vestimenta perispiritual.

Se fôssemos colecionar os diversos perispíritos que já modelamos desde o nosso primeiro contato espiritual com a matéria planetária, o certo é que terminaríamos confusos ante a variedade de aspectos e figuras que já envergamos nas vidas carnais, enquanto se manteve intacta a nossa individualidade espiritual responsável por tais manifestações no mundo de formas. Atualmente já temos consciência de que somos um singelo "número sideral" classificado nas fichas da contabilidade divina, por cujo motivo desinteressamo-nos dos nomes com que fomos conhecidos nas tabelas educativas do mundo físico e dos preconceitos ancestrais extintos na cova material. A personalidade humana, que muitos ainda defendem fanaticamente em sua hereditariedade biológica, para nós é o rótulo que nos marcou provisoriamente no aprendizado da escola física.

Em face da determinação divina do Pai, em que todos os espíritos são anjos em potencial a caminho da ventura eterna, no reino do espírito puro o corpo físico e o perispírito são apenas trajes anacrônicos deixados no seu limiar. Se ainda conservamos a configuração de nossa última existência na Indo-China, em lugar de qualquer outra plasmada pela nossa mente ou vivida anteriormente, isso o fazemos para apoio à vidência ou intuição dos terrícolas que vibram conosco no mesmo esforço e ideal de libertação espiritual.

PERGUNTA: *– A fim de compreendermos satisfatoriamente a autenticidade ou dificuldade na retratação mediúnica dos espíritos desencarnados, poderíeis esclarecer-nos, no vosso caso, por que motivo vos retrataram com a aparência de um jovem de quinze anos, em certa pintura mediúnica, embora houvésseis deixado o mundo terráqueo com a idade física de trinta anos?*

RAMATÍS: – A médium que nos retratou perispiritualmente deixou-se envolver por algum sentimento lisonjeiro e de simpatia para conosco, convicta de que todos os espíritos que participam das tarefas espirituais benfeitoras devem ser demasiadamente belos ou jovens, algo parecidos aos anjos tradicionais da história sagrada.

Aliás, isso é muito comum entre os encarnados, que atribuem facilmente as características de beleza e sabedoria aos espíritos de sua simpatia tal como ocorre com a família terrena, que sempre considera os seus descendentes como as melhores criaturas do mundo! Esse deve ter sido o motivo por que nos retrataram de modo tão lisonjeiro, quando a médium provavelmente nos imaginou habitante privilegiado dos planos edênicos, por cujo motivo nos retratou sob radiosa atmosfera de luzes, aspecto jovem, emoldurando-nos com as cores mais principescas![1]

1. Nota do Médium: – Embora respeitando as evasivas modestas de Ramatís, devo dizer que também o tenho visto no seio de uma massa de luz policrômica tão cintilante e transparente,

que elimina todas as rugas, sulcos e sinais de maturidade de sua fisionomia, apresentando-o com o aspecto de um jovem de quinze anos, cujo rosto assume um tom rosado; seus olhos amendoados arredondam-se pela luz que os inunda facilmente. Ramatís remoça-se de tal modo pelos fulgores luminescentes que se irradiam de sua intimidade, que será dificílimo crer-se que o seu perispírito abandonou o corpo carnal aos 30 anos de idade física, pois até seus lábios perdem os contornos orientais.

19. ALGUMAS OBSERVAÇÕES

SOBRE ANIMISMO

PERGUNTA: *– Que devemos entender por animismo, no tocante às comunicações mediúnicas da seara espírita?*

RAMATÍS: – Animismo, conforme explica o dicionário do vosso mundo, é o "sistema fisiológico que considera a alma como a causa primária de todos os fatos intelectivos e vitais".

O fenômeno anímico, portanto, na esfera de atividades espíritas, significa a intervenção da própria personalidade do médium nas comunicações dos espíritos desencarnados, quando ele impõe nelas algo de si mesmo à conta de mensagens transmitidas do Além-Túmulo. Assim, quando os aficionados do espiritismo afirmam que determinada comunicação mediúnica foi "puro-animismo" querem explicar que a alma do médium ali interveio com exclusividade, tendo ele manifestado apenas os seus próprios conhecimentos e conceitos pessoais, embora depois os rotulasse com o nome de algum espírito desencarnado.

Essa interferência anímica inconsciente, por vezes, é tão sutil, que o médium é incapaz de perceber quando o seu pensamento intervém ou quando é o espírito comunicante que transmite suas idéias pelo contato perispiritual.

PERGUNTA: *– Porventura não considerais o animismo um percalço indesejável nas comunicações espíritas?*

RAMATÍS: – Servindo-nos dos médiuns da Terra, curvamo-nos imensamente gratos ao Pai pelo ensejo de podermos inspirá-los em favor da ventura, do bem e da alegria dos seres humanos. Por isso não desprezamos a oportunidade dos médiuns anímicos quando eles nos interpretam a seu modo pessoal, desde que conservem a idéia central e autêntica daquilo que lhes incutimos na alma.

PERGUNTA: *– Então a comunicação do médium completamente anímico não passa de mistificação inconsciente; não é assim?*

RAMATÍS: – Quando o médium não tem o intuito de enganar os que o ouvem, não podeis admitir a mistificação inconsciente. A comunicação anímica é decorrente da falsa suposição íntima de a criatura julgar-se atuada por

espíritos, por cujo motivo transmite equivocadamente suas próprias idéias. A mistificação, no entanto, é fruto da má intenção.

PERGUNTA: *– No conceito da mediunidade, o médium anímico tem algum valor positivo?*

RAMATÍS: – A criatura anímica, quando em transe, pode revelar também o seu temperamento psicológico, as suas alegrias ou aflições, suas manhas ou venturas, seus sonhos ou derrotas. Desde que essa manifestação anímica, à guisa de mediunidade, se manifeste pelo transe conturbado e assinalada por cenas dolorosas, fatos trágicos ou detestáveis, então trata-se de médium desajustado ou doente, que necessita mais de amparo e orientação espiritual, para dominar as impressões mórbidas do subconsciente, do que mesmo de desenvolvimento mediúnico. Algumas vezes ele transmite animicamente os fatos mórbidos que o impressionaram na infância ou mesmo as cenas trágicas vividas na existência pregressa, como se fossem a história de espíritos infelizes desencarnados. As emersões freudianas da terminologia psicanalítica também são responsáveis por algumas dessas supostas manifestações intempestivas e conturbadas, em que os médiuns excessivamente anímicos e sugestionáveis pressupõem manifestações do Além-Túmulo.

PERGUNTA: *– Supondo-se um médium anímico que, embora só transmitindo o que é de si e à conta de manifestação de espíritos, seja tão culto, sensato e de conduta moral irrepreensível, que exponha os seus pensamentos em alto teor intelectivo e espiritual, como poderíamos classificá-lo na tese anímica?*

RAMATÍS: – Nesse caso é criatura que supera a maioria dos médiuns, pois, se é inteligente, de moral superior e sensível à vida espiritual angélica, não deixa de ser um médium intuitivo-natural, um feliz inspirado que pode absorver diretamente na Fonte Divina os mais altos conceitos filosóficos da vida imortal e as bases exatas da ascese espiritual.

Ao contrário da criatura exclusivamente anímica, que só oferece um conteúdo pobre e superficial na sua passividade psíquica, o intuitivo natural chega a pressentir a própria transformação do futuro e reconhece com absoluta segurança quais os valores evolutivos da mais alta espiritualidade. Domina o fenômeno de sua auscultação espiritual e dirige-o desperto e consciente, em apreciável coerência garantida pela sensatez do seu intelecto superior. No entanto, o médium anímico mas inculto, sugestionável, enfermiço ou moralmente falho é a vítima passiva de suas próprias idéias fixas, das emersões da memória pregressa e das sugestões anímicas medíocres. Facilmente ele há de tomar por manifestação de espíritos desencarnados tudo aquilo que se patenteia à superfície de sua mente e sob a influência de qualquer clima catalisador de animismo.

PERGUNTA: *– Aludis a um clima "catalisador de animismo"; não é assim? Como poderíamos entender essa vossa referência?*

RAMATÍS: – O ambiente de uma sessão espírita, por exemplo, é um clima adequado para favorecer a associação de idéias, a emersão do subconsciente ou o ajuste das impressões do dia nas criaturas mais sugestionáveis, que assim se confundem a ponto de se crerem mediunizadas pelos espíritos. Ali tudo converge para "catalisar", ou seja, acelerar o conteúdo psicológico, a bagagem freudiana, os automatismos incontroláveis no médium excessivamente anímico. Ele sugestiona-se para o transe anímico já no ingresso à atmosfera tradicional do ambiente espiritista; o seu subconsciente excita-se à meia-luz, pela abertura dos trabalhos, sob a leitura do Evangelho ou dos temas mediúnicos. As instruções do doutrinador, o convite para os médiuns se concentrarem e receberem o guia ou os sofredores, tudo isso funciona à guisa de um clima "catalisador", que aciona inadvertidamente a maquinaria psíquica da criatura ansiosa por ser médium e desafogar seus dramas e angústias íntimas, que erroneamente a fizeram crer como sendo fruto da influência de espíritos sofredores.

Além das condições que aceleram a mente do médium anímico, ele pode dar largas à sua imaginação desenfreada até pela presença de algum espírito desencarnado, às vezes um seu comparsa do passado, que por isso também se ligou às próprias aflições morais e dores que o dominam durante o transe anímico.

A aproximação dos espíritos junto aos seres encarnados assinala-se por várias formas de pressentimento, modificação do campo magnético ou sensações psíquicas estranhas, que também podem se enlear facilmente com outros fenômenos próprios da vida física, confundindo-se a criatura anímica com o médium. É muito difícil distinguir se um espírito está se comunicando ou se é o médium que se põe a interferir animicamente, pois no entrosamento entre ambos se processa acentuada oscilação vibratória, espécie de "focalização" e "desfocalização" alternadas, o que só é passível de controle ou observação segura pelos espíritos desencarnados e competentes.

PERGUNTA: *– O médium totalmente anímico pode tornar-se um médium de comunicação dos espíritos desencarnados?*

RAMATÍS: – Por que não? O animismo, como manifestação da alma do ser, também é sensibilidade psíquica, tal como a faculdade mediúnica, que é o meio para a comunicação dos espíritos desencarnados. Em consequência, o médium anímico também tende à eclosão do fenômeno mediúnico, em face de sua hipersensibilização psíquica, cumprindo-lhe estudar e procurar distinguir quando realmente é o seu espírito quem comunica e quando se trata de

entidade do Além. Além disso, ele precisa evitar a cristalização da mente nos quadros familiares que costumava comunicar animicamente; e isso só é possível pelo estudo, pesquisa e consulta aos mais experimentados.

O médium totalmente anímico é sempre a vítima passiva do seu próprio espírito, que pensa e expõe sua mensagem particular sem qualquer interferência exterior. O médium propriamente dito, mesmo quando obsidiado, ainda é um medianeiro, um instrumento das intenções ou dos desejos de outrem.

Mesmo quanto ao médium totalmente anímico, ainda se poderiam estabelecer duas classificações, isto é, o anímico passivo, que é vítima absoluta de suas próprias idéias e impressões, e o anímico ativo, capaz de perquirir os acontecimentos e os fenômenos da vida oculta, para depois expô-los em nome de terceiros.

PERGUNTA: *– Quais são os fatores mais responsáveis pela cristalização do "animismo puro" de alguns médiuns, que só transmitem mensagens sugeridas pelos acontecimentos da vida cotidiana?*

RAMATÍS: – É o automatismo psicológico, em particular, um dos estados de alma bastante influente nas manifestações anímicas, em que o subconsciente comanda as idéias ou os fatos que afloram ao cérebro do médium, impondo-os à conta de manifestação de espíritos do Além. Em tal condição, o médium assume a personalidade alheia e passa a viver facilmente o temperamento, os sentimentos ou o caráter das criaturas que ele conheceu pessoalmente ou pelos relatos históricos, deixando-se empolgar pelo desejo de imitá-los.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos esclarecer, com algum exemplo mais objetivo, quanto a essa influência do automatismo psicológico nos médiuns anímicos?*

RAMATÍS: – Alguns médiuns, por exemplo, embora não sejam completamente anímicos, deixam-se empolgar em demasia pela vida dos apóstolos ou dos seguidores do Mestre Jesus, vivendo impressões íntimas que, mais tarde, passam a comunicar à guisa de manifestações mediúnicas daqueles que tanto admiram.

Os grandes líderes, profetas, santos, escritores, artistas, governadores, ministros e demais personalidades que se destacam no cenário do mundo material exercem profunda impressão nos médiuns muito anímicos, fazendo-os rotular os seus próprios guias com esses nomes tão em evidência na história religiosa ou literatura profana. Outros, devido à excessiva imaginação muito ativada na sua mocidade, quando se deixavam arrebatar pelos romances de aventuras decalcados da história, vivem no transe mediúnico essas impressões

excitantes e que se sobrepõem, às vezes, à identidade e ao assunto dos espíritos comunicantes.

O Egito dos faraós, a Grécia dos filósofos, a Itália dos doges e dos césares, a França dos aventureiros de capa e espada, ainda vibram com forte vitalidade na mente da maioria das pessoas e, portanto, dos médiuns. Principalmente a França exerceu forte influência na alma dos leitores de aventuras; os personagens mais célebres de sua história ainda se movem na sua retina, emoldurados pelo vulto da Notre Dame, do Sena, da praça da Greve, do pátio dos milagres, das tabernas de Paris ou à sombra da tétrica guilhotina. Os guardas de Richelieu ou de Mazzarino, em luta acirrada com os mosqueteiros do Rei, através das páginas de Dumas, ainda lançam o fulgor das espadas ou o brilho dos seus punhais na memória dos leitores mais emotivos. No período monárquico alinham-se em fila Luiz XIV e Luiz XV, Catarina e Maria de Médicis, La Vallière, Du Barry, Pompadour, Maria Antonieta ou os Guise. A República surge recortando as figuras de Robespierre, Napoleão, Marat, Danton, Fouché, Madame Roland, Delfin de França, Desmoulin e outros.

O automatismo psicológico, ou personalismo, que domina profundamente na subconsciência do ser, estratifica com o tempo as imagens mais simpáticas e que produziram maior impressão nas criaturas sugestionáveis, fazendo-as emergir por associação de idéias ou devido ao clima psíquico adequado.

E o médium anímico, muito indisciplinado em suas emoções e entontecido pelas imagens que bailam na sua mente descontrolada, não tarda em transferir para o ambiente espirítico as personalidades que mais o impressionaram na existência, dando-lhes vida triste, heróica ou desafortunada. Através de supostas comunicações mediúnicas do Além, os personagens exaltados nos romances aventurescos e de fundo histórico ainda continuam a se manifestar com insistência em certos trabalhos mediúnicos, impondo as mesmas características que há séculos deveriam ter possuído em vida. Aqueles que a história romanceada os descreveu heróicos, benfazejos ou depreendidos, “baixam” nas sessões espíritas a cumprir missões elevadas e que condizem perfeitamente com o seu caráter e temperamento tradicionais. Mas os que a pena do escritor os retratou tiranos, cruéis, falsos, maquiavélicos ou cúpidos também se apresentam nas sessões espíritas corroídos pelo remorso ou pelas dores, ou então jurando vingança e prorrompendo em ameaças contra os que pretendem doutriná-los.

Os vultos trágicos da Revolução Francesa só no território brasileiro já foram doutrinados dezenas de vezes, pois determinado número de médiuns ainda não conseguiu libertar-se completamente da fascinação exercida na sua mente pelas leituras românticas e históricas, cujos personagens excitam-lhes a

memória e interferem animicamente nas comunicações dos espíritos, impondo-se, por vezes, com foros de profunda realidade.

PERGUNTA: *– Quereis dizer que todas as comunicações em nome desses personagens históricos são apócrifas?*

RAMATÍS: – Embora esses médiuns muito anímicos sejam vítimas de sua própria exaltação psíquica, agindo sem má intenção, é óbvio que alguns espíritos que a história destacou pela sua turbulência, crueldade ou maquiavelismo, ainda curtem o remorso de suas aventuras ignóbeis ou dos crimes execráveis comparecendo a certos trabalhos espíritas sem qualquer modificação espiritual. O que queremos é apenas advertir quanto aos prejuízos da imaginação indisciplinada dos médiuns anímicos, que revivem nas sessões mediúnicas a figura de certos personagens históricos e aventurescos, cuja índole e temperamento, quase sempre, são apenas a suposição daquilo que os autores que os descreveram em seus romances imaginaram terem eles sido na realidade.

PERGUNTA: *– Mas os apóstolos e servidores de Jesus, tão benfazejos e bondosos, tidos como guias e protetores de tantos médiuns no Brasil, porventura também não se comunicam sempre com a Terra?*

RAMATÍS: – Não opomos dúvida quanto à possibilidade de alguns médiuns serem inspirados ou tutelados por alguns dos apóstolos ou discípulos que viveram à sombra do Mestre Jesus. Mas desejamos relembrar-vos que a ascensão sidérea é incessante e os espíritos, quanto mais conscientes de suas necessidades íntimas, com mais urgência procuram a retificação do seu passado imprudente, buscando integrar-se à frequência vibratória mais alta, por cujo motivo aceleram o seu programa reencarnatório junto à escola eficiente da matéria.

É o caso dos apóstolos e demais discípulos de Jesus que, provavelmente, já mudaram de personalidade humana diversas vezes. Em consequência, quando não se trata de animismo de alguns médiuns desavisados dessa realidade, ou das mistificações propositadas de entidades galhofeiras, eles se apresentam nas sessões espíritas manifestando-se pela última personalidade que cultuaram na Terra, em vez de ainda persistirem na velha forma apostolar. Considerando-se que o espírito estaciona, mas não retrograda no seu curso evolutivo, é evidente que aqueles espíritos que se movimentaram na Terra sob o invólucro dos apóstolos de Jesus, ao retornarem posteriormente, em novas encarnações, terão desenvolvido ainda mais as suas qualidades angélicas espirituais. Em consequência, se realmente fizerem questão de se manifestar mediunicamente sob qualquer identificação pessoal, também hão de preferir apresentar-se com os préstimos mais evolvidos da última existência. Não é

impossível que alguns apóstolos se tornem os guias de certos médiuns; e por isso quantas vezes atrás do nome de um João ou Antônio, sem muita expressão brilhante, esconde-se em feliz anonimato um Marcos, Mateus, Lucas ou Felipe!

Nenhum espírito é impedido, deliberadamente, de se comunicar com a Terra, caso possua os veículos dos mundos mental-concreto e astral que o liguem à matéria; mas desejamos frisar-vos com certa advertência, que, se os apóstolos já mudaram algumas vezes de personalidade terrena, obviamente também abandonaram a velha figura apostolar para apresentar-se sob a identidade mais recente cultuada na Terra. Cumprimos, assim, o dever de escoimar a prática mediúnica do espiritismo de quaisquer motivos que, mais tarde, possam carrear-lhe o ridículo ou a censura do adversário. É muito melhor ao médium usufruir a singeleza da presença de um guia que lhe ministre lições de amor, tolerância e humildade sob o dístico simples de “um amigo”, do que mesmo afirmar a presença de apóstolos no serviço mediúnico, mas oferecendo aforismos vazios e sem nenhum proveito espiritual.

PERGUNTA: *– Sob vossa opinião será impossível a comunicação de um Marcos, João, Mateus, Lucas ou Paulo de Tarso?*

RAMATÍS: – De modo algum a achamos impossível, desde que para isso exista o médium afinizado aos mesmos propósitos e idéias superiores que eles esposam. Importa-nos frisar que justamente os espíritos mais elevados e conscientes de sua condição espiritual são os que mais apreciam o anonimato e procuram esconder sua identidade sob pseudônimos singelos, quando se comunicam com a Terra. É o caso de João Evangelista que, tendo sido Samuel, o profeta puro da ***Bíblia***, retornou à carne no século XII como Francisco de Assis, por cujo motivo, se realmente ele estivesse preocupado em salientar sua figura mais lisonjeira do mundo físico, também se apresentaria nos trabalhos mediúnicos com esta última personalidade mais evidente na sua linhagem espiritual.

Os grandes líderes espirituais preferem o anonimato em suas manifestações mediúnicas, evitando nutrir o senso de superioridade nos médiuns, que se envaideceriam com a sua presença gloriosa. Sob a figura humilde, amorosa e iletrada do preto-velho ou do “joão ninguém”, muitas vezes esconde-se um espírito fúlgido, do Senhor, tudo fazendo para não humilhar os demais médiuns que não usufruem de sua alma angélica. Os anjos não descem à Terra para com suas luzes afrontarem os pecadores, mas vestem-se ao nível dos seres humanos que pretendem ajudar1.

1. Ver explicação detalhada no cap. 28.

PERGUNTA: *– Porventura todos esses guias, como Francisco de Assis, os apóstolos e demais figuras de relevo do cristianismo, são apócrifos? Os médiuns que os recebem estarão iludidos?*

RAMATÍS: – Não vos esqueçais do que notificamos antes. Tais almas podem "inspirar" os medianeiros terrenos, intuí-los mesmo para que prossigam no serviço espiritual sob o paraninfo de seus nomes consagrados junto ao Mestre Jesus. Todo desejo e objetivo de recuperação espiritual é imediatamente assistido pelo Alto e, consequentemente, paraninfado por grupos de espíritos que operam sob a égide de determinado "santo" ou apóstolo consagrado. Mas é preciso que os médiuns despertem para o bom senso, lembrando-se de que tais almas não podem viver-lhes às costas solucionando quizilas domésticas e proferindo máximas lacrimosas, que devam justificar-lhes a personalidade terrena.

PERGUNTA: *– Temos notado que em certos trabalhos mediúnicos, quando não está presente o médium principal e outro médium então deve receber o guia de tradição da casa, cria-se uma aura de constrangimento pela grande diferença com que este se apresenta em seu retrato psico-físico mediúnico. Como se explica isso?*

RAMATÍS: – O fenômeno é explicável, pois no reino espiritual, onde vivemos, importam mais as idéias, os sentimentos e as características de sabedoria e entendimento íntimo da alma, enquanto as configurações pessoais ou os tipos humanos permanecem em situação secundária. Na Terra expressa grande valor a personalidade humana com seus ascendentes biológicos e as tradições de família, porque os encarnados ainda vivem a sensação de uma única vida. Raros estão plenamente convictos de que detrás do organismo físico, com suas expressões peculiares, o espírito eterno e imutável, embora mude de organismo carnal, sempre há de manifestar as mesmas idéias e sentimentos que tiver cultivado.

Os desencarnados, no entanto, mantêm outra concepção da vida, porque podem comprovar a variedade de corpos e fisionomias de que um mesmo espírito se utiliza nas suas peregrinações pelo mundo físico, sem fragmentar a sua verdadeira individualidade através dos aspectos provisórios da personalidade terrena. É o que acontece nas comunicações mediúnicas; o guia da casa fica conhecidíssimo e familiarizado pelo palavreado, tom de voz, expressões fisionômicas e até cacoetes do médium que o manifesta comumente. Expõe-lhe as idéias e os conceitos espirituais, mas é recortado à visão e audição do público pela personalidade do seu medianeiro, do que resulta o guia ter muito do médium e a ele se assemelhar.

PERGUNTA: *– Nesse caso, como se pode ter confiança nos conselhos e nas respostas dos guias, quando necessitamos realmente orientar-nos através da personalidade do médium consultado?*

RAMATÍS: – No aprendizado espírita, sob qualquer hipótese, o mais aconselhável é a criatura devotar-se corajosamente ao estudo, à auscultação psíquica e enfrentar os equívocos e os óbices naturais de sua experiência espiritual no contato com a matéria. É necessário evitar o julgamento antecipado, a premeditação religiosa ou firmar quaisquer conceitos doutrinários em definitivo, quando ainda não se podem comprovar os seus fundamentos lógicos e sensatos. Muitos aforismos, postulados e recomendações que trazem o endosso de distinguido espírito, por vezes são apenas sentenças sem proveito espiritual e fruto do médium anímico.

Certo espírito laborioso já vos disse em determinada obra mediúnica: “O homem que já viveu um dia com o Cristo poderá caminhar um século com a humanidade”. Evite-se, portanto, transformar o espiritismo em agência de informações, mesmo que se trate do melhor trabalho mediúnico ou do médium em que se deve confiar. É conveniente não se anular o esforço próprio em qualquer circunstância da vida, pois Jesus foi indiscutivelmente claro e incisivo quando, seguindo à nossa frente, arrostou os escolhos da estrada terrena, advertindo-nos sabiamente: “Toma a tua cruz e segue-me”.

Naturalmente só vos poderia ser possível conhecer a individualidade exata do guia com que vos simpatizais, se pudésseis ouvi-lo através de um médium neutro, absolutamente esclarecido e dotado de invulgar senso de autocrítica. Então ele poderia transmitir o pensamento do seu mentor tão facilmente quanto o leito do regato deixa manar a água límpida da nascente.

As inconveniências e as decepções mais comuns na seara espírita ainda são mais próprias da imprudência dos neófitos ignorantes do mecanismo da mediunidade, que por isso têm os médiuns na conta de oráculos infalíveis e capazes de solver todos os problemas complexos da vida. No entanto, o médium, como ser humano e por isso imperfeito, é o instrumento em afinação para as grandes causas futuras, o mensageiro em aperfeiçoamento, e não o “abre-te-sésamo” para as soluções mais excêntricas.

20. O APROVEITAMENTO ANÍMICO

NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

PERGUNTA: *– Sob vossa opinião, como encarais o problema angustioso de todo médium em desenvolvimento, qual seja o animismo?*

RAMATÍS: – Naturalmente não pretendemos endossar os abusos de imaginação, os exotismos e as excentricidades dos médiuns avessos ao estudo; presunçosos, interesseiros ou exibicionistas. Reconhecemos, no entanto, a interferência ou associação de idéias no médium consciente, porque no seu esforço para lograr a passividade no transe, ele toma o conteúdo de sua alma como sendo manifestação alheia. Nem todos abusam do animismo sob propósitos condenáveis ou para fins vaidosos, por cujo motivo não aconselhamos a desistência do desenvolvimento mediúnico, só porque a interferência do médium perturba a transparência cristalina das comunicações dos espíritos desencarnados.

Se o virtuosismo do músico tem início no solfejo da singela escala musical "dó-ré-mi", a eloquência do orador requer fundamento do "a b c" e o estro do poeta firma sua principal base no balbuciar da palavra infantil, certamente que o êxito mediúnico também se apóia inicialmente nos percalços do animismo.

PERGUNTA: *– Alguns médiuns experientes e com vários anos de serviço junto à seara espírita ainda alimentam duas vidas a respeito de suas comunicações mediúnicas, certos de que tudo aquilo que transmitem é apenas de sua própria alma. Os mais escrupulosos alimentam desejos de abandonar a tarefa mediúnica, a fim de não iludirem o público com pseudas comunicações que nada têm a ver com espíritos desencarnados. Que nos dizeis?*

RAMATÍS: – O médium não é boneco vivo, insensível e de manejo mecânico, mas sim uma organização ativa com vocabulário próprio e conhecimentos pessoais adquiridos pela sua experiência e cultura humana. Além de tudo, é alma guardando em sua memória forjada nas existências pregressas a síntese dos seus esforços para a ascese espiritual. E quando se trata de médiuns conscientes ou semiconscientes, só lhes resta a tarefa de vestir e ajustar honesta e sinceramente as idéias e as frases que melhor correspondem ao pensamento que lhes é manifesto pelos espíritos desencarnados através do seu contato perispiritual. Deste modo, os comunicantes ficam circunscritos quase que totalmente à vontade e às diretrizes intelectuais e emotivas do seu

intérprete encarnado, o qual fiscaliza, observa e até modifica conscientemente aquilo que foi incumbido de dizer Lembra o mensageiro terrestre que ouve o recado para transmitir verbalmente a outrem, mas na hora de cumprir sua tarefa tem de usar de suas próprias palavras para comunicá-lo. No caso, tanto o mensageiro como o médium são intérpretes do pensamento alheio e por isso influem com o seu temperamento, engenho e cultura nas mensagens que traduzem, resultando disso os textos lacônicos ou prolixos, precisos ou truncados.

Só o médium com propósitos condenáveis é que poderia ter remorsos de sua interferência anímica, pois nesse caso tratar-se-ia realmente de uma burla à conta de mediunismo. Não é passível de censura aquele que impregna as mensagens dos espíritos com forte dose de sua personalidade, mas o faz sem poder dominar o fenômeno ou mesmo distingui-lo da realidade mediúnica. É tão sutil a linha divisória entre o mundo espiritual e a matéria, que a maioria dos médiuns conscientes e bisonhos dificilmente logra perceber quando predomina o pensamento do desencarnado ou quando se trata de sua própria interferência anímica.

Só depois de alguns anos de trabalho assíduo na seara mediúnica, estudos profícuos, afinada sensibilidade mediúnica, muita capacidade de auto-crítica e introspecção freudiana é que o médium logra dominar e distinguir com êxito o fenômeno anímico.1 Com o exemplo que já vos expusemos anteriormente nesta obra, sobre a hipótese de um só assunto ser ventilado por quatro médiuns intuitivos, de cultura e temperamentos diferentes, cremos que já podeis avaliar a diferença anímica sem destruir a autenticidade do pensamento do espírito comunicante.

1. Ver capítulo 11.

PERGUNTA: *– No entanto, os mentores espirituais não poderiam orientar os médiuns sobre o meio de extinguirem completamente o animismo nas comunicações mediúnicas?*

RAMATÍS: – Não aconselhamos que se procure eliminar deliberadamente o fenômeno anímico no intercâmbio com o Além, pois isso ainda dificultaria mais o desenvolvimento mediúnico e as comunicações doutrinárias aos próprios médiuns, uma vez que os guias não objetivam a criação de autômatos mediúnicos, espécie de “robôs” acionáveis à distância. A mediunidade é um meio para se atingirem objetivos excelsos por parte de encarnados e desencarnados, por cujo motivo não dispensa a educação, o afinamento moral, a cultura do seu próprio intérprete e também o seu despertamento espiritual. É mais importante para o bom “guia” o progresso intelectivo, o desembaraço e a integração evangélica do seu médium, do que mesmo o êxito brilhante de sua

manifestação mediúnica. O mentor espiritual sábio e sensato muitas vezes protela as revelações extemporâneas do Além, pelo seu pupilo ansioso do seu próprio destaque pessoal, para que este em primeiro lugar se revele pela modéstia sensata do homem evangelizado. O médium, como uma criatura de responsabilidade pessoal para com a família e a sociedade, acima de tudo deverá aprender a caminhar pelos seus próprios pés, no tocante ao entendimento da vida imortal e procurar ser útil ao próximo.

O que muito preferimos em nossos médiuns ainda é o serviço cristão incondicional, aliado ao estudo sincero da espiritualidade. Satisfaz-nos a revelação da ternura, a prática da benevolência e da tolerância, a cultura da honestidade e a manifestação da humildade, pois, malgrado sejam mesmo anímicos para as mensagens dos desencarnados, serão os nossos mais louváveis intérpretes, em incessante comunicação benfeitora à luz do dia. Não exaltamos o médium sonambúlico e absolutamente inconsciente do que transmite, incapaz mesmo de interferir animicamente, se ele é profundamente desperto para a prática dos vícios degradantes e o trato das paixões perigosas. Quando dorme em transe sonambúlico é o servidor inconsciente, mas acordado pode ser a manifestação anímica do mal.

PERGUNTA: *– Podeis explicar-nos melhor esse assunto?*

RAMATÍS: – Mesmo na vida física é necessário ajustar-se cada profissional à tarefa ou responsabilidade que favoreça o melhor êxito ou eficiência para alcance dos objetivos em foco. Um militar, por exemplo, explicaria com muito mais fidelidade a eficiência do plano estratégico elaborado pelo general comandante do que um sacerdote a quem fosse delegada essa incumbência, pois este tem na vida uma finalidade oposta. Diante de um mecânico e um abalizado pensador, é evidente que ninguém hesitaria em escolher este último para explicar os conceitos mais recentes da Filosofia.

Da mesma forma, o espírito do médico desencarnado logrará mais êxito ao se comunicar com o mundo material se dispuser de um médium que também seja médico. E mesmo que, modestamente, dispense a terminologia acadêmica para se expressar, ele sempre há de sentir mais segurança e facilidade em exprimir-se por quem dispõe dos mesmos recursos que usufruía a sua personalidade no mundo físico. Não há dúvida de que basta uma grande afinidade espiritual entre um espírito altamente intelectualizado e um médium inculto, para ser viável qualquer manifestação mediúnica entendível ao vosso mundo. Mas é indiscutível que essa comunicação mediúnica ainda há de apresentar maior sucesso desde que também possa ser recebida por outro médium de nível intelectual superior.

Quando o médium e o espírito manifestante afinizam-se pelos mesmos laços intelectivos e morais, ou coincide semelhança profissional, as comunicações mediúnicas tornam-se flexíveis, eloquentes e nítidas. O mesmo fato sucede no receituário mediúnico, pois, quando o médium também é médico, ele não só facilita muitíssimo as prescrições dos desencarnados, como as fiscaliza, evitando qualquer aberração ou aceitação de medicamento contra-indicado. O mesmo sucede, portanto, entre os espíritos desencarnados e o médium que os recepciona, recrudescendo o entusiasmo, a coerência e clareza do assunto em exposição, quando entre ambos também há similaridade de conhecimentos, gostos e intenções.

PERGUNTA: *– Os espíritos de responsabilidade e objetivos superiores costumam evitar os médiuns muito anímicos ou mesmo tentam vencer-lhes o animismo?*

RAMATÍS: – Os espíritos guias e benfeitores utilizam-se dos médiuns conforme a necessidade de aproveitamento doutrinário aos encarnados. Existem médiuns que são eficientemente apropriados para as identificações seguras de espíritos desencarnados. Alguns servem melhor para os esclarecimentos doutrinários e outros desfrutam a faculdade de transmitir com êxito as revelações importantes do Além. Mas os médiuns, em sua generalidade, são intuitivos e não podem libertar-se completamente do animismo, que apenas varia mais ou menos de intensidade neste ou naquele médium. Quando os mentores espirituais precisam fornecer provas insofismáveis da sobrevivência espiritual a certos “são tomés” encarnados, socorrem-se do medianeiro mais apropriado para o caso, ou seja, o médium de incorporação, pelo qual os espíritos desencarnados podem escrever tão exatamente como o faziam em vida, fornecendo detalhes convincentes de sua imortalidade. Doutra feita, também podem se servir do médium de fenômenos físicos, que proporciona a voz direta, as materializações, os transportes ou desmaterializações de objetos, a confecção de moldes de parafina, que sirvam para abalar os “vivos” tão desconfiados.

Para as revelações ou predições de importância, que depois de concretizadas comprovem aos encarnados a existência de um plano espiritual inteligente, os espíritos dão preferência ao médium que já possua algo do dom profético, mesmo em sua vida particular. Se houver necessidade de abalar as convicções negativistas de alguém que, depois de convertido, possa ser útil na seara espírita, mas sendo necessária uma argumentação eficiente e irrefutável, os guias escolhem o médium eloquente, desembaraçado e senhor de vasta cultura espírita, o qual melhor atende a esse objetivo.

Os espíritos não se preocupam em eliminar radicalmente o animismo nas comunicações espíritas, porque o seu escopo principal é o de orientar os

médiuns aos poucos, para as maiores aquisições espirituais, morais e intelectivas, a ponto de poderem endossar-lhes depois as comunicações anímicas como se fossem de autoria dos desencarnados.

PERGUNTA: *– Por que motivo o médium intuitivo às vezes sente-se sozinho durante a sua comunicação mediúnica, notando que lhe foge o pensamento do espírito comunicaste, que parece abandoná-lo? Subitamente interrompe-se-lhe o curso das idéias que lhe fluíam espontaneamente pelo cérebro, sem que ele possa cogitar do seu desfecho. Que dizeis sobre isso?*

RAMATÍS: – Quando durante a transmissão mediúnica as idéias, os pensamentos, a índole e os conhecimentos do médium coincidem com o assunto que o espírito inspira, ele transmite com segurança, enche-se de entusiasmo e torna-se eloquente, porque expõe aquilo que já lhe é familiar. Mas, assim que entre o médium e o espírito se processarem desajustes em matéria de conhecimentos, formam-se hiatos na mensagem mediúnica.

Por isso, ele deve manter-se em condições de poder atender ao apelo do Alto, transformando-se num instrumento mediúnico flexível, culto e desembaraçado, pronto a transferir aos encarnados a mensagem com o melhor proveito espiritual. O médium sensato, estudioso e serviçal compreende que não é bastante submeter-se ao transe mediúnico junto à mesa espírita em noites programadas, para cumprir satisfatoriamente o seu mandato pois, mesmo em estado de vigília e sob o inteligente treinamento do seu guia, ele pode recepcionar as mensagens de favorecimento ao próximo, transmitindo o conselho, a sugestão e a orientação espiritual mais certa.

Daí, também, a intermitência que por vezes ocorre na comunicação do médium, visto que em certo momento os seus guias ou protetores o deixam “falar sozinho”, como dizeis, obrigando-o assim a mobilizar urgentemente os seus próprios recursos intelectuais e apurar o mecanismo da mente, a fim de não decepcionar o público. Sob a direção e o controle do guia do médium, os espíritos comunicantes suspendem então o fluxo das idéias que lhe transmitiam pelo cérebro perispiritual, o qual é obrigado assim a unir os elos vazios da comunicação, demonstrando até que ponto é capaz de expor a mensagem espiritual sem distorcê-la ou fragmentá-la na sua essência doutrinária.

Essa ação imprevista, que obriga o médium a convocar todos os seus valores intelectivos e morais, para fazer a cobertura da “fuga” do pensamento do espírito comunicante, é algo parecida àquilo que acontece ao orador desprevenido e obrigado a falar em público, o qual se vê obrigado a rapidíssima aceleração mental, para não cometer fiasco. Embora esse inopinado recurso do guia constranja e atemorize o médium, pouco a pouco

adquire ele o treino preciso para prelecionar de “improviso” e compensar o vazio das idéias que compõem a sua comunicação mediúnica, não demorando a ser o elemento útil e capaz de atender, a qualquer momento, à necessidade de orientar e servir ao próximo.

PERGUNTA: *– Naturalmente, durante esses hiatos provocados pelos espíritos comunicantes, através do médium intuitivo, eles obrigam-no a agir pelo seu puro “animismo”. Não é assim?*

RAMATÍS: – Convém conceituar melhor o assunto, pois nesse caso não se processa a interferência anímica num sentido prejudicial, mas, na realidade, o que se evidencia ao público é a bagagem intelectual, o temperamento psíquico e moral do médium, que então “fala sozinho”. Ele fica entregue provisoriamente a si mesmo e sem poder fugir ao impulso da comunicação, tanto quanto o escolar que é arguido em época de exames. O médium precisa então socorrer-se de suas próprias concepções filosóficas, morais e espirituais, para preencher sozinho os intervalos propositais criados pelo espírito comunicante. É verdadeiramente um “teste” a que ele se submete sob orientações espirituais proveitosas, em que deverá comprovar o que já assimilou, até aquele momento, das leituras doutrinárias, qual o seu índice filosófico de julgamento e apreciação da vida humana e a sua capacidade de orientar o próximo entre as paixões animais. Certas vezes as comunicações mediúnicas podem ser truncadas propositadamente pelos orientadores do médium, a fim de se comprovar o seu grau de segurança e saber como se portaria no caso de interferência, intromissão ou mistifórios de entidades mal intencionadas, que por vezes se infiltram entre os sensitivos invigilantes à guisa de mentores espirituais.

Sob tal processo de pedagogia espiritual, o médium encoraja-se e não tarda a esposar pessoalmente, nas suas relações cotidianas, o conteúdo espiritista e a sugestão evangélica que assimilou obrigatoriamente sob o treino hábil do seu guia. Isso ainda mais o anima para o estudo, ajuda-o a desenvolver o senso de crítica superior e de argumentação junto aos amigos, e o fortalece definitivamente para a defesa dos postulados do espiritismo.

O treino mediúnico e o aprendizado imprevisto da doutrina, no intercâmbio com o Além, habilitam o médium a explanar em vigília, e com clareza, os assuntos doutrinários sobre os quais for arguido, sem temer as indagações sérias ou mesmo as perquirições capciosas dos adversários. As idéias depois multiplicam-se e os conceitos felizes dominam-lhe a mente treinada, graças às situações imprevistas e aos hiatos que se vê obrigado a preencher sozinho durante suas comunicações mediúnicas. E assim, cresce a confiança do seu guia e de outros espíritos de alta estirpe espiritual, que pouco a pouco o credenciam com maior responsabilidade no exercício de sua mediunidade. No

entanto – convém frisar – os espíritos mentores desinteressam-se completamente de aplicar este método de ensino espiritual aos médiuns levianos, iletrados ou preguiçosos.

PERGUNTA: *– Mas também é possível que o médium comunique convicto de que seu guia está presente e, no entanto, o faça sozinho. Não é verdade?*

RAMATÍS: – O médium é criatura demasiadamente sensitiva, centro de convergência de inúmeros fenômenos do mundo oculto de que participa, mas que em geral ignora. É a porta entreaberta para o "lado de cá" e dificilmente ele distingue, no limiar do transe psíquico, quando é a sua emotividade, a sua formação intelectual ou o seu temperamento psicológico o que o domina nesse momento. Em consequência, é possível que, pelo hábito de "passividade mediúnica", às vezes comunique "sozinho", sinceramente convicto de o fazer sob a ação dos desencarnados.

Mas não vos precipiteis em acusá-lo de completamente anímico, mistificador ou de má fé, pois isso pode acontecer com os mais excelentes medianeiros do Além. Já vos explicamos o treino a que os guias inteligentes submetem os seus médiuns intuitivos, cortando-lhes a fluência de comunicação para obrigá-los a prosseguir com seus próprios recursos intelectuais e morais. Há casos em que eles apenas fornecem o "tema" apropriado à comunicação mediúnica da noite, envolvendo o médium com os fluidos identificadores da sua presença espiritual e inspirando-lhe as primeiras idéias para depois deixarem-no comunicar sozinho até o fim dos trabalhos. Comprovando em seguida que a comunicação prossegue corretamente no seu curso objetivado, afastam-se do sensitivo em transe e, à distância, apreciam-lhe a comunicação anímica sobre o tema essencial, que o médium desenvolve exclusivamente com seus recursos. Ao encerrar-se a preleção, o guia se aproxima, firmando-a com sua personalidade conhecida.

Os espíritos protetores rejubilam-se quando comprovam que o seu pupilo já exerce de modo sensato e satisfatório o seu comando psíquico, tornando-se capaz de esclarecer e doutrinar o público à maneira de orador exímio, em vez de simples "robô" que transmite mecanicamente as mensagens dos espíritos desencarnados, mas sem a convicção espiritual daqueles que comunicam inteligentemente.

PERGUNTA: *– Todos os espíritos Protetores usam desse recurso de aproveitamento anímico para aperfeiçoar os seus médiuns?*

RAMATÍS: – O médium sensato, laborioso e culto alcança tal êxito na sua tarefa mediúnica, que é bastante ao seu guia dar-lhe o toque fluídico familiar e delinear-lhe o tema que deve expor ao público, para a comunicação fluir

espontaneamente e submissa ao programa de esclarecimento delineado pelos mentores da casa ou da instituição espírita. Esse treino de aprimoramento moral e desenvolvimento intelectivo, sob a direção do guia, sensibiliza o psiquismo do médium e o ajuda a sublimar gradativamente a sua faculdade para a conquista natural da mais bela mediunidade do ser humano, que é a Intuição Pura. Então, no futuro, ele dispensa o temário e a idéia central delineada pelo seu próprio guia, pois já entreabre a sua mente ao contato definitivo com a Mente Divina e transforma-se no canal precioso do qual, em alta sensibilidade, flui para os encarnados a orientação exata para o curso da vida imortal.

Deixa de ser o intérprete que exige o comando alheio para cumprir o serviço mediúnico obrigatório, porque já expõe o fruto de sua alta sabedoria e aprimoramento moral através do raciocínio cimentado pela segurança de sua graduação espiritual. Muitas vezes ultrapassa o seu próprio índice de conhecimento e vibra emotivamente acima do sentimentalismo humano, transformando-se no sensitivo que faz fluir a revelação sideral para a matéria, sem incorporar os espíritos desencarnados.

Nessa condição de elevada conquista espiritual, em que sua alma busca pessoalmente o conhecimento e a realidade angélica, vibrando em uníssono com as mentes diretoras do orbe, através da Intuição Pura, o médium intuitivo natural não perturba as revelações do Alto com os pruridos intelectivos do mundo transitório da matéria. Não é o instrumento ostensivamente mediúnico, que às vezes é acionado por espíritos desencarnados de recursos espirituais ainda mais pobres do que os dele, porém antena viva sintonizada permanentemente com a Fonte Criadora da Vida.

Eis por que todos os espíritos protetores, sensatos e inteligentes, esforçam-se muitíssimo para desenvolver os dons morais, a espontaneidade pessoal e o desembaraço de oratória nos seus médiuns, ensejando-lhes experiências imprevistas e surpresas que os obrigam à mobilização imprevista de recursos de sua própria alma, para manter o prosseguimento da comunicação mediúnica. Mas ao mesmo tempo os ajudam a ser criaturas utilíssimas a qualquer momento, em vez de servirem exclusivamente sob a atuação dos desencarnados nas mesas espíritas.

PERGUNTA: *– Considerando a utilidade desse aproveitamento anímico na prática mediúnica, não seria mais interessante criarem-se escolas, para oradores espíritas, dispensando-se assim o concurso dos médiuns intuitivos que, no fim de conta, são incentivados pelos seus guias para "falar sozinhos" nas sessões mediúnicas? Desde que se devotassem frontalmente à oratória não poderiam corresponder mais diretamente aos ideais do seu guia, sem a dificuldade das intermitências nos trabalhos mediúnicos?*

RAMATÍS: – Com o tempo esse fenômeno também poderia se inverter, isto é, os ótimos oradores terminariam sendo inspirados ou acionados pelos espíritos responsáveis pelas doutrinações, revelações e advertências espirituais ao homem encarnado. O fato de os guias sensatos e sábios treinarem os seus médiuns para mais tarde eles assumirem sozinhos a responsabilidade das comunicações espirituais, não tem por finalidade transformá-los em médiuns exclusivamente anímicos, em vez de bons intermediários mediúnicos. O que os preocupa, em essência, é o aperfeiçoamento dos médiuns intuitivos, de modo a que possam reduzir os equívocos, as vacilações e os tradicionais datismos, que tanto sacrificam o ritmo e a veemência das mensagens espirituais e façam o público vibrar e sentir o calor da vida imortal.

Em virtude do treino anímico construtivo e bem orientado pelo seu mentor, o médium mostra-se tão eficiente quando transmite o pensamento dos desencarnados, quanto no momento em que é convidado a “falar sozinho”. É o medianeiro seguro e capaz pelo qual flui facilmente o pensamento dos espíritos elevados sem as impurezas da personalidade transitória, assim como o filtro escoa a água límpida para mitigar a sede. Em face de ainda ser bem reduzido o número de médiuns e espíritas que realmente estudam os compêndios esclarecedores da vida imortal, na instituição espírita de que fizer parte um médium anímico, mas culto, inteligente e insaciável na busca incessante de novos conhecimentos, não há dúvida de que mesmo “falando sozinho” durante as comunicações dos desencarnados, ele ainda é a fonte mais proveitosa para o progresso de todos os frequentadores.

A criação de escolas para oradores, no ambiente espírita, sem dúvida traria imensos benefícios para a propaganda e exposição pública dos seus postulados doutrinários; mas isso não extinguiria o dom mediúnico dos intuitivos nem seria necessário para ensiná-los a “falar sozinho”, embora lhes trouxesse imensa vantagem. Acontece que, por mais sábio e eficiente que seja o orador exímio, o médium ainda é a criatura adaptada ao contato perispiritual dos desencarnados, pois nasceu com a faculdade para essa realização. Quando eficiente, é a antena viva à disposição dos mentores que advertem, orientam e protegem a humanidade.

PERGUNTA: *– Deduzimos de vossas considerações que o estudo e o aprimoramento moral do médium intuitivo são a condição imprescindível para assegurar-lhe facilidade em “falar sozinho”. Não é assim?*

RAMATÍS: – O médium já identificado com os seus deveres mediúnicos jamais se considera com os mesmos direitos à vida folgazona do cidadão comum, que vive preocupadíssimo em nutrir-se, vestir, dormir, procriar e fugir espavoridamente da morte física. O serviço mediúnico, útil e amoroso, exige a abdicação de todos os vícios, paixões e frivolidades do mundo provisório de

César, porque o seu objetivo é transmitir os valores do mundo do Cristo. Raramente o médium logra atender com êxito e ao mesmo tempo a ambos esses mundos de natureza tão oposta, pois o mundo do Cristo é sem os atavios da personalidade humana, requerendo a simplicidade, a renúncia, a decência, a honestidade, o pensamento casto e os sentimentos altruístas, que constituem o temperamento espiritual da alma superior. O mundo de César, no entanto, é laboratório de experimentações humanas, onde as criaturas se digladiam na insana luta de acumular tesouros, glorificar-se politicamente e usufruir de todos os prazeres e paixões que lhe satisfaçam a sede de gozo carnal.

PERGUNTA: *– Alguns médiuns intuitivos, nossos conhecidos, queixam-se de que em suas comunicações mediúnicas, malgrado o esforço que empregam para dominar o fenômeno, não conseguem evitar a influência de certas leituras cotidianas, cujo assunto, então, mescla-se depois às mensagens dos desencarnados. Eles não opõem dúvida quanto à veracidade do fenômeno mediúnico em que são intermediários, mas lamentam a impossibilidade de vencer a interferência anímica. Que aconselhais?*

RAMATÍS: – Algumas vezes a interferência anímica, que os bons médiuns acreditam ser prejudicial em suas comunicações, representa apenas o cimento coesivo e um ajuste providenciado pelos guias, com o intuito de se lograr mais sucesso na mensagem mediúnica da noite. Alguns guias costumam preparar seus médiuns com certa antecipação, quando desejam transmitir mensagem de importância para o público ou endereçada a alguém de sua estima. Por isso, lhes inspiram as leituras e os aproximam de pessoas que podem avivar-lhes o mesmo assunto a ser ventilado posteriormente na instituição espírita. Através dos recursos providenciados à luz do dia, os guias asseguram a coerência da comunicação mediúnica, cimentando a idéia fundamental em foco para o êxito doutrinário ou como advertência ao público.

Daí, pois, as surpresas de alguns frequentadores que, ao ouvirem o guia da casa prelecionar através do médium, verificam que ele trata de assuntos, advertências ou esclarecimentos que lhes tocam em particular e que muitas vezes os fazem abandonar certas atitudes perigosas cultivadas na vida física. Doutra feita, o dirigente dos trabalhos, ao fazer a escolha do tema da noite, abre o Evangelho na página providencialmente exata e que inspira alguém presente e aflito a solucionar o seu problema doloroso de maneira mais sensata e proveitosa.

PERGUNTA: *– Esse processo de os médiuns enxertarem as comunicações mediúnicas da noite com assuntos fortuitos contidos durante o dia é um sistema adotado por todos os guias?*

RAMATÍS: – Isso acontece de acordo com a necessidade dos frequentadores ou ouvintes das instituições espíritas. Normalmente os guias familiares reúnem-se no espaço e deliberam quanto à tese mais apropriada a ser exposta para o esclarecimento coletivo do público que provavelmente frequentará a sessão em que eles poderão atuar. Depois de escolhido o médium mais afim e capacitado para o caso, procuram associar-lhe toda sorte de pensamentos por meio de palestras e leituras que possam consolidar a tese escolhida. Em consequência, o médium intuitivo em vigília, embora ignore o mecanismo de que participa, termina incorporando idéias, assuntos e leituras que posteriormente hão de se transformar em subsídios para o complemento da mensagem mediúnica.

No entanto, não se trata de um sistema adotado comumente por todos os guias, mas apenas de um recurso de que lançam mão para assegurar o êxito de certas comunicações mediúnicas que devem operar profundas transformações nos seus ouvintes.

PERGUNTA: *– Poderíeis dar-nos algum exemplo desse caso?*

RAMATÍS: – Suponhamos que determinado guia espiritual se interesse em conduzir à sessão mediúnica o seu pupilo encarnado, o qual, embora não seja espírita, se manifesta propenso a conhecer a doutrina. É evidente que tudo ele fará para o seu protegido frequentar qualquer trabalho espírita onde não se critica habitualmente o catolicismo, o protestantismo ou demais credos religiosos, a fim de não extinguir, de início, a chama de simpatia que já nutre para com os postulados espíritas. Sob tal condição, o guia espiritual procura o médium de sentimentos universalistas, incapaz do sarcasmo contra os esforços alheios na busca da verdade e avesso às discussões que promovem a separação entre os homens. E para maior segurança e êxito do seu programa de conversão do seu pupilo à doutrina espírita, então cerca o médium escolhido de todo carinho, de sugestões favoráveis e “coincidências” que se constituem no acervo capaz de abalar o candidato à doutrinação espírita.

21. A INFLUÊNCIA ANÍMICA NA ABERTURA DOS TRABALHOS MEDIÚNICOS

PERGUNTA: *– Que dizeis dos médiuns que sempre iniciam os seus trabalhos mediúnicos usando fórmulas ou palavreado particular, espécie de prefixos sem qualquer sentido doutrinário e vazios de significação, tais como estas frases: "fiquem convosco as bênçãos das infinitas alturas", "baixem as luzes dos pés de Deus sobre vós", "que a bandeira branca coroe vossas cabeças" ou "o manto da humildade se desfolhe sobre vossos ombros"? Trata-se de convenções particulares dos espíritos comunicantes, ou apenas de fruto do animismo dos médiuns?*

RAMATÍS: – Isso é mais comum entre os candidatos a médiuns, em desenvolvimento mediúnico, ou próprio daqueles que se cristalizaram num mediunismo improdutivo. Certos vícios anímicos propagam-se por vários médiuns, que na fase do seu desenvolvimento os copiaram do médium principal da instituição espírita onde iniciaram seus primeiros passos para o despertamento de sua faculdade. Trata-se, neste caso, de um animismo coletivo, próprio de determinados trabalhos espíritas doutrinários ou mediúnicos ainda incipientes.

Quando os candidatos a médiuns têm a sorte de se colocar sob a direção de outros médiuns estudiosos, sensatos e avessos às fórmulas, aos símbolos, às chaves ou ao fraseado pomposo, eles também desenvolvem sua faculdade sem as excrescências anímicas que tanto obscurecem ou ridicularizam a prática mediúnica. Há médiuns que, devido ao estudo incessante das obras espíritas e indagações esclarecedoras, progridem tão rapidamente no primeiro ano do seu exercício mediúnico, que ultrapassam em conhecimentos e experiências aquilo que os seus companheiros comodistas, preguiçosos, displicentes ou sectaristas não conseguem em 20 anos de trabalho. Estes últimos vivem repetindo as comunicações fastidiosas tantas vezes repisadas, usando dos velhos chavões e da eloquência sentenciosa de sempre, enquanto permanece vazio de qualquer proveito espiritual o conteúdo do que transmitem.

Pensando que o desenvolvimento mediúnico se resume na exclusiva operação de "receber" espíritos desencarnados, eles se habituam à mesma chapa mediúnica usada há vários anos, enquanto se cristalizam mim animismo improdutivo, que impede os guias de expor qualquer assunto novo aos encarnados, pela impossibilidade de atravessarem o paredão granítico de um

condicionamento tão pobre de recursos intelectivos e de conhecimentos espirituais.

Daí o caso desses longos fraseados sem sentido lógico, que os médiuns repetem de modo lacrimoso ou sob afetada eloquência quando abrem os trabalhos espíritas. Tal como acontece nos demais setores da vida humana, os "calouros" sempre imitam os veteranos, coisa que também é justificável no ambiente espirítico. Os candidatos a médium e os neófitos do ambiente espírita raramente conhecem as obras de Allan Kardec, Leon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozano, Paulo Gibier, Dale Owen, William Crookes, César Lombroso, Albert de Rochas, Aksakoff e outros aos quais seria extenso reportarmo-nos, mas suficientes para os esclarecerem de modo a se extirparem os ridículos, as trivialidades e as manifestações mediúnicas que contrariam o bom senso. Em consequência, aos displicentes só lhes resta seguir ao pé da letra tudo aquilo que observam no médium desenvolvido e instrumento do guia diretor dos trabalhos do Centro Espírita. Em face do "tabu" inescrutável, espécie de dogma espírita, de que tudo aquilo que o guia diz ou ensina deve ser observado religiosamente, tal como os fiéis católicos seguem o padre, os médiuns novatos também aceitam cegamente e sem qualquer pesquisa corajosa o que expõe o médium senhor do trabalho, que também pode ensinar tolices à guisa de conceitos de elevada filosofia espiritual. Em consequência, em breve surge o animismo coletivo, resultando em cópias fiéis dos mesmos chavões, habituais de aberturas de trabalho, das preleções pomposas, dos cacoetes mediúnicos e os tons de voz dramática e altissonante.

PERGUNTA: *– É razoável essa imitação por parte dos médiuns "novos", no desenvolvimento mediúnico?*

RAMATÍS: – Isso é humano e bastante justificável, pois metade da humanidade gostaria de imitar a outra metade. É de regra geral que, em qualquer experiência no mundo, os neófitos se guiem pelos veteranos, porque desconhecem o caminho e, assim, precisam seguir as pegadas dos que lhes vão à frente. O artista, a cantora, o escritor ou orador famosos seguem pela vida acompanhados do cortejo de imitadores que, nessa ansiosa emulação, também buscam a mesma fama e celebridade. É certo que alguns dos imitadores, com o decorrer do tempo, também conseguem impor-se por alguma criação original; mas, de início, o candidato incipiente precisa apoiar-se naqueles que já alcançaram o êxito.

Acontece o mesmo no campo da mediunidade, em que os novatos procuram assimilar as qualidades dos veteranos, malgrado no futuro poderem até superá-los vantajosamente. No entanto, desde que os candidatos a médiuns olvidem o estudo, a pesquisa incessante, e receiem enfrentar os "tabus" supersticiosos, preferindo a cômoda posição do misticismo suspiroso

improdutivo, não há dúvida de que se cristalizarão como ruins imitadores dos bons ou maus médiuns em que se inspirarem. E assim viciar-se-ão também aos chavões sentenciosos, às senhas sibilinas e às metáforas ridículas que são proferidas sob a eloquência imitativa dos velhos tribunos romanos.

Só o conhecimento profundo da bibliografia espírita, quer quanto à parte doutrinária, quer quanto à prática mediúnica, é que realmente poderá reduzir a interferência anímica do médium nas comunicações mediúnicas, ajudando-o a eliminar gradativamente os datismos, as imitações, as redundâncias e a prolixidade indesejável no intercâmbio sensato com os desencarnados. Em alguns trabalhos espíritas de nível intelectual muito pobre, em que os seus componentes se limitam a uma interpretação tristonha e lacrimosa do Evangelho, chega-se a exaltar o "tabu" do médium analfabeto, o qual compensa a sua ignorância apenas pela sua boa intenção.

É de senso comum que só a boa intenção não basta para o êxito completo no comando da vida, pois muitos acontecimentos indesejáveis e trágicos do mundo são frutos da ignorância daqueles mesmos que os dirigem, embora sejam bem intencionados. E o médium, que é um intermediário dos ensinamentos e roteiros do mundo espiritual para os encarnados, não pode eximir-se do estudo doutrinário, da pesquisa mediúnica e da cultura do mundo em que vive, malgrado alegue que também age com boa intenção, pois esta deve estribar-se em conhecimentos seguros e sensatos, para não se produzirem prejuízos irreparáveis à fé e à confiança do próximo.

PERGUNTA: *– Essa falta de instrução, que leva os médiuns incipientes a copiar o modo de falar, a voz, a maneira e o estilo do médium principal, pode prejudicar os trabalhos do próprio centro onde militam?*

RAMATÍS: – Ainda são poucos os trabalhos mediúnicos que estão livres de certas práticas contraproducentes e que satisfazem integralmente aos espíritos comunicantes. Os médiuns, em grande parte, conforme já vo-lo dissemos, devotam-se forçadamente à pratica mediúnica, porque vivem acicatados pela necessidade de se desenvolverem, com o fito de recuperar a saúde ou livrar-se de incômoda opressão psíquica, que os atuca comumente. Falta-lhes, de início, o sentido heróico de renúncia aos seus interesses pessoais, o prazer de servir ao próximo ou o ideal de divulgar a doutrina espírita.

Então claudicam por muitos anos, mudam incessantemente de centro espírita para centro espírita, sempre insatisfeitos e à procura de "correntes afins", de "bons trabalhos" ou "reuniões elevadas", onde possam obter o máximo rendimento pelo mínimo esforço. No entanto, muitos desses médiuns incultos e inquietos esquecem-se de que, ao participarem das "melhores correntes" e dos melhores trabalhos espíritas, algumas vezes eles também terminam por

desarmonizar os labores mediúnicos alheios. A solução, portanto, não se cinge à exclusividade de se procurarem grupos espíritas mais simpáticos ou mais eficientes para o êxito do desenvolvimento mediúnico, pois o médium deve promover a renovação íntima do seu espírito no próprio ambiente onde a bondade dos presentes lhes tolera a bagagem ainda bastante defeituosa.

Eis por que, na falta de outros recursos, os benfeitores desencarnados já se dão por muito satisfeitos quando conseguem operar através dos médiuns de boa vontade, laboriosos e sem complicações, embora ainda não sejam donos de grande preparo. Por isso eles são pacientes e tolerantes com a insipiência dos seus medianeiros encarnados, suportando-lhes o animismo, a histeria, o automatismo psicológico, a imaginação indisciplinada, os longos circunlóquios, as frases pomposas e vazias, a exacerbação neurótica ou os caprichos levados à conta de qualidades mediúnicas. Quando encontram alguma docilidade nos seus intérpretes, tudo fazem para afastá-los dos ambientes perniciosos, das companhias prejudiciais, dos vícios e das paixões degradantes, encaminhando-os para as palestras elevadas, leituras proveitosas que os ajustem gradativamente ao imperativo superior do trabalho mediúnico junto à mesa espírita.

No entanto, como já vo-lo citamos, é muito mais importante para o guia a reabilitação espiritual do seu médium, bem antes que ele se torne um genial intérprete das revelações do espaço. Desde que ele firme sua conduta espiritual e se decida por um rumo proveitoso, torna-se o candidato que se gradua para as mensagens dos espíritos de melhor estirpe espiritual. Os médiuns, em grande parte, ainda ignoram que os espíritos responsáveis e conscientes de sua tarefa são concisos, sensatos e parcimoniosos nas suas comunicações para a matéria, despreocupados da veleidade de impressionar os encarnados pela oratória recheada de prosopopéias.

O animismo coletivo, que generaliza num mesmo padrão anímico o modo dos médiuns comunicarem, ainda é mais resultante da displicência daqueles que se pressupõem completamente desenvolvidos mas, por comodismo, preferem auferir os conhecimentos e as orientações espirituais da fonte mais próxima e favorável que, nesse caso, ainda é o médium principal do trabalho onde se desenvolvem e de que participam. Se o médium modelo escolhido é também outro anímico esposando manias, prevenções e superficialidades à conta de “estilo” mediúnico, então os seus imitadores tornam-se outros multiplicadores das mesmas incongruências em novas cópias carbono, ao atuarem noutros centros espíritas. Deste modo, ficam viciadas as mais singelas comunicações do “lado de cá”, devido à excessiva logorréia, repetição de chapas batidíssimas, longas aberturas crivadas de frases pomposas e ocas, enquanto o guia aguarda pacientemente, junto ao médium indisciplinado, o ensejo de saudar os presentes com um fraternal boa noite!

PERGUNTA: *– Há pouco vos referistes às "longas aberturas" dos trabalhos mediúnicos, o que nos faz perguntar se é razoável o costume adotado em certas reuniões espíritas, onde todos os médiuns, um por um, devem receber seu "protetor" para também fazer a abertura dos trabalhos e saudar os presentes. Isso parte dos chamados "protetores" ou se trata da interferência anímica dos médiuns?*

RAMATÍS: – O bom senso recomenda que nos trabalhos doutrinários ou de desenvolvimento mediúnico os seus realizadores aproveitem o máximo possível todos os minutos disponíveis, para só tratar de assuntos importantes e de esclarecimento público. Convém evitar-se essa improdutiva prática de todos os médiuns, um por um, invocarem o protetor no trabalho mediúnico, imitando os soldados que respondem à chamada na revista do quartel. Gasta-se grande parte da hora valiosa e milimetrada do trabalho espírita em saudações sem proveito, num "tête-à-tête" que de modo algum compensa o sacrifício dos guias em abandonarem suas tarefas espirituais e ficarem esperando para atuar na matéria.

Os dirigentes sensatos dos trabalhos espíritas, e que se destinam principalmente ao público, devem traçar um programa orientado pelo guia da casa ou mesmo pela diretoria responsável da instituição, graduando as comunicações de cada médium conforme o seu progresso e o seu proveito. Considerando-se que as sessões mediúnicas limitam-se apenas a uma hora de trabalho controlada rigorosamente pelo pêndulo do relógio, é evidente que os seus frequentadores semanais mais assíduos terão participado de 48 horas de trabalhos mediúnicos durante o ano. Sem dúvida, se os médiuns anímicos ainda gastam metade dessas horas valiosas em saudações e cumprimentos formalísticos, sobejam apenas 24 horas de serviço efetivo e proveitoso nesse ano, o que nos parece bem pouco como oportunidade para esclarecimento espiritual. Há que se considerar ainda que muitos frequentadores dormem durante as sessões, outros palestram ou se desinteressam das preleções dos espíritos porque muitas vezes estas são enfadonhas, prolixas e cansativas, sob a interferência improdutiva e muito anímica dos seus médiuns.

Em consequência, é aconselhável eliminarem-se dos labores mediúnicos todas as manifestações que roubem o tempo precioso destinado aos assuntos mais úteis, assim como os espíritos sensatos dispensam as etiquetas e os preconceitos do mundo físico, evitando qualquer competição ou destaque pessoal em abertura de trabalho mediúnico. Nas sessões mediúnicas disciplinadas pelos ensinamentos de Allan Kardec, a regra geral é permitir-se que a entidade responsável pela casa trace o programa de serviço para a noite, exponha o assunto essencial de benefício coletivo, para depois se efetivarem as comunicações dos demais espíritos, no aproveitamento sensato de tempo, sem as longas perorações ou demoradas saudações pessoais. Enquanto

certos médiuns muito verbosos esgotam grande porcentagem de tempo nos trabalhos espíritas, usando de interminável fraseado atravancado pelos lugares comuns, esses minutos poderiam servir proveitosamente ao serviço de irradiação aos enfermos ou para esclarecimento do Evangelho ao público.

PERGUNTA: *– Como se explica melhor essa aflição de quase todos os médiuns novos, quanto à sua insistência e preocupação de "abrir" os trabalhos mediúnicos com a palavra dos seus guias, que geralmente denominam de "protetores"?*

RAMATÍS: – Os médiuns novatos crêem que o seu desenvolvimento mediúnico depende mais propriamente da maior "quantidade" de comunicações de espíritos desencarnados, do que da "qualidade" do estudo do espiritualismo e de sua urgente renovação moral. Então afobam-se em aproveitar todo o ensejo favorável, que se fizer nos trabalhos espíritas, para transmitir a sua comunicação mediúnica, pois sentem-se profundamente malogrados quando não podem concretizar tal desejo. Basta lembrar-vos que nos trabalhos mediúnicos onde a direção da mesa é inexperiente ou de excessiva condescendência, há momentos em que várias comunicações se atropelam simultaneamente, ou alguém ainda comunica após o encerramento, tal a febre dos novatos em transmitir a palavra dos seus guias, embora estes não sejam tão afoitos.

Se o êxito da mediunidade dependesse do maior número de comunicações de espíritos desencarnados, é evidente que os tipos populares, obsidiados de ruas, e os infelizes segregados nos manicômios deveriam ser considerados "excelentes" médiuns completamente desenvolvidos, pois comunicam fielmente a todo instante a palavra e os desejos dos seus obsessores.

Em consequência evitem-se os excessos das saudações dispendiosas nas aberturas de trabalhos mediúnicos, as preleções triviais, as longas perorações e os comunicados excêntricos que fatigam o público, como frutos do animismo exacerbado dos médiuns novatos. Que se aproveite ao máximo possível o tempo disponível para o esclarecimento dos "vivos", em vez de se estimular o estéril convencionalismo dos "mortos"!

PERGUNTA: *– Essa preocupação anímica e febril de alguns médiuns em "abrir" os trabalhos mediúnicos, assim como os chavões e as frases obsoletas com que eles preludiam as comunicações dos desencarnados, devem ser alvo da nossa censura na seara espírita?*

RAMATÍS: – Desejamos esclarecer-vos que o nosso principal intuito nesta obra é o de enfrentar o problema anímico em sua essência, sem receio de qualquer "tabu" ou misticismo lacrimoso que favoreça a instituição de dogmas

no seio do espiritismo. Muitos fatores indesejáveis e que rebaixam o nível das comunicações espíritas podem muito bem ser corrigidos em tempo, e assim desimpedirem o progresso medianímico. Não podemos censurar os médiuns anímicos, porque o animismo é fruto natural e lógico do seu desenvolvimento mediúnico, embora muitos deles continuem estacionados nessa improdutividade, depois de já se considerarem completamente desenvolvidos. O médium em desenvolvimento é um desarvorado, engatinhando dificultosamente e copiando os cacoetes, as veleidades e as contradições daqueles que ele julga mais competentes. Na verdade: o médium evolui ou cristaliza-se; ele estaciona entre as excrescências anímicas copiadas do "modelo" veterano em que se inspirou, ou então estuda, pesquisa e desenvolve o senso de autocrítica suficiente para entender melhor o seu próprio temperamento e caráter, a fim de se livrar o mais cedo possível das anomalias do animismo improdutivo.

Não importam os tropeços dos primeiros passos, embora dominem os chavões anímicos, as comunicações tolas, pomposas ou improdutivas, que significam para o candidato a médium tanto quanto o "abc" para o analfabeto ou o solfejo musical para o aprendiz de música. A base do mediunismo ainda é o animismo; sem este não existe aquele. Os rasgos de oratória genial, com que certos médiuns experimentados mais tarde deslumbram os seus ouvintes, também firmaram suas bases nos cacoetes, nas dúvidas, nos ridículos e tropeços das manifestações mediúnicas incipientes dos primeiros dias.

PERGUNTA: *– O vosso médium, que nos parece desembaraçado e desprovido de convenções, chapas ou prosopopéias mediúnicas, porventura também atravessou essa fase anímica e contraditória, transmitindo o pensamento dos encarnados através de comunicações ridículas, ingênuas e superficiais?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, na fase primária do seu desenvolvimento ele também comunicou as idéias dos espíritos através de frases empoladas, dos dísticos supersticiosos ou redundâncias sem proveito doutrinário. Durante longo tempo mantivemo-nos na expectativa, aguardando pacientemente que ele atravessasse o período das longas perorações, dos datismos próprios dos intelectos desenvolvidos, porém indisciplinados, das narrativas fatigantes e intermináveis, fruto natural do seu animismo e inexperiência. Ele também proferia longas saudações de abertura em trabalhos espíritas, copiou os gestos, as exclamações e o tom da voz dos médiuns aos quais atribuía o melhor quilate. Muitas vezes exagerou nos floreios provincianos, tentando impressionar o público pela exposição de conceitos triviais, que julgava de alta filosofia espiritual. No entanto, quando temíamos que ele se cristalizasse num mediunismo improdutivo e convencional, mostrou-se inconformado com a situação e desejoso de novos conhecimentos e atirou-se incondicionalmente ao

estudo de tudo aquilo que lhe pudesse dar um conceito superior da vida criada por Deus. Vimo-lo romper as fronteiras ortodoxas de sua crença e pesquisar os esforços alheios dos demais homens que sinceramente buscam a Verdade, cimentando-os com os ensinamentos da ciência e da psicologia do mundo material. Na sua investigação incondicional sobre a imortalidade do espírito, o nosso médium terminou por compreender que Deus é íntegro à sua Obra, por cujo motivo a própria matéria é também uma criação divina, como condição provisória para a alma despertar a sua consciência. Sem qualquer constrangimento ele examinou cuidadosamente as suas próprias incongruências e estigmas anímicos, que interferiam nas comunicações com os desencarnados; pesquisou o subconsciente sob o método freudiano e terminou por identificar inúmeras anomalias que se interpunham durante o seu transe mediúnico. Investigando o fenômeno da mediunidade sem a mística religiosa que dogmatiza, pouco a pouco eliminou inúmeras intervenções anímicas que obscureciam o nosso intercâmbio espiritual, passando a facilitar-nos as comunicações por seu intermédio.

PERGUNTA: *– Não desejamos censurar o trabalho dos médiuns novatos que são sinceros e entusiastas, mas às vezes observamos certa competição de oratória mediúnica junto à mesa espírita, o que nos parece contrariar algumas recomendações feitas por Allan Kardec no* Livro dos Médiuns*! Que dizeis?*

RAMATÍS: – Obviamente, a solução do animismo, que se manifesta nos seus mais variados aspectos, não será conseguida através de censuras; mas é necessário enfrentar esse problema sem receio dos “tabus” ou de ferir susceptibilidades presas ao misticismo improdutivo. O espiritismo é doutrina sensata e evolutiva, e não pode endossar as anomalias que no exercício mediúnico podem situá-lo sob a crítica maldosa dos adversários. O médium, que é um dos elementos de maior importância na propaganda do espiritismo prático, deve impor-se pela sua modéstia, conduta moral superior e um serviço mediúnico isento de quaisquer excrescências ridículas.

Os médiuns são homens e, por isso, imperfeitos. No entanto, desde que estudem conscienciosamente as obras codificadas por Allan Kardec, ficam esclarecidos desde o início do seu labor mediúnico quanto às incongruências que precisam evitar em nome da doutrina espírita, quais os percalços da mediunidade imperfeita e o desajuste dos médiuns no tocante às suas qualidades morais, conforme é exposto no ***Livro dos Médiuns***.1

1. ***Livro dos Médiuns*** – Cap. XVI – 185 a 199.

Os médiuns novos são tímidos, cuidadosos e temem o ridículo. No entanto, em princípio, mal dissimulam a ansiedade de sobrepujar os companheiros mais experimentados, o que não perdem oportunidade de fazer. Alguns sobrevivem

com êxito nos ambientes mais confusos; outros perturbam-se nos trabalhos mediúnicos mais harmônicos. Obviamente, eles graduam-se pelos mais variados matizes e de acordo com a maior ou menor influência anímica; nuns predomina a linguagem elevada, o potencial intelectivo superior ou o sentimento de tolerância evangélica; noutros a trivialidade, o primarismo mental ou a franqueza rude de “dizer a verdade” aos outros. No entanto, conforme cita Allan Kardec, no ***Livro dos Médiuns***, ainda é o médium exibicionista o que mais se preocupa em competir e impor-se sobre os seus companheiros de trabalhos mediúnicos, e assim não perde vaza para atrair a atenção pública e teatralizar as mais singelas comunicações. Ele faz do ambiente espírita a moldura que lhe enfeita as atitudes rebuscadas, os efeitos pirotécnicos ou as exclamações dramáticas.

PERGUNTA: *– Em alguns trabalhos espíritas ouvimos comunicações de boa índole e de algum sentido construtivo. Porém, estranhamos certos “chavões” muito repetidos pelos comunicantes, em linguagem exótica e típica de outras raças. Aliás, alguns confrades explicaram-nos que certos espíritos usam siglas ou saudações particulares, que assim os identificam mais facilmente no início de sua manifestação. Que dizeis?*

RAMATÍS: – A saudação tradicional, com que alguns desencarnados iniciam suas preleções, é mais própria de sua índole peculiar, e não representa qualquer senha ou código, que seria rematada tolice aceitar como prova de identificação espiritual. Nós também vos saudamos, às vezes, com as palavras “Paz e Amor”, no limiar de nossas mensagens espirituais, sem que por isso estejamos presos a qualquer código de identificação ou signo esotérico. Embora não se trate de quaisquer palavras sagradas ou mantrânicas, certas frases peculiares aos desencarnados, ao se manifestarem nas sessões espíritas, já predispõem o público para vibrar-lhes em simpatia no reconhecimento de sua presença.

PERGUNTA: *– E no caso dessas chaves ou saudações repetidas dos desencarnados serem proferidas em sânscrito, hebraico, bantu, guarani, árabe ou qualquer outro dialeto estranho, como já temos observado, que deveremos compreender?*

RAMATÍS: – Sabeis que um “louvado seja Deus”, pronunciado com ânimo e convicção sincera, em qualquer dialeto ou idioma estranho à vossa raça, sempre há de possuir a necessária força espiritual emotiva, independentemente da língua em que é falado. Mas não passa de excêntrico o médium intuitivo que usa de saudações em idioma estranho à sua própria raça, e depois não consegue transmitir o restante da mensagem na mesma língua. Quando se trata de médium poliglota ou xenoglóssico, é evidente que ele pode

comunicar toda a mensagem do desencarnado na linguagem que ele usava em vida física, quer seja o francês, o bantu, o turco ou o chinês.

Às vezes é apenas encenação propositada por parte do médium intuitivo, que em vigília conhece o fraseado em língua estranha e o usa como chave no início da comunicação. Cremos que vos seria bastante estranho se, através deste médium intuitivo, ditássemos a nossa costumeira saudação de “Paz e Amor” em indu-chinês, isto é, no idioma pátrio que cultuamos na última existência terrena e, no entanto, depois não pudéssemos transferir-vos na mesma língua o resto da comunicação.

Não censuramos tais fatos, quando eles ocorrem tradicionalmente nos trabalhos mediúnicos dos terreiros de umbanda, nos quais os silvícolas, os pretos-velhos de Angola, Nagô ou Bantu, chegam a arrancar dos seus “cavalos” alguns vocábulos do idioma natal que usavam na vida física. Mas isso já não se justifica nas sessões espíritas disciplinadas pela codificação de Allan Kardec, em que a manifestação mediúnica deve ser escoimada de qualquer superficialidade ou teatralização extravagante.

Quanto à suposição de que certos espíritos superiores usam “chaves” esotéricas previamente combinadas com os encarnados, para garantir-lhes a identificação nos trabalhos mediúnicos, cremos que essa segurança moral ou benfeitora dos desencarnados não depende propriamente do seu nome, de chaves sibilinas ou dos sinais cabalísticos da preliminar mediúnica, mas das suas intenções e do tratamento espiritual com que se portem nas suas comunicações. Em qualquer circunstância, é bem mais louvável e segura a presença anônima de Francisco de Assis nos trabalhos espíritas, sem qualquer chave ou saudação cabalística, do que a de algum espírito diabólico prelecionando através de frases lacrimosas e senhas enigmáticas.

22. A SUGESTÃO E A IMAGINAÇÃO NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

PERGUNTA: *– Gostaríamos que nos explicásseis o caso de certas comunicações transmitidas até por médiuns bem desembaraçados, de espíritos desencarnados em homicídios, acidentes trágicos ou suicídios, cujas mortes mais tarde são desmentidas. Certo amigo nosso foi dado por morto em acidente rodoviário ocorrido num Estado vizinho e, na mesma noite, no centro espírita de nossa frequência, ele comunicou-se aflito e perturbado, queixando-se de muitas dores. Entretanto, para decepção e espanto geral, dias depois ele retornou ao lar, pois a vítima do acidente fora um seu homônimo. Que dizeis sobre isso?*

RAMATÍS: – O animismo explica-vos muito bem esses casos contraditórios e decepcionantes, principalmente se o médium é muito sugestionável em sua vida profana, a ponto de estigmatizar com facilidade, na sua mente indisciplinada, a notícia trágica do jornal do dia sem cogitar se ela pode ser verídica ou duvidosa. Quando não se trata de algum divertimento de espíritos levianos ou maquiavélicos, que tudo fazem para ridicularizar o trabalho mediúnico, é a imaginação exaltada do médium, que trabalha completamente desgovernado e tece os quadros dramáticos do que ele supõe tenha ocorrido à vítima. Então, à noite, na sessão mediúnica, as imagens nutridas pela sugestão dominam a mente do médium, fazendo-o descrevê-las à guisa de acontecimentos verídicos.

PERGUNTA: *– Deveríamos censurar ou afastar o médium que se deixa sugestionar tão facilmente, de modo a causar prejuízos à contextura doutrinária do espiritismo?*

RAMATÍS: – Em qualquer situação da vida, ainda é a recomendação de Jesus, “Não julgueis para não serdes julgados”, que deve orientar nossas apreciações sobre os atos do próximo. É evidente que, se o médium demasiadamente sugestionável tivesse certeza do fato desastroso que ocorre consigo, não o contaria, semeando o seu próprio ridículo. Não existindo dolo, por não haver propósitos censuráveis, o dever dos espíritas esclarecidos é nortear o médium desgovernado para exercer o serviço mediúnico com o máximo de critério, evitando causar o desânimo e a decepção aos que o ouvem.

O êxito das comunicações intuitivas mediúnicas depende principalmente da maior passividade do médium intuitivo. No entanto, nesse estado neutro o seu psiquismo tende muitíssimo ao estado de auto-hipnose, em cuja fase é bem fácil a sugestão e o domínio das idéias que foram alimentadas durante o dia. Há casos em que sensitivos de pouco controle mental chegam a transmitir, à conta de mensagens de espíritos desencarnados, as idéias e os pensamentos de algum frequentador do trabalho mentalmente desenvolvido. Outros são facilmente dominados pela "empatia", ou seja a capacidade da criatura em colocar-se no lugar de outrem e viver-lhe as dores ou vicissitudes. E os mais sugestionáveis passam então a materializar, à noite, no centro espírita, aquilo que durante o dia mais os impressionou.

Raros médiuns sabem controlar os avançados recursos de sua imaginação, de modo a aproveitá-los para dinamizar as idéias que os espíritos lhes transmitem, pois, em geral, confundem as imagens virtuais do seu pensamento, supondo-as como de entidades concretas e fora do corpo físico. A ausência de estudo e a falta de autocrítica leva grande número de medianeiros a confundir a realidade com a fantasia.

PERGUNTA: *– Quais são os recursos ou as providências mais aconselháveis para ajudar esses tipos de médiuns tão imaginativos a se tornarem eficientes e menos anímicos, mais reais e menos fantasiosos, evitando-se os casos de falsas comunicações mediúnicas inspiradas pelas notícias trágicas dos jornais? Embora não pretendamos julgar os médiuns vítimas dessas incongruências, cremos que tais acontecimentos sempre abalam a crença espírita dos neófitos e dão azo a muita crítica mordaz; não é assim?*

RAMATÍS: – Ante a vossa indagação, só podemos insistir fastidiosamente na tecla batidíssima de que só há um caminho para qualquer médium lograr o melhor êxito no seu trabalho mediúnico é o estudo incessante aliado à disciplina moral superior. O espiritismo explica que não existem privilégios por parte de Deus para qualquer de seus filhos; em seu seio é inaceitável o milagre ou a magia, que contrariam a disciplina das leis siderais. Deste modo, nenhum médium ignorante, fantasioso ou anímico transformar-se-á em um instrumento sensato, inteligente e arguto, se não o fizer pelo estudo ou próprio esforço de ascensão espiritual.

Não contrariamos a tese de que é preferível o médium analfabeto, ingênuo e imaginativo, mas dotado de virtudes cristãs sublimes, ao médium intelectivo, culto e desembaraçado, porém vaidoso, mal intencionado ou interesseiro. Mas é evidente que ainda é melhor o médium humilde, bom e desinteressado, mas estudioso das obras espíritas e dos bons compêndios profanos, que se imuniza contra os automatismos psicológicos, as sugestões alheias e as interferências anímicas.

Atualmente o homem não precisa nascer em berço privilegiado para ser culto, pois as facilidades modernas do livro, da revista e dos métodos pedagógicos através de cursos radiofônicos ou de correspondência, desmentem os que por displicência alegam dificuldade para se educar. Aliás, já nem é preciso enxergar para ler, pois até os cegos já dispõem de vasta biblioteca em “braille”. Alguns médiuns avessos à leitura abandonam-se à fama voluptuosa e cômoda de que são excelentes medianeiros, embora analfabetos. No entanto, o certo é que o fazem mais por preguiça e desinteresse do seu progresso intelectivo e espiritual. Todo ser convocado para contribuir mediunicamente junto à mesa espírita deve se reconhecer uma criatura endividada procedendo à colheita dos frutos espinhosos da sementeira imprudente do passado. Sob tal condição, ela assume graves compromissos para com os seus benfeitores desencarnados, assim como é responsável pela própria renovação moral, intelectiva e espiritual.

O primeiro dever do médium analfabeto ou inculto é justamente o de alfabetizar-se e procurar adquirir cultura, lembrando-se de que o sacrifício inicial, para isso, pode ser uma imposição do seu próprio carma muito gravoso. Não se justifica no seio do espiritismo o velho e cômodo sistema, muito de gosto de alguns médiuns ou doutrinadores displicentes, de justificarem a sua ociosidade mental com a esfarrapada desculpa de possuírem a inata intuição, sensata e certa, de todas as coisas, sem qualquer conhecimento das obras espíritas. Os mais ingênuos ainda acrescentam que o seu vasto conhecimento intuitivo os dispensa atualmente de qualquer novo aprendizado doutrinário, pois é fruto do seu contato com o espiritismo em vidas anteriores.

Sem dúvida, todos os homens nascem analfabetos, mas todos precisam aprender a ler. Uma vez que as próprias crianças conseguem alfabetizar-se, é evidente que isso ainda será bem mais fácil para os adultos, que já possuem maior desenvolvimento e acuidade mental. Inconscientes do seu ridículo, aqueles que se blasonam de ser iletrados, mas inatamente cultos, sentam-se às mesas espíritas e lançam torrentes de sandices e exortações prenhes de lugares comuns à conta de brilhante tese filosófica sobre a doutrina espírita.

PERGUNTA: *– E quais os livros que esses médiuns incipientes deveriam compulsar para dominarem a interferência anímica e progredirem no trato das relações com o Além?*

RAMATÍS: – Não preconizamos que seja necessário ao médium iletrado ou muito anímico tomar-se um gênio ou irrepreensível autodidata, para só então corresponder aos objetivos e à responsabilidade de sua tarefa mediúnica. Mas a verdade inconteste é que boa porcentagem dos médiuns é displicente e cristaliza-se durante vários anos hipnotizada à sua própria ignorância, enquanto confunde os seus conceitos vulgares com os elevados e inteligentes

postulados de salvação do próximo. O médium sinceramente devotado à causa espírita procura elevar o seu nível intelectual pelo estudo das obras da doutrina, mas também ausculta-se continuamente para identificar na própria alma as paixões e trivialidades que lhe emolduram prejudicialmente as comunicações mediúnicas. Só depois de conhecer-se a si mesmo é que ele está em condições de corrigir o próximo.

Certos médiuns justificam a sua alergia à leitura alegando a impossibilidade de aquisição de livros de esclarecimento científico ou filosófico, porque são excessivamente pobres e trabalham exaustivamente para o sustento da família. Acontece, porém, que eles devoram o conteúdo de milhares de revistas improdutivas, folhetins aventurescos, contos policiais ou jornais de esporte. As horas que lhes sobejam nos dias de descanso ou férias eles gastam colados aos rádios ouvindo novelas xaroposas e sentimentalistas, por vezes inconvenientes. Os médiuns masculinos perdem longas horas no cafezinho da esquina, alimentando a palestra inútil; os médiuns femininos consomem longo tempo em demorados “tête-à-tête” com a vizinha mais próxima, no comentário das histórias dramáticas das vizinhas mais distantes.

Como não há regra sem exceção, alguns médiuns, se bem que iletrados e ignorantes dos recursos de sua própria mente, alcançam admiráveis resultados no seu intercâmbio medianímico com o Além. Alguns deles são bastante sensatos e servem satisfatoriamente aos desencarnados, pois elevam o nível mental dos companheiros pelas transmissões de excelentes roteiros espirituais.

Mas o fenômeno explica-se com facilidade, porque nesse caso trata-se de espíritos experimentados e donos de elevado conhecimento filosófico e salutar entendimento psicológico, o que lhes permite transmitir o pensamento dos desencarnados em nível de compreensão superior. Embora sejam anímicos, são tão utilíssimos para os frequentadores neófitos como se realmente comunicassem espíritos desencarnados, pois sua memória pregressa é rica de conhecimentos espirituais e aviva-se sob o clima espírita. Mas ainda são poucos os médiuns intuitivos que podem distinguir onde termina a fronteira do seu subconsciente e principia a área da fenomenologia mediúnica.

Os médiuns, que são criaturas imperfeitas, por vezes caem em contradições flagrantes e desmoralizam o conceito público da mediunidade, principalmente quando copiam, no ambiente espírita, algo das competições do mundo profano. Alguns precipitam-se em dar o furo mediúnico, como acontece na competição jornalística, mas o fazem de modo imprudente, como no caso que citastes em vossa primeira pergunta de hoje. Inconscientemente eles carreiam os apodos e as críticas contra a codificação de Allan Kardec, o qual, com muito bom senso, advertiu “que seria melhor rejeitar 99 verdades a aceitar uma só mentira na doutrina espírita”.

Através dos recursos do hipnotismo, pode-se implantar uma idéia fixa ou uma ordem incondicional no “sujet” hipnotizado, à qual ele obedece depois de acordado, tal como lhe tenha sido ordenado. Este fato é muito conhecido entre os hipnotizadores pelo “signo sinal”. Do mesmo modo, os que são médiuns, mas facilmente sugestionáveis, também se transformam no “sujet” capaz de viver no transe mediúnico todas as idéias e fantasias que o tenham impressionado fortemente no estado de vigília. Na verdade, eles também são comandados por um “signo sinal” que lhes é imposto pelo próprio subconsciente.

PERGUNTA: *– Quais os fatores mais responsáveis pela comunicação fantasista, no caso do médium que o faz com boa intenção, certo de que foi intuído ou incorporado por algum espírito desencarnado?*

RAMATÍS: – Já vos temos falado do automatismo psicológico ou do domínio da personalidade alheia sobre a mente do médium. No entanto, há outro fator de forte influência, que é o histerismo. São as mulheres, principalmente, as maiores vítimas de tal distorção individual, uma vez que podem levar com facilidade o seu estado anormal de excitação ou frustração à conta de faculdade mediúnica em florescimento. Os sonhos inalcançados, a excessiva introspecção, as neuroses, as perturbações intelectuais, as convulsões, as manias de grandeza, os exageros e as simulações muito familiares na esfera psiquiátrica e na terminologia freudiana, podem ser responsáveis por falsas suposições de mediunidade. O histerismo, em particular, pode atacar a mulher frustrada no casamento ou celibatária, acicatando-lhe o psiquismo pela angústia da solidão, fruto da ausência do companheiro predestinado pelas leis biológicas da vida humana.

A consequência nevropata, o traumatismo psíquico ou a exaltação incontrolável facilmente confundem-se com as manifestações mediúnicas. Algumas criaturas tentam o transe mediúnico sem possuir a sensibilidade exigida para o mesmo. Desse esforço incomum resulta a emersão da bagagem oculta do subconsciente, capaz de ser confundida também com a comunicação dos espíritos desencarnados.

23. O ESPÍRITA E O BOM HUMOR

PERGUNTA: *– Que dizeis dessas comunicações soturnas, algo fúnebres, de espíritos guias ou benfeitores, que deixam o público espírita algo constrangido pelo aspecto lúgubre com que se manifestam? Dever-se-ia atribuir tal comportamento habitual aos próprios comunicantes que, depois de desencarnados, modificam completamente o seu temperamento psicológico devido à responsabilidade da vida espiritual? Alguns espíritos chegam a pronunciar suas palavras de modo quase espasmódico, entre frases que mais parecem soluços e gemidos.*

RAMATÍS: – Em geral, os médiuns novatos e ainda ignorantes da realidade da vida do espírito pressupõem que a morte é um ato de magia ou passe miraculoso, que modifica instantaneamente o conteúdo psicológico e o estado moral dos desencarnados. Embora comprovem que por eles se comunicam almas felizes e libertas de preconceitos terrenos, ainda nos configuram de modo lúgubre, pois acima de tudo somos almas dos "mortos"! Em face da idéia fúnebre que ainda se tem na Terra, com relação à vida além da sepultura, os desencarnados são transformados em figuras empertigadas e sentenciosas, que se movem num céu dominado por profundo silêncio sepulcral. Os "vivos" julgam-nos situados em dois extremos opostos; somos anjos estáticos em eterna contemplação da obra do Senhor, ou então fantasmas melodramáticos, gélidos e tétricos. Depois da morte do corpo físico, dizem eles, os espíritos devem ser sisudos, graves e compungidos, cujos lábios só se entreabrem para censurar as volubilidades e os pecados dos homens.

Dificilmente os encarnados podem imaginar que, além do túmulo e nas regiões felizes, ainda permanecem o riso farto, a jovialidade e a despreocupação das almas angélicas libertas dos complexos e recalques humanos, cujo sentimento puro e inocência de intenções justificam a divina máxima de Jesus, quando exclamava: "Vinde a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus".

Os pessimistas da moradia terrena não podem admitir que os "mortos" possam desempenhar atividades laboriosas e a tudo contagiar com sua alegria, seu trabalho e otimismo. Mas a verdade é que as colônias espirituais venturosas que circundam o orbe terráqueo, conforme já vos tem sido notificado, são colméias de almas afeitas ao humorismo sadio, à graça e à jovialidade dos intercâmbios afetivos ligados ao bem e à utilidade espiritual. Se a morte não transforma as almas em arcanjos liriais purificados à última hora, ela também

não extingue as preferências boas ou más que tenham sido esposadas na Terra.

É certo que nas camadas densas do astral inferior verifica-se situação oposta. Ali, os calcetas das sombras transitam ululando seus remorsos ou enlouquecidos pelos sofrimentos atrozes, enquanto os mais revoltados ainda estrugem ameaças contra os seus comparsas do passado. O gemido lúgubre, a dor insana, a gargalhada sinistra e os brados de desespero e terror são a antítese da alegria e da ventura que domina as almas habitantes das esferas superiores. Mas essas almas infelizes, quando se comunicam com a Terra, nada podem fazer além dos apelos angustiosos ou das revoltas indomáveis, porque assim elas são no submundo onde habitam.

Mas os guias que vos visitam das regiões de paz e de luz não devem ser levados à conta de fantasmas suspirosos ou almas carrancudas, tristes e severas, cuja presença nas sessões espíritas, em vez de desanuviar o ambiente, torna-o ainda mais tristonho e soturno.

PERGUNTA: *– Mas já ouvimos críticas severas contra certos espíritos que, entre um ensinamento e outro, nas suas comunicações, interpunham um dito ou uma graça que despertava o humorismo e desafogava a tensão dos presentes. Disseram-nos alguns confrades que a sessão espírita não é palco de humorismo ou picadeiro de circo! Que dizeis?*

RAMATÍS: – Todo extremismo é sempre passível de censura; e o será também na prática mediúnica ou na sessão espírita. Não louvamos a sessão mediúnica onde pontifique a trivialidade, o interesse mercenário, a galhofa, a ironia, a graça fescenina ou o linguajar sarcástico, a qual termina transformando-se em fonte de atração para os espíritos capciosos, galhofeiros ou libertinos. Mas também não lisonjeamos a reunião espírita à base de comunicações compungidas, que lembram mais propriamente o velório de adoração fúnebre. Em geral, os amantes dessas sessões são criaturas recém-vindas das tertúlias alegres, participantes das palestras chistosas ou do anedotário hilariante de rua. No entanto, acham que devem “fechar” com toda urgência a fisionomia e se pôr carrancudos, assim que se defrontam no interior do centro espírita com o médium ou o doutrinador de olhar compungido. É de bom senso que pouco adianta ao homem modificar o seu aspecto fisionômico exterior, se dentro de si ainda vibram as lembranças dos assuntos que o fizeram rir à vontade, ou se ele malbarata os demais dias da semana entre o riso descontrolado do anedotário malicioso, que fornecem o rádio, o cinema ou a revista humorística.

A verdade é que os espíritos felizes são alegres e absolutamente despreocupados das convenções e dos preconceitos humanos, e seu maior desejo é incentivar-vos o ânimo, desopilar-vos o fígado e preencher a vossa

alma com o otimismo e a esperança num futuro feliz. E o espiritismo, como doutrina de socorro e esclarecimento para os “vivos”, também nutre o salutar objetivo de confortar e orientar o homem vítima de angustioso pessimismo que lhe marca a vida física, pois só lhe resta a graça de um céu melancólico, dificílimo de alcançar, ou então a eternidade do inferno, quase impossível de evitar.

Em consequência, como doutrina de otimismo e libertação espiritual, o espiritismo não pode paraninfar as sessões lúgubres e carrancudas, ou os velórios mediúnicos, em que os seus adeptos se submetem convencionalmente a uma falsa tensão de gravidade apostolar sob as vozes lacrimosas da leitura do Evangelho, para depois retornarem às suas atividades cotidianas novamente agitados pelas emoções descontroladas e perturbados pelos sentimentos mais contraditórios. Não admitimos a palhaçada ou a irreverência no ambiente espírita, mas acreditamos que, ao codificar o espiritismo, Allan Kardec objetivava mais uma transfusão de sangue novo na crença triste e nos sofrimentos dos homens, do que mesmo estabelecer um intercâmbio convencional, em que as almas felizes são apenas os “mortos” carrancudos e lastimosos!

24. A TELEPATIA E AS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

PERGUNTA: *– Certos críticos afirmam que os médiuns são apenas telepatas passivos, pois as comunicações de espíritos desencarnados não passam de transmissão de pensamentos dos próprios vivos que frequentam as sessões mediúnicas. A seu ver, os médiuns são criaturas muito sensíveis à recepção das ondas "ultra-microcurtas" emitidas pelos cérebros dos encarnados, o que os leva a crerem-se intermediários das almas do Além-Túmulo. Há fundamento nessa explicação?*

RAMATÍS: – Não discordamos quanto à possibilidade de os fenômenos telepáticos intervirem na prática mediúnica, mas isso não prova que os médiuns sejam unicamente transmissores de pensamentos dos frequentadores de sessões espíritas. A mediunidade exclusivamente inspirativa é, em verdade, efetuada pelo processo de comunicação telepática. E por isso, é necessário distinguir se são dois espíritos encarnados a se comunicarem entre si, pela transmissão do seu pensamento, ou se se trata de espíritos desencarnados que projetam o seu pensamento sobre o médium.

Na telepatia processada exclusivamente entre os encarnados, uma vontade ativa transmite os seus pensamentos a outra vontade deliberadamente passiva, o que se constitui num processo de transmissão mental diretamente de encarnado para encarnado. Mas, no caso da comunicação mediúnica telepática, além de o médium deixar-se "inspirar" por outro espírito desencarnado, ele também assenhoreia-se dos seus problemas venturosos ou aflitivos, assim como, às vezes, recepciona mensagem espiritual educativa que ultrapassa o seu entendimento ou concepção comum que tem da vida.

Na telepatia, um cérebro ativo envia ondas concêntricas que são captadas por outro cérebro receptor passivo, porque ambos sintonizam-se à mesma faixa vibratória de transmissão mental. No entanto, a comunicação mediúnica efetua-se pelo "ajuste perispiritual" entre o espírito do médium e o desencarnado, em que o primeiro recebe diretamente a mensagem que deve transferir para o mundo material.

PERGUNTA: *– Então há possibilidade de o médium recepcionar telepaticamente o pensamento do público, para depois reproduzi-lo verbalmente, certo de ser comunicação de espíritos desencarnados?*

RAMATÍS: – A transmissão telepática pode ocorrer em qualquer lugar, bastando que para isso existam circunstâncias favoráveis e dois cérebros apropriados ao fenômeno, em que um transmite e outro recepciona os pensamentos. Aliás, desde que o médium precisa entregar-se a um estado de passividade para receber os pensamentos dos desencarnados, não é difícil que ele também capte alguns pensamentos dos encarnados que fazem parte do seu ambiente de trabalho. É o caso da telepatia acidental, com a recepção de idéias soltas e sem concatenação, que interferem na comunicação mediúnica, embora sem modificá-la, pois não se produzem pela vontade deliberada de quem as emite.

No caso de pura telepatia entre os encarnados, o fenômeno é subordinado exclusivamente aos acontecimentos do mundo físico, enquanto que, no intercâmbio telepático inspirativo com os espíritos desencarnados, os médiuns captam notícias inéditas do Além, fazem previsões acertadas e muitas vezes expõem assuntos que, além de transcender aos seus próprios conhecimentos, ainda ultrapassam a concepção habitual dos frequentadores das sessões espíritas.

Nas instituições espíritas em que os desencarnados de melhor graduação podem atuar com segurança e manifestar-se com êxito pelos seus intérpretes mediúnicos, o fenômeno decorre isento de qualquer interferência telepática por parte dos encarnados e mesmo das entidades do Além. Os médiuns bem assistidos são isolados e protegidos pelos seus guias contra qualquer influência exterior, por cujo motivo as suas comunicações guardam a fidelidade do pensamento enviado do “lado de cá”. Assim como a mediunidade não invalida o fenômeno da telepatia, este também não pode invalidar aquela, pois, além de ambos exercerem-se de modo bastante diferente, ainda ocorrem em planos bem diversos.

25. O PROBLEMA DA MISTIFICAÇÃO

PERGUNTA: *– Todos os médiuns podem ser mistificados?*

RAMATÍS: – A mistificação mediúnica ainda é problema que requer minucioso estudo e análise isentos de qualquer premeditação pessoal, porquanto nela intervém inúmeros fatores desconhecidos aos próprios médiuns que são vítimas desse fenômeno. A Terra ainda é um planeta em fase de ajuste geológico e de consolidação física; a sua instabilidade material é profundamente correlata à própria instabilidade espiritual de sua humanidade. Em consequência, ainda não podeis exigir o êxito absoluto no intercâmbio mediúnico entre os "vivos" e os "mortos", pois que depende muitíssimo do melhor entendimento evangélico que se puder manter nessas relações espirituais. Só os médiuns absolutamente credenciados no serviço do Bem, e assim garantidos pela sua sintonia à faixa vibratória espiritual de Jesus, é que realmente poderão superar qualquer tentativa de mistificação partida do Além-Túmulo. Na verdade, os agentes das sombras não conseguem interferir entre aqueles que não se descuidam de sua conduta espiritual e se ligam às tarefas de socorro e libertação dos seus irmãos encarnados.

PERGUNTA: *– A mistificação que pode dar-se com o médium significa porventura descuido ou indiferença dos seus guias espirituais?*

RAMATÍS: – Ela é fruto de circunstâncias naturais criadas pelo medianeiro, ou do descuido daqueles que ainda imaginam a sessão espírita como um espetáculo para impressionar o público. O Espírito mistificador sempre aproveita o estado de alma, a ingenuidade ou a vaidade do médium para então mistificar. No entanto, podemos vos assegurar que a mistificação não acontece à revelia dos mentores do médium, embora eles não possam ou não devam intervir, tudo fazendo para que os seus intérpretes redobrem a vigilância e acuidade psíquica, a fim de se fortalecerem para o futuro.

Na verdade, a maioria das mistificações deve-se mais ao amor próprio exagerado, à preguiça mental, e também ao excesso de confiança dos médiuns no intercâmbio tão complexo e manhoso com o plano invisível, em que se abandonam displicentemente à prática de sua faculdade mediúnica.

PERGUNTA: *– Baseando-nos em vossas palavras, pressupomos que a maioria dos médiuns pode ser mistificada; não é assim? Alguns confrades espíritas explicam-nos que a mistificação, em certos casos, tem por objetivo*

principal extinguir a vaidade do próprio médium. Há fundamento em tal afirmação?

RAMATÍS: – Os mentores de alta estirpe espiritual nunca promovem qualquer acontecimento deliberado de mistificação mediúnica; e não o fariam mesmo que pudesse servir de advertência educativa para o médium vaidoso. O próprio médium é que oferece ensejo para a perturbação ou a presença indesejável no seu trabalho. Algumas vezes a base da mistificação é cármica, e por isso o médium não consegue livrar-se dos adversários pregressos, que o importunam a todo momento, procurando mistificá-lo de qualquer modo e dificultar-lhe a recuperação espiritual na tarefa árdua da mediunidade.

Não cremos que a vaidade dos médiuns desapareça só porque sejam vítimas da mistificação corretiva. Em geral, quando eles comprovam que foram iludidos pelos desencarnados, sentem-se profundamente feridos no seu amor-próprio e então se revoltam contra a sua própria faculdade mediúnica. E assim, em muitos casos, o médium mistificado e revoltado pela decepção de ter sido humilhado na mistificação, mais rapidamente desiste da tarefa mediúnica que o ajudava a amortizar a dívida cármica, terminando por corresponder exatamente aos propósitos maquiavélicos dos seus perseguidores do Além. Alguns médiuns já abandonaram a prática mediúnica, alegando que foram traídos na sua boa intenção e não receberam o devido adjutório do Alto, o que lhes seria justo esperar.

São raros os que admitem, sem quaisquer susceptibilidades, que dia mais ou dia menos podem ser mistificados, não por culpa dos seus mentores, mas pela imprudência, pelo descaso, vaidade ou interesse utilitarista com que às vezes são dominados, oferecendo ensejos para a infiltração de espíritos levianos, irresponsáveis e malévolos no exercício de sua mediunidade. Os desocupados do Além-Túmulo espreitam astutamente qualquer brecha vulnerável que se faça no caráter do médium ou perturbação no seu trato com a família amiga ou ambiente de trabalho, para assim interferirem durante a queda na frequência vibratória espiritual e lograrem a mistificação que depois desanima, decepciona ou enfraquece a confiança. A mistificação ainda significa determinada cota de sacrifício na prática mediúnica, assim como acontece em certas profissões humanas, seja a engenharia, a advocacia ou a medicina, em que os seus profissionais, com o decorrer do tempo, vão eliminando gradativamente os equívocos dos primeiros dias, até se firmarem definitivamente na sua tarefa profissional.

PERGUNTA: *– Qual o meio mais eficiente para o médium livrar-se das mistificações dos desencarnados?*

RAMATÍS: – Sem dúvida é a sua conduta moral e integração incondicional aos preceitos sublimes da vida espiritual superior. Se o médium pautar todos os seus atos e subordinar seus pensamentos à diretriz doutrinária do Cristo-Jesus, ele há de se ligar definitivamente às entidades superiores responsáveis pelo desenvolvimento da humanidade terrena, que o imunizarão contra os espíritos maquiavélicos. A paciência, a bondade, o desinteresse, a renúncia, a humildade e o amor são as virtudes que atraem os espíritos bons e sinceros, absolutamente incapazes de agir de modo capcioso ou com intenções subversivas.

As intromissões de espíritos indesejáveis no exercício mediúnico comprovam a distração do médium, que imprudentemente abre sua residência psíco-física aos irresponsáveis do mundo invisível. A desculpa de certos médiuns de que, apesar de sua boa intenção no serviço mediúnico, foram mistificados, não é suficiente para os livrar dos espíritos maquiavélicos, galhofeiros e inescrupulosos, que operam contra todas as criaturas interessadas na libertação do homem. Muitos médiuns, apesar de bem intencionados, são no entanto vaidosos, ingênuos, ignorantes, fanáticos ou excessivamente personalistas, oferecendo ensejo para os desencarnados perversos os perturbarem no intercâmbio mediúnico. Os espíritos sagazes, maus e pervertidos pouco se importam com a boa intenção dos encarnados; interessa-lhes unicamente descobrir o defeito moral, a ingenuidade mental ou a confiança tola daqueles que se entregam ao serviço superior. Não é bastante ao médium visualizar um objetivo bom, para então livrar-se de qualquer mistificação do Além. É preciso que ele compreenda que os espíritos astutos, capciosos e cruéis ainda gozam da regalia de ser invisíveis.

Aliás, Allan Kardec tratou cuidadosamente do assunto das mistificações no ***Livro dos Médiuns*** quando, após ter indagado aos espíritos sobre esse problema, recebeu a seguinte resposta: “Parece-me que podeis achar resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Certamente que há para isso um meio simples; o de não pedirdes ao espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da humanidade; se vos não afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom senso pode admitir. Os espíritos vos vêm instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para atender às vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que esteja fora de suas atribuições, nenhum ascendente encontrariam jamais os enganadores; donde deveis concluir que aquele que é mistificado só o é porque merece (Cap. XXVII, Tópico 303: “Das Mistificações”).

PERGUNTA: *– Porventura o guia deixa de intervir a favor do seu médium, no caso da mistificação?*

RAMATÍS: – O principal objetivo da pedagogia espiritual é conduzir o homem ao seu aperfeiçoamento angélico, pois em sua intimidade permanece indestrutível a centelha espiritual, que é emanação do próprio Criador. A função do mundo físico, astral e mental, é proporcionar às almas a oportunidade de se tornarem conscientes de si mesmas, pois, embora elas existam aparentemente separadas, todas são oriundas da mesma fonte criadora.

Os caprichos, as teimosias, a preguiça, a negligência e os descasos espirituais, que significam os pecados dos seres, Deus os tolera porque representam as fases do processo evolutivo, em, cuja luta heróica eles vão tomando conhecimento de si mesmos e desfazendo-se dos prejuízos e equívocos que retardam a ascese angélica. O homem deve decidir conscientemente sobre aquilo que já o satura na vida transitória material, pois a sua libertação das ilusões da carne deve ser efetuada sem violências ou imposições draconianas, que somente o empurram para a frente, mas não o esclarecem.

Os pecados, que são combatidos e esconjurados por todos os instrutores religiosos, são apenas os equívocos da alma titubeando na sua marcha pelas estradas planetárias. Assim como o jovem estudante reconhece mais tarde e lamenta os erros cometidos nas provas do seu exame colegial, apontados pelo professor, o espírito do homem lastima depois o tempo perdido nos seus equívocos espirituais, tudo fazendo para recuperar-se dos deslizes condenáveis.

Assim como não vos é possível cultivar flores formosas sem que primeiramente sepulteis suas raízes no solo adubado com detritos repugnantes, o espírito do homem também só desenvolve os seus poderes e alcança sua glória angélica depois de fixar-se no seio da matéria inferior dos mundos planetários. Os equívocos, as mistificações e as contradições espirituais de muitos médiuns ainda são frutos dos seus deslizes e imprudências cometidas no passado, quando feriram as mesmas almas que hoje os mistificam e se desforram do Além-Túmulo. A mistificação, nesse caso, é apenas o efeito da Lei do Carma, em que, embora a “semeadura seja livre, a colheita é obrigatória”.

PERGUNTA: *– O médium poderia livrar-se da mistificação com o afastamento dos espíritos mistificadores?*

RAMATÍS: – Trata-se de um problema que não será solucionado com o simples afastamento dos espíritos mistificadores de junto dos médiuns, de vez que esse afastamento depende da renovação moral dos médiuns e do seu sincero perdão àqueles que lhes atuam prejudicialmente. Conforme já vos temos lembrado, as moscas se afastam devido à cura das feridas e não pelo seu incessante enxotamento. Geralmente o médium é mistificado pelos seus velhos comparsas, vítimas ou algozes do passado. Por isso, deve demonstrar a

sua sincera humildade e o seu amor àqueles que o ferem, tanto quanto ele os feriu outrora.

Os espíritos adversos, do passado, obtêm maior êxito na sua empreitada malfeitora quando suas vítimas estão oneradas pela mediunidade de “prova”, o que lhes toma o perispírito mais devassado para o “lado de cá” e facilita a infiltração obsessiva. Eles procuram incentivar a vaidade, o amor próprio, o capricho, o orgulho, a falsa modéstia e demais defeitos que possam exaltar a personalidade do médium, o qual, muitas vezes, valoriza demais a sua faculdade, deixando-se vencer pelo delírio da auto-suficiência e impermeabilizando-se às intuições benfeitoras do seu guia. Alguns médiuns imprudentes e vaidosos rejeitam quaisquer advertências alheias, assim como confundem a humildade com a sua própria ignorância. Assim tornam-se petulantes e se deixam dominar pelo “puro animismo”, pela auto exaltação e não escondem o despeito contra aqueles que ousam duvidar de sua mediunidade.

Não tardam em perturbar a harmonia do ambiente que frequentam e o tornam um clima de constrangimento e ansiedade, facilitando a divisão entre os menos conhecedores da doutrina espírita. Quando não recebem a lisonja de que se julgam merecedores, ou os demais companheiros subestimam-lhes o prestígio e o teor das mensagens do Além-Túmulo, eles então se mudam com armas e bagagens para outro ambiente espiritista, a fim de encontrar a compensação desejada.

Com essa mudança insatisfeita, que é fruto da inconformação e do anonimato, a faculdade mediúnica perde então a sua fluência natural e domina o animismo incontrolável ou a fascinação sorrateira das sombras. A impaciência, a indisciplina e a desforra terminam por desencorajar os próprios guias do médium, que não podem consumir o seu precioso tempo junto de quem só se preocupa com o seu prestígio pessoal em detrimento do serviço benfeitor ao próximo.

PERGUNTA: *– O médium que neste momento recebe o vosso pensamento também poderia ser mistificado?*

RAMATÍS: – E por que não? Não o consideramos mais privilegiado do que os outros médiuns, pois também não passa de um espírito onerado com a mediunidade de “prova”, para ressarcir suas dívidas cármicas do passado. Desde que ele negligencie em sua conduta moral e falseie as suas intenções espirituais, é certo que também será alvo dos espíritos maquiavélicos e mistificadores, que tudo fazem no Além para neutralizar o serviço mediúnico benfeitor na Terra. O intercâmbio que o sensitivo efetua conosco é apenas o “acréscimo” que o Alto lhe concedeu para a sua própria recuperação espiritual.

Mas nem por isso ele está isento dos experimentos e das retificações cármicas junto de sua família, dos seus amigos, de sua raça e na sociedade de que participa.

Evidentemente, a sua primeira obrigação é sustentar o conjunto doméstico e cumprir os seus deveres sociais. Em seguida, atender aos deveres da mediunidade junto ao próximo. No entanto, semelhantemente a qualquer outro médium, cumpre-lhe exercer contínua vigilância sobre os seus próprios pensamentos e exercitar as virtudes superiores no seu coração. Há de viver corretamente e acima de quaisquer pruridos da vaidade personalística, caso deseje garantir os princípios espirituais das mensagens que lhe enviamos daqui e impedir que as entidades subversivas deformem os nossos pensamentos.

A faculdade mediúnica é o meio que faculta aos desencarnados a realização do serviço útil ao próximo. Mas para isso o médium que intercambia os princípios elevados do Alto precisa viver em absoluta harmonia com aquilo que flui para os encarnados, se não quiser tornar-se o repasso dos espíritos levianos, irresponsáveis e mal intencionados. Qualquer médium distraído de suas obrigações comuns e ligado às aventuras menos dignas não passa de candidato eletivo à mistificação do Invisível.

PERGUNTA: *– Não seria possível que o vosso médium, apesar de sua boa vontade, da conduta regular e do esforço sincero que dispende para a filtragem dos vossos pensamentos, também pudesse ser iludido por alguma entidade experimentada no campo científico, filosófico e de intelecto avançado, que viesse a mistificar pela interposição de idéias corruptoras ou capciosas em vossas mensagens?*

RAMATÍS: – Esse é um dos motivos principais por que preferimos fluir os nossos pensamentos por um médium intuitivo que seja estudioso, arguto, bem intencionado e operoso, em vez de o fazer por um médium sonambúlico que não seja mais do que simples máquina sem vontade própria no intercâmbio mediúnico. As nossas mensagens só foram ditadas através deste sensitivo depois que pudemos comprovar a sua capacidade para recebê-las. Sempre procuramos guiá-lo no desempenho de sua missão. No entanto, apesar de toda nossa vigilância, carinho e assistência, ele não se livrará da mistificação, caso deixe tudo a nosso cargo e se desvie da rota programada no espaço antes de sua atual encarnação.

26. AS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

SOBRE TESOUROS ENTERRADOS

PERGUNTA: *– Que dizeis de certos espíritos que, tanto nas sessões de mesas como em terreiros de umbanda, costumam indicar locais onde foram enterrados tesouros por piratas, jesuítas ou aventureiros? Em geral, eles explicam que certa parte do que for descoberto pode ser empregada em obras de beneficência, aliviando-se assim os infelizes que estão presos magneticamente ao local onde enterraram os tesouros.*

RAMATÍS: – Às criaturas que freneticamente se põem a procurar tesouros indicados por alguns espíritos desencarnados, recomendamos de princípio a advertência de Jesus, quando assim se exprimia: “Não acumuleis tesouros na Terra onde a ferrugem e os vermes os consomem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os consomem, porquanto onde está o vosso tesouro, aí também está o vosso coração. (Mateus, 6: 19)”.

Quanto às entidades que nas sessões mediúnicas indicam tesouros enterrados, na maioria das vezes trata-se de espíritos brincalhões, zombeteiros e irresponsáveis, que abusam da ingenuidade humana propondo empreitadas que excitam a cobiça. Eles não guardam escrúpulos e, por isso, causam as maiores decepções, induzindo os encarnados a empreenderem os mais exaustivos esforços físicos na abertura de túneis, em escavações em terrenos pedregosos e difíceis, para encontrarem os supostos tesouros, enquanto riem e gozam desbragadamente dos que se deixam fascinar pela avidez da fortuna fácil.

No entanto, as almas que realmente enterraram jóias, moedas ou demais valores, e que por isso sofrem aprisionadas à lembrança das coisas em que imprudentemente fixaram o seu ideal, raramente estão em condições de poder elucidar os encarnados quanto ao local em que elas se encontram, pois, além de angustiadas pelas vibrações de cupidez e avareza que movimentaram no mundo físico, encontram-se desorientadas sob o guante dos fluidos mórbidos do astral inferior.

PERGUNTA: *– Mas não seria um empreendimento caridoso desenterrarem-se os tesouros que ainda aprisionam as almas imprudentes sob atroz sofrimento? Desde que os valores ocultos fossem aplicados em obras filantrópicas,*

porventura isso não poderia melhorar a situação espiritual dos espíritos infelizes que tolamente os esconderam?

RAMATÍS: – Mesmo que os ex-donos desses tesouros pudessem indicar os locais em que foram ocultos, nem por isso se poderia extrair deles a avareza, a rapacidade ou a cupidez ainda existentes no seu coração, fruto do profundo egoísmo de haverem pensado exclusivamente em si. Quer estejam ligadas aos seus tesouros enterrados, ou deles sejam afastadas, essas almas continuarão a sofrer em si mesmas os efeitos da causa mórbida que as levou a ocultar valores de circulação no mundo material. Sob a lei benfeitora e justa do Carma, aqueles que movimentam forças magnéticas, tocados pela cupidez e avareza, no enterramento egoísta de bens, deverão sofrer-lhes o efeito coercivo até à sua completa dissolvência.

PERGUNTA: *– Poderíamos supor que esse aprisionamento do espírito junto aos valores enterrados é imantação magnética fruto de um ato de magia; não é assim?*

RAMATÍS: – Esses espíritos não ficam imantados magneticamente aos objetos ou tesouros enterrados devido a qualquer operação de magia. É a sua própria vontade que ali os prende, mobilizada como o foi para um ato de profunda avareza e contrário às leis espirituais. Depois de desencarnados tolda-se-lhes o raciocínio e passam a viver em constante pesadelo, dominados pelo medo de perderem aquilo em que puseram toda sua força de posse e objetivo de vida. Na verdade, é crime perante as leis espirituais a subtração e o ocultamento de bens de circulação comum quando são isolados para atender ao egoísmo e à avareza dos seus donos.

PERGUNTA: *– Supondo-se que algum tesouro descoberto por criatura magnânima e desprendida de quaisquer interesses pessoais seja por ela devolvido à circulação e aplicado em obras de caridade e filantropia, porventura o espírito que o enterrou não se livra do seu tormento espiritual, favorecido pelas bênçãos e a gratidão das criaturas beneficiadas?*

RAMATÍS: – Se supuserdes que os tesouros desenterrados e depois distribuídos às obras de beneficência possam causar alívio e exonerar de responsabilidade os espíritos avaros e egoístas que os enterraram, então também tereis de admitir a eficácia das missas e das orações consagradas aos homens cruéis, desonestos e cúpidos, que usufruíram da existência humana exclusivamente em seu próprio bem, explorando o próximo. Aqueles que enterram tesouros ou objetos, movidos pela ganância e cobiça, ficam destituídos do direito de auferir as bênçãos e a gratidão das criaturas que mais tarde são beneficiadas pelos valores postos em circulação.

O bem é fruto espontâneo do grau espiritual do ser e não o produto de circunstâncias favoráveis. O tesouro enterrado, aplicado posteriormente por criaturas magnânimas em serviço benfeitor, não comprova que essa fosse realmente a vontade daquele que o enterrou, caso ele ainda pudesse dispor novamente dos bens que segregou do meio. Mesmo no caso das almas sofredoras, que por vezes aparecem nos lugares ermos e conseguem apontar a algum médium ou encarnado o local certo, onde em vida enterraram algum bem, elas ainda agem sob o interesse de se livrarem o mais cedo possível do sofrimento acerbo que ainda as acicata no Além, em consequência de sua estupidez e avareza.

Então afligem-se para se desembaraçarem do tesouro que tão avaramente esconderam e não podem mais utilizar em face de atuarem noutro plano vibratório de vida. Elas não renunciam espontaneamente aos bens enterrados, mas assim o fazem porque ficam impedidas de usufruí-los, cedendo-os tal como reza o velho provérbio popular: “Quando não puderes carregar, dá ao próximo e então te aliviarás”.

Deste modo, não lhes cabem as graças das criaturas favorecidas pela distribuição dos valores que tinham sido segregados de modo ilícito e depois cedidos unicamente por forca de circunstâncias dolorosas. A própria oração tem finalidade justiceira e por isso só beneficia a quem fizer por merecer o que pede, pois não há injustiça nem privilégio no Cosmo, mas, na verdade, a “cada um será dado segundo as suas obras”.

27. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CASTIDADE

POR PARTE DOS MÉDIUNS

PERGUNTA: *– A continência sexual, por parte do médium que presta serviço aos espíritos superiores, ajuda-o a melhorar o seu desempenho mediúnico? Isso apura-lhe o psiquismo e o favorece para o melhor intercâmbio vibratório com os seus comunicantes?*

RAMATÍS: – É de senso comum que Deus não estatuiu o ato sexual como uma prática deprimente e capaz de rebaixar o ser humano quando precisa cumprir os seus deveres procriativos. É função técnica importantíssima para a continuidade da vida física nos orbes planetários, ensejando o acasalamento das forças criadoras do mundo espiritual com as energias instintivas do mundo da carne. Não é função impura ou censurável, quando desempenhada com esse objetivo nobre. Constitui-se, pois, no processo prodigioso que materializa e plasma na face do planeta a vida em todas as suas manifestações animais, ensejando a instrumentação de que o espírito necessita para apurar o seu raciocínio e entendimento espiritual. Não há dúvida de que o mais certo, perante as leis de alta espiritualidade, seria a relação sexual exercida somente em função procriadora, nas épocas devidamente apropriadas para o êxito da nova vida.

No entanto, o temperamento instintivo dos homens terrenos, ainda instável no limiar da vida animal e do mundo angélico, acicata-os à procura de gozos às vezes insaciáveis e os escraviza às paixões violentas, transformando o ato sexual numa fonte contínua de prazeres que retarda a ventura espiritual. O comportamento sexual do homem terreno ainda é muito aberrativo e desatinado, em face de sua incapacidade para governar o seu instinto animal inferior, mormente se se levar em conta que o animal, entidade primitiva, é um fiel seguidor das leis da procriação. Narra-vos a história o paradoxo de espíritos lúcidos, geniais e boníssimos, que desceram ao nível mais degradante da escala sexual, sem poder dominar a força primitiva do instinto animal desgovernado.

Mas não se pode condená-los por isso, pois mesmo as almas com certa prevalência espiritual sobre o físico, na sua atividade incomum na propagação dos valores superiores, por vezes são apanhadas de surpresa pela força inflamante da carne, que já supunham superada. Mesmo para o santo descido das alturas do Paraíso, Jesus lançou a sua imorredoura recomendação: “Orai e

Vigiai". Embora os vícios ou as paixões residam na própria alma e se projetem no cenário físico através da carne, a vida exige que o espírito comande a matéria, em cujo trabalho nem sempre consegue lograr o êxito espiritual desejado. Algumas almas de grau superior perturbam-se no trato com o potencial vigoroso das forças sexuais, embora depois sofram terrivelmente em sua consciência já desperta e se mostrem desapontadas para consigo mesmas. Lembram a hipótese de um homem que, vestindo um traje branco e precisando descer à mina de carvão, contamina-se pelo pó de carvão toda vez que se descuida.

Alguns espíritos benfeitores e regrados, quando do seu retorno às esferas paradisíacas, curtem a dor veemente do seu comportamento sexual contraditório no mundo físico. Embora se tenham devotado a todas as formas do Bem, não puderam controlar os ascendentes biológicos que os impeliam à satisfação sexual desatinada. Em face do seu grau sideral, e devido ao sincero exame crítico de suas próprias consciências, tiveram de reconhecer a sua debilidade no trato aberrativo da prática sexual no mundo físico.

No entanto, ser-lhes-ia ainda mais prejudicial o falso puritanismo da contenção sexual semelhante à panela de pressão sem válvula de escape. O homem pode enganar a si mesmo, mas não consegue ludibriar a Deus, que forma o pano de fundo de sua consciência. Nenhum espírito pode furtar-se ao aguilhão sexual, que o fere incessantemente, exigindo-lhe o máximo esforço para não ser arrastado sob o desamparo espiritual. No campo da atividade sexual, o homem não pode julgar o próximo, pois a contenção, que muitas vezes se supõe ser virtude louvável, é apenas consequência do medo, da ausência de circunstâncias favoráveis, ou devido à noção pecaminosa da tradição religiosa. Raríssimas criaturas poderão afirmar, em sã consciência, que resistiriam sexualmente a todas as seduções e oportunidades que para isso lhes oferecesse a vida humana, terminando os seus derradeiros dias em sadia castidade.

Mas o certo é que, enquanto o homem não se conformar com a realidade de que o prazer sexual é somente um espasmo orgânico de importante função biológica, ele há de ser escravo da vida física. De acordo com as leis que regulam as afinidades eletivas, os encarnados arregimentam companheiros bons ou comparsas detestáveis do Além, conforme se sintonizem às frequências vibratórias mais altas ou mais baixas, que lhes inspirarão os desejos, os pensamentos e atos. Os prazeres deletérios ou os vícios insidiosos da carne são multiplicadores de frequência astral inferior, espécie de operação baixa que só consome o pior combustível do ser, e o impermeabiliza às elevadas sugestões do Alto.

Em consequência, o médium, como intermediário mais sensível com o mundo oculto, não pode gozar a proteção espiritual superior, caso ainda seja o escravo incontrolável das paixões animais inferiores. Então há de ser como a ave que, embora possua asas, não consegue voar porque seus pés estão atolados na lama.

PERGUNTA: *– Quais seriam as vossas considerações a respeito do ato sexual como fonte de prazer, o que ainda é uma fraqueza tão comum na humanidade terrena?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, reconhecemos que Deus palpita na intimidade de toda sua obra, assim como permanece no seio da maior virtude e também no do pior pecado, uma vez que o homem é fruto de sua própria essência. O fato de o homem ainda fazer do ato sexual um prazer comum não é afronta odiosa a Deus, pois Ele não se ofende pelos equívocos ou pecados de seus filhos ainda ignorantes de sua realidade espiritual. Inibidos de usufruir os prazeres elevados e duradouros do espírito, porque ainda lhes falta a capacidade psíquica para tal cometimento, os terrícolas sublimam a sua ansiedade de gozo e ventura no epicurismo prazenteiro do ato sexual.

Todos os indivíduos movimentam-se em contínuo processo de aperfeiçoamento e em cada um vai se operando a transformação mais lenta ou mais célere para melhor. Deus não cria homens ao simples toque de um capricho, mas apura-lhes a consciência de modo a que eles mesmos possam desenvolver suas qualidades divinas inatas e preferir o que lhes pareça melhor. Em consequência, se o terrícola se satisfaz no intercâmbio das sensações animais, é porque ainda não atingiu a fase em que se tornará sensível aos prazeres definitivos do espírito angélico. Não se lhe pode exigir diferente atuação enquanto ainda lhe falte o dom para a percepção psíquica superior e a graduação espiritual capaz de compensar-lhe em espírito os gozos primitivos da vida carnal.

O seu pecado, pois, não é um acinte ou ato de provocação à Divindade, mas o fruto dos seus impulsos inferiores sem a força de controle espiritual. A criatura humana vive à procura do melhor prazer e da maior ventura, o que lhe é um direito de berço e a impulsiona continuamente para a realização consciente de si mesma. Reza o conceito humano que Deus é a Perfeição e, por isso, seus filhos também são marcados pelo desejo de alcançar o melhor e o mais perfeito, certos de que a Verdade é encontrável em algum tempo. Os seres humanos então se deixam atrair pela magia do sexo, gozam e sentem-se transitoriamente compensados nessa mútua relação física, em que compensam no prazer fugaz da carne a ansiedade de ventura espiritual.

Mas o laboratório terreno possui todos os recursos para despertar e graduar a consciência do homem sideral, libertando-o pouco a pouco das amarras da carne transitória. O prazer sexual, portanto, após a compreensão consciente do homem e da mulher sobre a realidade espiritual, também será relegado para condição inferior e superado pelos valores definitivos da vida imortal. No tempo justo, os terrícolas sentir-se-ão saturados por esse prazer físico efêmero, que é um ardil da natureza para manter a continuidade da vida nos mundos materiais. E compreenderão que a verdadeira felicidade não é fruto das contrações e dos espasmos da carne mas, acima de tudo, provém do intercâmbio com as coisas siderais.

PERGUNTA: *– Mas pressupomos que essa atitude irregular do homem, no tocante à suas relações sexuais, merece a censura dos espíritos regrados. Não é assim?*

RAMATÍS: – Não nos cabe censurar o terrícola pela sua contradição sexual, pois isso ele o faz na tentativa de encontrar o "melhor" para si; e se ainda confunde o prazer do corpo efêmero com o prazer do espírito eterno, tornamos a repetir-vos: isso é devido à sua imaturidade espiritual. O corpo físico é o instrumento de que a alma se serve para lograr o seu aperfeiçoamento, assim como o aluno alfabetiza-se e adquire o conhecimento através do material escolar. Obviamente, se o homem aberra do uso do seu organismo carnal, que é o seu banco escolar educativo no mundo físico, não só se candidata às enfermidades comuns terrenas, como ainda impregna-se dos fluidos inferiores da animalidade, que o isolam cada vez mais da inspiração do Alto.

Principalmente o médium – que é a ponte sensível e o instrumento de relação entre a matéria e o Invisível, destinado a cumprir o serviço espiritual a favor do próximo e de si mesmo – precisa proteger-se da infiltração inferior e poupar o seu corpo físico para o êxito de sua tarefa incomum.

Todo gasto excessivo de forças sexuais destrói os elementos preciosos da vida psíquica, responsáveis pela ligação entre o mundo superior e a Terra, por cuja falta o homem é empurrado cada vez mais para o submundo do instinto animal inferior. Em sentido oposto, a economia e o controle das energias sexuais, quando disciplinadas pela mente, beneficiam extraordinariamente o médium. O fluido criador, quando acumulado sem a violência da contenção obrigatória, purifica-se pelo contato com as vibrações apuradas do espírito. Esse magnetismo vitalizante, poupado das glândulas sexuais, depois funde-se ao fluido superior emanado do "chacra" coronário, irriga o cérebro e clareia a mente, despertando a função da glândula pineal à altura do "chacra" frontal e favorecendo a visão psíquica do mundo interior.

Os abusos da prática sexual enfraquecem o cérebro, pois tanto o homem como a mulher exteriorizam a parte positiva e negativa da força sexual, que os órgãos responsáveis usam para a procriação. A maior parte das criaturas ignora que certa porcentagem dessa força constrói e alimenta o cérebro, por cujo motivo o seu gasto excessivo pode afetar a memória e retardar o raciocínio, enquanto o bom uso purifica as emoções e os pensamentos. Certas criaturas que abusam de afrodisíacos para multiplicar a prática sexual, em geral terminam enfermiças, imbecilizadas e retardadas, apresentando as síndromes “parckisionianas”, devido ao esgotamento dos fluidos sexuais imprescindíveis à nutrição das células cerebrais.

Mas é necessário considerar que a castidade não pode ser fruto de uma reação exclusiva da mente, pois refreando as atividades do corpo, de modo algum o espírito consegue resolver um problema que só desaparece pela sua melhoria espiritual. Toda virtude deixa de ser virtude assim que a criatura delibera cultivá-la como algo à parte de si mesma, e que ainda exige vigilância contínua para se manter constante. O homem que procura ser modesto e, para isso, vigia todos os seus atos, preocupado em não decepcionar o próximo, na verdade termina cultivando a vaidade de ser modesto! Da mesma forma, não vos tornareis castos porque cultivais a castidade; mas isso o sereis quando, pela renovação íntima do vosso espírito, então fordes casto sem vos preocupardes em ser castos!

A contenção sexual forçada não passa de uma deliberação artificial e inútil, que acumula as energias procriativas mas não as extingue. E acumular não é libertação, mas apenas transferência obrigatória de ação, tal como sob a tranquilidade aparente da panela de pressão esconde-se o vapor perigoso do seu interior. Algumas criaturas que depois de certo tempo abandonam os conventos e as instituições onde se costuma sufocar o desejo sexual e se anatematiza o mundo profano, por vezes tornam-se bem piores do que aquelas que não fazem restrições morais. Elas apenas se continham, impedidas nos seus desregramentos e deslizes então recalcados pelo preconceito do ambiente em que permaneciam. Mas, assim que romperam as amarras das convenções religiosas ou da moral compulsória, mergulharam violentamente na tempestade sensual, que já lhes rugia na intimidade descontrolada da alma.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos dizer se a libertação do sexo, na matéria, basta para elevar o espírito às esferas espirituais, isentando-o das reencarnações físicas?*

RAMATÍS: – O sexo ainda é a última porta a fechar-se para o homem que procura libertar-se do ciclo doloroso das reencarnações físicas, o que só conseguirá, já o dissemos, quando se tornar casto, mas sem a preocupação doentia de ser casto. Isso será fruto natural do seu aprimoramento espiritual,

em vez de forçada sufocação da chama interior, que persistirá latente sob as cinzas da vontade imposta draconianamente. A castidade forçada é o cérbero terrível que ainda mais excita o desejo insatisfeito e acicata a mente incontrolada. Somente compreendida como processo procriativo, e não como desejo reprimido, a contenção sexual beneficia o homem e principalmente o médium, extinguindo-lhe a ansiedade da relação física. O desejo lúbrico deverá desaparecer pela compreensão consciente de que o ato sexual, antes de ser uma ação prazenteira, é função biológica de reprodução na matéria.

Oxalá o médium bem intencionado já se dê por satisfeito com as suas relações conjugais, evitando as aventuras condenáveis fora do lar e as ligações deprimentes com o psiquismo torturado das infelizes mercadores da carne. Os prostíbulos, sob qualquer hipótese, são cisternas de fluidos intoxicantes, os quais aderem à tessitura delicada do perispírito, criando condições eletivas para atuar os obsessores e os vampiros egressos das sombras do astral inferior. O médium que se entrega às aventuras sexuais menos dignas transforma-se no traço de união entre o astral trevoso e o lar em que vive, carreando para este as emanações nocivas e as perturbações, que são frutos do seu mau comportamento sexual. Os miasmas, os bacilos e vírus psíquicos da degradação do sexo terminam por povoar-lhe o ambiente familiar, ali instalando-se a enfermidade, a angústia e a desarmonia que caracteriza as noitadas tristes e trágicas dos ambientes de prostituição.

Mas é evidente que só a libertação do sexo, na matéria, não basta para elevar o espírito às esferas espirituais, caso ele ainda esteja algemado à crueldade, à vingança, à cupidez ou avareza, o que ainda o põe em sintonia com o astral inferior.

28. ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS ENCARNAÇÕES DE APÓSTOLOS E LÍDERES DO CRISTIANISMO

PERGUNTA: *– Que dizeis sobre certos médiuns ou confrades espíritas que se acreditam a reencarnação de apóstolos ou destacados líderes do cristianismo?*

RAMATÍS: – Não é impossível a hipótese de alguns apóstolos ou discípulos de Jesus encontrarem-se encarnados no Brasil. Não há dúvida de que muitos seguidores e contemporâneos de Jesus regressam mais tarde à carne, a fim de fazerem brotar as sementes cristãs lançadas há dois mil anos. Alguns deles assim o fizeram para conseguir melhor graduação espiritual, pois não houve o milagre de se verem transformados instantaneamente em seres angélicos, apenas porque conviveram à sombra do Sublime Rabi. Frequentando novamente a escola terrena, é evidente que eles também assumiram outras configurações humanas e viveram personalidades e raças diferentes daquelas com que a história sagrada os consagrou no advento do cristianismo.

Malgrado tivessem sido outrora os apóstolos Thiago, Bartolomeu, Simão, Felipe, João ou André, mais tarde tiveram de retornar à Terra assumindo posições de realce ou de serviço humilde e anônimo no vosso mundo. Sob outros nomes, algumas vezes destacaram-se no cenário material em serviço redentor, tal como lhes aconteceu na Judéia sob a orientação do Divino Amigo. Mas muitas vezes só o mundo espiritual chegou a conhecer-lhes a obra meritória e louvou-lhes o devotamento ao Bem. Alguns em novas encarnações talvez se chamaram José, Giácomo, Estanislau, Hanz, Jack Ahmed ou Jean, vivendo personalidades humanas de somenos importância para o mundo, mas de profunda influência na transformação dos seus próprios espíritos. Que importa a configuração provisória da personalidade terrena no mundo físico, quando só o conteúdo espiritual definitivo é que diploma o ser para as glórias da vida angélica?

PERGUNTA: *– No entanto, conhecemos bons trabalhadores espíritas que intimamente acreditam ter sido alguma dessas personalidades históricas do cristianismo, mas que estão certos de não terem habitado a Terra depois de sua última existência apostolar. Que dizeis?*

RAMATÍS: – É certo que na área da experimentação espírita ainda enxameam as reencarnações de Marcos, João, Mateus, Felipe, Thiago, Lucas, João Batista ou Paulo de Tarso, assim como as de Verônica, Martha, Maria

Magdalena etc., que se sentem investidos de novas tarefas messiânicas na revivescência do cristianismo. Muitos deles vivem inquietos e ansiosos, aguardando o momento sublime em que a “luz súbita” deverá eclodir-lhes no espírito e lançá-los pelo mundo em defesa dos postulados de Jesus. Pedro, o apóstolo, Paulo de Tarso ou João Batista, que se supõem reencarnados na atualidade, também se esforçam para não trair a mesma índole, o mesmo temperamento e a contextura psicológica com que a história sagrada os pôs em evidência no passado.

Assim, embora vivendo outras personalidades emolduradas no século atômico, os novos Pedros reencarnados também são sizudos, os Paulo de Tarso são dinâmicos e amigos das “epístolas”, tentando as peregrinações exaustivas para sustentar o alicerce do novo movimento salvacionista. As novas cópias de João Batista, o precursor do Mestre, guardam a mesma severidade de outrora e anatematizam os pecados do mundo moderno, tal como o fazia esse grande e austero espírito.

No entanto, os estudiosos sensatos e argutos da fenomenologia mediúnica surpreendem-se confusos, descobrindo que, embora todos os velhos seguidores de Jesus se mostrem reencarnados na atualidade, eis que, paradoxalmente, ainda continuam a “baixar” nas sessões espíritas, manifestando a mesma personalidade da época do advento do cristianismo. Paulo de Tarso, Pedro, Marcos, João Evangelista, Lucas, Magdalena, João Batista, Estevam, Felipe, Thiago, Timóteo, e outros pioneiros da obra do Cristo Jesus, tanto vivem encarnados na Terra, cumprindo novas missões à sombra amiga do espiritismo, como também não cessam de se comunicar pelos médiuns eufóricos dessa preferência espiritual tão honrosa.

Deste modo, multiplicam-se, tanto na Terra quanto no espaço, os mesmos apóstolos e discípulos de Jesus, deixando perplexos os neófitos espíritas, que ainda desconhecem a complexidade do mecanismo da mediunidade e ignoram a intervenção fácil da mente indisciplinada na sugestão messiânica.

PERGUNTA: *– E que dizeis das comunicações mediúnicas, tão comuns em certos trabalhos espíritas, atribuídas a destacados espíritos que lideraram as filosofias ou religiões de outros povos? É viável, por exemplo, a comunicação rotineira, nos centros espíritas, das personalidades de Moisés, Sócrates, Ramakrishna, Maomé, Zoroastro, Platão, Confúcio ou Gandhi, quando se trata de trabalhos mediúnicos do Ocidente?*

RAMATÍS: – Não é impossível a comunicação, mas, advertimo-vos, seria muito incomum, raríssima e unicamente em casos excepcionais, porquanto esses líderes de povos e raças têm o seu tempo devotado a empreendimentos coletivos e de suma importância. Não os justificaria nem os compensaria o

deslocarem-se de seus planos siderais para atender a assuntos rotineiros da matéria. Eles viveram personalidades adequadas aos costumes, às idéias e às experimentações de sua época tradicional, como espíritos que se lançaram na corrente evolutiva da vida física para atender às necessidades espirituais de raças, povos e coletividades, e não a indivíduos ou grupos isolados.

PERGUNTA: *– Considerando a ternura e o amor que esses líderes espirituais sempre demonstraram para com o seu povo e demais criaturas, não poderiam eles manifestar-se em nossas tertúlias mediúnicas ou espíritas, a fim de também orientar-nos quando estivéssemos sincera e honestamente interessados em nosso progresso espiritual? Não poderiam Buda, Confúcio, Krishna, Platão, Sócrates ou Gandhi trazer-nos ensinamentos espirituais, uma vez que os seus pensamentos e suas obras já se encontram bastante conhecidos e divulgados no Ocidente?*

RAMATÍS: – Repetimo-vos que, em virtude de o Espírito Cósmico de Deus ser a fonte eterna de nossas vidas, cuja Individualidade Divina se manifesta através das personalidades microcósmicas das figuras humanas, nada é impossível de acontecer no seio do Cosmo, onde Ele permanece eternamente integrado em sua Obra. Se for de proveito espiritual que tais líderes do passado devam confabular convosco no seio dos trabalhos espíritas, não há dúvida de que eles assim o farão debaixo das orientações do Alto.

Se é de senso comum que o general não deve substituir o soldado na tarefa comum de transmitir o recado singelo de campanha, e o imperador não desce à rua para discutir com o varredor o modo mais prático de empunhar a vassoura na limpeza da cidade, por que, então, os espíritos líderes e instrutores de raças ou povos, submetidos a outros condicionamentos psicológicos e costumes diversos, devem transmitir-vos aquilo que a parentela desencarnada ou os protetores familiares mais afins ao vosso entendimento podem dizer-vos com muito mais êxito? Os espíritos do vosso nível espiritual, portadores de hábitos semelhantes aos do ambiente da vossa experimentação, humana, estão muito mais aptos para vos advertirem ou orientarem no plano das necessidades domésticas ou espirituais. As almas que passam pela Terra cumprindo atividades incomuns e invulgares, instruindo e orientando o crescimento espiritual de povos e raças, não podem dispender o seu precioso tempo na solução de assuntos individuais e corriqueiros.

A lei que rege os movimentos de ascensão espiritual também regula na economia do Cosmo os dispêndios excessivos. Em consequência, mesmo nos intercâmbios mediúnicos a serviço da coletividade, é designado o instrutor espiritual que atue e produza os benefícios de conformidade com a estrita exigência do momento, sem desperdiçar os conhecimentos que os seus ouvintes ainda não podem assimilar. Se considerais ilógica a requisição de

Arquimedes para substituir o modesto professor primário e ensinar os princípios rudimentares da aritmética, por que achais sensato que Confúcio, Buda, Zoroastro, Platão ou Gandhi devam abandonar suas tarefas importantíssimas para sugerir-vos o despertamento das virtudes primárias dos vossos espíritos? Isso será conseguido com melhor êxito pela atuação de entidades ao nível das vossas necessidades ambientais e treinadas na rotina de vossa vida em comum. Os líderes e os guias espirituais da humanidade, após o abandono do corpo físico, ainda continuam influenciando do Além o progresso das mesmas raças e povos que lideraram na Terra, cumprindo um programa que muitas vezes é decorrência de séculos de labor.

PERGUNTA: *– Entretanto, nas obras de Allan Kardec existem várias comunicações atribuídas a esses luminares do Senhor. Devemos guardar reserva no assunto?*

RAMATÍS: – As comunicações de espíritos de alta estirpe sideral, que se registram nas obras fundamentais do espiritismo, não significam intervenções acidentais e discutíveis, mas representam as diretrizes doutrinárias e definitivas para o progresso espiritual coletivo. Em vez de comunicações particulares destinadas a orientar indivíduos ou grupos isolados, elas significam o cimento coesivo de uma doutrina de orientação espiritual definitiva e destinada a toda a humanidade. Por isso, Hermes, Krishna, Lao-Tsé, Zoroastro, Rama, Buda e o Divino Jesus influenciaram-lhe a alma, por algum tempo, embora Kardec tivesse de atuar na França, isto é, no Ocidente, preso a uma severa disciplina científica. Esses luminares do Senhor não foram evocados para atender, em suas mensagens, às trivialidades humanas ou promover soluções fáceis de âmbito doméstico, mas a sua manifestação firmou os postulados da Doutrina Espírita com o aval do Espírito Superior.

PERGUNTA: *– Porventura poderá causar prejuízos à doutrina espírita o fato de seus adeptos julgarem-se, erroneamente, a encarnação de apóstolos ou de outras personalidades famosas do passado? Os espíritos superiores, quando os vivos alardeiam que são sua reencarnação terrena, poderão sofrer quaisquer dissabores devido a essa emulação?*

RAMATÍS: – As personalidades apostolares consagradas pela história religiosa não podem sofrer nenhum prejuízo quando os encarnados supõem-se ingenuamente os seus “sósia” espirituais. Graças ao seu índice elevado de compreensão das fraquezas humanas, elas são imunes às atitudes censuráveis ou ingênuas daqueles que, querendo imitar-lhes a personalidade do passado, apenas praticam grosseira mistificação. É certo, entretanto, que algumas criaturas, por se convencerem de que foram santos ou apóstolos à sombra de Jesus, beneficiam-se bastante com isso, porque empregam todos

os seus esforços e vigiam todos os seus atos, a fim de não desmentirem a "linha psicológica" do modelo-padrão que julgam ter sido outrora.

PERGUNTA: *– Poderíeis nos esclarecer melhor esse assunto?*

RAMATÍS: – Os seres que se julgam a nova encarnação de Paulo de Tarso procuram ser dinâmicos, decididos e corajosos, assim como o era o apóstolo dos gentios. Alguns encetam tarefas e peregrinações fatigantes para divulgar os postulados do espiritismo, porque o crêem realmente como o cristianismo redivivo, em que devem compartilhar, tal como em sua suposta, vida messiânica do passado. À semelhança da atividade dos apóstolos e discípulos de Jesus, eles também dispersam-se pelos vários recantos da Terra em que nasceram, a fim de cumprir as "missões" que lhes foram designadas pelo Alto.

Daí, pois, o motivo por que os pressupostos apóstolos ou santos reencarnados repetem como cópia-carbono os mesmos gostos, gestos e temperamentos dos seus modelos pretéritos. Assim, pois, os novos João Batistas também são sizudos, excomungam a riqueza e os prazeres deletérios. Há os que deixam crescer a barba e os cabelos e a sua linguagem áspera condena as paixões do mundo, tal como o fazia o severo precursor do Divino Mestre. Os Marcos, Mateus ou Lucas devoram páginas do Evangelho e procuram assenhorear-se do conteúdo que julgam ter redigido outrora, habilitando-se para citar qualquer versículo esclarecedor a qualquer momento.

Alguns ainda oferecem resistência contra a idéia íntima ou sugestão alheia de terem sido este ou aquele contemporâneo de Jesus. Mas, quando chegam a aceitar tal situação, já não o fazem por sua exclusiva culpa, porém devido à precipitação de muitos companheiros invigilantes, que aliciam coincidências e ajustam semelhanças de temperamento, trabalho e objetivos, convencendo-os de que são realmente o espírito apostolar. É o que acontece também com referência à provável reencarnação de Allan Kardec, pois só no Brasil dezenas de lidadores espíritas presumem-se a reencarnação do espírito do codificador do espiritismo. Justamente porque Allan Kardec deveria retornar à carne em princípios deste século, conforme predisse em certa obra,1 alguns próceres espíritas, médiuns consagrados alimentam a esperança de ser a sua nova encarnação.

1. Obras Póstumas: ***A Minha Volta, FEB*** – Federação Espírita Brasileira.

Justifica-se tal acontecimento pela facilidade do dom da empatia que predomina nas pessoas sensíveis, e principalmente nos médiuns, sempre prontos a viver a personalidade que mais admiram. Mas, em face dessa multiplicação de apóstolos e lidadores do cristianismo, em número muito além da conta real de sua existência, os mentores espirituais aconselham aos

médiuns a modéstia, a humildade e constante autocrítica, a fim de não crescerem na sua intimidade as flores ridículas que enfeitam a vaidade humana

PERGUNTA: *– O Alto censura a convicção desses encarnados em se julgarem a encarnação de apóstolos, líderes espirituais e destacados cooperadores de Jesus?*

RAMATÍS: – Desde que Deus é o "pano de fundo" de toda consciência humana, não vemos razões para as criaturas se preocuparem com o tipo de personalidade humana que deveriam ter vivido outrora, uma vez que todos nós fomos agraciados com a mesma força divina, que tanto alimenta os grandes seres, quanto os pequeninos. A personalidade terrena que se recorta no mundo físico ainda é a casca, o invólucro exterior e que dispensa imitação, porquanto todos os homens podem revelar a mesma glória e o mesmo poder, que vêm do espírito e não da carne. Só a ingenuidade, a exaltação pessoal ou a contradição interior podem impor essa ansiedade da alma em ter sido alguém famoso no cenário terreno. Há muito "joão ninguém", que passa incógnito pelo mundo terreno, capaz de superar os mais famosos personagens de outrora, porque já abrange maior porção da Divindade e fez eclodir mais luz em sua consciência.

Não podemos censurar os encarnados que, julgando-se a encarnação de almas apostolares, deixam-se absorver por um ideal messiânico de semear o Bem, enquanto, para justificar as figuras pregressas que imitam, abandonam as paixões perigosas, asseiam-se moralmente, estudam, trabalham e tornam-se úteis a si e ao próximo. Analisando esses acontecimentos à sombra amiga do espiritismo, desejamos somente advertir contra o exagero, que então pode semear confusões e ridículos à conta da doutrina. É conveniente, pois, evitar-se tudo o que não passa de insensatez ou exotismo, que depois atribuem à responsabilidade espirítica, pois os adversários inescrupulosos sempre criticam as instituições benfeitoras do mundo pelos atos claudicantes dos seus adeptos invigilantes.

Certas criaturas que se julgam ser a encarnação de João Batista, por exemplo, e que, para o justificar, são estóicas, sentenciosas e severas, esquecem-se de que o sizudo precursor de Jesus já deve ter mudado o seu temperamento espiritual no curso de novas encarnações terrenas. Talvez, na atualidade, ele seja menos agressivo para com os pecadilhos do mundo e mais tolerante para com a riqueza material, cultivando noções mais otimistas com relação à vida física. É provável que ele se tenha destacado na literatura, no teatro ou na filosofia, produzindo obras de elevado alcance moral e educativo e também afinado o seu humor, deixando um laivo de jovialidade naquilo que germinou na sua mente mais complacente. À medida que se popularizam os conceitos iniciáticos do Oriente, e que o homem mais compreende o divino mistério do

“Eu Sou” e da imanência do Criador em toda sua obra, ele melhor compreende que os pecados do mundo são as fases transitórias do incessante processo de angelização para todos os seres. Ninguém se perderá no seio do Cosmo, e todas as criaturas serão eternamente venturosas, pois não há privilégios ou deferências especiais na metamorfose angélica, mas apenas a destinação implacável de serem todas felizes.

PERGUNTA: *– Gostaríamos que nos explicásseis com maiores detalhes o que significa a “linha psicológica” do personagem do passado, a que aludistes com referência a nova encarnação do mesmo espírito.*

RAMATÍS: – É evidente que qualquer personagem historicamente famoso ou santificado possuiu um conjunto de idéias, sentimentos e determinações particulares que o tornaram diferente de outra qualquer criatura submetida à mesma experimentação psicológica. Costumes, preferências morais, temperamento artístico e capacidade intelectiva que ele possuía faziam-no reagir de um modo peculiar no ambiente onde vivia, em relação aos demais seres. Essa síntese viva que os cientistas da Terra consideram o espírito humano ou a sua vida mental projetada no mundo, nós, espíritos desencarnados, a consideramos não apenas no curso precário de uma existência física, mas estudamo-la em cada nova encarnação. A ciência terrícola considera a “linha psicológica” tão somente em relação à vida que se inicia no berço físico e termina no sepulcro. Nós, porém, consideramo-la como a memória pregressa forjada há milênios e que constitui a bagagem do espírito imortal.

A “linha psicológica”, portanto, é a marca ou o cunho pessoal que caldeia definitivamente a personalidade exteriorizada no tempo e no espaço do mundo de formas. Assim, entre os vários espíritos de grande renúncia, do passado, que realizaram um trabalho incomum em favor da revelação espiritual, cada um deles ainda se distingue particularmente porque apresenta uma “linha psicológica” diferente. Paulo de Tarso, por exemplo, se encarnado entre vós, ter-se-ia caracterizado pela renúncia aos bens do mundo e a favor do próximo. Psicologicamente ele se distinguiria pelo seu dinamismo, pela combatividade e o heroísmo nas suas peregrinações sacrificiais. Entretanto, Francisco de Assis e Buda apresentariam uma outra linha psicológica, pois, enquanto o primeiro foi poesia e humildade, Buda personificou a inteligência ilimitada e o domínio espiritual sobre a mente ilusória.

Em consequência, os que se julgam a encarnação de determinado personagem historicamente conhecido no passado também devem revelar muito de sua emotividade, virtudes, heroísmos ou pecadilhos, pois, se tal não se der, obviamente há uma verdadeira “quebra” na linha psicológica entre o espírito que viveu outrora e o que se supõe encarnado atualmente.

PERGUNTA: *– Como poderíamos entender, com algum exemplo, o que significa essa "quebra" da linha psicológica do personagem do passado?*

RAMATÍS: – Seria uma quebra da linha psicológica e um desmentido da nova encarnação do mesmo espírito, se um indivíduo prepotente e rico se convencesse de que fora anteriormente Francisco de Assis. Francisco de Assis renunciou em absoluto aos interesses no mundo material e jamais regressaria à carne como prepotente ou com o intuito de acumular fortuna, competir comercialmente ou colecionar propriedades transitórias. Em várias existências anteriores, ele já buscava a sua alforria da vida física e, na última romagem terrena, pôde extinguir completamente o desejo de gozo na matéria.

Quando a natureza angélica do espírito passa a predominar sobre a personalidade transitória terrena, ele perde o gosto e o entusiasmo em se destacar no mundo provisório, cuja maior glória não vale o minuto de paz que se pode usufruir no reino do Cristo. Eis por que um indivíduo arguto, utilitarista, negociante cioso e industrial hábil não se ajusta ao porte espiritual de Francisco de Assis, que é todo renúncia e pobreza absoluta, em vivência exclusiva para o bem alheio.

Revendo-se as encarnações anteriores de Francisco de Assis, e examinando-se as suas personalidades terrenas, verifica-se que não há incoerência nem truncamento em sua linha psicológica, pois o seu tipo espiritual identifica-se perfeitamente com os personagens que ele já vivera anteriormente. Ele fora Samuel, o profeta puro, místico e poeta, que mais tarde retorna à Terra como João Evangelista. Posteriormente encarna-se como Francisco de Assis, em cuja existência confirma o imenso amor que já nutria pelo Mestre Jesus e ratifica a sua linha psicológica de renúncia e bondade. Em tal caso, portanto, não há quebra nessa linha psicológica, pois as três personalidades vividas nos dois milênios manifestam a mesma estrutura íntima espiritual e temperamento, embora mais evolutiva no decorrer do tempo.

Enquanto seria psicologicamente absurdo que Francisco de Assis retornasse à Terra na personalidade de um ricaço sovina ou Gandhi viesse a encarnar a figura egocêntrica e belicosa de um déspota, já não existe quebra da linha psicológica quando se verifica que Moisés foi Abrão, Nostradamus foi Isaías, Einstein foi Demócrito, Napoleão foi César e Alexandre, Frei Fabiano de Cristo foi Anchieta e Ruy Barbosa foi José Bonifácio.

PERGUNTA: *– Então não há possibilidade de algum encarnado de hoje ter sido Paulo de Tarso, João Batista, Lucas, Marcos ou Matheus? Seria impossível algum deles encontrar-se atualmente na Terra, quiçá no Brasil?*

RAMATÍS: – Sem dúvida, isso não é impossível. Aliás, alguns espíritos laboriosos, da época de Jesus, realmente operam no Brasil em favor da doutrina espírita e devotados ao serviço cristão. Mas, justamente por serem espíritos sinceros, humildes, heróicos e serviçais, os verdadeiros Paulo de Tarso, Estevam, João Batista ou demais apóstolos de Jesus serão os últimos a crer que foram realmente essas entidades tão destacadas, no advento do cristianismo. Já se confirmou, na Terra, que o homem, quanto mais sábio ou mais santo, tanto mais é humilde e bom, pois a sua ampla visão da realidade cósmica sugere-lhe o fim da "fila" dos favores e das vaidades do mundo material.

PERGUNTA: *– As criaturas que se julgam falsamente a encarnação de famosas entidades apostólicas ou históricas do passado podem sofrer prejuízos depois que desencarnarem? Porventura, ao comprovarem o seu equívoco, no Além, serão tomadas de grande decepção?*

RAMATÍS: – Não sofrem prejuízos espirituais aqueles que, embora iludidos e supondo-se erradamente a encarnação de apóstolos ou santos do passado, houverem vivido de modo digno e justo. Depois da morte corporal, a tranquilidade do espírito não depende absolutamente da raça, configuração física ou condição material em que viveu na Terra; o que realmente lhe garante a ventura espiritual é o serviço prestado ao próximo e a conduta moral esposada na sua romagem física. As personalidades que se substituem pelas formas físicas nas sucessivas encarnações são meros acidentes que marcam as etapas do aperfeiçoamento da consciência espiritual no contato com o mundo planetário. Significam as contas coloridas de um colar dispersas no tempo e no espaço, e que, no entanto, ligam-se definitivamente pelo fio da individualidade eterna.

As almas caritativas e regradas não sofrem no Além, mesmo quando se tenham julgado erroneamente a cópia-carbono de um Paulo de Tarso, Marcos, João ou Pedro; e se porventura imitaram tanto quanto possível a conduta, o brio, o coeficiente de luta e de renúncia que foram as virtudes proverbiais dos seus modelos do passado, é evidente que também lhes será ainda de melhor aproveitamento a existência física. É preferível o homem julgar-se a encarnação de um espírito benfeitor do passado e, por isso, imitar devotadamente o padrão de vida abençoado que ele cultivou no mundo, a entregar-se a uma existência indigna e animalizada, embora assim o faça consciente de sua própria personalidade. Envidando esforços heróicos para não desmentir o modelo superior do pretérito, muitas criaturas logram maior êxito na sua graduação espiritual, embora lhes seja oportuno e de bom senso não caírem em absurdos messiânicos, que só representam a vaidade humana.

PERGUNTA: *– Cremos que nos médiuns o impulso místico é mais vigoroso do que no homem comum; não é assim? Isso talvez os leve a se sentirem ligados às missões espirituais e aos missionários que mais se distinguiram no mundo, convictos de que também já desempenharam atividades excelsas no pretérito.*

RAMATÍS: – É preciso não confundir esse impulso místico e louvável com os estímulos da personalidade egocêntrica, tola ou vaidosa, que podem ser explorados facilmente pelos espíritos astuciosos das sombras. A auto-fascinação ou o fanatismo por uma idéia, embora benfeitora, também pode atrofiar o sentido de crítica interior e alterar o comando psíquico, fazendo a criatura confundir o bom senso com o ridículo. Isso pode torná-la alheia aos preceitos sensatos da vida humana e ainda rebelde às advertências fraternas dos que tentam despertá-la da obstinação prejudicial. Mesmo no seio do espiritismo, algumas criaturas muito presumidas ou que se julgam auto-suficientes, às vezes se isolam na concha de sua vaidade e do seu amor-próprio, confundindo suas “obrigações cármicas” com as “missões divinas”.

Poucos médiuns e adeptos espíritas se conformam em ter sido no passado figuras paupérrimas e desconhecidas, que viveram jungidas às tarefas mais servis e prosaicas. Eles ainda necessitam dos atavios e das gloriólas efêmeras do mundo material, a fim de exaltarem a sua personalidade humana e compensarem os sonhos e os ideais que ainda não puderam realizar. Não há desdouro na criatura pelo fato de considerar-se a encarnação de algum apóstolo ou discípulo devotado de Jesus, no passado, mas ser-lhe-á grande a decepção no Além, caso tenha vivido existência censurável e contrária à conduta ilibada do seu predecessor.

29. A FUNÇÃO DOS GUIAS E AS OBRIGAÇÕES DOS MÉDIUNS

PERGUNTA: *– Alguns médiuns com os quais temos tido contato em vários Estados do país deixaram transparecer-nos que são missionários em tarefa sacrificial a favor do progresso da humanidade. Alguns deles queixaram-se do mundo adverso da Terra, onde se sentem desajustados, mas precisam desempenhar o seu serviço messiânico. Que dizeis disso?*

RAMATÍS: – Os médiuns, em sua generalidade, são criaturas portadoras de grandes débitos do passado. Em vidas pregressas abusaram do poder e da influência magnética sobre os encarnados, servindo-se de sua inteligência avançada para concretizar empreendimentos mercenários e quase sempre de absoluto interesse pessoal. Muitos fugiram aos compromissos assumidos para com o povo ou despenharam-se nos abismos da vaidade, do orgulho ou da vingança impiedosa.

Mas, apesar da correção com que se distinguem no desempenho de sua tarefa mediúnica, não é difícil identificar-lhes os resquícios prejudiciais do pretérito e a exagerada susceptibilidade que ainda manifestam no trato com o próximo. Há médiuns que se irritam facilmente quando são contrariados; buscam as primeiras posições, exigem o comando dos trabalhos espíritas e estimam profundamente o prestígio pessoal no ambiente de que participam. Sentem-se humilhados quando devem se submeter a outros confrades de menor envergadura cultural, e tudo fazem para fugir das situações que os conservem no anonimato. Raros submetem-se à disciplina sensata dos postulados codificados por Allan Kardec, e alguns deles alegam que os seus princípios já passaram do tempo.

Mesmo quando se trata de espíritos inteligentes e cultos, o amor próprio ainda lhes grita profundamente no âmago da alma quando recebem qualquer advertência alheia. Algumas vezes reproduzem na seara espírita os atos insensatos do passado em novas cópias-carbono, e os mais exaltados e inconformados afastam-se imediatamente dos labores espiríticos onde predomina a disciplina doutrinária cardeciana. Mais tarde, por espírito de desforra ou de rebelde personalismo, eles preferem cultivar exotismos mediúnicos à distância dos postulados espíritas já consagrados por um século de experimentação. Os mais abespinhados e soberbos rompem as algemas

disciplinadoras de sua vaidade e orgulho, e desforram-se protestando que não foram suficientemente compreendidos nas suas “boas intenções”.

No passado, eles pontificavam das altas posições políticas ou sociais, impondo sua vontade aos menos aquinhoados de inteligência e deixavam de cumprir as promessas demagógicas que arrebatavam multidões. Então a Lei Justiceira os obriga hoje a servir às massas que subestimaram e aguilhoa-os com insistência, a fim de saldarem suas dívidas pregressas para com a contabilidade divina. Poucos médiuns reconhecem-se em prova e reparação cármica, pois a maioria considera a obrigação mediúnica como sendo fruto de sua elevada graduação espiritual ou eleição missionária, esquecendo-se de que missionários, na realidade, foram Antúlio, Hermes, Buda, Krishna, João Batista, Francisco de Assis, Allan Kardec, Gandhi e, acima de todos, o inconfundível Jesus.

PERGUNTA: *– Mas o fato de os médiuns se convencerem de que são missionários a serviço do Alto não os ajuda a substituírem suas inclinações inferiores pelo serviço benfeitor ao próximo? Convictos disso eles se devotam à aplicação de passes, aos receituários, à doutrinação de sofredores e multiplicam esforços para “fazer a caridade”. Estamos certos?*

RAMATÍS: – O Bem tem múltiplas formas e, quanto ao mérito das realizações humanas, não nos preocupemos, pois Jesus saberá distinguir o joio do trigo. Mas é evidente que a prestação da caridade só é sublime e louvável quando na intimidade da alma já existe a qualidade crística do prazer espontâneo de servir ao próximo. Algumas vezes podemos acender luzes nos corações alheios e, paradoxalmente, findamos nossas vidas na escuridão do descaso íntimo. Exaurindo-nos para atender aos pedintes de todas as espécies que, na maioria das vezes, são criaturas em busca de soluções fáceis pela via mediúnica, nem por isso ficamos desobrigados de extinguir as sorrateiras paixões que ainda podem morar em nossas almas. O serviço a favor do próximo, embora seja de valor, não dispensa da higienização espiritual aquele que o realiza.

Quando o cruel Saulo se transformou em Paulo, o sublime apóstolo dos gentios decidiu-se em primeiro lugar a dar cabo do “homem velho”, isto é, extinguir a velha e vaidosa personalidade humana e fazer ressurgir o “homem novo” da individualidade angélica. Os magníficos serviços cristãos que os médiuns podem prestar à humanidade, convictos de que são missionários a serviço do Alto, não os eximem de purificarem o seu próprio espírito, pois não basta atenderem criaturas aflitas ou praticar a caridade a “todo pano”. Antes de tudo precisam comprovar, em si mesmos, se realmente usufruem da emoção espiritual de servir o próximo por sincero prazer, ou se se trata apenas do desejo egoísta de alcançar o céu.

Os médiuns que se gabam no labor espetacular de fazer a caridade por obrigação cármica e sem a força íntima do amor espiritual são candidatos à desilusão produzida pelas cinzas dos fogos de artifício. O bem há de ser feito pelo próprio bem, sem qualquer interesse ou noção de dever; é um estado espiritual de dedicação em favor de outrem; comove quem o recebe e rejubila quem o pratica. É um ato essencial do espírito e se degrada quando praticado sob o interesse da personalidade própria. A caridade pode ser puro artificialismo, mesmo naqueles que a praticam para cumprir missões do Alto. O Bem, em sua verdadeira essência, dispensa os estímulos externos que lhe roubam a espontaneidade; ele só é válido pelo prazer íntimo de servir.

PERGUNTA: *– Há fundamento no costume de alguns guias lisonjearem os seus médiuns, destacando-lhes o serviço mediúnico como sacrificial empreendimento em favor da humanidade? Já ouvimo-los solicitar aos presentes que orem e ajudem os seus medianeiros a cumprir a sua missão espinhosa na matéria.*

RAMATÍS: – Os protetores desencarnados ou filiados às instituições espirituais de comunicações com a Terra, e responsáveis pelos seus pupilos em tarefas mediúnicas, reconhecem perfeitamente o perigo de os exaltarem no trabalho de intercâmbio com os desencarnados. Conforme já vo-lo dissemos, com raras excepções, os médiuns em atividades na Crosta são criaturas em “prova” e não missionárias eleitas, por cujo motivo é conveniente evitar-lhes os elogios extemporâneos e capazes de avivar-lhes a vaidade e criar a falsa superioridade espiritual. Os guias e mentores sensatos evitam sistematicamente a imprudência de fazerem reflorescer nos seus sensitivos o velho personalismo, que no pretérito os atirou por terra sob o guante das paixões e das veleidades humanas. No serviço mediúnico, há o perigo de se criar nova classe de “eleitos” e vaidosa hierarquia religiosa.

Desde que os médiuns, em sua maioria, são espíritos que abusaram da inteligência, da cultura, do poder ou da riqueza em vidas pregressas, tomados da vaidade, do orgulho e do interesse material, qualquer louvor imprudente e prematuro pode acordar-lhes a escória adormecida na intimidade da alma imperfeita. Os guias esclarecidos já se consideram satisfeitos quando podem conservar os seus medianeiros à distância das entidades das sombras, que sorrateiramente procuram infiltrar-se em todos os movimentos mediúnicos invigilantes e atiçam a vaidade dos médiuns, procurando convencê-los de que são missionários abnegados a serviço do Alto.

PERGUNTA: *– E como se explicam os elogios tão comuns, que alguns guias de certa notoriedade costumam fazer aos seus médiuns?*

RAMATÍS: – Caso não partam de algum espírito leviano, irresponsável ou maquiavélico, interessado em subverter o propósito sensato do trabalho mediúnico, tais elogios podem provir dos próprios médiuns sob o domínio de algum complexo de narcisismo. Reconhecemos que nem sempre esse auto-elogio é feito deliberadamente, por vaidade, exibicionismo ou ansiedade de prestígio entre os seus admiradores. Em geral, porém, tudo é fruto da ignorância.

PERGUNTA: *– Toda pessoa candidata a médium tem o seu guia já designado desde o berço de nascimento?*

RAMATÍS: – Na verdade, todos os seres possuem o seu guia espiritual desde o berço de nascimento, o qual a tradição religiosa sempre designou como anjo de guarda que protege a criatura e lhe inspira as boas ações. Em alguns casos, o espírito que deve renascer na matéria com a prova da mediunidade solicita de outro espírito amigo, com autorização do Alto, que o proteja e guie no denso cipoal de dificuldades próprias da vida física. Outras vezes, os guias são atraídos naturalmente pelos médiuns em desenvolvimento mediúnico, porque ambos possuem gênios semelhantes e se aproximam pelos laços da simpatia espiritual. Os guias também podem ser designados posteriormente, no espaço, muito tempo depois da encarnação dos seus pupilos, assim como outros se ligam ao médium que lhes ofereça oportunidade de progresso no intercâmbio recíproco de idéias e no serviço mediúnico benfeitor.

Mas o guia, em geral, é sempre o espírito amigo portador de qualidades e aptidões que o médium só possui embrionariamente. Assim, o êxito do seu pupilo, na matéria, também se reflete benfeitoramente sobre si. Há casos em que o guia acompanha o médium durante séculos e ao qual se sente ligado por longo afeto, pois prontificou-se a situá-lo definitivamente à sombra salvadora do Cristo. No entanto, todo êxito nesse serviço de socorro e orientação espiritual aos médiuns encarnados sempre depende de estes cooperarem espiritualmente, pois, em geral, deixam-se dominar pela teimosia, pela irascibilidade ou pelos vícios, que tecem uma cortina de fluidos perniciosos entre eles e as intuições do Alto.

PERGUNTA: *– Às vezes os médiuns anunciam a substituição do seu guia habitual por outro espírito afim, e o primeiro despede-se em determinada noite no Centro Espírita. Isso é razoável, ou o guia deve acompanhar o seu médium até o dia de sua desencarnação?*

RAMATÍS: – Em certos casos, o espírito encarnado na Crosta necessita de esclarecimentos especiais, desenvolve determinado objetivo científico ou possui intelecto excepcional, requerendo então a assistência de outros espíritos mais competentes do que aquele que o guia desde o berço. Deste

modo, ninguém se encontra desamparado da proteção do Alto, mas atraindo sempre para junto de si as almas que vibram no mesmo padrão espiritual. Essa proteção só se reduz quando é o próprio guiado quem cria condições psíquicas ou fluídicas que hostilizem a ação do seu protetor.

Certas vezes o guia do médium precisa retornar à matéria, a fim de prosseguir no seu aprimoramento espiritual. Doutra feita, ausenta-se para associar-se a serviços mais elevados em esfera próxima, ou então precisa atender outra alma de sua maior afinidade e compromisso cármico em renascimento no mundo físico. Se o médium é muito estudioso e devotado sinceramente ao serviço do Cristo, obviamente ele acelera o seu progresso espiritual, requerendo por vezes outro orientador espiritual com melhores credenciais e experiência, que há de suprir-lhe as perspectivas mais amplas e os novos conhecimentos buscados pelo seu espírito.

PERGUNTA: *– Seria possível que algum médium lograsse tal progresso na sua vida terrena, que o fizesse superar o seu "guia" espiritual em conhecimento ou experiência?*

RAMATÍS: – Na realidade, quem mais pode progredir no trato carnal é o médium, desde que estude, experimente e apure sua conduta espiritual. O guia num sentido geral é mais o fruto da amizade espiritual pré-reencarnatória, da responsabilidade recíproca assumida em vidas anteriores, ou então consequente de determinação do Alto. Em consequência, variam as aptidões, o entendimento e o poder espiritual dos guias entre si. Alguns são muitíssimo semelhantes aos seus próprios pupilos encarnados, levando-lhes vantagem só porque estão em liberdade no Além e conhecem antecipadamente as necessidades, os objetivos e as probabilidades de êxito dos seus guiados. Eles assim visualizam com mais segurança a realidade espiritual que os encarnados percebem confusamente, pois estes, habitando a carne, perdem considerável parte de sua memória pregressa e visão do Além.

O médium muito intelectivo, mas débil moralmente, pode ser guiado por um espírito humilde e boníssimo, cujo objetivo é despertar-lhe as virtudes superiores. No entanto, o médium de elevado índice moral, mas pobre de intelecto, por vezes é orientado por alma de menor coeficiente espiritual, mas de boa intenção e valiosa inteligência. Em ambos os casos, a influência é recíproca e de bons resultados. O guia boníssimo recebe os estímulos inteligentes do seu médium, que lhe apuram o coeficiente mental, enquanto noutro extremo o orientador de intelecto avançado, mas de poucas virtudes, influencia-se pela força das disposições morais elevadas do seu tutelado.

O médium estudioso, boníssimo e criterioso, devotado aos objetivos espirituais superiores e ardente pesquisador do mistério da vida, é capaz de elevar-se ao

nível mental do seu tutor espiritual, e mesmo fazer jus à orientação de outra entidade mais graduada na escala sideral.

PERGUNTA: *– Conhecemos trabalhos espíritas, públicos ou caseiros, em que só baixam espíritos de elevado renome, o que é muito apregoado pelos seus componentes, que consideram isso como um alto índice de segurança espiritual do ambiente. Acontece que tais adeptos da doutrina, impressionados por essas entidades tão prestigiosas, nada mais realizam sem consultá-las previamente. Poderíamos saber se todos esses médiuns e confrades podem estar realmente sob a égide de espíritos superiores e de merecida confiança?*

RAMATÍS: – Conforme já vos explicamos alhures, sendo o animismo o fundamento das práticas mediúnicas, ele influi em todas as comunicações de espíritos desencarnados, variando de acordo com a capacidade intelectual, o senso lógico ou a imaginação dos médiuns. Sendo raros os médiuns, cultos, sonambúlicos ou intuitivos de absoluta segurança espiritual em todas as suas comunicações mediúnicas, é sempre conveniente conhecer-se a porcentagem da atuação do desencarnado em relação às idéias preconcebidas dos medianeiros. Não aconselhamos aos adeptos espíritas abdicarem do seu senso comum e aceitarem incondicionalmente as regras e sugestões impostas pelos espíritos desencarnados, embora prestigiosos, pois, quase sempre, é o próprio médium travestido de mentor espiritual que interfere fortemente, fazendo recomendações anímicas.

Podeis notar que, se o médium anímico é um indivíduo prepotente, ortodoxo ou sisudo na sua vida em comum, coincide ser o seu guia também severo, ríspido e sectarista, tecendo advertências graves e sentenciosas. Há casos em que alguns médiuns abusam da auto-suficiência e, por se considerarem perfeitamente hábeis ou capacitados para resolver todas as consultas solicitadas, passam a pontificar animicamente, levando seus desacertos ou erros pessoais, depois, à responsabilidade do guia.

Muitos espíritas estranham o fato de que certos espíritos tolerantes e afetuosos quando se comunicam por determinado médium, depois se tornem ríspidos, exigentes e severos ao se manifestarem através de outro medianeiro. Evidentemente, em tal caso, ou o médium impõe sobre o espírito a sua própria personalidade anímica, ou então trata-se de outra entidade que se serve abusivamente da identidade alheia para impressionar os seus ouvintes. Não existindo nenhuma polícia astral responsável pelo conteúdo ou pureza das comunicações dos “mortos” para os “vivos”, no intercâmbio com o Além, é bastante avultada a intromissão de espíritos perturbadores em assuntos que não lhes competem, os quais eles deturpam de modo leviano e maldoso.

No “lado de cá” também proliferam os supostos guias, que tudo pretendem saber. Eles ditam gravemente as regras mais tolas aos encarnados, alimentam velhas superstições e transmitem mensagens triviais à conta de revelações incomuns. Exploram a vaidade dos médiuns presunçosos ou adversos ao estudo; fazem deles instrumentos de escritos vulgares e prenhes de lugares comuns, produzindo material que depois só serve para os adversários cultos ridicularizarem a prática mediúnica.

Esses são inimigos comuns e declarados do progresso da doutrina espírita, pois reconhecem-na capaz de libertar as consciências algemadas às paixões da matéria e livrar os infelizes do vampirismo repulsivo do astral inferior. Algumas vezes, até homens de bom senso e estudiosos do espiritismo deixam-se fascinar pelas invenções e exortações banais desses pseudos “guias”, que as proferem sob incontrolável verborragia, repleta de sentenças pomposas de puro efeito infantil.

PERGUNTA: *– Que aconselhais quanto a essa situação, em que se confundem tão facilmente os falsos e os verdadeiros guias?*

RAMATÍS: – Allan Kardec já esclareceu perfeitamente essa situação no ***Livro dos Médiuns***. As suas conclusões sensatas e os seus comentários esclarecedores sobre a natureza, a ação e o objetivo dos espíritos mistificadores, são de molde a instruir qualquer espírita quanto à sua atitude mais certa. Trata-se de entidades que se aproveitam facilmente do interesse particular, da vaidade ou da ingenuidade dos médiuns presunçosos que desprezam as advertências alheias e as intuições dos seus amigos espirituais. Geralmente proferem longos discursos e dão exaustivas mensagens sem nexo à conta da alta filosofia espiritualista, e não se pejam de assinalar com o nome de espíritos santificados pelo serviço cristão da Terra. No intercâmbio com o Além é preciso manter o raciocínio desperto e evitar o sentimentalismo improfícuo, analisando com absoluta isenção de ânimo as lamuriosas mensagens mediúnicas, cujo conteúdo duvidoso seja firmado por nomes pomposos. A malícia, a má intenção e a leviandade de certos espíritos rondam-vos constantemente.

Não vos aconselhamos a desconfiança descabida para com as recomendações sadias e sensatas que vos oferecem as almas bem intencionadas. No entanto, não vos esqueçais de que a árvore boa só se conhece pelos seus frutos bons. Sede prudentes e sensatos no intercâmbio com o Além, cujo mundo vibra noutra dimensão e escapa à aferição positiva dos vossos sentidos. Quando Jesus se referiu à atuação dos espíritos na matéria, recomendou que fôssemos “mansos” como as pombas, mas “prudentes” como as serpentes! Não é conveniente cultivar-se o intercâmbio com os desencarnados tal como se fazia no passado, no tempo das sibilas, dos oráculos e das vestais, em que tanto os

escravos quanto os imperadores ou reis aceitavam submissamente os conselhos mais desconcertantes e as revelações mais tolas atribuídas aos deuses da época.

Não deveis aceitar sem um exame acurado tudo que os espíritos ventilam para a Terra, como se realmente os desencarnados fossem oráculos infalíveis. Em qualquer campo de atividade e experimentação do espírito, é preciso permanecer acordado para raciocinar e resolver os problemas pelo próprio esforço. Às vezes é mais produtivo o equívoco que depois de corrigido indica o caminho certo, do que a condição de estropiado mendigo à mercê de todos os conselhos alheios, que tanto podem ajudá-lo, como também prejudicá-lo.

O abuso do "guiísmo"1 na seara espírita pode terminar por conduzir os seus adeptos comodistas e sem iniciativas particulares a um fanatismo ridículo e enfermiço. A vida física tem por função principal desenvolver o raciocínio, a vontade e o entendimento do ser, por cujo motivo as indagações e rogativas em excesso, aos desencarnados, nem sempre encontram o guia disponível e de plantão para dar o conselho certo. Quase sempre, à espreita da rogativa trivial, há o espírito adverso que se insinua pela brecha vulnerável da negligência humana, semeando aflições aos incautos pedinchões, que supõem o movimento espírita algo parecido a uma cooperativa de consumo.

1. A submissão completa aos guias.

PERGUNTA: *– Como entendermos esse abuso do "guiísmo" na seara espírita?*

RAMATÍS: – A vida terrena é escola de educação espiritual, já o repetimos várias vezes. O orbe terráqueo também pode ser comparado a um vasto laboratório de ensaios aperfeiçoativos, em que o quimismo da boa vontade e da renúncia catalisa no espírito a sua qualidade angélica e desenvolve-lhe o raciocínio para o entendimento consciente do Universo. E o espiritismo, inspirado pelo Alto, e de importante influência no século atual, na hora profética dos "tempos chegados", servirá de ótimo roteiro para a ascensão mais breve da alma imperfeita.

Mas os terrícolas, julgando que a doutrina deve paraninfar as mais absurdas rogativas, ao modo de pródiga "agência de informações", para solver os assuntos mais frívolos, transformam os seus guias em corretores desencarnados, com a obrigação de resolverem-lhes com urgência todos os problemas do mundo de César. Obviamente, enquanto atrofiam o seu discernimento espiritual pela fuga da experimentação física, isolam-se dos espíritos sensatos e responsáveis pelo seu progresso espiritual, submetendo-se cegamente aos guias.

Em consequência, as entidades galhofeiras e capciosas, que se aproveitam da oportunidade favorável, passam a substituir os guias sensatos e prudentes, influindo sobre os encarnados e pontificando levianamente com respeito a todos os assuntos do mundo material. As criaturas que não se exercitam nas vicissitudes da vida humana muito menos poderão atender às tarefas difíceis e resolver os problemas complexos que as esperam no além-túmulo. Lastimavelmente, elas atravessam a vida terrena com a mente enferrujada pelo desuso, anotando sentenças, conselhos e indicações fáceis que as eximam das complicações cotidianas.

PERGUNTA: *– Quando os espíritos são evocados com insistência para atender a todas as solicitações prosaicas dos seus admiradores ou pupilos encarnados, porventura se irritam ou se afastam de nós, magoados e decepcionados?*

RAMATÍS: – Já imaginastes o absurdo que constituiria o fato de parentes e amigos dos administradores ou autoridades públicas os chamarem a todo instante para eles opinarem sobre o tempero favorável à feijoada completa, a escolha do traje mais apropriado para o chá-dançante, ou sobre qual deveria ser a cor mais apropriada para a cera do assoalho de peroba? Indubitavelmente, esses homens de responsabilidade pública mostrar-se-iam surpresos e até chocados ante tais solicitações tão infantis, só lhes cabendo um recurso: deixar-vos sem resposta e entregues ao próprio esforço para a resolução de coisas tão triviais.

Os bons espíritos procuram socorrer e orientar os encarnados independentemente de qualquer interesse ou determinação superior – fazem o bem pelo bem, mas devem atender somente àqueles que realmente estão interessados na sua reforma espiritual. Eles não se submetem à função depreciativa de oráculos graciosos ou informantes ridículos das famílias terrenas despreocupadas dos objetivos sérios da vida, e que os evocam com assiduidade para resolver os assuntos mais triviais da vida humana. Vivem assoberbados com o serviço de proteção aos desencarnados que ainda se debatem em dificuldades no Além, por cujo motivo só empregam o seu precioso tempo nas obras que produzem resultados benéficos e definitivos nas almas atribuladas, enquanto se afastam das consultas imprudentes e fruto da negligência dos encarnados.

Em consequência, os espíritos laboriosos e socorristas não se irritam nem se mostram magoados pelas solicitações absurdas, cômodas e inconvenientes dos seus tutelados da Terra, mas, ao verificarem a inutilidade do seu esforço para elevar-lhes o padrão espiritual, deixam-nos, para orientar e servir a outros mais sensatos. E, como já vos dissemos anteriormente, a vaga então é preenchida imediatamente pelas entidades mistificadoras e irresponsáveis que,

adotando nomes pomposos e consagrados pela história religiosa, passam a satisfazer a vaidade, o interesse e os caprichos tolos dos seus consulentes comodistas.

E a situação ainda é mais grave para os encarnados que não visam objetivos sérios no intercâmbio mediúnico, porque os espíritos levianos, gozadores e ociosos, por eles atraídos, em geral se subordinam à vasta organização de gênios do mal sediada no astral inferior. Eles atuam desapercebidamente na vanguarda, anotando os caracteres precários e as deficiências espirituais dos encarnados, para minar-lhes as forças morais através do enfraquecimento da fé na imortalidade da alma.

PERGUNTA: *– Desde que a renúncia e o amor são o apanágio das almas angélicas, como é que os espíritos benfeitores e amigos afastam-se de nós, só porque em nossa ignorância espiritual somos tolos e interesseiros no intercâmbio mediúnico? Quantas vezes, nós, encarnados, toleramos as incongruências, as solicitações interesseiras e absurdas das crianças, e as atendemos em suas indagações tão frívolas, sem as censurarmos? Que vos parece esta nossa consideração?*

RAMATÍS: – Os espíritos bons servem desinteressadamente aos seus entes queridos ainda encarnados, ajudando-os a carregar o seu fardo cármico durante a jornada física. Mas a bondade e o heroísmo não devem incentivar a imprudência de atenderem a todos os interesses dos seus simpatizantes encarnados, pois a própria bondade, para ser útil, na maioria das vezes deve ser amparada pela sabedoria.

Há casos em que os guias, embora contrafeitos no seu sentimento, precisam adotar providências draconianas contra os seus protegidos e deixá-los à mercê de sua própria experiência dolorosa. Malgrado se diga que é preferível a bondade sem a sabedoria à sabedoria sem a bondade. Às vezes a bondade pode tornar-se insensata por alimentar a indisciplina ou a confusão.

30. O PEDITÓRIO AOS AMIGOS DO ESPAÇO

PERGUNTA: *– Haverá algum perigo em nos entregarmos à orientação de qualquer desencarnado serviçal para solução de nossos problemas particulares, uma vez que confiemos em suas boas intenções?*

RAMATÍS: – Em singelo exemplo, lembramo-vos que seria bastante insensato e imprudente o santo amoroso, mas inábil que, movido por um sentimento generoso, resolvesse conduzir a fogosa parelha de cavalos atrelada a pesada carruagem repleta de crianças, com o risco de causar trágico acidente pela sua absoluta ignorância no comando do veículo. Da mesma forma, certos espíritos bons e serviçais, mas inexperientes, transformam-se em procuradores incondicionais dos encarnados, atendendo-lhes toda sorte de imprudências e resolvendo-lhes todos os problemas materiais.

Os homens que se entregam facilmente à orientação de qualquer desencarnado serviçal, sem identificar-lhe a graduação espiritual e conhecer-lhe a competência, podem até perder a dose de bom senso que é peculiar ao ser humano em comum. Muitos seres surpreendem-se quando, após a sua desencarnação, certificam-se da graduação medíocre de alguns dos seus pseudos guias, que estavam sempre prontos para atender aos pedidos mais absurdos da Terra.

PERGUNTA: *– Devemos supor, então, que só os espíritos de graduação elevada podem orientar-nos satisfatoriamente?*

RAMATÍS: – Alguns espíritos desencarnados e de pouca graduação espiritual ainda permanecem muito ligados às atividades terrenas. Assim, podem servir-vos com certo êxito nas soluções de alguns problemas adstritos ao mundo carnal, pois infiltram-se com mais facilidade nos ambientes físicos e apercebem-se das intenções dos encarnados. Deste modo, prevêem alguns acontecimentos e orientam seus inquietos consulentes para realizarem o melhor negócio material; opinam quanto ao noivado da moça casadoira, advertem sobre as amizades inconvenientes à família, indicam o emprego para o rapaz negligente ou aconselham a mudança dos seus pupilos para bairro mais favorável.

No entanto, não resta dúvida de que, neste caso, trata-se de almas bem intencionadas e carinhosas, que tudo fazem por servir e também por melhorar o seu padrão espiritual. Mas, evidentemente, a sua bondade e a sua ternura se

tornam até prejudiciais, porque alimentam a preguiça, o interesse e a cobiça dos terrícolas. Mas são os próprios encarnados os principais culpados por essa situação em que alguns espíritos bondosos, pacíficos e serviçais ficam presos afetiva e ingenuamente à teia sedutora que lhes estendem da Terra sob o interesse oculto. Através de rogativas descabidas, a mente encarnada e subvertida pelo interesse enlaça o espírito desencarnado bom e invigilante, transformando-o em um corretor em atividade no mundo astral, convocado a todo instante para suprir a inexaurível mendicância espiritual exercida na matéria.

É acontecimento muito comum nos terreiros de umbanda, onde muitos frequentadores buscam apenas solucionar as suas tricas particulares, transformando os pretos-velhos e humildes, os caboclos prestativos e os silvícolas ingênuos em seus “escravos psíquicos”. O verbo “pedir” passa a ser empregado sem qualquer cerimônia, disfarçado pelas mais afetadas demonstrações de carinho e gratidão dos encarnados, constituindo verdadeiro suborno espiritual destinado a comover os corações generosos do Além.

Os terrícolas paralíticos da espiritualidade exploram a magnanimidade e a piedade desses espíritos bondosos, sinceros e serviçais para solucionarem desde a transferência do chefe indesejável da repartição, ou a mudança urgente do vizinho ranzinza, até o adjutório para a eleição do político manhoso, que promete “ajudar os pobres”, assim que seja eleito. Aqui, o militar graduado convoca os préstimos do Pai Velho para obter melhor promoção e menos serviço; ali, a senhora balouçante de jóias e de frivolidades roga providências imediatas para o silvícola hercúleo obrigar seu mando a retornar ao lar, embora ela oculte os caprichos, as zangas e os ciúmes que o afastaram; acolá, o filho de Ogum exige que o seu protetor movimente o requerimento de aposentadoria prematura no instituto, retido por algum funcionário zeloso. Assim, organizam-se trabalhos especiais para se encaminhar um processo em juízo, ou faz-se a evocação urgente do preto-velho para aconselhar a mocinha teimosa e malcriada, ou pede-se então a presença do caboclo rude e sincero para chamar a atenção do caçula birrento e avesso às obrigações escolares.

A falange é chamada às pressas para atender com passes, descargas ou medicamentos-urgentes desde o chefe da casa, vitimado por forte choque hepático em seguida a opíparo banquete de carne de suíno, até à mocinha possessa que, depois de três dias de carnaval frenético, é subjugada por teimoso folião desencarnado que, através de sua mediunidade, ainda tenta festejar o carnaval na quarta-feira de Cinzas.

PERGUNTA: *– Mas é censurável o fato de nossos amigos desencarnados ajudarem-nos tanto quanto possível na solução dos problemas e nas vicissitudes de nossa existência? Porventura Deus exige que na vida física*

primeiramente tenhamos de sofrer equívocos, para só então merecermos a solução espiritual justa e exata? Não se poderia considerar isso um requinte sádico do próprio Criador?

RAMATÍS: – Os espíritos desencarnados e de boa índole tudo fazem para ajudar os seus parentes, amigos e admiradores encarnados e os mais heróicos devotam-se em auxiliar os seus próprios desafetos e adversários, praticando o Amor que realmente salva o homem. Mesmo quando não as evocam nas sessões mediúnicas ou no seio dos lares, essas almas de boas intenções dedicam-se a ajudar aqueles que merecem auxílio nos seus problemas aflitivos. Mas não é lícito que por isso devam pactuar com a ociosidade, o capricho e o comodismo tão comuns ainda entre os terrícolas irresponsáveis, para só então justificarem o seu afeto de graduação espiritual. É de senso comum que se os pais não podem afastar os filhos da senda do vício ou dos prazeres perigosos, pelo menos evitam apoiá-los e atendê-los em suas solicitações ilícitas.

Da mesma forma, os espíritos inteligentes não atendem às rogativas que podem anular o discernimento e a livre iniciativa dos encarnados, ou incitá-los à mendicância com os desencarnados mal intencionados. Conforme diz o conceito, que "a função faz o órgão", é claro que a falta de exercício do raciocínio termina por ofuscar a mente do homem, assim como a fuga de experimentação dos problemas comuns da vida física também cristaliza a acuidade espiritual na escalonada sideral.

Mas Deus não exige que seus filhos primeiramente se equivoquem no trato do mundo material, para só então dar-lhes o apoio ou o discernimento espiritual. O principal objetivo da experimentação humana, mesmo quando surgem os equívocos, é sempre o de desenvolver no espírito a capacidade de raciocínio e torná-lo conscientemente atilado e receptivo à evocação do Alto. Os espíritos estóicos enfrentam a existência humana com ânimo e boa vontade, porque reconhecem a necessidade de apurar o seu tom espiritual para a sua mais breve integração à humanidade angélica. Não nos consta, na história da vida de Jesus, que ele tenha invocado assiduamente os anjos para que lhe resolvessem os assuntos corriqueiros. A sua rogativa era sempre feita em favor dos deserdados da sorte e nunca em seu próprio benefício.

PERGUNTA: *– Quais os recursos ou providências que os guias adotam para nos ajudar na jornada terrena?*

RAMATÍS: – Já vo-lo dissemos; os espíritos prudentes e benfeitores procuram despertar as energias superiores de vossa alma, muito antes de só ajudar-vos a acumular fortuna. Preferem mesmo retardar-vos a saúde física, se isso puder livrar-vos de qualquer excesso ou abuso nocivo à harmonia espiritual. O seu

principal escopo é ajudar-vos a dominar o orgulho, a vaidade, a crueldade, o ódio, a avareza ou a desonestidade, o que infelizmente só o conseguis através das dificuldades materiais ou pelo sofrimento redentor.

Embora esses amigos desencarnados vos amem profundamente, nem por isso devem assumir o papel de "camelô" da espiritualidade, comprometendo-se a descobrir-vos os negócios excusos, as empreitadas desonestas ou facilidades censuráveis. Malgrado tenham sido às vezes vossos parentes carnais, depois da morte física reconhecem o enorme prejuízo gerado pelo devotamento fanático aos familiares encarnados, quando estes ainda persistam em abdicar do esforço próprio para exercer um intercâmbio mediúnico puramente interesseiro.

PERGUNTA: *– Consequentemente, os guias não nos podem ajudar na solução dos problemas materiais, mas apenas assistir ao nosso desenvolvimento espiritual e à recuperação moral; não é assim?*

RAMATÍS: – Os guias nunca vos deixam sem assistência espiritual, seja qual for a necessidade de vossa vida. Mesmo em relação aos problemas comuns da vida cotidiana, alguém do "lado de cá", sempre vos presta a cooperação desinteressada. Mas isso é feito através da via-inspirativa ou da sugestão benfeitora, em que vos fica o mérito da boa escolha, de acordo com o vosso discernimento espiritual.

Sob qualquer hipótese, os protetores só vos inspiram nos negócios honestos e nas realizações benfazejas, e afastam propositadamente os seus pupilos das transações lucrativas, quando disso possam resultar prejuízos materiais ao próximo. Eles evitam-vos toda vantagem ou conforto da vida carnal, desde que tal coisa possa agravar-vos a dívida cármica com consequente prejuízo para o espírito imortal.

São sempre inescrupulosas as rogativas que alguns católicos, espíritas, umbandistas ou outros religiosos fazem aos seus guias, orixás ou santos, para que os ajudem a vender objetos defeituosos, coisas desvalorizadas ou efetuar transações incorretas, assim como saber quem pode ter surrupiado o talher de prata ou ludibriado-lhes no troco. Os desencarnados sensatos não aceitam, no Além, a função de Investigadores de Polícia à procura dos penduricalhos da matéria. Quando vos inspiram é para agirdes unicamente no sentido do bem, pois o seu principal escopo é livrar-vos do comprometimento espiritual que mais tarde pode lançar-vos nos charcos pestilentos do mundo astral.

PERGUNTA: *– Poderíeis esclarecer-nos melhor quanto à maneira dos nossos guias nos favorecerem espiritualmente, embora sejamos prejudicados materialmente?*

RAMATÍS: – Suponhamos que desejais vender um automóvel defeituoso e desvalorizado, que impressiona pela sua aparência, mas que só causará prejuízos ao comprador inexperiente. Então apresentam-se dois homens interessados em sua compra, um deles aceita o veículo pelo preço exorbitante, enquanto o outro oferece importância perfeitamente compatível com o seu exato valor. Intimamente, credes que o vosso guia espiritual há de ajudar-vos a realizar o melhor negócio, isto é, em que vendereis o automóvel defeituoso pelo preço mais alto. No entanto, o vosso protetor, interessado na redução do vosso fardo cármico e progresso espiritual, não há de pactuar com o negócio desonesto feito com prejuízo alheio. Desde que lhe seja possível intervir, ele tudo fará para que o automóvel depreciado seja vendido justamente àquele que oferece o menor preço, porém o mais justo e com menor prejuízo alheio.

PERGUNTA: *– Considerando-se que o homem peca ao gerar um pensamento desonesto, porventura ficará isento de culpa espiritual, porque o guia impediu o seu protegido de efetivar uma transação excusa que já havia deliberado em sã consciência? A intenção clara de realizar um negócio desonesto não bastaria para um agravo espiritual?*

RAMATÍS: – Realmente, o homem comete pecado só em emitir um pensamento ruinoso. Mas é evidente que o espírito que projeta negócios ilícitos já é naturalmente de índole pecadora, quer ele execute ou não a transação desonesta. A sua deficiência espiritual não se comprova unicamente porque ele pensa ou tenta negócios desonestos. Isso é fruto natural do seu temperamento, do seu grau psíquico, de sua índole psicológica, que então o induzem a proceder de modo irregular. Mas se o guia evita que o seu pupilo pratique qualquer ação ilícita, ele também o livra de sofrer a colheita danosa no futuro. O pensamento ruinoso traz prejuízos e estigmatiza espiritualmente o seu próprio autor, mas só depois de materializado é que então exige a reparação total do prejuízo.

31. AS INFLUÊNCIAS OBSESSIVAS SOBRE OS MÉDIUNS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

PERGUNTA: *– Certos candidatos a médium e adeptos do espiritismo queixam-se de que não podem dominar o seu torpor visual assim que procuram estudar ou ler as obras espíritas. Acreditam mesmo que são espíritos atrasados ou malévolos que procuram impedi-los no seu desenvolvimento mediúnico e no seu progresso espiritual. Há fundamento em tais alegações?*

RAMATÍS: – Achamos algo estranho que essas criaturas sintam as pálpebras pesadas quando lêem obras espíritas e, em geral, nada lhes suceda de incômodo ou inoportuno assim que se devotam à leitura de novelas fúteis, romances quilométricos, revistas tolas ou dramalhões lamuriosos. Se elas manifestassem o mesmo interesse, prazer e devotamento para com as obras de esclarecimento espiritual, cremos que nenhuma força oculta ou sugestão inferior seria capaz de cansar-lhes os olhos ou entorpecer-lhes o cérebro. Supondo-se, no entanto, que elas não possam realmente vencer de qualquer modo essa má influência que as perturba durante a leitura espiritual construtiva, é aconselhável que se submetam a um tratamento urgente psíquico, porquanto se trata então de criaturas obsidiadas e que abdicaram de sua vontade.

Em muitos casos elas não têm interesse pela valiosidade dos ensinamentos da vida imortal, principalmente quando são criaturas que já se condicionaram às leituras fúteis, às histórias de quadrinhos e às novelas melodramáticas, que são verdadeiros desestímulos para a leitura de obras de profundidade espiritual. São devotos das verborragias sentimentalistas que lhes dispensam o esforço do raciocino e servem de “mata-tempo”. Assim, evitam o livro sério, útil e sensato, em que a pessoa quando lê também deve pensar. Displicentes para consigo mesmas, algumas delas lançam a culpa de sua preguiça mental sobre espíritos desencarnados que, sem dúvida, devem perturbá-las mesmo, assim que se devotam à leitura superior.

Deste modo, o médium fica aguardando o dia miraculoso em que provavelmente há de eclodir a jato a sua mediunidade, enquanto o adepto espírita aguarda a sua angelização instantânea, sem necessidade de manusear qualquer obra espiritualista ou devotar-se a leituras mais edificantes.

PERGUNTA: *– Algumas pessoas que costumam dormir nas sessões espíritas, por não resistirem em vigília ao tempo normal do trabalho mediúnico ou da oratória, alegam que por mais que se esforcem não conseguem manter-se despertas. Que dizeis sobre isso?*

RAMATÍS: – Embora reconheçamos que no transe sonambúlico o corpo físico adormece profundamente, enquanto o espírito do médium pode distanciar-se bastante para exercer algum serviço espiritual, isso não é tão comum naqueles que ressonam à larga durante os trabalhos espíritas. Em verdade, o que mantém a criatura desperta durante conferências, leituras, trabalhos mediúnicos ou doutrinários nos centros espíritas é sempre o interesse espontâneo causado pelo desejo sincero de aperfeiçoamento espiritual. Em geral, os que dormem facilmente nas sessões mediúnicas e se cansam nas reuniões evangélicas muito raramente adormecem durante o futebol, o turfe, a irradiação da novela xaroposa e mesmo no cinema, malgrado projetar-se péssimo filme.

Há criaturas que dormem nas igrejas católicas, no templo protestante e nas instituições culturais, assim que o sacerdote empunha o Evangelho para a leitura de praxe, o pastor abre a ***Bíblia*** para o comentário do dia ou o conferencista aborda o tema instrutivo de sua palestra. É evidente que só dormem nos ambientes religiosos ou espíritas as criaturas muito cansadas por um labor excessivo durante o dia e os que realmente não se preocupam nem se interessam por aquilo que ouvem ou de que participam. Os frequentadores dorminhocos dos ambientes espíritas, ou os que adormecem durante as leituras espiritualistas, comprovam obviamente que não estão se interessando pelo assunto em foco, pois se se interessassem ficariam despertos.

PERGUNTA: *– Alguns confrades explicam que, durante esse sono intempestivo, os dorminhocos costumam doar fluidos em favor dos enfermos situados à distância. É assim mesmo?*

RAMATÍS: – Trata-se de acontecimento muito raro. Cremos que só em casos excepcionais os espíritos de responsabilidade extraem fluidos de pessoas sonolentas nas sessões espíritas para atender enfermos à distância, pois eles não costumam violentar ou vampirizar as criaturas que dormem displicentemente e que não estão participando em vigília dos fenômenos caritativos. Não agrada a tais espíritos fazer a caridade sem o consentimento do dono dos fluidos, que é o menos interessado no caso. O motor que produz fluidos benfeitores ao próximo deve ser movido pela vontade daquele que deseja servir. A caridade só é plausível quando o seu agente também oferta algo de si, consciente e espontaneamente, impregnando a sua ação com o calor do seu coração, porquanto o céu não se conquista através de procuração alheia e nem comodamente adormecido. Sem dúvida, a extração indébita de

fluidos daqueles que dormem nos ambientes espiríticos, na verdade, não passaria de censurável vampirismo, embora praticada pelos espíritos benfeitores e destinada a fins úteis.

PERGUNTA: *– Conhecemos alguns trabalhos de intercâmbio mediúnico especializado, em que os espíritos obsessores são afastados compulsoriamente de junto dos seus obsidiados e impedidos de agir malignamente. Certos espiritualistas afirmam que é de salutar eficiência esse tipo de trabalho de terreiro, em que os espíritos atormentadores são tolhidos em sua ação nefasta sobre suas vítimas encarnadas. Que dizeis?*

RAMATÍS: – Inúmeras vezes os instrutores espirituais têm vos advertido de que a singela providência de afastar as moscas das feridas não é suficiente para estas serem curadas. Da mesma forma, o afastamento forçado do obsessor de junto de sua vítima obsidiada também não soluciona certos problemas psíquicos dolorosos, que há muitos séculos se enraízam devido à crueldade e vingança de ambas as partes. Essa providência draconiana é bem semelhante ao efeito da injeção violenta – enquanto persiste a sua ação no organismo físico, há cura aparente e contemporiza-se o sintoma doloroso, – mas isso não é a remoção da causa oculta da enfermidade. O obsessor afastado violentamente de junto do obsidiado apenas aguarda o ensejo oportuno para retornar ainda mais enfurecido sobre a vítima e continuar a sua vingança odiosa.

Certos espíritos vingativos, astutos e maquiavélicos, fingem aderir às imposições violentas que os forçam a deixar suas vítimas cármicas, mas depois vigiam-nas incessantemente, espreitando o momento de feri-las de modo a as aniquilarem sem qualquer probabilidade de recuperação. Muitas vezes já se manifesta entre os encarnados o júbilo decorrente da conversão e do arrependimento lacrimoso do obsessor que foi afastado pelo caboclo de Ogun ou de Oxóssi, quando ele então faz desabar o seu derradeiro ataque e logra a sua vingança homicida. Aqui, lança o velho desafeto sob as rodas do veículo pesado; ali, invalida a vítima para o resto da existência no acidente inevitável; acolá, fere-a fundamente no afeto mais querido ou destrói-lhe os bens terrenos.

Não se soluciona o problema da obsessão pelo simples afastamento dos espíritos obsessores, nem impedindo-os de se aproximarem de suas vítimas. Esse recurso intempestivo não liquida a responsabilidade cármica e recíproca, em que ambos, vítima e algoz, encontram-se enleados na rede de ódios e desforras cruéis. Esse recurso apenas resolve temporariamente o problema, mas não o soluciona. Persistindo o ódio, como a causa da enfermidade espiritual, sem dúvida retorna o perseguidor, assim como as moscas regressam sobre a ferida mal cheirosa.

Só a conversão simultânea do obsessor e do obsidiado é que realmente proporciona a solução espiritual que a violência e a força nunca poderão resolver.

PERGUNTA: *– Temos defrontado casos tão impiedosos por parte de espíritos obsessores tão cruéis, sobre suas vítimas, que achamos algo razoável o emprego da força e da disciplina férrea com que os silvícolas dominam violentamente essas vontades maldosas e tão destrutivas.*

RAMATÍS: – Não nos consta que Buda, Krishna, Ramakrishna, Maharishi, Gandhi, Vicente de Paula, Francisco de Assis e principalmente Jesus, espíritos que renunciaram as gloríolas terrenas para se devotar ao bem do próximo, tenham sido vítimas das entidades obsessoras sediadas no mundo oculto. Allan Kardec, a nosso ver, foi uma das criaturas que mais lidaram com os espíritos de todos os matizes e graus espirituais, enquanto também enfrentava a campanha difamante do Clero e dos pseudos cientistas da época. No entanto, nenhum espírito desencarnado malévolo e cruel conseguiu atacar o codificador do espiritismo, ou firmar as bases para quaisquer empreendimentos obsessivos.

De acordo com os princípios justos da Lei do Carma, a interferência de espíritos cruéis e enfurecidos tentando obsidiar os encarnados não é acontecimento acidental ou proceder injusto, mas apenas o efeito de alguma causa infeliz ou trágica do passado. Foi o próprio obsidiado que engendrou as consequências dolorosas que depois vem a sofrer. Ele também feriu ou traiu aquele que o persegue. A lei retificadora de tais casos, Jesus a enunciou claramente, quando advertia que “quem com ferro fere com ferro será ferido”, ou seja, o equivalente ao próprio adágio terrícola, de “quem semeia ventos colhe tempestades”.

Não há injustiças no mecanismo ordeiro da evolução espiritual criada por Deus; ninguém será perseguido, maltratado ou enganado, salvo por sua própria imprudência ou culpa pregressa.

PERGUNTA: *– Como dominar esse tigre furioso e rebelde a qualquer providência amorosa?*

RAMATÍS: – Malgrado compareis o obsessor cruel ao tigre feroz e refratário à linguagem amorosa, não tenhais dúvida de que sua vítima é a principal culpada de atraí-lo à sua presença, em face dos prejuízos que também o fez sofrer no passado.

Mesmo as feras pressentem a criatura inofensiva e amorosa, pois, enquanto alguns homens têm sido sacrificados entre os animais, outros há que nunca

foram picados por abelhas, répteis ou insetos venenosos, nem mordidos por cães, escoiceados por cavalos ou feridos por outros animais. Francisco de Assis, no seu imenso amor, exortava as aves e as feras, fazendo imorredoura amizade com o lobo feroz. Jesus estendia suas mãos sobre as serpentes e elas se enrodilhavam enlanguecidas pelo seu magnetismo sublime. Ramana Maharishi, quando jovem, entregava-se aos seus êxtases, enquanto aranhas subiam-lhe pelo rosto e as feras lambiam-lhe as mãos, participando também de suas refeições.

O castigo ou a prisão não apagam as chamas do ódio que alimentam os espíritos em mútuo processo obsessivo, onde um deles leva a vantagem de operar do Invisível. Só há um recurso ou solução – o amor pregado pelo Cristo, e que converte até as feras. O espírito perseguidor e cruel é apenas o credor que regressa para cobrar suas dívidas, exigindo os juros escorchantes da chantagem de que foi vítima no passado. Infelizmente, mesmo entre alguns espíritas estudiosos da doutrina, ainda se alimenta odiosa animosidade para com o obsessor sediado no Além, enquanto se procura ignorar o ódio, a irascibilidade e a blasfêmia da própria vítima, que assim tenta ignorar suas culpas pregressas.

A família do obsidiado tenta liquidar o problema aflitivo e incômodo a qualquer preço e modo. Para isso, move terra e céus com o fito de afastar o obsessor ou, se possível, liquidá-lo. Raramente os prejudicados reconhecem os gritos de ódio, os propósitos de vingança e o desespero espiritual que vai na alma daquele que foi a vítima de ontem. Poucos se dispõem a conquistar o coração daquele que o persegue, pois tentam ignorar suas culpas pregressas e fugir à responsabilidade cármica.

Até que os laços atados pelo ódio sejam desatados pelos sentimentos sublimes do amor e da ternura crística, o problema obsessivo continuará insolúvel, prolongando-se reciprocamente por outras existências futuras e na erraticidade do espaço, sob a condenável perda de tempo, em que se retarda tanto a ventura espiritual do obsessor como a do obsidiado. É inútil afastar com violência os obsessores, caso suas vítimas ainda não passem de ímãs vivos, cuja vibração odiosa insiste em atrair os seus perseguidores.

32. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

PERGUNTA: *– Alguns médiuns queixam-se do seu insucesso quando desenvolviam a mediunidade nas mesas cardecistas, alegando que se desenvolveram rapidamente assim que passaram a frequentar os terreiros. Que dizeis a isso?*

RAMATÍS: – Embora respeitando o método de desenvolvimento mediúnico nos terreiros, que é bastante diferente e até oposto ao que se processa na área do espiritismo codificado por Allan Kardec, devemos dizer que em ambos os casos o êxito não depende de maior ou menor desembaraço ou agitação física, mas sim é dependente do conteúdo espiritual superior que o médium cardecista ou o "cavalo" de umbanda tenham podido acumular e consolidar no seu espírito.

A mediunidade, e principalmente a de prova, não é um dom concedido pelo Alto para ser aproveitado de qualquer modo e a qualquer preço, com o fito de "salvação" urgente da humanidade terrena. Ela é um recurso, ou seja, um acréscimo divino concedido prematuramente para a melhoria espiritual do próprio candidato a médium, geralmente bastante endividado pelas suas imprudências do pretérito. Em consequência, o que importa não é a quantidade do tempo que ele precisa despender para o seu desenvolvimento, mas é a qualidade espiritual aprimorada, conseguida durante o exercício ou o comparecimento à sessão mediúnica.

Que vale um desenvolvimento mediúnico rápido e fenomênico, se o médium ainda nada possui de útil e bom para ofertar ao próximo? Porventura, não seria insensatez oferecer-se uma taça vazia àquele que agoniza de sede? Desde que a faculdade mediúnica não é banho miraculoso capaz de transformar instantaneamente o seu portador num sábio ou num santo, mas sim uma hipersensibilidade perispiritual prematura nos médiuns em prova, ela deve ser desenvolvida em perfeita concomitância com a recuperação espiritual do seu próprio agente, pois ele é o mais necessitado e também é aquele que pode ser o mais beneficiado.

Como o desenvolvimento mediúnico não consiste numa série de movimentos rítmicos, algo parecidos à ginástica física muscular, o candidato a médium encontra no ambiente de trabalho espirítico a oportunidade valiosa de apurar

os seus atributos angélicos, muito antes de tornar-se um intermediário fenomênico dos espíritos desencarnados.

Na sua frequência assídua à sessão mediúnica e ante a influência benfeitora da oração e dos ensinamentos evangélicos, ele terá ensejo de dominar muitos impulsos viciosos e moderar os sentimentos irascíveis e indisciplinados. Comprovando a imortalidade da alma, através dos espíritos comunicantes, também elevará o seu tom psíquico, dinamizando sua fé nos propósitos da vida espiritual. No serviço de irradiação aos enfermos o médium ativa as próprias células cerebrais, enquanto desenvolve melhor o senso crítico e ajuizamento no julgar as coisas ao defrontar-se com os motivos de angústia e de perturbação dos espíritos sofredores, que são alvo dos esclarecimentos benfeitores do doutrinador.

PERGUNTA: *– Mas não é louvável a ansiedade de todo médium em comunicar o mais breve possível o pensamento dos espíritos desencarnados, a fim de cumprir o seu dever espiritual e fortalecer-se sob a proteção do guia para enfrentar os óbices da vida humana?*

RAMATÍS: – Embora sem comunicar diretamente o pensamento dos espíritos dos falecidos, ele há de incorporar inúmeros valores no seu acanhado patrimônio espiritual, muito antes da aflitiva idéia fixa de ser médium para receber o guia ou “fazer a caridade”, à guisa de acadêmico diplomado para exercer determinada profissão no mundo profano. Junto à mesa cardecista, o aspirante a médium não desfruta só do seu desenvolvimento mediúnico; ele também afina o seu sentimento fraterno em favor dos necessitados, assim como conquista novas amizades benfeitoras, tornando a mente receptiva aos conhecimentos técnicos sobre a mediunidade e aos princípios salutares da doutrina espírita. Mesmo antes de exercer o seu mandato mediúnico, ele desembaraça a língua na cooperação ao doutrinador da noite e apura o seu juízo no entendimento psicológico da vida, para servir tanto aos “mortos” como aos “vivos”.

Esperançoso de que a sua mediunidade há de eclodir dum momento para outro, o candidato então persevera pacientemente na frequência assídua à sessão mediúnica. Deste modo, aproveita centenas de horas exercendo atividade benfeitora e em atitude louvável, evitando consumi-las no jogo vicioso, no anedotário indecente, na palestra fútil, na crítica injusta, na discussão política ou no despeito desportivo, e que sempre deixam na alma os resíduos tóxicos psíquicos. Evita, assim, a ingestão de alcoólicos, protela a tirania do cigarro, vence a ociosidade mental e não desperdiça o tempo precioso à escuta da novela radiofônica xaroposa ou então na leitura da revista barata e lacrimosa.

Acontece, infelizmente, que o futuro candidato a médium, ainda inconsciente das virtudes e dos atributos superiores que já incorporava aos poucos em seu patrimônio espiritual e graças à demora do seu desenvolvimento mediúnico, deixa-se dominar pela impaciência e abandona o banco de sua escola espiritual preliminar, decidido a promover a eclosão miraculosa de sua faculdade, embora seja ativada por estímulos inoportunos e fora de tempo.

Confundindo, de início, aprimoramento psíquico com dinamismo muscular ou espasmo físico, ele já se acredita senhor absoluto do poder medianímico, passando a solver os problemas dificultosos alheios muito antes de conseguir o seu próprio equilíbrio espiritual. Eufórico pela manifestação fenomênica que se processa à periferia do seu corpo carnal, confiante em que o seu provável guia doravante lhe fornecerá, sem o menor esforço, tudo o que lhe requisitar, descura-se então do estudo, da pesquisa e de sua própria recuperação espiritual. Paradoxalmente, mais tarde faltar-lhe-á o tempo para atender à sua própria penúria no imo da alma, ante a multiplicidade de problemas que se põe a resolver junto de criaturas por vezes mais ricas de conhecimentos do que ele.

Algumas vezes o médium pseudamente desenvolvido é um indivíduo que mal se livrou de incômoda fascinação do Além-Túmulo, quando não se trata apenas de um portador de neurose crônica à conta de mediunidade diagnosticada por outro médium incipiente. Então, aos primeiros pruridos na sua organização psico-física, ele põe-se a receitar e a distribuir passes fora do ambiente onde mal se reajusta, e que logo abandona zangado com as advertências prudentes dos seus companheiros mais experientes. Há os que, embora ainda exsudem fluidos enfermos por todos os poros e incapazes de atender às necessidades imprescindíveis de sua própria família, atiram-se aflitos e afoitos ao trabalho mediúnico para o qual ainda não possuem credenciais nem se encontram devidamente preparados, a fim de cumprir a “todo pano” a missão espiritual de que se supõem seriamente investidos.

PERGUNTA: *– Sabemos de alguns confrades que viviam acionados por espíritos cuja atuação ainda mais se agravava nos dias determinados para os trabalhos mediúnicos. No entanto, assim que eles se assentavam junto à mesa cardecista, para o devido desenvolvimento, a influência do Além cessava-lhes instantaneamente. Porventura não seria justo que eles tentassem o seu desenvolvimento em outro ambiente ou mesmo sob métodos diferentes, mas capazes de ajudá-los à mais breve eclosão de sua faculdade?*

RAMATÍS: – Os guias, certas vezes, costumam apelar para os irmãos menores, ou seja, espíritos de fluidos mais espessos e constritivos, que então projetam periodicamente certa carga fluídica aflitiva e constritiva nos seus pupilos encarnados e desinteressados das coisas espirituais. Estes, assim que são alvo dessas cargas fluídicas incomodativas, põem-se em campo à procura

de lenitivo, desconfiados de sofrer algo detestável ou perigoso na sua rede nervosa. Inquietos e aflitos, efetuam a tradicional “via sacra” pelos consultórios médicos, sem lograr resultados proveitosos, colecionando os mais exóticos diagnósticos e entregando-se à ingestão de tóxicos medicamentosos a granel.

Visitam abalizados psiquiatras e neurologistas, submetem-se à psicanálise ou narcoanálise, passam por toda sorte de radiografias e exames de laboratórios, sem conseguir solucionar o seu problema tão incomum e complicado. Alguns amigos mais afins os advertem de que se trata de algum problema psíquico, talvez a eclosão de mediunidade, e sugerem-lhes o recurso ao espiritismo. Mas o credo, a convicção ateísta ou o diploma acadêmico os impedem, por vezes, de solicitar os préstimos tão humildes dos médiuns espíritas.

Finalmente, depois do cansaço físico e dos gastos vultosos, o paciente aceita o indesejável diagnóstico de que pode ser um médium em potencial e precisa desenvolver-se na sessão espírita, a fim de livrar-se dos fluidos agressivos que o põem enfermo e desesperado. Então o guia, que planejara situar seu pupilo negligente, sarcástico e ateísta, no ambiente espiritista, tudo faz para encaminhá-lo às obras fundamentais da doutrina e desenvolver-lhe propósitos espirituais mais sadios para o seu melhor aproveitamento da existência física. Depois que verifica a presença assídua do seu tutelado aos trabalhos mediúnicos para obter a cura psíquica, onde há de receber esclarecimentos úteis para o seu espírito embrutecido, suspende-lhe as cargas fluídicas coercivas e periódicas, que o forçavam a procurar o ambiente espírita enfraquecendo-lhe a orgulhosa convicção ateísta.

No entanto, o pupilo recuperado em sua saúde e livre do “peso” e da “angústia” nervosa que o acometiam antes, desaparece das sessões mediúnicas e das reuniões evangélicas, retornando à antiga situação improdutiva e indolente. Não tarda, pois, a esquecer o seu velho caso doloroso, alegando entre os amigos que fora vítima de alguma alucinação nervosa ou neurose acidental, cuja manifestação mórbida teria desaparecido graças aos efeitos retardatários dos medicamentos prescritos pelos médicos.

Mas o seu guia está atento. Eis que o tutelado irresponsável não tarda a sentir novamente o mesmo fenômeno estranho e incomodativo, a mesma angústia e descontrole psíquico anterior; reaparecem-lhe as cargas fluídicas agressivas que o obrigam a frequentar, outra vez, o mesmo círculo de amizade espírita ou submeter-se à disciplina do desenvolvimento mediúnico que já o aliviara. Ignora ele que, ao fugir do ambiente doutrinário, que atendia à sua carência espiritual, passou a sofrer da mesma carga fluídica coerciva das entidades mais rudes a serviço do seu guia. E, para que ele continue a frequentar regularmente o centro espírita onde hauria conhecimentos e apurava o seu

sentimento embrutecido, essa atuação mais forte e agressiva registra-se justamente no próprio dia do trabalho mediúnico.

Mas acontece que alguns desses candidatos bastante inconscientes de suas próprias necessidades espirituais e aflitos por se libertarem o mais cedo possível do incômodo psíquico, lançam-se à procura de ambientes ou de trabalhos que os desenvolvam às pressas, embora eles ainda engatinhem em espírito. Ignorando que a sua própria recuperação espiritual é mais importante do que os poderes medianímicos em sua manifestação fenomênica, o inquieto candidato a médium passa a confundir trejeitos físicos incontroláveis com aprimoramento mediúnico, em oposição ao programa superior delineado pelo seu guia.

Sem dúvida, o generoso mentor espiritual não logra outra saída que a de deixar seu pupilo atuando no ambiente que ele considera mais simpático e favorável para si, no qual só lhe interessam o êxito da fenomenologia mediúnica e a libertação mais breve do seu incômodo psíquico. Malgrado não seja essa a solução desejada pelo guia para o seu versátil tutelado, ele prefere vê-lo situado em ambiente de menor aproveitamento espiritual, mas que o livra, por algum tempo, da sua atuação viciosa e censurável no mundo profano.

PERGUNTA: *– Suponhamos que o médium frequente um ambiente espírita cardecista atrasado, em que os seus dirigentes sejam incultos, negligentes e demasiadamente ortodoxos, e onde o seu desenvolvimento estaciona por falta de novos estímulos. Não deve esse médium procurar outro meio mais favorável para lograr o seu objetivo?*

RAMATÍS: – O progresso da faculdade mediúnica, já o dissemos, é fruto do esforço próprio, da perseverança e da tenacidade. O médium estudioso, pesquisador incansável dos preceitos superiores da vida imortal, é interessado em todos os esforços educativos da Ciência e da Filosofia do mundo, não tarda em superar o ambiente acanhado de que participa, tornando-se elemento útil e sábio que, invertendo os papéis, passa a esclarecer os próprios companheiros mais ignorantes. O esclarecimento da razão e o aprimoramento espiritual são tarefas tanto de médiuns, doutrinadores e dirigentes, como também de adeptos espíritas. Os que ficarem na dependência do progresso dos companheiros, aguardando comodamente a colaboração alheia e o esclarecimento mecânico de fora, não há dúvida de que terminarão cristalizados sob condenável estagnação espiritual.

O próprio Jesus efetuou convite aos seus discípulos para que tomassem de suas cruzes e o seguissem, mas não os arrastou com o fito de angelizá-los fora de tempo e violentar-lhes a ascese espiritual. E o médium que se descura de sua urgente renovação interior e do seu aprimoramento intelectivo estaciona

improdutivamente nas comunicações mediúnicas mais chãs e batidíssimas, desinteressando o próprio público no ambiente onde pontifica tão mediocremente. E, quando percebe que já não o lisonjeiam nem atribuem qualquer importância às suas mensagens, revelações rotineiras e insossas, muda-se para outro ambiente à procura de "corrente mais afim", ou onde lhe prestem a homenagem digna de sua "missão sacrificial" no mundo.

Sem dúvida, ele confunde sua pobreza espiritual com a deficiência do meio onde atua, atribuindo a sua própria estagnação espiritual à falta de conhecimento do comando superior por parte dos seus confrades. Todos os trabalhadores da seara espírita precisam instruir-se de modo eficiente. Mas para isso, não basta ler e reler exclusivamente as obras espíritas e dispor-se a enfrentar um público cada vez mais ávido de conhecimentos evolutivos em todos os setores da vida humana. Inúmeras fontes educativas espiritualistas e muitas obras que tratam das últimas conquistas da Ciência, Filosofia e Psicologia ajudam o espírita a disciplinar sua mente, ajuizar seus impulsos ocultos que se projetam do subconsciente na tentativa de escravizar a alma às suas investidas inferiores.

PERGUNTA: *– É contraproducente a ansiedade de quase todos os médiuns neófitos em receber logo o seu guia, a fim de participar proveitosamente no serviço da caridade espirita? Não é a receita mediúnica, o passe espírita ou a revelação dos desencarnados a característica básica de todo médium desenvolvido?*

RAMATÍS: – Somos de parecer que a manifestação súbita do espírito-guia não é suficiente para despertar no médium os tesouros de amor que porventura ele ainda não tenha revelado no trato cotidiano com o próximo. O sentimento caridoso, que faz participar e sofrer pela desdita alheia, não pode ser despertado ou merecer a assistência das almas excelsas se a própria criatura desejosa de fazer o bem não se esforça para despertar em si mesma o prazer de servir e amar.

Caridade, em sua essência absoluta, é a emoção estética amorosa da alma angelizada; é sensibilidade espiritual fruto natural do grau evolutivo do ser, que então produz o bem pelo exercício espontâneo do próprio bem, mas absolutamente isento de qualquer interesse pessoal e mesmo da própria ansiedade utilitarista de alcançar o céu. Francisco de Assis, Vicente de Paula, Paulo de Tarso, Buda, Gandhi e o Amado Jesus, assim como determinados apóstolos e cristãos massacrados, provaram realmente a grandiosidade do sentimento de caridade, pois não só viveram entregues ao serviço do amor ao próximo, como também se sacrificaram em holocausto heróico sem qualquer preocupação de lucro espiritual.

PERGUNTA: *– Cremos, no entanto, que o desejo de fazer o bem e ser útil ao próximo, como objetivo esperançoso dos médiuns em desenvolvimento, é sempre intenção louvável e estímulo para o futuro serviço de caridade; não é assim?*

RAMATÍS: – Mas é evidente que esse sentimento de caridade deve ser permanente no indivíduo e manifestado como um estado natural da alma que dispense qualquer clima religioso ou ambiente espiritista para ser praticado, e sem depender de quaisquer influências exteriores. Será de pouca valia a febre dos médiuns em fazer a caridade no receituário mediúnico distribuindo passes, recebendo desencarnados sofredores ou devotando-se às campanhas filantrópicas, se depois fracassarem nos atos e nas coisas mais simples.

Muitas vezes, no trajeto entre o lar e o centro espírita onde pretendem fazer benefícios ao próximo, há médiuns que deixam de cumprir os atos mais singelos de amor ao próximo. Aqui, faltam com a caridade amistosa para com o amigo de infância empobrecido e viciado, que à distância os fitou receoso como o cão surrado; ali, são rudes para com o condutor de veículo coletivo que, exausto e neurastênico, demorou no troco ou estacionou além do ponto indicado; acolá, acoimam de gatuno o merceeiro que se equivocou no peso, ou censuram o vagabundo ou o embriagado que o Alto lhes situou no caminho para experimentar-lhes a temperatura do coração. Esse descaridoso espírito de crítica vai desde a censura contra os frequentadores de bares, as prostitutas infelizes e os mendigos que exploram a caridade pública, até às acusações levianas de peculato aos servidores públicos ou críticas acerbas às instituições religiosas adversas.

À espera do ônibus ou do elevador, os candidatos à prestação da caridade protestam vivamente contra o aumento injusto do pão, do leite, da carne e as negociatas censuráveis dos açambarcadores do povo. Mas não deixam de desperdiçar dinheiro em cigarros, alcoólicos ou futilidades dispensáveis na vida humana, vícios que, se forem abandonados, beneficiarão até a saúde orgânica. Há longas discussões com o fornecedor que altera o preço do azeite, do queijo ou do feijão, mas cessam todos os protestos diante do ourives que anuncia o custo astronômico da pedra preciosa destinada a ornamentar a vaidade humana.

Sem dúvida, justificam-se a crítica sadia e o protesto justo contra o império do roubo, do crime e da corrupção administrativa, assim como a censura pela indiferença das autoridades com relação ao problema do menor abandonado, da juventude transviada ou da mulher desamparada. Mas, em nosso caso, referimo-nos especialmente àqueles que, assumindo graves responsabilidades no ambiente espírita e ensejando o desenvolvimento mediúnico para servir ao

próximo, contradizem-se com frequência e alternam os “momentos caridosos” com outros “momentos descaridosos”.

Isso não os ajuda a conseguir os bons fluidos nem apurá-los para o passe espírita, para a irradiação aos enfermos e fluidificação da água curadora, pois, ao se movimentarem pela vida em comum, contaminam-se facilmente com os tóxicos gerados pela intolerância, cólera, maledicência, irritação ou pelo desamor ao próximo.

PERGUNTA: *– Há fundamento na afirmação de certos doutrinadores espíritas de que os médiuns na fase do seu desenvolvimento, e que ainda não receberam seus guias, conservam suas auras sujas dos maus fluidos dos espíritos sofredores?*

RAMATÍS – Nos bons trabalhos mediúnicos os espíritos perturbados ou sofredores baixam sob o controle e os cuidados do guia da casa. E, quando se retiram do equipo mediúnico, os técnicos do “lado de cá” higienizam-lhes o perispírito e procuram dissolver-lhes quaisquer fluidos ou miasma ali deixados.

Evidentemente, o que mais suja a aura dos encarnados ainda é o depósito de fluidos deletérios alimentados pelos vícios, pelos pensamentos obscenos, coléricos ou maledicentes, que depois cimentam as bases para as entidades malfeitoras concretizarem os seus propósitos perniciosos no mundo físico. O espírito sofredor pode causar mal-estar e macular o perispírito do médium na hora de sua comunicação, mas as infiltrações e interferências pervertidas, que se manifestam pela mente indisciplinada ou pelos desejos impuros, passam a se constituir em manchas lodosas definitivas, que dificilmente se desintegram em quem as produziu.

Jesus esteve em contato com nossas mazelas e fluidos torturados do orbe terráqueo, mas nem por isso ele desafinizou-se com a natureza sublime do Espírito Santo, que lhe orientava os passos no mundo e lhe nutria o espírito com as energias do Alto.

PERGUNTA: *– Quais os fatores mais eficientes para auxiliarem o desenvolvimento dos médiuns nos trabalhos espíritas cardecistas?*

RAMATÍS: – Desde que o desenvolvimento mediúnico não é ginástica física, como já dissemos, e seu êxito depende muitíssimo do apuro do intelecto e do sentimento do médium, é evidente que, além do treino disciplinado junto à mesa espírita, o candidato a médium deve procurar incessantemente o seu esclarecimento espiritual. É tempo de extinguir-se o velho tabu de que não tem importância o médium ser analfabeto, desde que ele seja humilde e de boas intenções. Sem dúvida, há casos em que a mediunidade floresce com

desusado sucesso em certas criaturas incultas e humildes, capazes de cumprir louvavelmente o seu mandato mediúnico, porque não se afastam de modo algum da prática evangélica.

No entanto, o médium que, além de possuir bons sentimentos e alimentar propósitos superiores na sua tarefa mediúnica, ainda for estudioso da doutrina espírita e culto no trato com outras fontes de educação espiritual do mundo, certamente há de converter mais facilmente o próximo, quer pela sua humildade afetuosa, quer pela argumentação intelectual superior. Nas palestras, conferências, estudos e comunicações mediúnicas no seio espirítico, os seus responsáveis devem exigir um padrão de conhecimento e cultura que não empobreça a divulgação dos postulados doutrinários em público.

PERGUNTA: *– Que dizeis sobre a formação de escolas para a orientação e o desenvolvimento disciplinado de médiuns? Há quem censure qualquer movimento ou pragmática no seio do espiritismo, capaz de roubar a espontaneidade mediúnica e artificializar-lhe a prática.*

RAMATÍS: – Infelizmente, ainda predomina entre muitos espíritas um sistematismo cabeçudo por parte dos médiuns e dirigentes de sessões, que confundem a sua ortodoxia enfermiça com a linhagem iniciática da doutrina. Em sua ignorância, bastante generalizada, eles defendem a retidão, a imutabilidade e a disciplina das leis que Deus criou para reger os fenômenos da vida em toda sua manifestação no Cosmo e, paradoxalmente, exigem a incúria, o empirismo, a indisciplina e a surpresa para o desenvolvimento da faculdade mediúnica.

Se a própria flor, que se supõe abrir-se espontaneamente à luz do Sol, é acontecimento resultante de milhares de processos e reações técnicas disciplinadas por leis inteligentes, que lhe regem desde o eclodir da semente até o quimismo da cor, por que a mediunidade, que é faculdade complexa de relação entre o mundo espiritual e a matéria, deve prescindir de qualquer roteiro científico, educativo ou técnico? Obviamente, ela exige tratamento e controle científico tão eficaz quanto qualquer outra manifestação da vida oculta, uma vez que também se subordina a leis inteligentes e definitivas, que não podem ser contrariadas pela vontade humana.

Além do seu treino psíquico e de sua garantia evangélica, o êxito da mediunidade requer a cultura, a disciplina e o controle consciente, em concomitância com a exigência da doutrina espírita no seu tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião. Se a evangelização é assunto íntimo e espontâneo do candidato a médium, já o seu desenvolvimento mediúnico requer a sessão especializada e a direção do instrutor apto, a fim de se evitar o

abastardamento dos princípios lógicos e sensatos com que Allan Kardec cimentou a base da doutrina espírita.

Em consequência, é sempre aconselhável a escola de médiuns ou os cursos disciplinados que devem graduar os candidatos pela sua competência e responsabilidade, pois, embora a mediunidade seja faculdade que, na opinião cândida e ortodoxa de alguns espíritas, deva desenvolver-se espontaneamente, ela requer a experimentada assistência técnica e o controle inteligente, para evitar-se o ridículo e o rebaixamento nas relações espirituais. Inúmeros médiuns cujo desenvolvimento se processou à revelia de qualquer orientação sadia e sensata, em vez de exaltarem ou justificarem a sensatez dos postulados espíritas, ainda mais os ridicularizam e lançam o desânimo até nas criaturas mais esperançosas.

PERGUNTA: *– Alguns confrades espíritas condenam a escola de médiuns, porque temem que os cursos especializadas do mediunismo terminem por induzir à mercantilização da faculdade mediúnica. Argumentam, também, contra o perigo dos diplomas, das insígnias de mérito ou graduações ao gosto acadêmico do mundo profano, capaz de criar nova casta de sacerdotes ou uma hierarquia espírita. Que dizeis?*

RAMATÍS: – Aliás, não preconizamos a criação de qualquer classe de sacerdotes médiuns subordinada à hierarquia de chefes, subchefes ou acólitos de menor envergadura, copiando-se os vícios comuns das religiões seculares, que sustentam os seus dignitários às expensas do povo.

Referimo-nos unicamente à necessidade de o médium corrigir e educar sua imaginação desatinada, sem desprezar a disciplina, a técnica e a cultura da vida material e para evitar os tabus e as convicções ingênuas, que o situam à margem do programa e das realizações do mundo terreno.

A escola de médiuns sob o controle das federações e instituições espíritas de responsabilidade e juízo claro é o recurso aconselhável para o desenvolvimento mediúnico sem o empirismo dispersivo, assim como também proporciona o ensejo das arguições e dos “testes”, que comprovam o conhecimento e o progresso do médium em relação aos postulados espíritas que ele pretende divulgar e proteger. O curso mediúnico disciplinado livra o médium dos datismos, das estultices, das frivolidades, dos exotismos e das manifestações excêntricas, que se antepõem à lógica e à prudência espirítica.

Os cursos elementares, preparatórios e conclusivos da pedagogia mediúnica não só auxiliam o aperfeiçoamento teórico e prático do médium, desenvolvendo-lhe também o entendimento psicológico dos fenômenos do

subconsciente, como lhe apura a capacidade de oratória e o manuseio correto da palavra em público.

É lamentável que o índice crescente de médiuns incultos e sem a compreensão psicológica de suas tarefas em público sirvam de motivo para os adversários inescrupulosos zombarem do espiritismo. Os leigos mal-intencionados costumam tecer críticas injustas contra a doutrina, depois de colherem o material censurável nos exotismos, nas banalidades filosóficas, exortações tolas ou revelações excêntricas, que os médiuns incultos e presunçosos transmitem à conta de mensagens importantes.

PERGUNTA: *– Certa vez ouvimos abalizado espírita alegar que o espiritismo progrediu satisfatoriamente em um século de atividades, sem precisar recorrer às escolas de médiuns, por cujo motivo tal iniciativa atual é perfeitamente dispensável.*

RAMATÍS: – Se na atualidade os homens se agrupam e disciplinam para proteger suas profissões mais humildes, instituindo-se desde a academia de barbeiros até a faculdade para especialização de física nuclear, por que motivo a mediunidade não há de merecer um tratamento sensato, um roteiro sadio e progressivo, a fim de treinar os médiuns à distância dos escolhos e das decepções próprias das tentativas empíricas e desordenadas? O homem moderno disciplina-se até para escovar os dentes e lograr a melhor higiene bucal. No entanto, a prática mediúnica, que serve de ligação entre o mundo das forças ocultas e incontroláveis e a matéria impotente, deve ser abandonada ao juízo esdrúxulo do primeiro conselheiro ignorante?

O médium, na maioria das vezes, é pobre, inculto e onerado por doloroso carma, a debater-se desarvorado contra as investidas maquiavélicas do Além-Túmulo. Quase sempre enfrenta problemas dificultosos e dramáticos no seio do lar, ou então a descrença ou a censura da parentela adversa ao espiritismo. Sem disciplina espiritual interior, sem o conhecimento suficiente da maneira como se manifesta sua faculdade mediúnica e que lhe sacode brutalmente o psiquismo, ele ainda é alvo da crítica fácil dos fiscais ortodoxos da doutrina. Caso sobreviva com êxito no mar revolto de suas contradições e angústias, prestando favores e ajudando um público sedento de soluções para os seus interesses comuns será fonte de louvores, respeitado e desejado à mesa de todos os lares. Mas, se o infeliz tomba exausto e massacrado pela própria ignorância, pelas dificuldades domésticas e desorientações maquiavélicas do Além, julgam-no imediatamente um perdulário dos bens divinos, decaído da espiritualidade e vítima da sua própria presunção, vaidade, orgulho, interesse ou indiferença às sábias advertências dos seus confrades.

A escola de médiuns, portanto, é abençoado “oásis” onde os médiuns de boa vontade poderão mitigar a sede de esclarecimentos, de conforto e de amparo para a sua “via-crucis” ainda tão mal compreendida pelos seus próprios companheiros de doutrina.

PERGUNTA: *– Refletindo sobre vossas explicações acerca do mediunismo, cremos que ainda é muito dificultoso para os guias desenvolverem satisfatoriamente seus futuros médiuns; não é assim? Que dizeis quanto ao processo de desenvolvimento de médiuns, como se costuma fazer à luz da doutrina espírita codificada por Kardec?*

RAMATÍS: – Nem sempre os guias prevêem qual seja o êxito e aproveitamento nas suas relações futuras com os seus pupilos ou candidatos a médiuns em serviço espiritual na Terra. Embora os medianeiros, em geral, “desçam” para a carne depois de efetuar mil promessas de absoluto devotamento ao serviço mediúnico na matéria e renúncia às ilusões sedutoras e sensuais da vida física, são poucos os que resistem às vicissitudes humanas ou dominam os prazeres deletérios. Alguns tombam desamparados por falta de recursos econômicos; outros debilitam suas forças espirituais arrasados pelas paixões viciosas; alguns desanimam diante da tarefa mais simples; outros esgotam-se no trabalho desordenado.

Assim, enfrentando todas as probabilidades hostis no labor espiritual junto à Terra, os guias precisam estudar previamente o ambiente fluídico onde devem operar através dos encarnados que lhes servirão de medianeiros. Analisam os fluidos ambientais, as auras perispirituais e as correntes magnéticas que poderão influir na receptividade mediúnica; investigam desde as amizades terrenas, e quanto ao tipo dos espíritos desencarnados que poderão influir futuramente em suas comunicações doutrinárias.

Malgrado esse trabalho inteligente, exaustivo e cuidadoso, dos mentores desencarnados, o programa espiritual em descenso para a matéria continua a sofrer os mais variados tropeços, cuja maior porcentagem vai até ao fracasso, ante a imperícia, a má vontade, a negligência, a vaidade e os interesses dos médiuns esquecidos do seu compromisso pré-reencarnatório. A obra benfeitora ideada no espaço retarda-se na sua transferência para o mundo físico, pois, embora os guias sejam argutos e inteligentes, nem por isso são oráculos infalíveis e capazes de prever as fraquezas, a enfermidade, a rebeldia, o desânimo e a desconfiança dos seus medianeiros futuros.

O trabalho do bem, na Terra, ainda é duvidoso e imprevisível, pois além de laboratório corretivo do espírito, trata-se de um planeta geologicamente instável e que se sincroniza perfeitamente com a discórdia, o sensualismo, a cupidez, o egoísmo e a crueldade dos seus habitantes.

PERGUNTA: *– Poderíeis dar-nos vossa opinião a respeito do que seria mais sensato no ajuste dos novos candidatos recém-chegados ao serviço mediúnico?*

RAMATÍS: – Sempre é aconselhável que o candidato ao desenvolvimento mediúnico, e elemento novo na reunião mediúnica, primeiramente se mantenha na expectativa, sem participar diretamente do trabalho, num estágio de um ou mais meses, a fim de que possa avaliar a sua própria eletividade ou antipatia para com o ambiente ou seus componentes. Assim, evita-se o dispêndio de tempo inutilmente no serviço de intercâmbio espiritual e o constrangimento da presença de um elemento novo ainda desafinado à "corrente mediúnica", ou mesmo desinteressado do seu progresso espiritual. Depois de um período de observação ou aclimatação ao novo ambiente, o candidato então poderia ser admitido, enquadrando-se à disciplina peculiar da casa espírita que ele já encontra organizada e independente de sua cooperação.

Em trabalhos de maior capacidade intelectiva e entendimento doutrinário, convém que os seus diretores procedam a "testes" elementares com referência aos novos elementos, a fim de selecionarem os que manifestam a faculdade de modo mais positivo, espontâneo e certo, por cujo motivo exigem maior urgência no seu desenvolvimento. Os demais elementos, cujo mediunismo não se define e se confunde facilmente com as perturbações nervosas, a histeria, o puro animismo ou fenômenos neuro-vegetativos, devem aguardar melhor localização psíquica, a fim de se evitar a perda de tempo em tentativas empíricas e sem resultados úteis para o futuro.

Há que distinguir, pois, entre o "doente" que se enquadra especificamente na terminologia patogênica da medicina acadêmica, o qual será improdutivo junto à mesa mediúnica, e o médium cujo psiquismo destrambelhado pode levá-lo ao desequilíbrio mental. Reconhecemos que a maioria das moléstias da carne tem sua origem nas perturbações do psiquismo desgovernado, podendo ser curadas em trabalhos especializadas e sob a égide da doutrina espírita. No entanto, não se justifica forçar o desenvolvimento mediúnico de um epiléptico na sessão de desenvolvimento, o qual pode encontrar o seu alívio ou sua cura na sessão de passes, receituário mediúnico ou mesmo trabalhos de irradiação fluídica à distância.

Aliás, o médium de prova é espírito onerado com dívidas pretéritas, o qual, em geral, só se conforma com o desenvolvimento mediúnico depois de muitas perturbações e sofrimentos. Em consequência, a sua adaptação psíquica a qualquer ambiente espírita deve ser feita gradativamente, até que ele se harmonize e se ajuste satisfatoriamente à equipe de trabalho.

MEDIUNISMO

O mediunismo, tão antigo quanto a humanidade, em seus múltiplos aspectos e sutilezas, é abordado por Ramatís nesta obra, com toda a riqueza e profundidade de um Mestre de Sabedoria.

Todo o amplo espectro dos fenômenos mediúnicos, dos efeitos físicos à mais sutil intuição telepática, passando por temas nunca ou raramente tratados da complexa fenomenologia da mediunidade, são elucidados com a peculiar objetividade de Mestre Ramatís. Longe de trilhas a senda das instruções já conhecidas sobre o tema, ele desbrava exatamente os territórios inusitados e controversos, dúbios ou intrigantes, dessa matéria que fascina o ser humano desde os primórdios de sua existência planetária.

Há trinta anos “Mediunismo”, em sucessivas edições, já se tornou um clássico da matéria, insubstituível para tantos quantos buscam a compreensão mais profunda do fenômeno mediúnico.